

ENCICLOPÉDIA

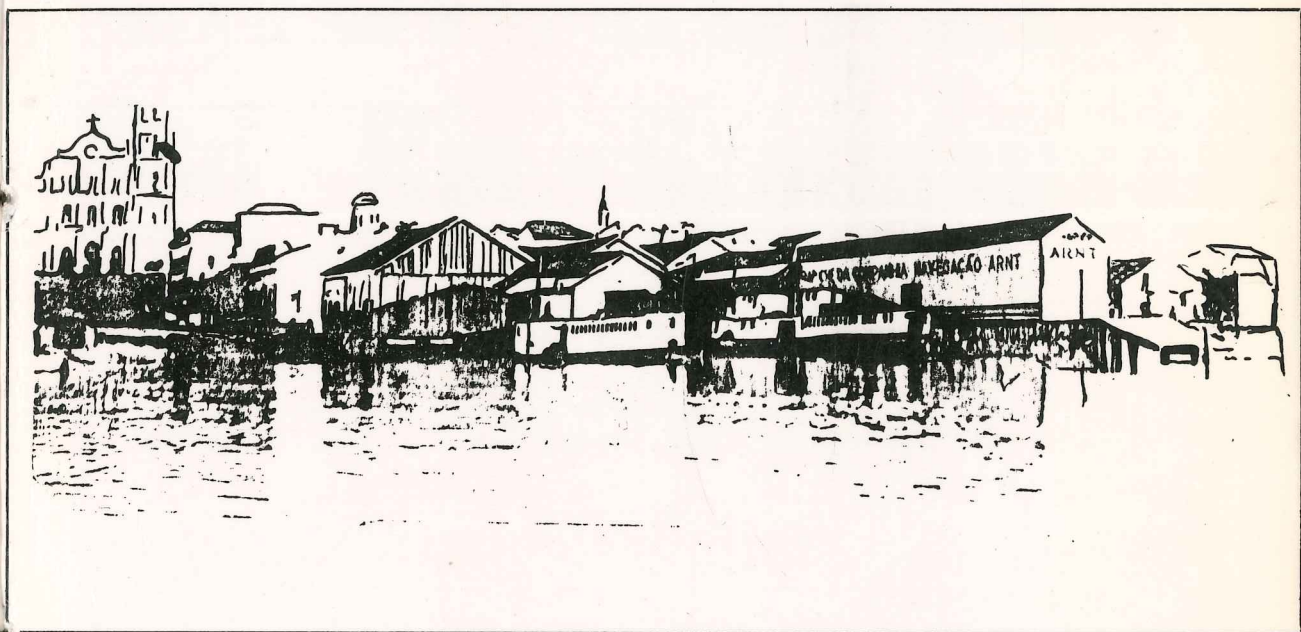
Sul - Rio - Grandense

Ilustrada

ANTONIO CARLOS MACHADO

VOL.II

FASC. ÚNICO



GRÁFICA EDITORA BERTHIER
PASSO FUNDO—RS
1989

ANTONIO CARLOS MACHADO

ENCICLOPÉDIA

Sul - Rio - Grandense

Ilustrada

PASSO FUNDO—RS

ANTONIO CARLOS MACHADO

ENCICLOPÉDIA
Sul - Rio - Grandense
Ilustrada

PASSO FUNDO—RS

Capa: trapiches da Companhia de Navegação Arnt em Porto Alegre (1922).

Ilustrações especiais:

Maria Goretti Bettencourt

Mariane Loch

Ficha Catalográfica

M149

MACHADO, Antonio Carlos

Enciclopédia Sul-Rio-Grandense

Ilustrada. Passo Fundo, Edição do Autor, 1989.

VII. fas. único

CDU: 03(816.5)

1. Enciclopédia Sul-Rio-Grandense

Responsável: SUZELI DEMIN FUMAGALLI
CRB 10/482

B

B, S.m. Fonema palatal, sonoro ou brando, segunda letra e primeira consoante do alfabeto.

BABÁ, Adj. 2 gên. Diz-se da pessoa atoleimada, simplória, excessivamente crédula, que se admira diante de qualquer coisa; o mesmo que babaquara; s. 2 gên. pessoa babá.

BABA-DE-BOI¹ (Do lat. vulgar *baba*, saliva e do lat. *bove*), S.f. Bot. Planta da família das malváceas, cuja seiva resinosa facilmente se esfiapa. Fruto em forma de drupa, com pericarpo esverdeado, contendo uma amêndoa oleaginosa. Folhas com numerosos segmentos. Pl.: babas-de-boi.

BABA-DE-BOI², S.f. Fio longo, tênue, produzido pela planta do mesmo nome. Pl.: babas-de-boi. "*Babas-de-boi* flutuavam lentas, tocadas por um vento morno..." (Darcy, No Galpão, 3ª ed., p. 133). "Perto da fronteira, num dia quente de sol, com *babas-de-boi* no ar, Guri Malo encontrara pouco..." (Delfino, Conceito, p. 20).

BABA-DE-BOI-DA-CAMPINA, S.f. Bot. Planta da família das malváceas. Pl.: babas-de-boi-da-campina.

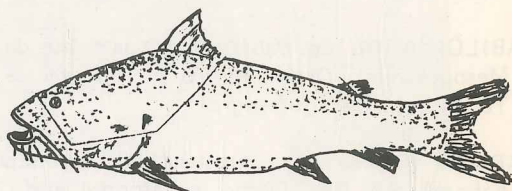
BABA-DE-MOÇA, S.f. Variedade de doce de ovos, também chamada ovos-moles. Pl.: babas-de-moça.

BABA-DE-SAPO, S.f. (V. Ovo-de-sapo). Pl.: babas-de-sapo. "Rolou água que nem *baba-de-sapo*. Um dilúvio." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 62).

BABADO-DE-NOSSA-SENHORA, S.m. Bot. (V. Velame-branco). Pl.: babados-de-nossa-senhora.

BABADOR (ô), (De *baba* + *dor*, cf. o gr. *babai*), S.m. Acessório da rédea, geralmente em metal branco.

BABÃO (De *baba* + *ão*), Adj. Diz-se do equino que escumeja com o freio na boca. "Doma tu mesmo o teu bagual; não enfrene em lua nova que fica *babão!*" (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 205). "Não havia cavalo *babão.*" (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 178).



Bagre

BAGRE, S.m. Ictiol. Designação comum a várias espécies de peixes teleósteos, siluriformes, oceânicos ou de água doce, existentes no Rio Grande do Sul.// Os bagres do Atlântico gaúcho usam a lagoa dos Patos como área de desova. Surgem ali em outubro ou novembro, portando ovários desenvolvidos e após a descarga dos alevinos, que dura em média três meses, empreendem a grande viagem de volta ao mar — fenômeno denominado *arreada* pelos pescadores." Gosto de traíra e de *bagre*." (Herlein, As Três Marias, p. 33). "Durante o verão, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, verifica-se grande abundância de *bagre*, tainha, pintado e grumatã." (Kleber Borges de Assis, O Rio que não é Rio, p. 70).

BAGRE-GURI, S.m. Ictiol. Peixe da família dos pimelodídeos. Mede aproximadamente 30cm de comprimento. Pl.: bagres-guris e bagres-guri.

BAGRE-SAPO-DAS-PEDRAS, S.m. Ictiol. Peixe da família dos pimelodídeos. Cabeça chata e larga. Coloração variada, entre o negro e o pardo-escuro (*Pseudopimelodus raminus* Val.). Pl.: bagres-sapos-das-pedras.

BAGRE-URUTU, S.m. Ictiol. Peixe da família dos taquisurífdeos, cuja particularidade principal é não apresentar dentes vomerinos (*Genidens genidens* Val.). Pl.: bagres-urutu e bagres-urutus.

BAGRINHO-DA-SERRA, S.m. Ictiol. Peixe da família dos tricomictérídeos. Coloração cinza-clara, com sinais pretos disseminados pelo corpo (*Trichomycterus brasiliensis* Reinh.). Pl.: bagrinhos-da-serra.

BABAQUARA, Adj. e S. 2 gên. (V. Babá). "Mas o *babaquara* não sabe nada disso..." (Heitor Fábregas, C. do Povo, Supl. Rural, P. Alegre, 26.03.1976).

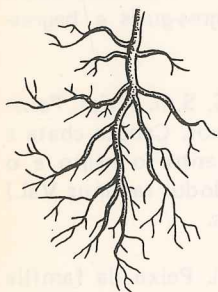
BABEIRO (De *baba* + *eiro*), S.m. Bot. Planta da família das apocináceas. Caule mais ou menos erecto, ramoso na base. Ramos simples, ascendentes. Flores grandes, de corola branco-cotonosa. Fruto em folículos contendo sementes estriadas, amarelas (M. verticillata Muell. Arg.).

BABILÔNIA (Do top. *Babilônia*, antiga cidade da Mesopotâmia), Orogr. Morro no distrito de Tupandi (M. de Montenegro).

BABOSA (Flexão fem. substantivada do adj. *baboso*), S.f. Bot. Planta subspontânea da família das liliáceas, caracterfstica dos campos de boa qualidade, também chamada alfafa-argentina. Flores vermelhas, que aparecem em agosto. O sumo das folhas, segundo se diz, cura dartos e outras dermatoses (Aloe vulgaris Lam.).

BABOSA-DAS-DUNAS, S.f. Bot. Planta herbácea da família das leguminosas, caracterfstica da flora litorânea. Pl.: babosas-das-dunas.

BABOSA-DO-PLANALTO, S.f. Bot. Espécie endêmica, baixa, rasteira e perene do Planalto rio-grandense, também chamada babosa-serrana. Raízes bem supridas de nódulos. Talos ramosos, enfolhados. Vegeta em grandes touceiras erectas. Floresce nos meses de setembro e outubro e frutifica em dezembro, em virtude do fenômeno denominado fotoperiodismo. Folhas grandes, grossas, carnosas, orladas de espinhos em serrilha. Fruto ovóide. Flores amarelas de cheiro muito ativo. Pl.: babosas-do-planalto.



Babosa-do-planalto: raízes

BABOSA-SERRANA, S.f. Bot. (V. Babosa-do-planalto). Pl.: babosas-serranas.

BABOZINHA (Flexão dim. de *babosa*), S.f. Bot. Espécie subxerófila nativa perene. Órgãos aéreos com muita pilosidade. Glândulas oleosas abundantes. Floresce de setembro a outubro. (*Adesmia punctata* (Poir) D.C.).

BACADA, S.f. Balanço imprevisto de qualquer veículo; sacudida brusca.

BACAJU, S.m. Ictiol. Pequeno vertebrado da fauna marítima gaúcha.

BACALHAU (Do baixo al. *bakkeljau*, através do fr. *cabilland*), S.m. Enchimento de emergência no pneumático do automóvel, para preservar a câmara de ar. "O sujeito refletia. Examinava o bacalhau." (Dyonélio, Passos Perdidos, p. 138).

BACARAÍ, S.m. (V. Vacaraí). "Vou sangrar-te como ao bacaraí desta novilha." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 162).

BACARU, S.m. Ictiol. Peixe da fauna lagunar, especialmente da lagoa dos Patos.

BACAVERÁ (Corrupt. de *vacaverá*), Orogr. Extenso contraforte secundário da serra Geral nos municípios de Cruz Alta e Júlio de Castilhos.

Amanhã, pela manhã,
Me vou ao *Bacaverá*,
A tomar mate-amargo
Com erva de barbaquá!

BACELLAR, Ruy Honório, Biogr. (1907-1984) — Engenheiro civil porto-alegrense. Autor de *Projetos Econômicos* (P. Alegre, Globo, 1947) e outras obras de caráter técnico.

BACHTHAL, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Três Coroas).

BACIA (De *bacio*), S.f. Pequeno redondel, geralmente de madeira, com serragem, onde os galos de briga travam combate; o mesmo que tambor e panela.

BACKES, Hidrogr. Arroio que deságua no rio Pardinho, pela margem direita (M. de Santa Cruz do Sul).

BACUPARI¹, Hidrogr. Córrego afluente do São Sepé, pela margem esquerda.

BACUPARI², Geogr. Localidade com balneário no distrito de Fazenda Rosário, também chamada Praia do Bacupari (M. de Palmares do Sul).// Escola Municipal de 1ª Grau Inc. Dr. Ruy Ramos. *Bacupari-Mostardas*: trecho da rodovia estadual RS/101 com 83km.

BACUPARI³, S.m. Bot. Designação comum a diversos arbustos com bagas comestíveis existentes no Rio Grande do Sul.

Teu corpo faz sonhar com frutos bravos:
bacuparis, bromélias, guabijus.
Meyer, Poesias, p. 28

BACUPARI-DO-CAMPO, S.m. Bot. Planta da família das rutáceas. Fruto pequeno, ovóide, liso, com polpa mucilaginosa, adocicada, de fácil degustação e agradável paladar. Casca amarelo-citrina (*Xanthoxylon manogynun* St. — Hil.). Pl.: bacuparis-do-campo.



Aficionados em torno da bacia.

BACUDO, Adj. (V. Baiquara). "O *bacudo* deu um salto pra trás..." (Fagundes, *Novos Causos de Galpão*, p. 67).

BACURURU, S.f. Bot. Árvore da família das leguminosas. Tronco liso, retilíneo, ramificado apenas no ápice. Folhas penadas. Fruto em forma de vagem obovada (*Schizolobium excelsum* Vog.).

BADANA (Do ár. *bitana*, pele para forrar ou do vasconso *badana*, coisa frouxa, pendente), S.f. Espécie de estofo vistoso, quadrangular, que se estende sobre os pelegos. "Apertou bem a cincha, afrouxou pelo contrário o peitoral, tirou o coxonilho, deixando apenas sob a *badana* um pelego de ovelha." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 29). "Cavalos adelgaçados, doces de rédea, esbarravam bonito exibindo pelegões vermelhos, *badanas* claras..." (Laci, *O Sol Acende o Pampa*, p. 53). "Via a Chiquinha se aprear do zaino e, ela mesma, desencilhá-lo com todo o cuidado e ir colocando sobre o cavalete a sobrecincha, a *badana*..." (Anita, *Marta Fritz*, p. 24). "E em seguida desafivelou a sobrecincha, tirou a *badana* e o pelegão lanzado..." (Cyro, *Gaúchos no Obelisco*, p. 219).

A carona, o baixeiro e os pelegos
Formavam uma cama de mão cheia

Depois, por travesseiro, um serigote
Sob a xerga, esfronhada na *badana*!
Múcio, *Poesias*, 1ª Vol., p. 328

Canto, pois, a lechiguana
Que o exército tirou
Nesta noite que passou
E que varou, tirana,
Poncho, pelego e *badana*!
Piá do Sul, *Gauchadas e Gauchismos*, 2ª ed., p. 100

Meu tirador, puro pardo
Com flecos nos cabrestilhos!
A *badana* e os coxonilhos
Ele tapava, de largo!

Aureliano, *Romances de Estância e Querência*, pp. 9-10

Eu já passava a lo largo
Nas bandas de Uruguiana,
Pra não dar a certas moças
O meu couro pra *badana*!

Badana de capivara: badana feita com a pele desse cavídeo, outrora abundante no Estado.

Boto no meu pata-branca
Ouro e prata pela cara,
Pelegão como recheio
Radana de capivara!

Badana de pardo: badana confeccionada com a pele do mamífero artiodátilo chamado veado-pardo ou veado-mateiro.

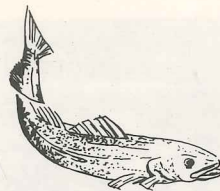
No zaino-negro galhardo
Abro o pala em cima da anca
E a larga bombacha branca
Sobre a *badana de pardo!*

Aureliano, Romances de Estância e Querência, p. 30

De badana a badana: face a face; lado a lado; a par; ombro a ombro (falando-se de cavaleiros que viajam juntos, conversando). "O professor esporeou o cavalo e, *de badana a badana* com o Epaminondas, puxou uma seca..." (Laci, O Sol Acende o Pampa, p. 21).

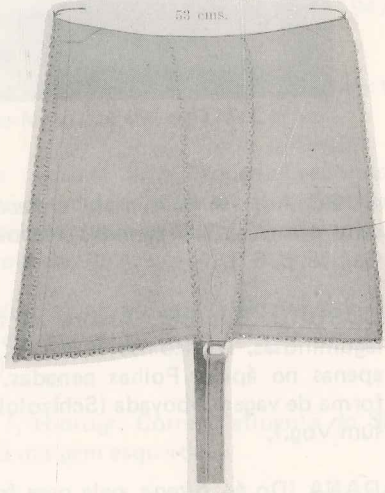
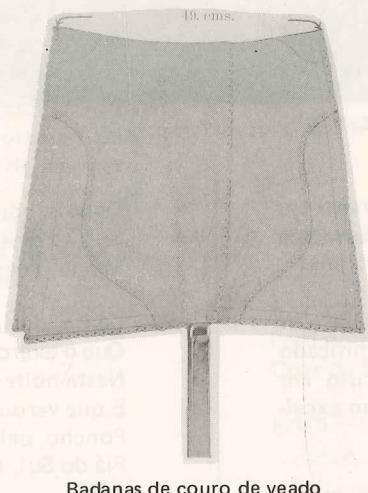
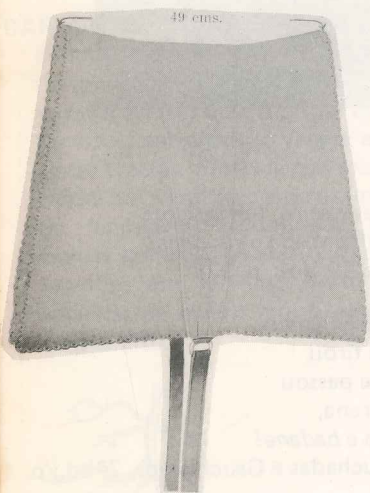
BADANADA¹ (De *badana + ada*), S.f. Porção, grande quantidade de badanas.

BADANADA², S.f. Golpe, pancada com a badana.



BADESUL – Sigla do Banco de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul, criado em 09.10.1973 pela lei nº 6.605. "O *Badesul* tem dinheiro à vontade para repassar..." (Affonso Ritter, Zero Hora, P. Alegre, 20.07.1987).

BADULAQUE (Do esp. plat. *badulaque*), S.m. Móvel usado ou velho; utensílio de pouco valor; objeto modesto ou de préstimo exíguo; alfaia ordinária; quinquilharia; petrecho insignificante; tareco. "O mancarrão no reboliço virou bagual e apertou corredor afora, distribuindo *badulaques*..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 12). "Empilharam os pobres *badulaques* numa carretinha." (Jacques, Brigadianos, p. 35). "Secou tudo com a toalha, recolheu os *badulaques*..." (Josué Guimarães, Camilo Mortágua, p. 33).



Badanas de couro de veado

BADANA DE CAPIVARA, Expr. (V. Badana).

BADANA DE PARDO, Expr. (V. Badana).

BADANAÇO (De *badana + aço*), S.m. Badana que chama a atenção, que dá na vista; badana aparatosa, admirável; o mesmo que badanaço.

BADANÃO (De *badana + ão*), S.m. (V. Badanaço).

BADANEIRO (De *badana + eiro*), S.m. Indivíduo que se ocupa com a confecção ou a venda de badanas.

BADEJO-BICUDO, S.m. Ictiol. Peixe marinho da família dos serranídeos. Coloração pérola, com manchas escuras e verde-claras (*Mycteroperca microlepis* (God. & Bean)). Pl.: badejos-bicudos.

BAEBÊ, Hidrogr. Arroio afluente do rio da Ilha, pela margem direita (M. de Taquara).

BAEBERAQUÁ, Orogr. Nome do sistema orográfico que percorre a mesopotâmia Camaquã/Vacacaf, depois de desprender-se da serra Geral. "Pois eu cá enxergo até o *Baeberaquá* e ainda avante..." (Bello, Os Farrapos, p. 28).// O topônimo, bastante antigo, procede provavelmente do guar. *abaeraquá*, saber de outrem ou de *mbaerberá + quá*, cova da riqueza. Antonio Abaeraquá foi um dos mais famosos caciques tapes de São Borja no decênio 1791-1801.

BAERUBÁ, Hidrogr. Riacho que desemboca no Basílio, pela margem direita (M. de Herval).

BAFA (Forma aferética de *abafa*), S.f. Tumulto;



A cidade de Porto Alegre nos últimos decênios do século XIX.

confusão; desordem; grande movimento; bulfício; vozearia.

BAFUSA, S.f. Antiga pistola de carregar pela boca. "Durante a sesta, tão deliciosa, uns rapazes brincalhões haviam introduzido nos canos da *bafusa*, com a própria vareta, umas buchas." (Freitas, Gauchadas, p. 30).

BAGACEIRA¹ (De *bagação* + *eira*) Adj. 2 gên. Diz-se da pessoa de má conduta ou condição social inferior; s. 2 gên. pessoa bandalha, capadócia, desclassificada. "Sou o tal que não toma com *bagaceira*." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 90). "Desde então o velho sovina passou a considerar esse jogo como próprio de *bagaceiras*." (Ferreira Filho, C. do Povo, P. Alegre, 02.02.1963).

Isto é farra relambória
Isto é chusma *bagaceira*.
Deste rodeio crioulo
Aparto a melhor terneira!

BAGACEIRA², S.f. Líquido alcoólico de pequeno extrato, obtido de bagaços de uvas fermentados e convenientemente destilados.

BAGACEIRA³, S.f. Lugar nas moendas e nos alambiques onde se amontoa o bagaço.

BAGACEIRADA (De *bagaceira* + *ada*), S.f. Grande número ou reunião de *bagaceiras*¹; *bagaceirama*.

BAGACEIRAMA (De *bagaceira* + *ama*), S.f. (V. *Bagaceirada*). "Muita gente, mas *bagaceirama* não estava presente..." (Heraclides, Onze Braças de Campo e Algumas Sobras, p. 139).

BAGACEIRICE (De *bagaceira* + *ice*), S.f. Ação própria de *bagaceira*¹; ação reles ou vil; cafagestada; o mesmo que *bagaceirismo*.

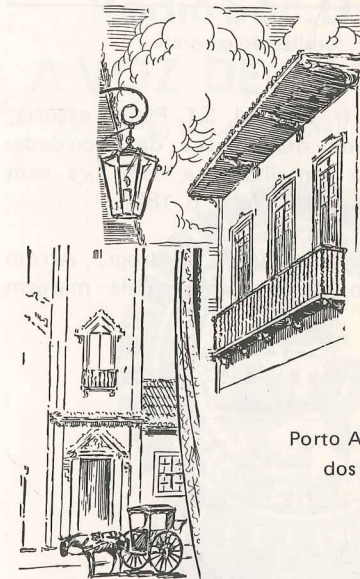
BAGACEIRISMO (De *bagaceira* + *ismo*), S.m. (V. *Bagaceirice*).

BAGAÇO (De *baga* + *aço*), S.m. Nome dado aos resíduos da cana-de-açúcar espremida.

BAGADU, S.m. Apelido outrora do morador pobre do 3º distrito de Porto Alegre, em geral adepto dos farrapos. Inicialmente "o morador para os lados do Arsenal", segundo o jornal *O Farol* de 26.08.1851. "A casa em que morava, lá na rua da Igreja, no bairro dos *bagadus*, era uma vivenda feita a capricho..." (Aquiles, Noutros Tempos, p. 50). "Zeca era então um dos chefes dos *bagadus*." (Apolinário, Paisagens, p. 40).

BAGAGEIRO¹ (De *bagagem* + *eiro*), S.m. Vagão para o transporte de malas e mercadorias.

BAGAGEIRO², S.m. Porta-malas de metal ou madeira para automóvel, usada sobre o veículo.

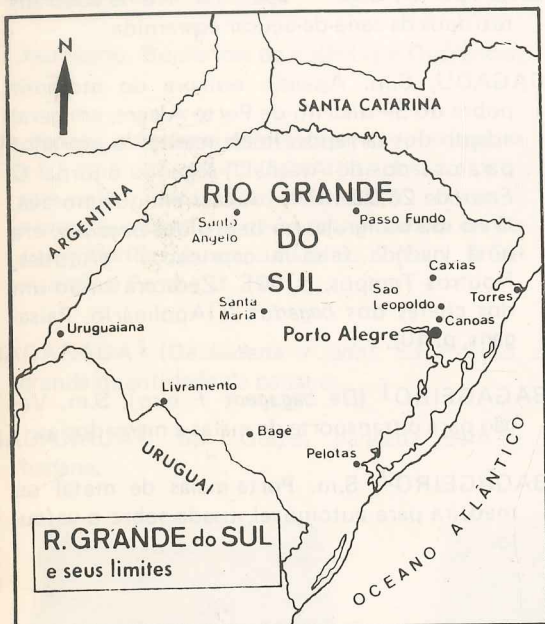


Porto Alegre do tempo dos *bagadus*



BAGAGEIRO³, S.m. Cavalo que, nas carreiras, atinge por último a meta de chegada; nome dado ao clube esportivo que, numa competição, vai sempre na retaguarda dos outros; (fig.) perdedor crônico; cerra-fila.

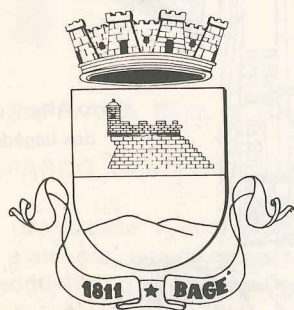
BAGAGEIRO⁴, S.m. Sujeito de classe inferior



Bagé: localização geográfica

BAGAGEM (Do fr. *bagage*), S.f. Plebe; escória; ralé; a camada mais baixa da sociedade. "Bagagem é a gentalha atoa, sem eira nem beira..." (Athos, Menininha, p. 188).

BAGÉ¹, (Do antr. *Ybagé*), Hidrogr. Arroio caudatário do Quebrachinho, pela margem esquerda.

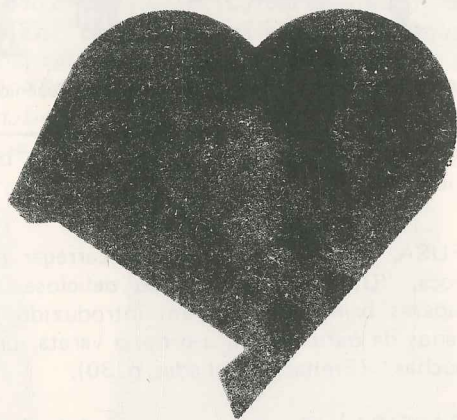


BAGÉ², Geogr. Município da Campanha, na zona sudoeste do estado. Limita-se ao Sul parcialmente com a República Oriental do Uruguai. Data da criação: 05.06.1846. Área territorial: 7,241 km². Padroeiro: São Sebastião. População:

| | |
|---------------------------|---------|
| 1960..... | 77.392 |
| 1970..... | 90.438 |
| 1980..... | 100.135 |
| 1985..... | 106.155 |
| 64.201 eleitores em 1986. | |

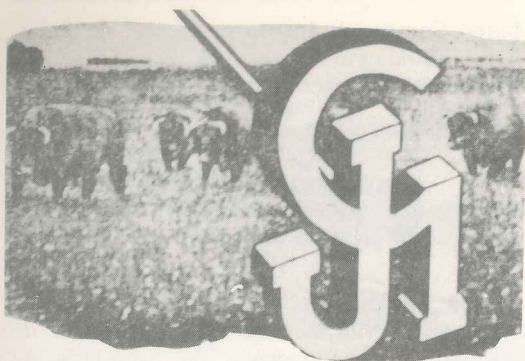
Solos argilo-silicosos e argilo-calcáreo-humosos, com afloramentos de xisto piro betuminoso. Criam-se em grande quantidade bovinos e ovinos, que se classificam entre os melhores do estado. Plantam-se cereais. Há grande número de granjas, cabanhas e harras. Excelentes pastagens naturais, destacando-se a grama-forquilha, o azevém crioulo, o trevo-de-carretilha e o cebolim.

Leve o Rio Grande no peito.



A produção de lãs representa importante ramo da economia municipal. Depósitos de calcário. Jazidas de carvão, principalmente na região de Candiota. Estação Experimental Fito-técnica. Centro Nacional de Pesquisa de Ovinos da Embrapax. Entrepósito de Alevinagem. // Por ocasião do Tratado de Madri, em 1750, o atual território bageense constituía parte da fazenda jesuítica de São Miguel, e ali imperava o cacique tape Ibagé, mais tarde auxiliar direto de Sepé Tiaraju na chamada Guerra das Missões. A região, todavia, só recebeu os primeiros povoadores efetivos após a destruição do forte espanhol de Santa Tecla, obra de Rafael Pinto Bandeira em 26.03.1776. Após a conquista das Missões em 1801, novos moradores agregaram-se aos pioneiros, o que levou D. Diogo de Souza, em junho de 1811, a lançar os fundamentos da futura freguesia, criada oficialmente em 1846. // O município de Bagé possui reservas apreciáveis de calcário — carbonato no qual predomina o cálcio, — vastamente empregado como corretivo do solo e fundente em metalurgia, constituindo ainda importante matéria-prima na fabricação de cimento portland, produtos químicos, vidros, cal, etc.

Encontram-se ainda argilas refratárias, argilas aluviais e xistos argilosos.



Bagé: logotipo da Cabanha Batalha, grande empório das raças Devon, Romney, Hereford e Santa Gertrudis.

| Município | Calcário para Corretivo e Cal | Calcário para Cimento | Total |
|----------------------------|-------------------------------|-----------------------|-------|
| Bagé | 218,0 | — | 218,0 |
| Caçapava do Sul | 134,0 | — | 134,0 |
| Rio Pardo | 89,5 | — | 89,5 |
| Cachoeira do Sul | 65,0 | — | 65,0 |
| Pinheiro Machado | 28,0 | 62,0 | 90,0 |
| Pedro Osório/Arroio Grande | — | 26,0 | 26,0 |
| São Gabriel | 5,5 | 17,5 | 23,0 |
| Santana da Boa Vista | 1,0 | 14,5 | 15,5 |
| Dom Feliciano | 11,0 | — | 11,0 |
| Encruzilhada do Sul | 2,2 | — | 2,2 |
| São Sepé | 0,7 | — | 0,7 |

— Posição das reservas inferidas de calcário no estado, em milhões de toneladas.



BAGÉ³, Geogr. Cidade à margem direita do Bagé, a 216 metros de altitude, em um magnífico planalto, sede do município de Bagé, cognominada *Rainha da Fronteira*. Curato em 17.06.1818. Ruas largas e retas. População:

1960..... 57.013
 1970..... 69.299
 1980..... 81.920

Comarca de 3ª entrância. Sociedade Beneficente Anita Garibaldi, fundada em 01.01.1871 com o nome de Sociedade Italiana de Socorros Mútuos e Beneficência. Clube Caixeiral, inaugurado em 1894.



Cidade de Bagé: matriz de Nossa Senhora Auxiliadora



Rádio Soc. Difusora A VOZ DE BAGÉ Ltd

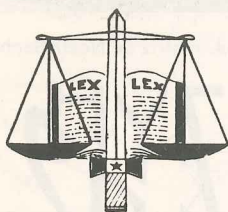
Associação Rural fundada em 20.09.1904



Associação Comercial fundada em 13.11.1894 e transformada em Associação Comercial Industrial em 22.07.1986. Agência e farmácia do IPE.



Escola Estadual de 1º e 2º Graus 15 de Novembro. 8ª Unidade de Conservação do DAER. Grêmio Esportivo Bagé, fundado em 05.08.1920. Museu Dom Diogo de Souza. Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, Junta de Conciliação e Julgamento da 4ª Região. Subsecção da OAB-RS, instalada em janeiro de 1933, por iniciativa de Aristides Milano, Mariano Niederauer, Breno Fischer e Carlos Brasil.



Cooperativa Industrial Regional de Carnes e Derivados Ltda. (CICADE), fundada em 26.12.1936. 7ª Zona Eleitoral. 13ª DE. 2ª Auditoria da 3ª Circunscrição Judiciária Militar. Associação Atlética Banco do Brasil, fundada em 08.12.1957. Instituto Educacional Caminho da Luz, criado e mantido pela União Espírita Bageense. Sociedade Bageense de Veterinária, fundada em 1966. Lar da Criança Santa Rita. Sociedade Beneficente Lar Bethânia. CTG Sentinela da Fronteira. 24ª Zona do IRGA. CTG Luiz Chirivino.



Escola Estadual de 1º e 2º Graus Presidente Médici, inaugurada em março de 1974.

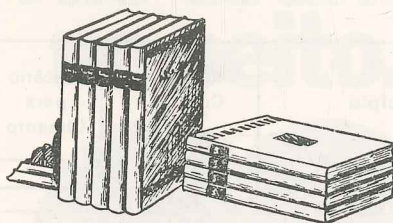
Ação Social do Santuário da Conquista (ASS), fundada em 05.07.1975. Junta de Conciliação e Julgamento da 4ª Região. Inspetoria da CREA da 8ª Região, criada em 11.03.1977. Cooperativa de Crédito Rural Bagé Ltda.



Clube Comercial. Instituto Musical de Belas Artes. Sindicato Rural. 1ª Coordenadoria Regional de Educação. 13º Núcleo do CPERS.



ZYH-202 Rádio Sociedade Difusora A Voz de Bagé Ltda. 12ª Coordenadoria Regional da Administração Financeira da Secretaria da Fazenda. Biblioteca Pública Municipal, com mais de 7.000 volumes.



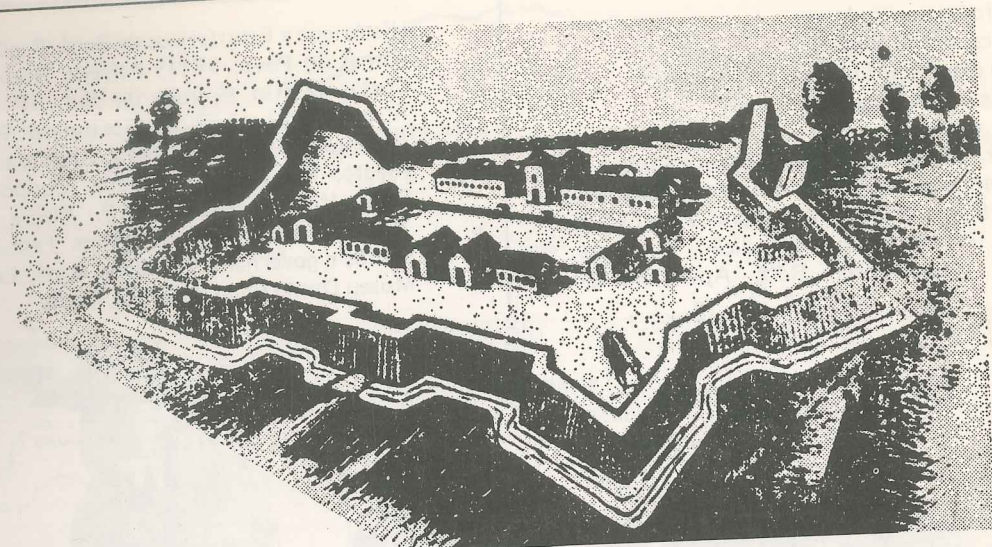
CIDADE DE BAGÉ



Estação ferroviária



Matriz de São Sebastião



Forte de Santa Tecla: recomposição de Fernando Corona, baseada em documentos do século XVIII.

CTG 93. Centro de Desenvolvimento da Expressão Odessa Macedo, criado pelo decreto estadual nº 32.558 de 15.05.1987. Universidade da Região da Campanha — URCAMP — criada em 15.02.1989. Locais e eventos dignos de registro especial: ruínas do Forte de Santa Tecla, a 6km da cidade; chácara do CTG 93; Catedral com o corpo embalsamado de Gaspar Silveira Martins; Monumento ao Expedicionário; Semana Crioula (1ª semana de abril); Encontro Anual dos Aeroclubes do Rio Grande do Sul (1ª semana de maio); Exposição — Feira de Gado (outubro); Estádio do Guarani F.C.; Praça da Alegria (2ª semana de dezembro). *Bagé Invicta*: crônica de Eurico Rodrigues, C. do Povo, P. Alegre, 05.02.1967; *Barão de Bagé*: (V. Silva Gama, Paulo José da). *O Analista de Bagé*: contos de Luís Fernando Veríssimo, P. Alegre, L & PM Ed., 1981. *Ocupação de Bagé*: ocupação da vila em 15.04.1827 pela vanguarda do exército argentino sob o comando de Manoel Oribe. *Forte de Santa Tecla*: recomposição de Fernando Corona, baseado em documentos do século XVIII. *Sítio de Bagé*: cerco da cidade, de 24 de novembro de 1893 a 08 de janeiro de 1894, empreendido pelo General João Nunes da Silva Tavares, cujos comandados dispenderam mais de 300.000 tiros, mas não lograram vencer a resistência do Coronel Carlos Telles, defensor da praça. *Bagé-Cacequi*: ferrovia com 207,1 km e 23 estações, entre as quais Azevedo Sodré, Ibaré, São Gabriel, Tiaraju, Três Estradas e Vacacaí. *Bagé-Pinheiro Machado*: rodovia estadual RS — 39 com 89km, passando por Seival. *Bagé — Sant'Ana do Livramento*: ferrovia com 196,9km e cerca de 25 estações, entre as quais Dom Pedrito, José Otávio, Torquato Severo, Upacará e Vacaiquá. *Bagé — Rio Grande*:

ferrovia com 279,4km e 46 estações, entre as quais Basílio, Candiota, Herval, Quinta, Pedro Osório, Pelotas e Povo Novo. *Bagé — Santa'Ana do Livramento*: segmento da BR-293 com 152 km, vizinho à fronteira com o Uruguai, construído com características de rodovia de primeira classe. "Tomou o rumo de *Bagé* e soltou o animal no corredor". (Martins, Caminhos do Sul, p. 129). "Trabuzanas andavam armando salcedos em *Bagé*". (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 196). "Nosso taura de *Bagé* era guasca de muito fôlego." (Chiesa, As Vantagens do Coronel Mindeco, p. 22).



75ª Expo-Feira de Bagé

7 A 15 OUTUBRO/87

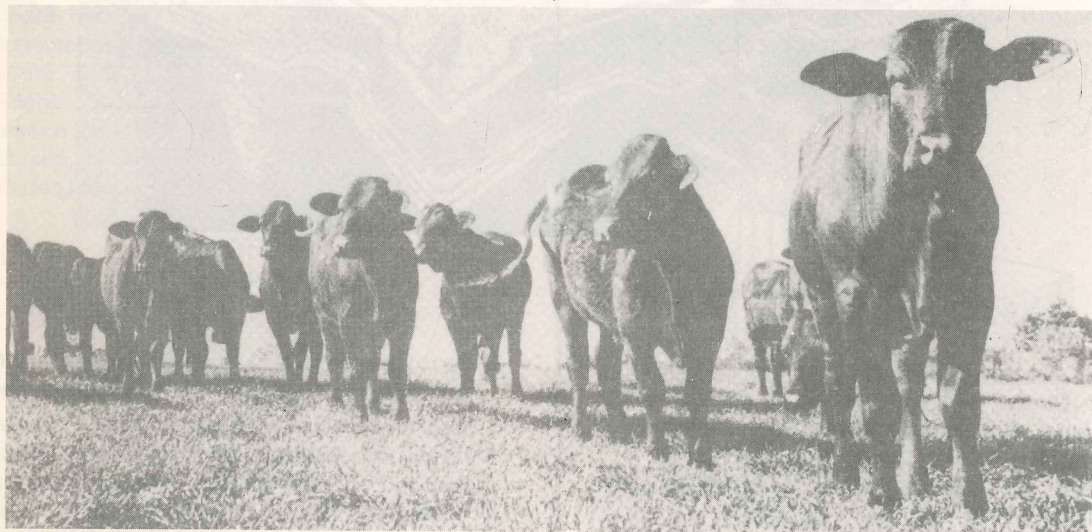
Dom Pedrito, boa terra,
Alegrete faz-nos chorar.
As muchachas de *Bagé*
Não se pode olvidar!

Eu sou muito conhecido
Na Cruz Alta e São Sepé,
Na Cachoeira, em Pelotas,
No Rio Grande, em *Bagé*!

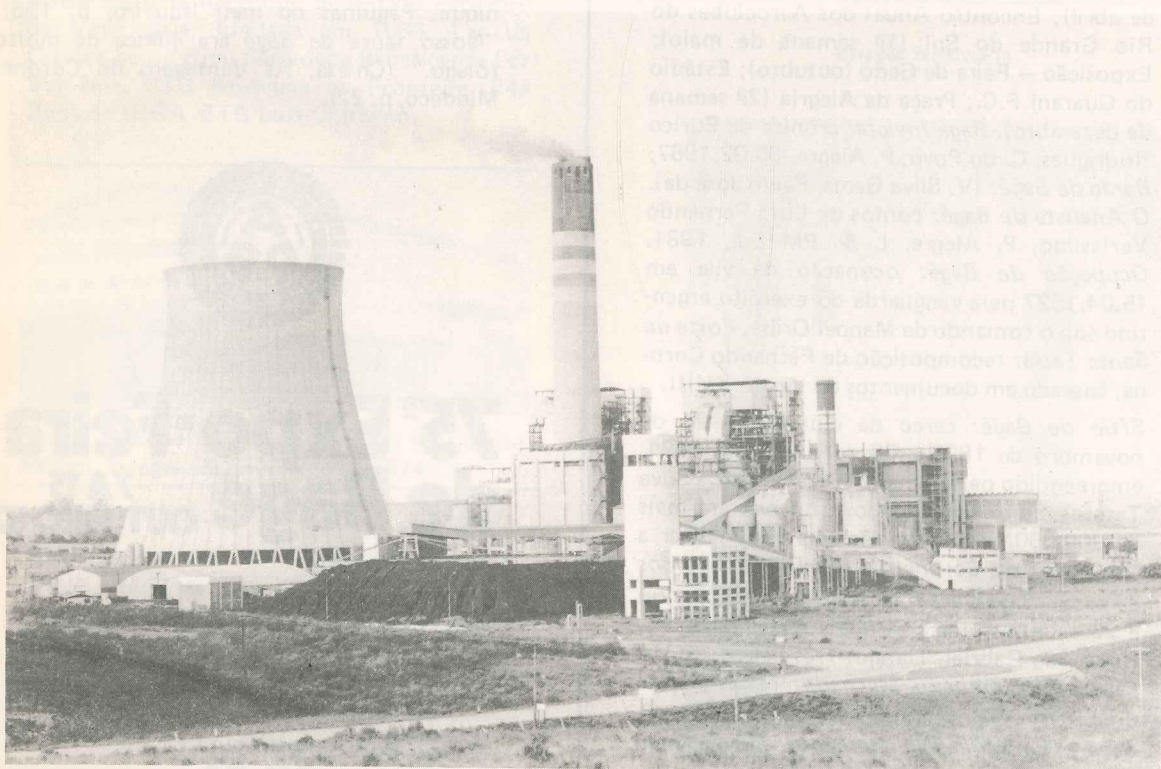
O tatu foi encontrado
Lá nos cerros de *Bagé*,
De laço e bolas nos tentos
Atrás de um boi jaguané!

Bibliogr. Ernesto Antonio Lassance Cunha, O Rio Grande do Sul, Rio, Imprensa Nacional, 1908; Henrique Martins, Geografia do Estado do Rio Grande do Sul, 5ª edição, P. Alegre, Globo, 1909; Jorge Reis, Apontamentos

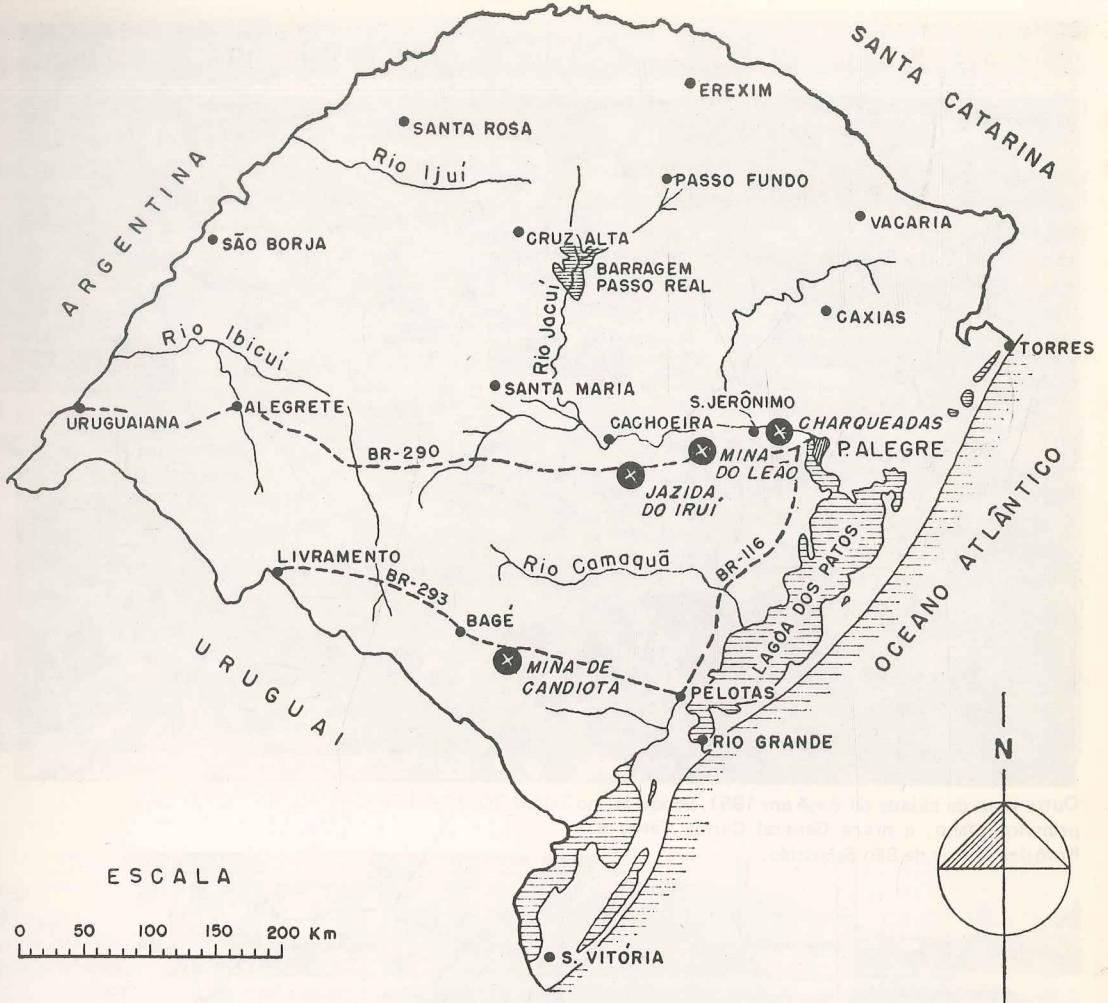
Históricos e Estatísticos de Bagé, Bagé, Tip. do Jornal do Povo, 1911; Alfredo Rodrigues da Costa, O Rio Grande do Sul, 1ª Vol., P. Alegre, Globo, 1922; Fortunato Pimentel, Aspectos Gerais de Bagé, monografia, P. Alegre, Tip. Gundlach, 1940. Eurico Jacinto Salis, História de Bagé, P. Alegre, Globo, 1955; Tarcísio Antonio Costa Taborda, Governos e governantes de Bagé, Bagé, Edição do Museu Dom Diogo de Souza, 1966.



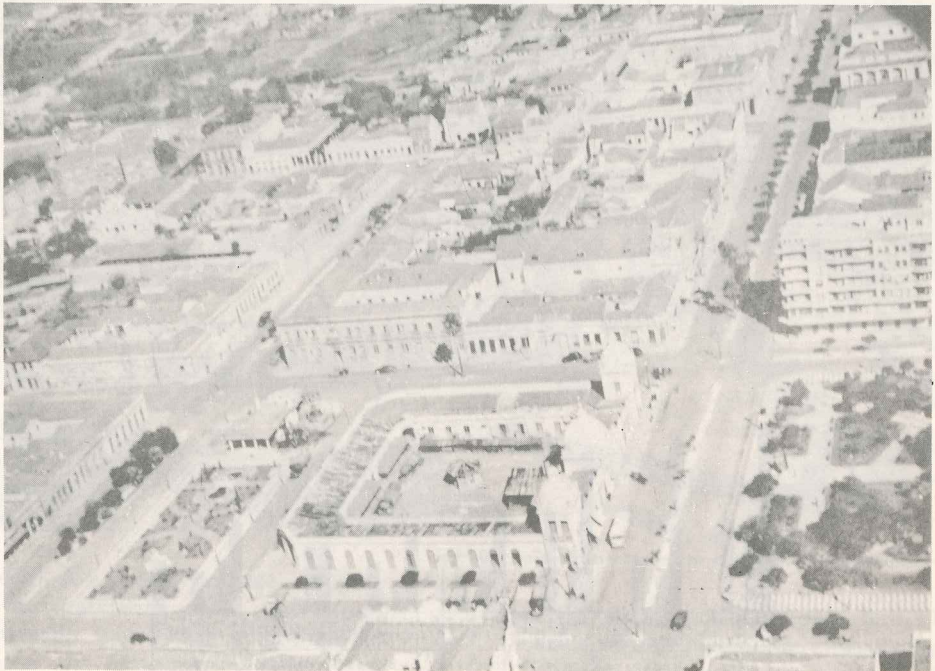
Pecuária selecionada e em moldes técnicos: a grande força econômica de Bagé.



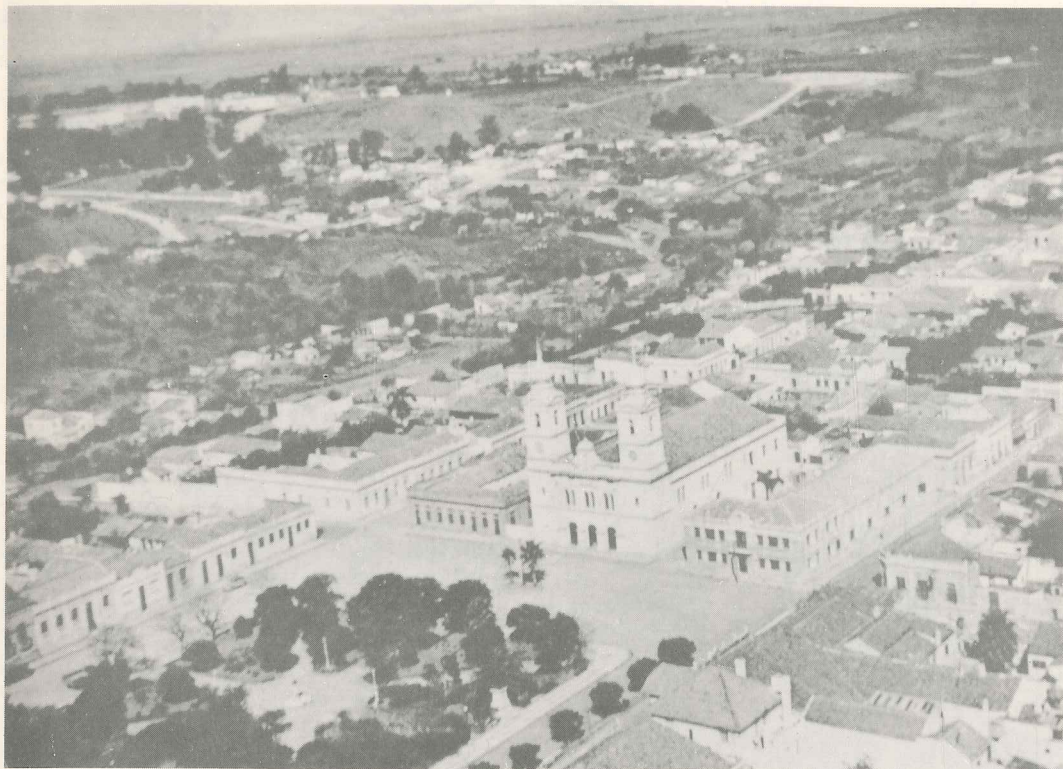
Usina Termelétrica Presidente Médici — Candiota (Bagé) — Primeira unidade da Fase B, inaugurada em outubro de 1986.



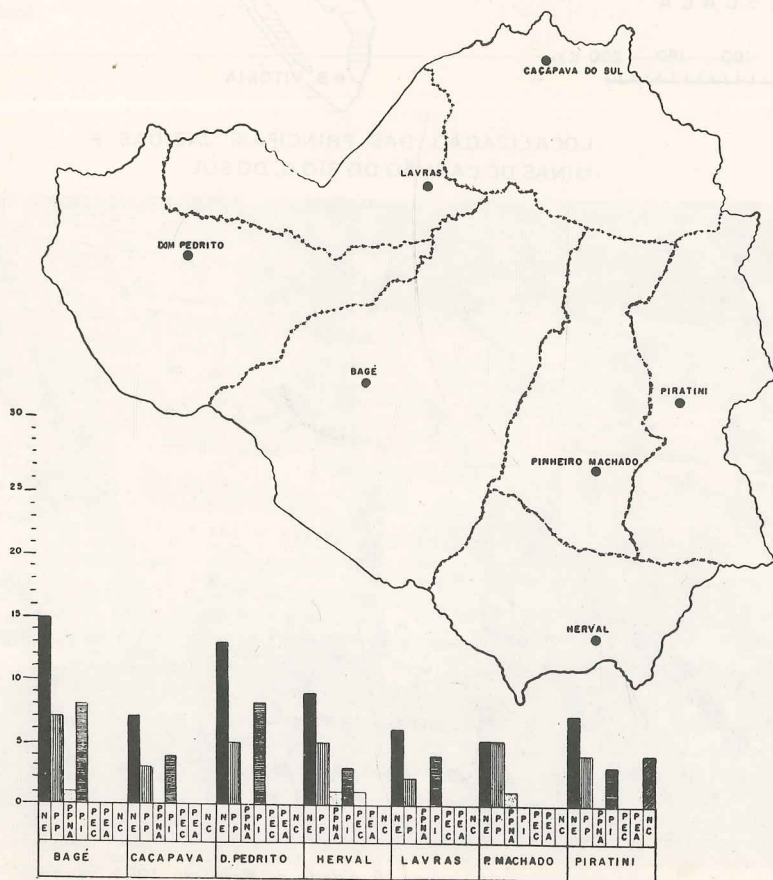
LOCALIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS JAZIDAS E MINAS DE CARVÃO DO RIO G. DO SUL



A cidade de Bagé em 1951, vendo-se, no primeiro plano, a praça da Bandeira, o Mercado Público e parte da praça Silveira Martins.



Outra vista da cidade de Bagé em 1951, vendo-se, no primeiro plano, a praça General Carlos Telles e a histórica Matriz de São Sebastião.





CIDADE DE BAGÉ



BAGEENSE (bên), Adj. 2 gên. De Bagé; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município, também chamado *fronteirista* e *fronteirico*. "Tio Nico e os *bageenses* ficaram bem impressionados com o índio." (Fagundes, *Causos de Galpão*; 3ª ed., p. 43).

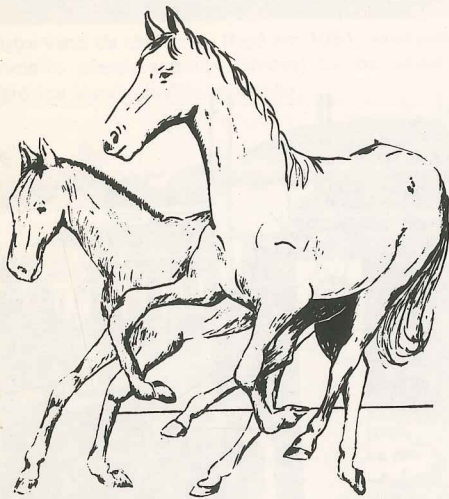
BAGOS (De *baga* cf. o lat. *baca*, S.m. pl. As glândulas sexuais masculinas. "Nem pisquei. Apliquei-lhe um pontapé nos *bagos*..." (Érico, *Arquipélago*, 3ª ed., p. 537) *Mandar bago*: copular.

BAGUAÇU (Do guar. *ypagua-açu*, o morador do grande pântano), S.m. Bot. Planta também chamada pinha-do-brejo (Talauma ovata St. Hil.).

BAGUAL¹ (gu-al) Adj. Diz-se do eqüino adulto ainda não castrado; s.m. cavalo inteiro, padreador ou fornecedor de sêmen. "E bem montado vinha num *bagual* lobuno rabicano, de machinhos altos..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, pp. 27-28). "Nas campreadas ele chegava por lá e se ficava na frente do rancho, de *bagual* pela rédea, rebenque na mão..." (Severo, Visão do Pampa, p. 34). "Era de ver aquelas gauchadas atrevidas, a sua audácia e certeza em sacudir as bolas, repontando *baguais* na invernada..." (Callage, Terra Gaúcha, 2ª ed., p. 52). "Enfrenei o pingo, um *bagual* ruano mui solto de pata..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 54).

Não tem meu *bagual* tostado
Mistura de raça estranha.
— É crioulo! Estou montado
Pra cruzar esta campanha!

M. Faria Corrêa, Rumo aos Pagos, p. 75



Era um rumor de colméia
em volta do partidor.
Cada *bagual* corredor
trazia junto mais gente.

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 37

Amor
Pealo duro!
Tristeza
Brete do mal!
Lembraça
Pingo *bagual*!

Lauro, Minuano, 3ª ed., p. 26

Folheiro piso na raia
Rinchoando pelo buçal.
Dou cola, luz e rebenque
Que se enfrene algum *bagual*!

// Flexão fem.: baguala. "E mesmo não tinham valor nenhum; égua *baguala* era só para tirar-se as loncas..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, pp. 83-84) **Adag.** O bom domador seu bagual adora. Em briga de baguais retalhado não se mete. *Bagual de estribaria*: bagual tratado em cocheira especial.

O seu pingo da cor do lusco-fusco
Se não é parreheiro, de carreira,
É de certo *bagual de estribaria*!

Múcio, Poesias, 1ª Vol, p. 333

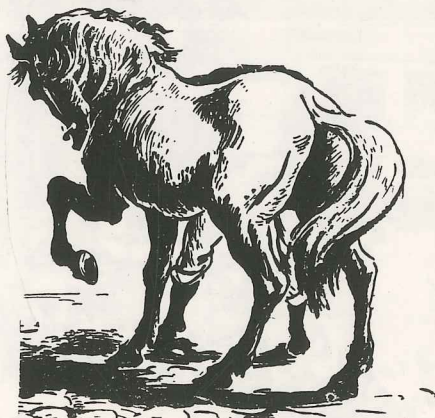
Bagual de manada: o que, pelas qualidades genéticas, é utilizado como reprodutor na criação a campo.

Vivo solto nas coxilhas
Como *bagual de manada*!
Onde encontro china linda
Faço logo minha pousada!

Bagual de primeiro galope: bagual montado pela primeira vez. *Bagual de rédea*: bagual já habituado ao uso do freio. "Valderedo chegava num *bagual de rédea*, que ele estava sovan-do..." (Martins, Fronteira Agreste, p. 143).

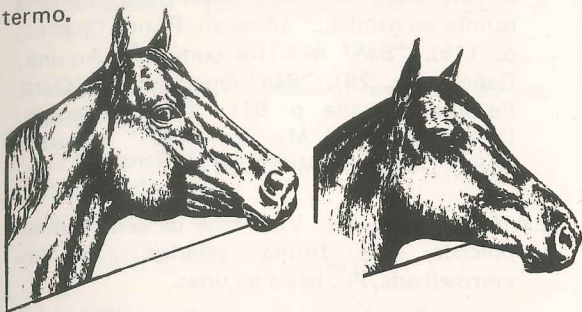
Meu coração também foi haragano
Quando *bagual de rédea* e trote duro...

Waldomiro, Versos Crioulos, p. 177



Bambaleiar como bagual aplastado: mover-se tropegamente para um e outro lado, ao andar; gingar. *Bufar como bagual no palanque*: mostrar-se muito irritado, exclamando ou gritando. "Parava-se potro, alvorotado e bravo, *Bufava como bagual no palanque*." (V. Pires, Querência, p. 128). // Segundo Granada e outros autores, o vocábulo *bagual* derivar-se-ia do araucano *cahual*, forma corrompida de cavalo. A nosso ver, a origem da palavra, tão controversa, é genuinamente latina, de *bac-a*, bainha dos frutos, que reveste a forma *bag* em *bag-o* (testículo), através do esp. plat. *bagual*. Antonio Álvares Pereira Coruja em 1852 averbrou-a na acepção genérica de insubmisso,

chimarrão, José Romaguera da Cunha Corrêa mais tarde, em 1898, atribuiu-lhe, além dessa significação, outros sentidos mais abrangentes, atento sem dúvida à evolução semântica do termo.



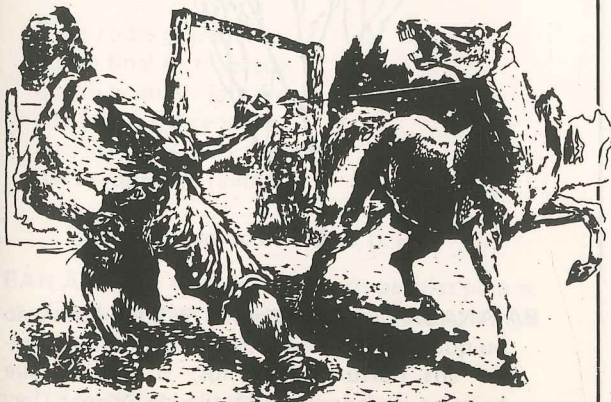
// Flexão fem.: baguala. "E mesmo não tinham valor nenhum; égua *baguala* era só para tirar-se as loncas..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, pp. 83-84) Adag. O bom domador seu bagual adora. Em briga de baguais retalhado não se mete. *Bagual de estribaria*: bagual tratado em cocheira especial.

BAGUAL² (gu-al), Adj. Diz-se do quadrúpede equídeo selvagem em especial do animal ainda não domesticado em geral; s.m. animal bagual. "Do Candiota passamos à estância do Aceguá, agarrando gado *bagual*, domando potrada..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 71). "A primavera é tempo de recordações, namoros, marcações brabas, gado *bagual*..." (Martins, Fronteira Agreste, p. 270).

Tu és a prenda mais rica
Dos pagos do Faxinal.
Ao teu pealo não escapa
O mais arisco *bagual*!

M. Pereira Fortes, Cantares da Minha Terra,
p. 65

Adag. Animal bagual põe os mansos a perder; tal domador, tal bagual; não há bagual que não se entregue; (fig.) rude; incivilizado; inculto; desajeitado; descortês; estúpido; indivíduo de maus modos. "Será que lastimei mesmo o moço? Que barbaridade! Sou um *bagual*..." (Érico, O Arquipélago, 3ª ed., p. 292).



Dominando o bagual — Francisco Ferreira

Quanto teus cachos tenteio
Me lembras o quebra-freio
Que foi teu dono inicial
Aquele chiru *bagual*!

Braun, De Fogão em Fogão, p. 90

Num baile não tem igual
A Tirana com seus dengues,
reduz o peão mais *bagual*
a bagaços e merengues...

Ramirez, Disparo de Tropa, p. 215

// Flexão fem.: baguala. "Maria Etelvina era uma prenda e para falar a verdade prenda *baguala*..." (Callage, Quero-Quero, p. 86). "Aramados sarjavam por toda a parte as terras, dantes livremente percorridas pelas gadarias *bagualas*..." (A. Maya, Tapera, p. 96).

BAGUALADA (gu-a-lá) (Do esp. plat. *bagualada*), S.f. Grande porção de baguais. "O serviço é mal-determinado, a cavallhada se estraga, a animalada se extravia e, quando chega a ocasião do rodeio geral para marcação e tosa, tudo é *bagualada* orelhana" (Chicolomã, A Reforma, P. Alegre, 09.08.1874). "Os gados, que já eram mui ariscos, viviam numa bolandina com as disparadas da *bagualada*!" (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 85). "Laçada, a *bagualada* era embuçalada, enfrenada e encilhada num prisco com arreios campeiros..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 156). "O Neco veio para a castração e, assim, amanhã bem cedo, reponta a *bagualada* para a mangueira." (Ruschel, O Gaúcho a Pé, pp. 91-92).

És o mais forte alazão
Entre toda a *bagualada*
Que povoa este rincão
Desde a coxilha à baixada!

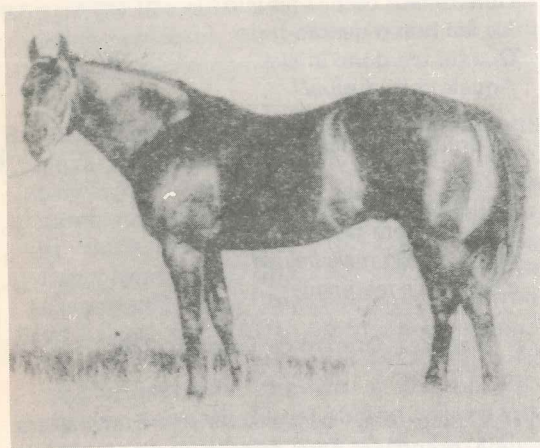
Lola, Saudades do Pampa, p. 65

Vinha ficar por uns tempos
para quebrar o corincho
da *bagualada* gaviona...

Aparício, Viola de Canto Largo, p. 28

Chimarrita é altaneira,
Na alma criou cabelos.
Quem vê uma *bagualada*
Vê mais vultos que pêlos!

BAGUALÃO (Do esp. plat. *bagualón*), S.m. Bagual vigoroso e corpulento. "É *bagualão* sem querência. Onde há queimada de campo e verde novo ele logo se arrincona." (Maneco Russo, A Reforma, P. Alegre, 06.04.1873).



Aos gritos do vento macho
No clinudo *bagualão*
Vai costeleando um gavião
No abismo dum costa-abaxo!

Aureliano, Romances de Estância e Querência, p. 95

(por ext.) feemeiro; muito dado a mulheres; excessivamente concupiscente.

BAGUAL DE ESTRIBARIA, Expr. (V. Bagual¹).

BAGUAL DE MANADA, Expr. (V. Bagual¹).

BAGUAL DE PRIMEIRO GALOPE, Expr. (V. Bagual¹).

BAGUAL DE RÉDEA, Expr. (V. Bagual¹).

BAGUALICE (De *bagual* + *ice*), S.f. Ação ou qualidade de bagual; atributo físico do eqüino ainda não castrado; o mesmo que bagualismo; (por ext.) indocilidade; aspereza; qualidade ou caráter de pessoa incivilizada; desabrimento; impolidez; estouvamento; braveza; brusquidão.

BAGUALISMO (De *bagual* + *ismo*), S.m. (V. Bagualice).

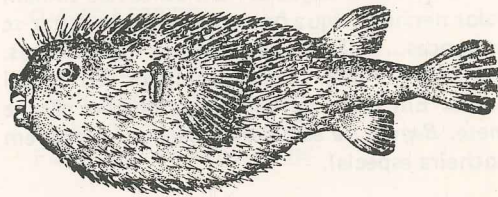
BAGUARI (Do guar. *mbaguá* + *ri*), S.m. Ornitol. Ave da família dos ciconiformes, — também chamada jaburu-moleque. Bico grande. Cabeça nua. (*Ardea cocoi* L.) "A ordem dos pernaltas é representada pela avestruz, o socó-boi, o socozinho, o *baguari*, o maçarico..." (A. G. Lima, Rio Grande do Sul, 40º milheiro, p. 91).

BAGUET, Alexandre, Biogr. (1817-1897) — Publicista belga, natural de Brabant. Visitou o Rio Grande, o Prata e outras regiões da América Meridional, descrevendo essa viagem em interessante livro V. *Rio Grande do Sul & le Paraguay*, Anvers, Henri Ernest Editor, 1874.

BAGULHO (De *bagu*), S.m. Cigarro de maconha.

BAH, (Do esp. plat. *bah*) interj. Exprime espanto ou surpresa. "*Bah, tchê!* Antes entregasse uma galinha ao gambá..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 118). "*Bah! nem foi corrida!*" (Aquino, Gaúchos, p. 28). "*Bah! Que roubo!*" (Cyro, Porteira Fechada, p. 91). "*Guri macanudo! Cavalu buenazo! Mas bah, chê!*" (Newton Alvim, Dioguinho Manta, p. 71).

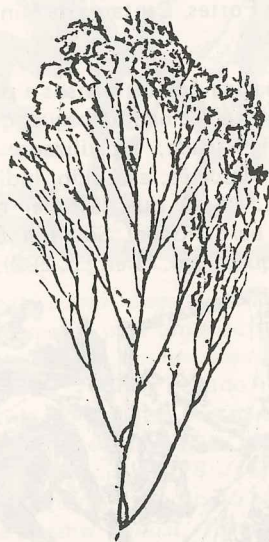
BAIA-BOJUDA, S.f. Variedade de cebola semiprecoce, de forma esférica, amarelo-avermelhada, Pl.: baias-bojudas.



Baiacu-de-espinho.

BAIACU-DE-ESPINHO, S.m. Ictiol. Peixe teleosteo da família dos diodontídeos. Corpo revestido de acúleos. Dentes unidos em duas placas. Ocorre com maior frequência no litoral de Torres. Pl.: baiacus-de-espinho.

BAIACURU, S.m. Bot. Planta herbácea, da família das gramíneas. Flores brancas. Bulbos pequenos, de virtudes depurativas, empregados também no tratamento das hidropsias.



BAIANADA¹ (a-i) (De *baiano* + *ada*), S.f. Ação ou qualidade de baiano; procedimento contrário aos costumes gaúchos; o mesmo que baianice. *Baianadas*: narrativa de Sejanos Dornelles, Causos de Querência, p. 69

BAIANADA² (a-i), S.f. Grupo ou ajuntamento de baianos. "A *baianada* começou a empregar palavras e expressões do linguajar rio-grandense..." (Gomes, Caminho Santiago, p. 159).

BAIANICE (a-i) (De *baiano* + *ice*), S.f. Baianada.

O responsável pela *baianice*
Não perde tempo
em perseguir o boi...

Leiria, Rincões Perdidos, p. 25

BAIANO (a-i) (Do top. *Bahia*), Adj. O que monta mal; cavaleiro bisonho, inábil ou inexperiente; o que ignora a técnica dos serviços de campo; o que não é campeiro destro ou afeito às lides pastoris; s.m. indivíduo baiano. "Só havia gente *baiana*, uns sotretas que não sabiam pialar um novilho magro nem repontar um bagual..." (Callage, Terra Gaúcha, 2ª ed., p. 13). "Caramba! não sou gringo nem *baiano*. Não sou maturrango!" (Freitas, Gauchadas, p. 165). "Não sabe andar a cavalo, é maturrango e *baiano* dos quatro costados..." (Coutinho, A Estância e as Cartas, p. 14). "Aí, *baiano*! Levanta o petiço..." (Mozart, Tempo de Piá, p. 160).

Ser monarca das coxilhas
Foi sempre o meu galardão.
Se algum *baiano* duvida
Descasco logo o facão!

BAIANO PEQUENO, Expr. Osso de animal vacum, eqüino ou lanígero.

BAILANTA (De *bailar* + *anta*), S.f. Lugar em que habitualmente há reuniões dançantes. "Todas as *bailantas* foram violentamente fechadas..." (Cyro, Estrada Nova, p. 168). "Em prosas de *bailanta*, as palavras lhe brotavam como água de manantial." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 30). "Depois são *bailantas* de duvidosa categoria..." (Fagundes, Novos Causos de Galpão, p. 85).

É nas rodas galponeiras
ou em final de tropeada,
que tu boleias a indiada
e te tornas querendona,
querida e alegre cordeona
das *bailantas* da ramada.

Ramirez, Disparo de Tropa, p. 99

BAILÃO, S.m. Grande reunião de pessoas para se divertirem dançando ao som da música, em geral mediante pagamento.

Por favor água-de-cheiro
se puder leve na mão.

Que o meu filho se perfume
no retouço do *bailão*.

Luiz Coronel, Os Retirantes do Sul, p. 39

BAILAR (Do gr. *pállo* através do lat. *ballare*), V.t.d. Dançar. "E daí moçada, não se *baila*? Ó! gente de caracu frouxo!" (Severo, Visão do Pampa, p. 199). "E como era lindo ver um moço guapo, bem desembaraçado, *bailando* de bombachas largas..." (Freitas, Gauchadas, p. 14). "*Bailava* que dava gosto. Pelos fandangos do pago era conhecido e respeitado." (Ibarra, Canção do Sul, p. 51).

BAILARECO, S.m. (V. Bailongo).

BAILE BRAGADO, Expr. (V. Bragado).

BAILE-DA-VACARIA, S.m. Antiga dança serrana. "Depois vinha o *baile-da-vacaria*, a polcade-damas..." (Anita, As Andanças do Zeca Pedro, p. 26). Pl.: bailes-da-vacaria.



BAILONGO (De *baile* + *ongo*), S.m. Baile de pouca importância; funçanata; o mesmo que bailareco e bangalé. "Voltava de um *bailongo* pelas redondezas." (Jacques, Brigadianos, p. 94). "Mas o seu Leandro Antunes começou a impacientar-se com os *bailongos*." (Cyro, Estrada Nova, p. 34).

Foste o Angüera redivivo
dos *bailongos* campechanos,
onde chinas e paisanos
vão dar pasto às ilusões...

Apparício, Viola de Canto Largo, p. 40

BAINAVE, Biogr. (V. Kemp Larbeck Filho, Emílio).

BAIO¹ (Do lat. *badiu*), S.m. Eqüino cor de ouro desmaiado, ou amarelo-torrado; adj. que tem a pelagem do. "Aqui me tem velho Chico: o *baio* é mesmo uma rede..." (Bello, Os Farrapos, p. 76). "Momentos depois, no topo da coxilha, surge a tropa de éguas corrida por três pastores *baios*, urcos..." (Fontoura, Rancho Grande, 3ª

Série, p. 70). "Que tal este *baio* velho sempre flor, heim, Solano?" (Severo, Visão do Pampa, p. 171). "Invernadas cheias de bois. No piquete, a tropilha de *baios*." (Barcelos, Estância Assombrada, p. 37). "Tomou um gole, alçou a perna no *baio* e largou-se na carreteira, assobiando o boi barroso..." (Jaime Brum Carlos, A Seca da Restinga, p. 92).

Eu sou gaúcho, mas gaúcho forte
Não temo a morte, nem tão pouco o raio.
Do rancho sai, de manhã bem cedo
De rédeas ao dedo, no meu pingo *baio!*

Evandro, Flores Murchas, p. 96

Para campear china e cachaça
larguei o *baio* na estrada.
Fui repassando pousadas,
contando estrelas e léguas
e, pelo relincho das éguas,
fui descobrindo a manada.

José Machado Leal — Herança e Terra. p. 68.

Tenho meu cavalo *baio*
Ferrado de pata e mão
Para tirar uma dama
Da garupa dum pimpão!

Minha espora tem roseta
Me caiu o papagaio.
Minha gente venha ver
O rasgo que fez o *baio!*

Tenho meu cavalo *baio*
Quando saio vou branqueando
Se quebro o chapéu de lado
As moças ficam chorando!

Tenho meu cavalo *baio*
Tosado à moda impostor
Pra correr as mulatinhas
Da sala pro corredor!

BAIO², S.m. Cigarro de palha. "O Bento ficou só, chupando o último chimarrão e o *baio* inseparável..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 53). "Mas seguiu para a frente, enérgico, corajoso, o *baio* aceso entre os lábios..." (Delfino, Conceito, p. 19). "Só preparo este *baio* e me mando cambear". (Herlein, A Volta do Gaúcho Fausto Aguirre, p. 87). "O Coronel ficou de banda, a pitar seu *baio*..." (Gomes, Caminho Santiago, pp. 13-14).

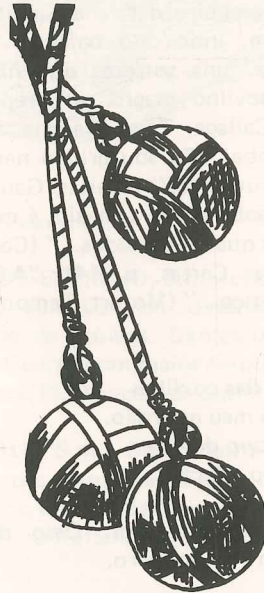
Quando meu bragado roda
Rodada não me incomoda
Tenho pernas de gaúcho!
"Pisando na orelha" saio
Às vezes fechando um *baio!*

Adail, A Voz do Pago, p. 46

Puxo o naco, campereando
ao tranquilo do meu flete
não carrego canivete
e pitando me distraio,
com a faca tudo faço:
sovo uma palha do maço
pico o fumo e enrolo o *baio!*

Roberto Osório Júnior
Horizontes do Pago, p. 88

Baio de palmo: palheiro muito comprido. "Calma-mente compôs os arreios. Preparou um *baio de palmo*..." (Aquino, Gaúchos, p. 65). "Falquejou um gravetinho para palito, fechou um *baio de palmo*..." (Darcy, No Galpão, 3ª ed., p. 135).



BOLAS, S.f. pl. (V. Boleadeira).

Sou gaúcho e venho armado
Com meu laço e muitas *bolas*,
Pra laçar os Catucás,
Boleando os mario las.

O Gaúcho na Corte,
Rio, 17.03.1849

Avante, meu pingo
Nos Campos do Sul
Quem pode contigo,
Que afeito ao perigo,
À sanha do imigo,
Não temes taful?
Avante, galopa
Num bom galopar,
Os laços e *bolas*,
Certeiras pistolas,
Já fiz preparar!

Um Velho Farrapo, O Canto do Campeiro,
A Democracia, P. Alegre, 09.11.1874.

"Se um matungo mui lerdo e cansado, curtido de mil tiros de laço, *bolas* e pialos, se visse maneado por teu semblante e rebenqueado por teus beijos, se tornaria na tropilha de tua estimação o mais guapo parheiro..." (Chico Nomasque, O Amolador, Rio Grande, 19.04.1874. "Quase sempre de pala enfiado, lenço no pescoço, *bolas*, rebenque..." (Ramiro, Meu Rincão, p. 237). "Os gaúchos o seguiram, alçados nos estribos. O primeiro atirou-lhe as *bolas*." (Osório, Fogo Morto, p. 25). "De todas as estâncias próximas chegavam laços e *bolas* para a caçada ao pastor." (Lessa, Rodeio dos Ventos, p. 98).

Chapéu largo afluando aos ventos
Faca, adaga, tirador,
E laço e *bolas* nos tentos
Lá vai no seu baio-ruano!

Prates, Ao Sol dos Pagos, p. 33

Eu vi Cupido montado
No seu cavalo picaço,
De *bolas* e tirador
Faca, rebenque e laço!

Amarrei o sol e a lua
Com a fita da liberdade.
De laço e *bolas* nos tentos
Só respeito a Divindade!

Tenho o meu laço de fita
E as minhas *bolas* de prata
Pois nem assim ou pealo
O coração desta ingrata!

Gosto da vida do campo
Governo com honra e brio.
Com um par de *bolas* no cinto
Não tenho medo nem frio!

Andar como bolas sem manicla: andar às tontas, desnortado, sem rumo certo. *Sacudir as bolas*: arremessar esse artefato de apreensão. "Era de ver aquelas gauchadas atrevidas, a sua audácia e certeza em *sacudir as bolas*." (Callage, Terra Gaúcha, 2ª ed., p. 52). *Tiro de bolas*: ato ou efeito de arremessar (as bolas). "Os fletes montados, alevianados, corriam alçados no freio; os *tiros de bolas* cruzavam-se no ar..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 90). "De uma feita chegou mesmo a pealar com *tiro de bolas*..." (Callage, Rincão, 2ª ed., p. 120). "A bagualada era corrida a *tiros de bolas*..." (Martins, Fronteira Agreste, p. 324).

Morena que desconsolas
Este amor que não se cansa,
Errei meu *tiro de bolas*
Na corrida da esperança!

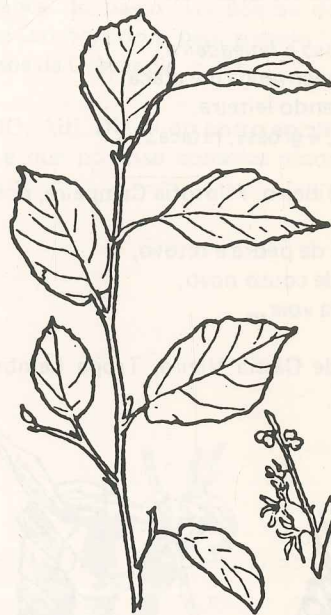
Leiria, Rincões Perdidos, p. 122

BOLCADA, S.f. Ação ou efeito de bolcar ou bolcar-se.

E no ciclo dos dias e dos anos,
de outra feita trouxeram seu marido
atravessado sobre o malacara,
ensangüentando pilchase arreios
morto de uma *bolcada* num rodeio.

Colmar Duarte, Sesmaria dos Ventos, p. 45

Var.: bolqueada.



Boldo

BOLCAR, V.t.d. Lançar por terra; fazer cair; abater; obrigar a prostrar-se.

Já meu traste campeiro
perdemos conta e tenteio
dos haraganos e malos
que *bolcamos* a pealos
na beirada dos rodeios.

Oliveira, Rastros de um Charrua, p. 33

V. pr. Tombar (por ter perdido o equilíbrio); estender-se em virtude do próprio peso; atirar-se; arremessar-se. Volver de um lado para o outro; rojar-se pelo chão dando voltas sobre si mesmo; cair revolteando; dar uma viravolta; ficar de borco. "O animal *bolcou-se* e imprensou o Neco entre o chão e a cabeça do lombilho." (Laci, O Sol Acende o Pampa, p. 20). //Var.: bolquear-se.

BOLDO (ô) (Do mapuche *boldu*), S.m. Bot. Planta da família das monimiáceas. Casca pardacenta, muito aromática. Folhas lanceoladas, coriáceas, com nervuras medianas salientes. As folhas têm largo uso terapêutico sob a forma de chás, principalmente contra os males do aparelho digestivo.

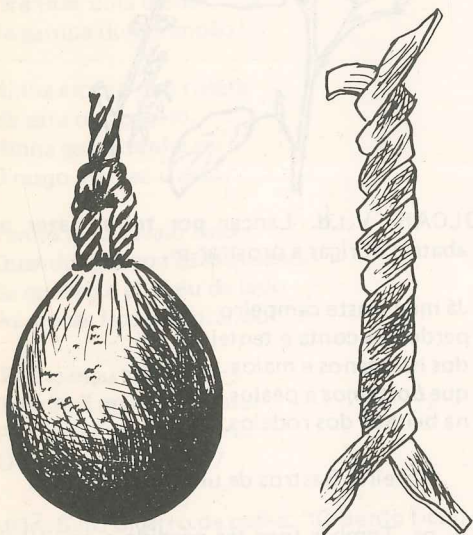
BOLEADEIRA (De *bolear* + *d* + *eiras*), S.f. Antiga arma de apreensão, também chamada bolas; boleadoras, jogo-de-bolas, tocaias e três-marias, composta de três pedras rijas, esféricas, ovais ou biovaladas, uma maior e mais pesada, forradas de couro cru e presas a cordões resistentes. "Passaram uma *boleadeira* nas patas dianteiras..." (Josué Guimarães, *A Ferro e Fogo*, p. 45). "A *boleadeira* de Rodrigo parte pelo ar com os três tentos estendidos..." (Sérgio A. Raupp, *Os Filhos do Pampa*, p. 8). "O homem campeiro usava o laço, a *boleadeira* e o tirador..." (Pedro Ari, *Tropeiros de Mula*, p. 56).

Não dispenso a *boleadeira*
Nem qualquer sanga me ataca;
A vaca, quando leiteira,
Tem caixa; é grossa, retaca...

Chico Ribeiro, *Filosofia Campeira*, p. 9

Boleadeira de pedra e retovo,
Três tiras de couro novo,
Pronta para voar...

Neide de Cássia Vieira, *Tropa Lembrança*, p. 70



Usa-se mais comumente no plural. "Foi então que um gaúcho gadelhudo, mui alto, canhoto, desprende da cintura as *boleadeiras*..." (S. Lopes, *Contos Gauchescos*, p. 33). "Todos puxaram pelas armas que traziam: espadas, adagas, facões, e *boleadeiras*." (Laf, *Recordações Gaúchas*, 2ª ed., p. 119). "O cavalo atirou as patas assustado e ficou preso às *boleadeiras*". (Freire, *Alma de Gaúcho*, p. 86).

BOLICHADA (De *bolicho* + *ada*), S.f. Coisa de bolicho.

BOLICHÃO (Flexão aum. de *bolicho*), S.m. Estabelecimento comercial, maior do que o

bolicho, com grande variedade de mercadorias. "A gauchada do interior mostrava decidida preferência por seu *bolichão*." (Apparício, *Rapa de Tacho* 2, 7ª ed., p. 39).

BOLICHAR (De *bolicho* + *ar*), V. int. Exercer a profissão de bolicheiro; comerciar em pequena escala; bodeguear; vender por miúdo. "Um dos camaradas lembrou a casa de Henrique Bastos, que era comprador de couros e *bolichava* também..." (Afonso Moraes, *Torres Malditas*, 3ª ed., pp. 81-82). // Var. bolichear. Pres. ind.: bolicheio, bolicheias, bolicheia etc.). "Tinha crédito para *bolichear*..." (Cyro, *Porteira Fechada*, p. 100).

✶ **BOLICHE** (Do esp. amer. *boliche*). S.m. Venda; bodega; pequeno estabelecimento comercial; boteco. "Ele chegou ao *boliche*, apeou, pediu um copo de canha..." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 41). "Depois puxou da soga o picaço, encilhou-o e trotou até o *boliche*..." (Fontoura, *Rancho Grande*, 3ª Série, p. 18). "Antes de chegar à cancha, à beira do passo, estava o *boliche* rodeado de frondosos salsoschorões..." (Freitas, *Gauchadas*, p. 89).

O tal dono da internada
Tinha também *boliche*
Negocinho muito mixe
Fumo, cachaça e mais nada!

Amaro Juvenal, Antonio Chimango, p. 73

Era a indiada campeiraça,
Todos andavam pilchados
Nos *boliches*, em tropeadas...

Fernandes Bicca, *Os Bombachudos e as Lutas do Gaúcho*, p. 11

Bolicho Crioulo: poema de Hugo Ramirez, *Gauchescas*, p. 87. **Comp.:** Intrrometido como cusco de boliche. // Var.: bolicho. "Agora possuía farto *bolicho* na boca de um passo sobre o Butuí..." (Echenique, *Fagulhas do meu Isqueiro*, p. 18).

Pra o campeiro, o índio vago,
existem coisas no pago
que não tem comparação:
Bom pingo, china, bombacha
e um traguito de cachaça
num *bolicho* do rincão.

Oliveira, *Rastro de um Charrua*, p. 25

Bolicho de Campanha, versos crioulos de Eugenio Rodrigues Flores, Passo Fundo, Ind. Gráfica Imperial Ltda. 1983. *Drama de bolicho*: poema de Dimas Costa, *Pampa Bravo*, p. 11.

BOLICHEAR (De *bolicho* + *ear*), V. int. (V. Bolichar)

BOLICHEIRO (De *bolicho* + *eiro*), S.m. Proprietário de bolicho; pequeno negociante; bodegueiro; taberneiro; tasqueiro. "Depois garganteava a chuspa e largava as onças pras unhas do *bolicheiro*..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 157). "Aliviado, o *bolicheiro* riu bonachão sacudindo a pança..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 175). "Noite de bródio no boliche do Anacleto. Festejava-se o aniversário natalício do *bolicheiro*". (João Maia, Pampa, p. 62).

O meu pingo tordilho, anca de vaca
Pingo solto de pata e altaneiro
É cavalito de brigar de faca
De virar o balcão dum *bolicheiro*!

Vargas Neto, Tropolha Crioula, p. 35

Do guasca não sai palhaço
Nem do galego campeiro;
Quem gosta de estardalhaço
É cusco de *bolicheiro*!

Chico Ribeiro, Filosofia Campeira, p. 26

BOLICHO, S.m. (V. Boliche).

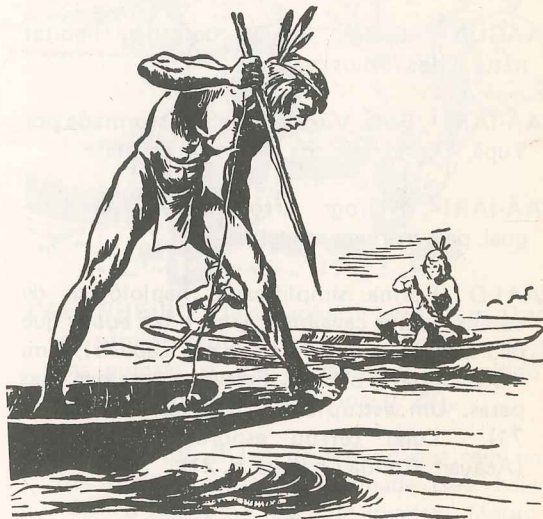
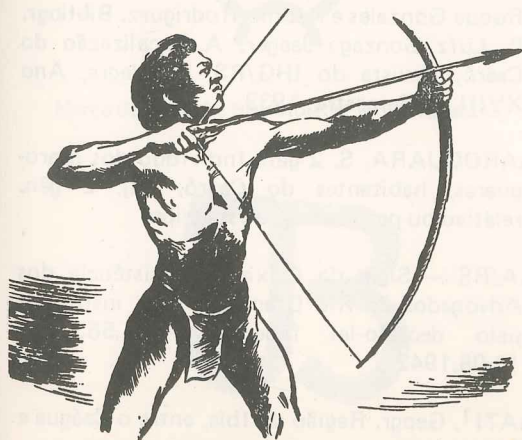
BOLICHOTE (De *bolicho* + *ote*), S.m. Bolicho menor que os estabelecimentos do gênero. "Na barranca do passo das pontas do Ibirapuitã havia um *bolichote* bem sortido". (Dornelles, Causos da Querência, p. 81).

BOLIDO, Adj. Diz-se do potro encilhado uma só vez e que por isso conserva ainda a fama de bravo.

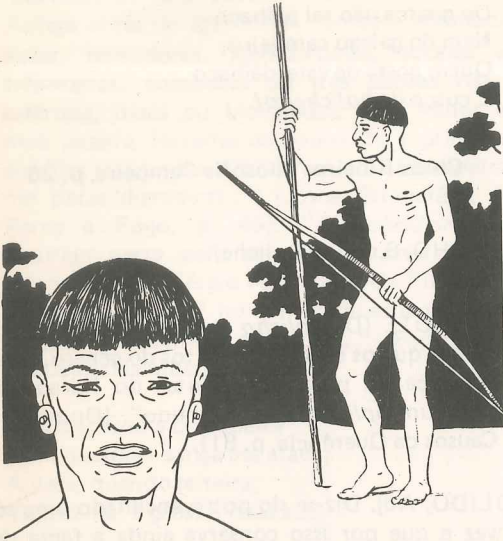
C

C, S.m. Fonema gutural, explosivo surdo, terceira letra e segunda consoante do alfabeto.

CAAÇAPAMINI, Geogr. Região tape, onde, a 02.02.1627, à margem esquerda do Piraju, os padres Roque Gonzales e Pedro Romero fundaram a *redução* de Nossa Senhora da Candelária, após vencer a resistência de Carupé e outros caciques do Caaró. A Igreja, iniciada em 1633 pelo irmão Bartolomeu Cardenosa, arquiteto espanhol, foi a maior e a mais bela da primeira fase do apostolado jesuítico no Rio Grande. **Bibliogr.** P. Luíz Gonzaga Jaeger, Os Heróis do Caaró e Pirapó, P. Alegre, Globo, 1940); Jônatas da Costa Rêgo Monteiro, As Primeiras Reduções Jesuíticas no Rio Grande do Sul, Revista do IHG/RS, P. Alegre, Ano XIX, 1º Trim.



CAÁGUA¹, S. gên. Etnol. Indivíduo da tribo dos caáguas; adj. 2 gên. relativo ou pertencente a essa tribo.// Os caáguas habitavam a região do Caágua e filiavam-se à grande família tapuia-gê meridional. Refratários à miscigenação, belicosos, inimigos figadais dos tapes, com escassa cultura lítica, praticavam estranhos cultos, misto de animismo e siderismo; usavam pesados tacapes e enormes tembetás em forma de bilros; e tinham língua muito diversa do guarani, base do futuro dialeto caingangue. Apelidados de *senhores do pau* e *bilheiros* pelos portugueses. Para os tapes, os caáguas eram os *tapui pepira guabo*, o gentio brabo das matas.



Os caáguas na visão de Nelson Boeira Faedrich

Ao visitar o Caáguas em 1635, o P. Francisco Ximenes conheceu os caciques *Nacê* e *Parapopi*, aliados dos paulistas no comércio de braços indígenas. **Bibliogr.** Emílio Fernandes de Souza Docca, História do Rio Grande do Sul, Rio, Edição da Organização Simões, 1954.

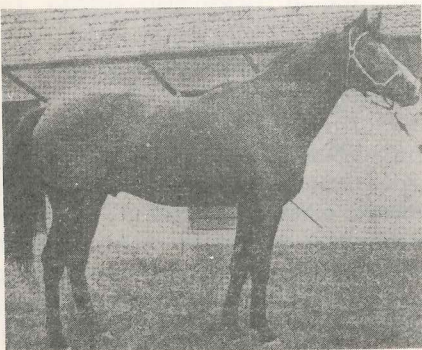
CAÁGUA², Geogr. Região do Ibia, habitat natural dos índios caáguas.

CAÁ-IARI¹, Folc. Virgem tape transformada por Tupã, segundo a lenda, na árvore do mate.

CAÁ-IARI², Hidrogr. Arroio afluente do Uruguai, pela margem esquerda.

CAALO (Forma simplificada, haplológica de cavalo (*Equus cavallus* L.), cf. o lat. *equus* que deu também o it. *cavallo* e o esp. *caballo*), S.m. "Que culpasse o *caalo*. Estava maceta das duas patas. Um estrupício!" (Callage, Rincão, p. 71). "Logo cerrou esporas no *caalo*..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 21).

Do antigo tempo de Rosas
Meu bom pai também é.
E inda laça touro xucro
No seu *caalo* pangaré!



CAAMI (Do guar. *caamini*), S.m. Bot. Arbusto da família das aquifoliáceas. Folhas lanceoladas com pêlos rígidos.

CAAMINI¹, S.m. Tipo de erva-mate produzido pelos Jesuítas nos Sete Povos, em substituição à *yerba de palos* paraguaia.



CAAMINI², Hidrogr. Arroio contribuinte do rio das Antas, pela margem esquerda. Nome anterior: Alcântara.

CAAMO, Geogr. Região do Ibia, situada no atual planalto vacariano, habitat dos caamoguaras. "Em *Caamo*, onde havia aldeias bastante povoadas, começou a razia bandeirante". (Aurélio, História das Missões Orientais do Uruguai, p. 95).

CAAMOGUARA, S. 2 gên. Indivíduo dos caamoguaras; adj. 2 gên. relativo ou pertencente a essa tribo.

Toda a Nação *Caamoguara*
se ergueu num brado de guerra,
fazendo tremer a terra
num crepitar de coivara.

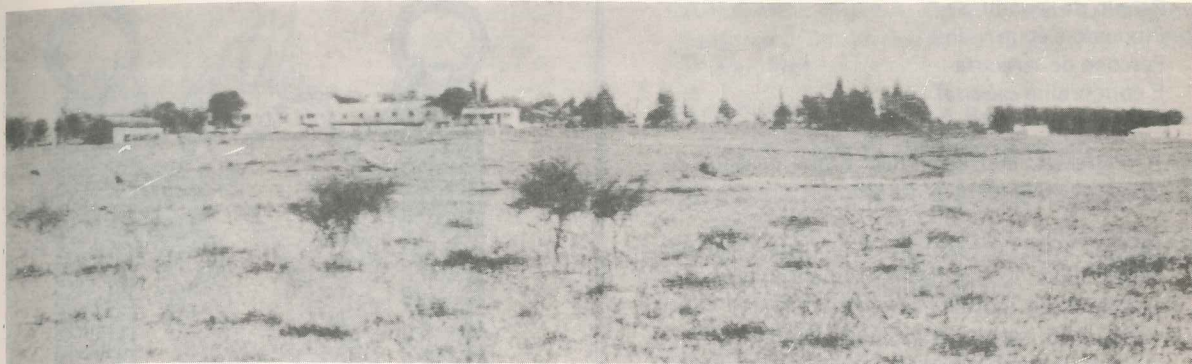
Fagundes, Com a Lua na Garupa, p. 39

CAARÓ. Geogr. Região indígena compreendida entre os rios Ijuí e Piratini das Missões, onde, a 16.11.1628, ocorreu o martírio dos Padres Roque Gonzales e Afonso Rodriguez. **Bibliogr.** P. Lufz Gonzaga Jaeger, A Localização do Caaró, Revista do IHG/RS, P. Alegre, Ano XVIII, 1º Semestre, 1933.

CAAROGUARA, S. 2 gên. Indivíduo dos caaroguaras, habitantes do Caaró; adj. 2 gên. relativo ou pertencente a essa tribo.

CAA/RS — Sigla da Caixa de Assistência dos Advogados do Rio Grande do Sul, instituída pelo decreto-lei federal nº 4.563 de 11.08.1942.

CAATI¹, Geogr. Região do Ibia, entre o Caáguas e o Caamo.

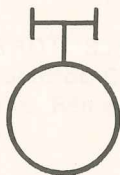


Uma cabanha na região da Campanha.

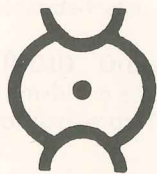
CAATI², Hidrogr. Arroio afluente do Tainhas, pela margem esquerda (M. de São Francisco de Paula).

CAATIGUARA, S. 2 gên. Indivíduo dos caatiguaras, habitantes do Caati; adj. 2 gên. relativo ou pertencente a essa tribo. "Os *caatiguaras* aderiram logo à junta do Caamo..." (Aurélio, História das Missões Orientais do Uruguai, p. 37).

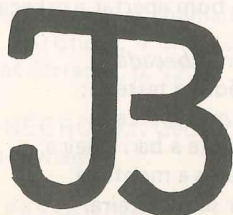
CABANHA (Do esp. plat. cabaña), S.f. Estabelecimento típico, de manejo semi-extensivo, rígido controle sanitário e suplementação de feno no inverno, para a exploração de plantéis e a venda de reprodutores finos.



Marca da Cabanha e Estância *Posto Branco*, em Sant'Ana do Livramento

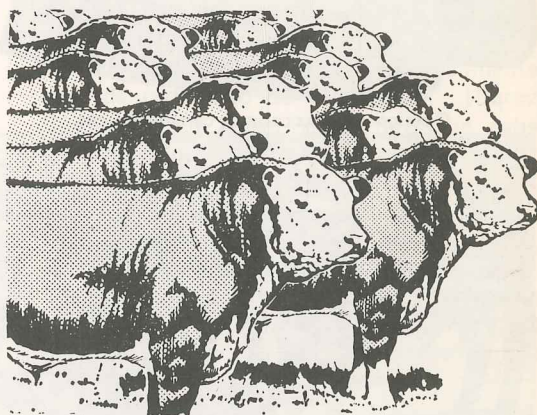


Marca da Cabanha São Bibiano, em Uruguaiana



Marca da Cabanha da Figueira, em Camaquã.

A primeira cabanha organizada no estado foi a do Coronel Augusto Pereira de Carvalho, fazendeiro santanense, proprietário da Estância Posto Branco e grande admirador da raça Shoorthon. Surgiu em 1901, cinco anos antes da congênere Taipa de Bagé, fundada pela firma Antonio Maria Martins & Filhos.



CABANHEIRO (De *cabanha* + *eiro*), S.m. Dono ou administrador de cabanha. "Parecem crianças gulosas — diz o *cabanheiro* sorrindo". (Laci, O Sol Acende o Pampa, p. 29).

CABANO, Adj. Diz-se do eqüino que tem uma das orelhas caída ou inclinada para baixo. "Petição buenacho nas duas quadras. Mouro e *cabano*." (Martins, Caminhos do Sul, p. 305).

Este tobiano da Estância
Foi o bicho mais maleva
Que o Diabo inventou pra um peão.
Zolhos de chancho, *cabano*,
Sargo, coiceiro, haragano!

Aureliano, Romances de Estância e Que-rência, p. 84

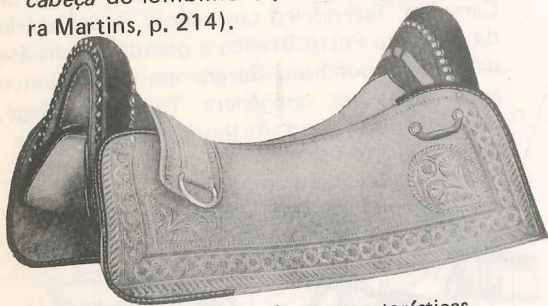
O bagual era gateado,
cabos-negros, bem zebrado,
machinho alto e *cabano*...

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 38

Cabelo de rapadura
Puxando a égua ruana,
Pescoço de saracura
E com orelha *cabana!*

CABAPOAMA, Hidrogr. Riacho que deságua no Gravataí, pela margem direita.

CABEÇA, (Do lat. *capita*), S.f. Cada uma das partes altas e arqueadas, semicirculares dos aparelhos de montar, também chamada cabeceira. Tem geralmente 25cm de diâmetro e uma virola de couro curtido nos bordos. Quase ogival na fronteira e bastante larga, com lóbulos salientes na Região Serrana. "Colocava o par de boleadeiras e um alforje junto à *cabeça* do lombilho". (Paulino Jacques, Silveira Martins, p. 214).



O serigote e suas cabeças características

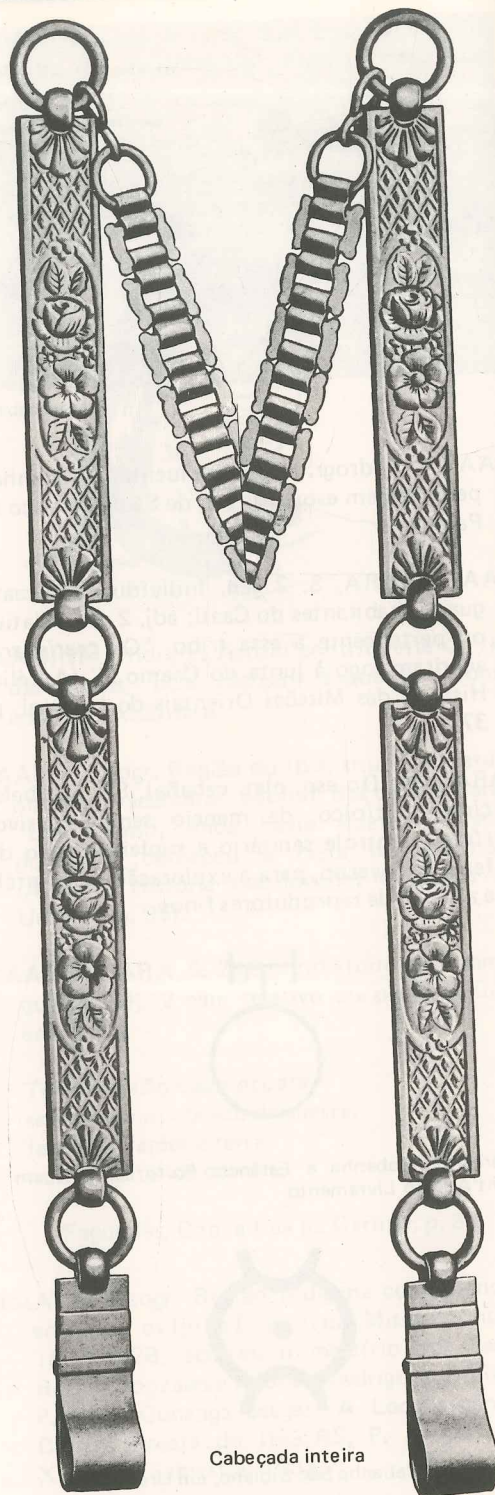


Touros da raça *Shorthorn*

"Tirando o maneador da *cabeça* do serigote, Candinho apressilhou-o na argola do buçal..." (Villela, Gauchadas do Candindo Bicharelo, p. 157). "Sacudiu o serigote, segurando-o pelas *cabeças*..." (Brasil Dubal, Fronteira Inclemente, p. 160). *Cabeça dianteira*: a parte anterior do arreio, à qual se liga o travessão. *Cabeçada traseira*: a parte posterior do aparelho de montar.

CABEÇA-AMARGA, S.f. Ictiol. (V. Joanhina¹). Pl.: cabeças-amargas.

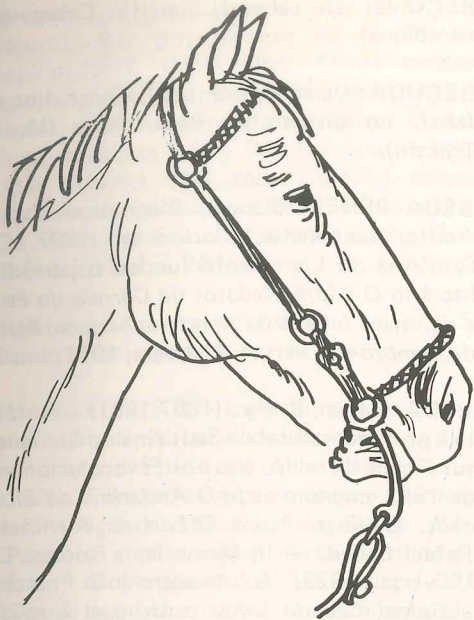
CABEÇADA (De *cabeça* + *ada*), S.f. Peça de metal ou de couro que, passando por trás das orelhas, cinge a cabeça do cavalo, sustentando o freio ou o buçal. "Antigamente, a *cabeçada*, a testeira e o rabicho eram somente de prata, sem couro algum..." (Coutinho, A Estância e as Cartas, p. 64). "A alguns ostentavam rédeas e *cabeçadas* em forma de corrente ou de fina trama..." (Laf, Recordações Gaúchas, 2ª ed.,



Cabeçada inteira

p. 39). Adag. Mesmo quando o cavalo é matungo é bom apertar a cabeçada.

O freio tem *cabeçada*,
Barbela, rédea e testeira;
A chincha mal apertada
Mostra à gente a barrigueira;
Perde às vezes a montada
O corredor sem peiteira!



Cabeçada — Desenho de Fernando Jorge Uberti

CABEÇADA INTEIRA, Expr. Jogo de três peças que substitui a cabeçada comum.

CABEÇA-DE-BOI, S.f. Bot. Planta ornamental da família das orquídeas. Flores amarelas de labelo branco, em cachos pêndulos (*Stanhopea insignis* Forst.). Pl.: cabeças-de-boi.

CABEÇA-DE-FERRO¹, S.m. Ornitol. Ave da família dos psitacídeos. Coloração geral verde. Vive aos bandos. Rêmiges enegrecidas. Pl.: cabeças-de-ferro.

CABEÇA-DE-FERRO², S.f. Ictiol. Miraguaia na primeira idade. Pl.: cabeças-de-ferro.

CABEÇA-DE-FRADE, S.m. Ornitol. (V. Jaburu¹). Pl.: cabeças-de-frade.

CABEÇA DE ÍNDIO, Orogr. Agulha rochosa, coroada por um bloco em equilíbrio natural, distante cinco metros da Torre do Sul (M. de Torres).

CABEÇA-DE-MARTELO, S. 2 gên. Designativo do animal cavalgar ou muar com o frontal côncavo. Pl.: cabeças-de-martelo. "Para carqueiros eram destinadas as refugadas das tropas, especialmente as chamadas *cabeças-de-martelo*..." (Aristides, Fundação e Evolução das Estâncias Serranas, p. 123).

CABEÇA-DE-NEGRO, S.f. Geol. Pedra basáltica. Pl.: cabeças-de-negro.

CABEÇA-DE-PASSARINHO, S. 2 gên. Pessoa distraída, desatenta, esquecida. Pl.: cabeças-de-passarinho.

CABEÇA DE PEDRA, Orogr. Morro de basalto e pitoresca conformação tectônica (M. de São Leopoldo).

CABEÇA-DE-PORCO, S.f. Bot. Planta da família das gramíneas. Pl.: cabeças-de-porco.

CABEÇA-DE-RATO, S.f. Bot. Orquídea do gênero *Oncidium* SW. Hastes florais mais ou menos longas. Flores numerosas, pequenas, amarelas. Pl.: cabeças-de-rato.

CABEÇA-DO-ALAMBIQUE, S.f. Nome dado à primeira porção de aguardente, cerca de um litro, que o alambique destila e tem em geral entre 25 e 26 graus GL.; o mesmo que cabeço. "Os primeiros litros de aguardente, a *cabeça-do-alambique*, são recolhidos numa pequena tina..." (Walter Koch, Falares Alemães no Rio Grande do Sul, p. 72). Pl.: cabeças-de-alambique.

CABEÇAS, Hidrogr. Arroio afluente da lagoa dos Patos, pela margem oriental.

CABEÇALHO (De *cabeça* + *alho*), S.m. A longarina central da mesa da carreta, da qual pendem as cangas. "Ajeitaram-se docilmente, uma de cada lado do cabeçalho..." (Darcy, Coxilhas, 159). Adag. Peludo retorcido, cabeçalho partido.

CABEÇÃO¹ (De *cabeça* + *ão*), S.m. (V. Serrilha).

CABEÇÃO², S.m. Ictiol. Peixe da família dos ciprinídeos, outrora abundante na lagoa Mirim, cuja reserva ictiológica está ameaçada pela pesca abusiva.

CABEÇA SECA, Expr. Diz-se do equino que tem muito pequena a parte superior do corpo.

CABECEADA (De *cabecear* + *ada*), S.f. Meneio brusco ou movimento inesperado feito pelo cavalo (com pescoço). Com qualquer *cabeceada*, o animal podia descogotar-se". (Callage, Quero-Quero, p. 45).

CABECEADOR (ô) (De *cabecear* + *dor*), Adj. Diz-se do equino que, montado ou laçado, move excessivamente a parte do tronco entre a cabeça e o tronco.

CABECEAR¹, V. int. Mover excessivamente o pescoço (o cavalo).

CABECEAR², V. int. Pender a cabeça com sono.

CABECEIRA¹ (De *cabeça* + *eira*), S.f. (V. Cabeça). "Ensebou dois maneadores, amarrando-os um na *cabeceira* e outro na culatra do lombilho". (Herlein, Na Fronteira Gaúcha, p. 47).

CABECEIRA², S.f. Lugar onde começa a raia (nas canchas retas); o mesmo que laço da safda, laço de partida laço do partidor, largador, partidor e saidor.

Noite de chuva. Solito
Lembro esquecidas pinguanchas.
Cordeonas... Trovas... Guitarras
Nas *cabeceiras* das canchas!

Zeca Blau, Poncho e Pala, p. 42

A *cabeceira* da cancha
era ao lado do bolicho.

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 121

CABECEIRA DA ÁGUA NEGRA, Geogr. Localidade no distrito de Itaara (M. de Santa Maria).

CABECEIRA DA BARRA DO GUARITA, Geogr. Localidade no distrito de Derrubadas (M. de Tenente Portela). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. João Pessoa.

CABECEIRA DA UNIÃO, Geogr. Povoação no Alto Uruguai (M. de Palmitinho).

CABECEIRA DO ENCANTADO, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Aratiba). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Dartagnan dos Santos.

CABECEIRA DO FUNDO GRANDE, Geogr. Lugar no Planalto Médio (M. de Augusto Pestana). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Humaitá.

CABECEIRA DO LAJEADO CAPIVARA, Geogr. Povoação no Alto Uruguai (M. de Tuparendi).

CABECEIRA DO LARA, Geogr. Povoação no distrito de Esperança (M. de Três Passos).

CABECEIRA DO PALMEIRA, Geogr. Localidade na região das Missões (M. de Roque Gonzales).

CABECEIRA DO RIO TURVO, Geogr. Povoação nos Campos de Cima da Serra (M. de Ibiraiaras).

CABECEIRA DO SUCO, Geogr. Povoação no Alto Uruguai (M. de Palmitinho).

CABECEIRAS, Geogr. Lugar na região do Litoral (M. de Santa Vitória do Palmar).

CABECINHA-CASTANHA, S.f. Ornitol. Ave passeriforme da família dos traupídeos. Coloração plúmbea. Fronte negra (Pyrrhocoma ruficeps Srick). Pl.: cabecinhas-castanhas.

CABEÇO (ê) (De cabeça), S.m. (V. Cabeça-do-alambique).

CABEÇUDA (De *cabeça* + *uda*), Geogr. Ilha do Jacuí, no distrito de Passo Raso (M. de Triunfo).

CABEDA PÉREZ, Manoel, Biogr. Jornalista e escritor santanense, nascido em 1897. Em Sant'Ana do Livramento fundou o periódico literário *O Lápis*. Redator do *Correio do Povo* e de vários órgãos da imprensa carioca. Autor de *Lembro-me*, versos, P. Alegre, 1971.

CABEDA, Rafael, Briogr. (1857-1901) — Ruralista e político natural de Sant'Ana do Livramento. Figura de relevo nas hostes revolucionárias de 1893, cognominado *O Andarilho da Liberdade*. **Bibliogr.** Pedro Otávio de Alencastre, Rafael Cabeda — In Memoriam, Pelotas, Liv. Universal, 1923, "A luta entre João Francisco e Rafael Cabeda levou o Uruguai à revolução..." (Alencastre, A Vida Militar em um Romance, p. 79).

CABELAMA (De *cabelo* + *ama*, cf. o lat. *capillus*, que deu também o esp. *cabello* e o it. *capello*), S.f. Conjunto de pêlos do animal cavalari.

CABELO-DE-PORCO, S.m. Bot. Planta nativa, cespitosa, da família das gramíneas. Colmos quase filiformes. Bainhas abertas. Inflorescência em panículas densas, com ramificações. Floresce de setembro a outubro. Folhas redondas. Cresce em touceiras. Poderoso diurético. Pl.: cabelos-de-porco.

CABERNET, S.f. Bot. Variedade vinífera francesa já aclimatada no estado, particularmente na Encosta Superior do Nordeste.



CABIDE (Do ár.) S.m. Cavalo esquálido, descartado, com o esqueleto à mostra.

CABIDE AMBULANTE, Expr. Indivíduo alto, delgado, muito magro.

CABILDO, S.m. Espécie de Conselho popular com amplas funções político-administrativas, constituído de três membros: o capitão-corregedor, o tenente-corregedor e o alcaide (Nos Sete Povos).

CABIÚNA (Do guar. *kawi + una*, mato verde escuro), S.f. Bot. Árvore da família das papilionáceas. Caule alto. Flores escassas, agrupadas em racimos. Fruto em forma de vagem reta, arredondada no ápice. Madeira dura, resistente e útil. (Machaerium incorruptibile Allem.) "Na zona florestal existem madeiras de ótimas qualidades, como sejam o ipê, louro, *cabiúna*..." (Lassance Cunha, O Rio Grande do Sul, p. 204).

CHIMANGADA (De *chimango + ada*), S.f. Bando de chimangos¹.

CHIMANGADA, S.f. Grande número de chimangos². "Oigalê, barbaridade! Já se levou o diabo a *chimangada!*" (Antero, Mensagem a Poucos, p. 52). "Faço um estrupício entre a *chimangada!*" (Fagundes, Destino de Tal, p. 119). "Pegamos a *chimangada* meio dormindo..." (Érico, O Arquipélago, 3ª ed., p. 329). "Temos que largar na frente da *chimangada*." (Cyro, Sombras na Correnteza, p. 12).

CHIMANGO¹ (Do guar. *xim xima*), S.m. Ornitol. Ave da família dos falconídeos, semelhante ao caracará. Coloração geral ocrácea e creme. Estrias longitudinais escuras no lado ventral. Mancha clara em cada asa. Alimenta-se de larvas, carrapatos e pequenos reptis (Ibycter chimango Vieil). "De uma feita ele matou um *chimango* à entrada do arroio, nas barrancas do passo..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 60). "E arrelivavam até com os *chimangos* pousados nos aramados." (Echenique, Fagulhas do meu lsqueiro, p. 42).

Vem conhecer o Rio Grande
Churrasco, laço e o mango,
O quero-quero, o *chimango*
E o verde de suas coxilhas...

João da Cunha Vargas, Deixando o Pago, p. 46

Andar como chimango em tronqueira:
andar triste, desacoroçoado, sem coragem.
Gastar pólvora em chimango: preocupar-se
com ninharias; não colher vantagem; não tirar
resultado de; empregar inutilmente (o tempo).
"Qual! Não vou *gastar pólvora em chimango!*"
(Érico, O Retrato, 2ª ed., p. 192).

CHIMANGO². S.m. Apelido com que se tornou popularmente conhecido, nas revoluções de 1893 e 1923, o membro ou adepto do Partido Republicano Rio-Grandense e cujo distintivo era o lenço branco. "O estouro foi enorme e o *chimango* não esperou por outro..." (Martins, Caminhos do Sul, p. 175). "*Chimango* é como touro: não pode enxergar pano encarnado". (Érico, O Arquipélago, 3ª ed., p. 85). "Por falar no assunto, o senhor é maragato ou

chimango?" (Luís Fernando Verfssimo, O Analista de Bagé, p. 129). "Eu sabia que tudo não passava de ódio entre maragatos e *chimangos*..." (Josué Guimarães, O Cavalinho Cego, p. 100).

Peleei nas revoluções
Em tudo que foi coxilha
Fui centauro farroupilha
Soldado de campo e mato
Fui *chimango* e maragato!

Braun, De Fogão em Fogão, p. 30

Pedro Velho, maragato,
residia num reduto
de *chimangos* que a lo bruto
não respeitavam ninguém...

Retamozo, Canto de Amor a São Borja, p. 72

Antonio Chimango: poemeto campestre de Amaro Juvenal (Ramiro Fortes de Barcellos), publicado em 1915. *História de Dom Chimango*, Rio, Empresa Brasileira de Publicações, 1927 e *Antonio Chimango e sua Continuação*, Rio, Schnidt, 1932, versos satíricos regionais de Juvenal, O Moço (Homero Prates). *A Volta de Antonio Chimango*: poesia crioula de Dino Dezidério (Waldemar Corrêa) editada em 1935.

CHIMANGO³, S.m. Aquele que nas charqueadas extraía a graxa dos ossos.

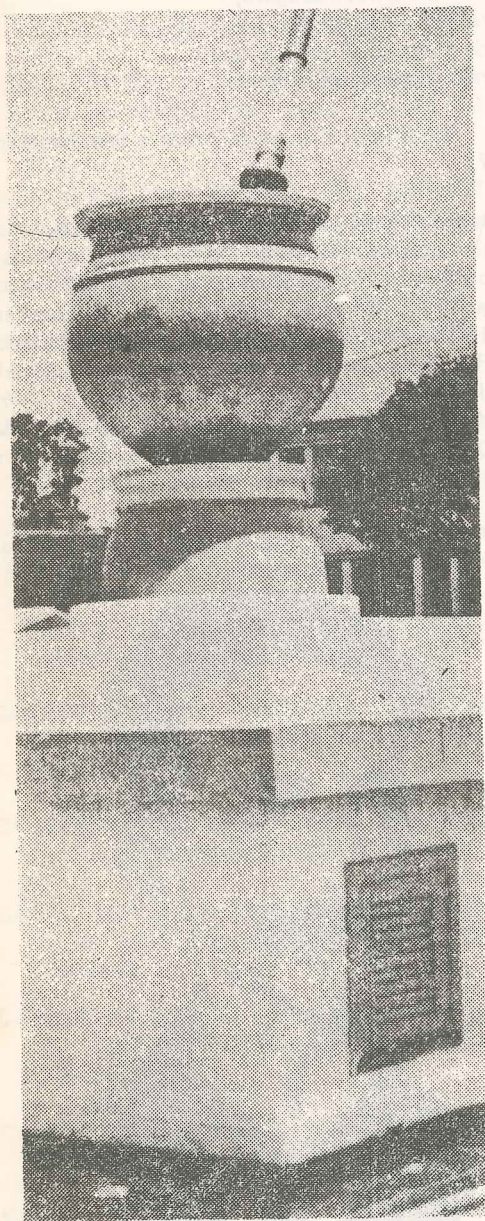


Borges de Medeiros

CHIMANGUEAR (De *chimango* + *ear*), V. int. Proceder como chimango².

CHIMANGUISMO (De *chimango* + *ismo*), S.m. Conjunto de idéias e princípios professados pelos chimangos².

CHIMANGUISTA (De *chimango* + *ista*), S. 2 gên. Pessoa partidária do chimanguismo; adj. 2 gên. relativo ou pertencente ao chimanguismo. "Não me matem! Eu não sou *chimanguista!*" (João Maia, Pampa, p. 116). "Tal é a tropilha *chimanguista*, composta de matungos..." (Ramiro, Generais duma Cruzada, p. 40).



São Francisco de Paula: monumento ao chimarrão.

CHIMARRA, S.m. (V. Chimarrão). "Se acabou o *chimarra*, a chaleira secou." (Jacques, Brigadianos, p. 142).



De 30 de abril a 15 de maio de 1988 a cidade de Venâncio Aires realizou a 2ª Festa Nacional do Chimarrão.



CHIMARRÃO¹ (De *cima*, cume, cf. o lat. *cyma*, a parte mais alta ou do verbo esp. *marrar*, errar, faltar, através de *cis-marrón*), Adj. e s.m. Dizia-se do, ou animal selvagem, bravo, sem qualquer espécie de trato; e, por extensão, do indivíduo falto de civilização, rude, incivil. "Comia como um *chimarrão*; dormia como um lagarto..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 106).// No entanto, o gaúcho começou a ser tratado de longe, como um *chimarrão* rabioso..." (Lessa, Estórias e Lendas do Rio Grande do Sul, p. 276).

Da prenda o doce dialeto
fez arrancar no rincão,
sob as maneias do afeto,
muito cuera *chimarrão*.

Ramirez, Disparo de Tropa, p. 221

Flexão fem.: *chimarrona*. "Não chegou pra todos e, ao depois, largaram os pedaços no campo, de isca à cachorrada *chimarrona*..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 82). "Na carne se enrestavam a cachorrada *chimarrona* e os urubus". (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 160).



Roda de chimarrão, Francisco Ferreira.

Se vivo metido em casa
Me chamam de mandrião.
Se em casa não apareço
Me chamam de *chimarrão!*

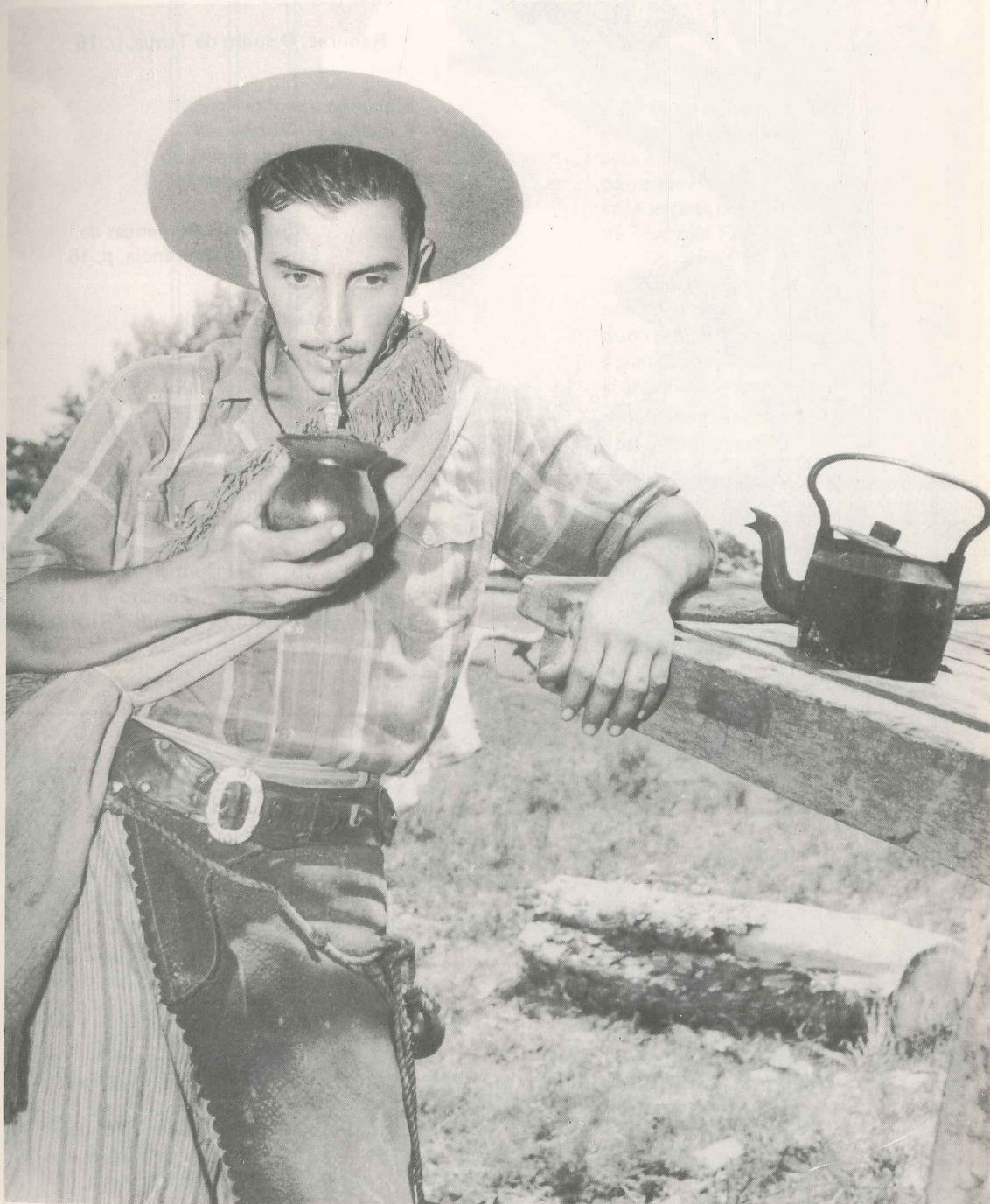
CHIMARRÃO², S.m. (V. Amargo). "José conversava com o furriel, tomando *chimarrão* à sombra da figueira". (Coutinho, A Gaúcha, p. 89). "Aceita um *chimarrão*? Um mate doce?" (Rodrigues, Terra Afogada, p. 58). "Timóteo fungou e chupou forte na bomba do *chimarrão*". (Alcy Cheuiche, O Mestiço de São Borja, p. 131).

Eu quisera ser a bomba
Para sentir a emoção
De beijar teus lábios doces
Quando tomas *chimarrão!*

Ibarra, Canção do Sul, p. 44

Do cedro fiz a gamela,
Do araçá o meu pilão
Pra socar a erva-mate
Do amargo *chimarrão*.

Pantaleão, Coletânea Gauchesca, p. 61



A saudade é o *chimarrão*
Que hoje longe do pago
Vou sorvendo trago a trago
Pra aliviar o coração.
Amargo que eu acho doce,
Vício de guasca distante,
Que não esquece um instante
O seu amado torrão.

Tenebro dos Santos Moura, Querência, p.
19

E o fogo bordava rendas
no bastidor estirado
do santa-fé do galpão.
E a cuiá fazia roda
na ciranda centenária
da volta do *chimarrão*.

Apparício, Viola de Canto Largo, p. 59

O poema tem seu topete,
igualzinho ao *chimarrão*,
Antes de ir de mão em mão
ao bom mateador compete
zelar pelo seu sabor...

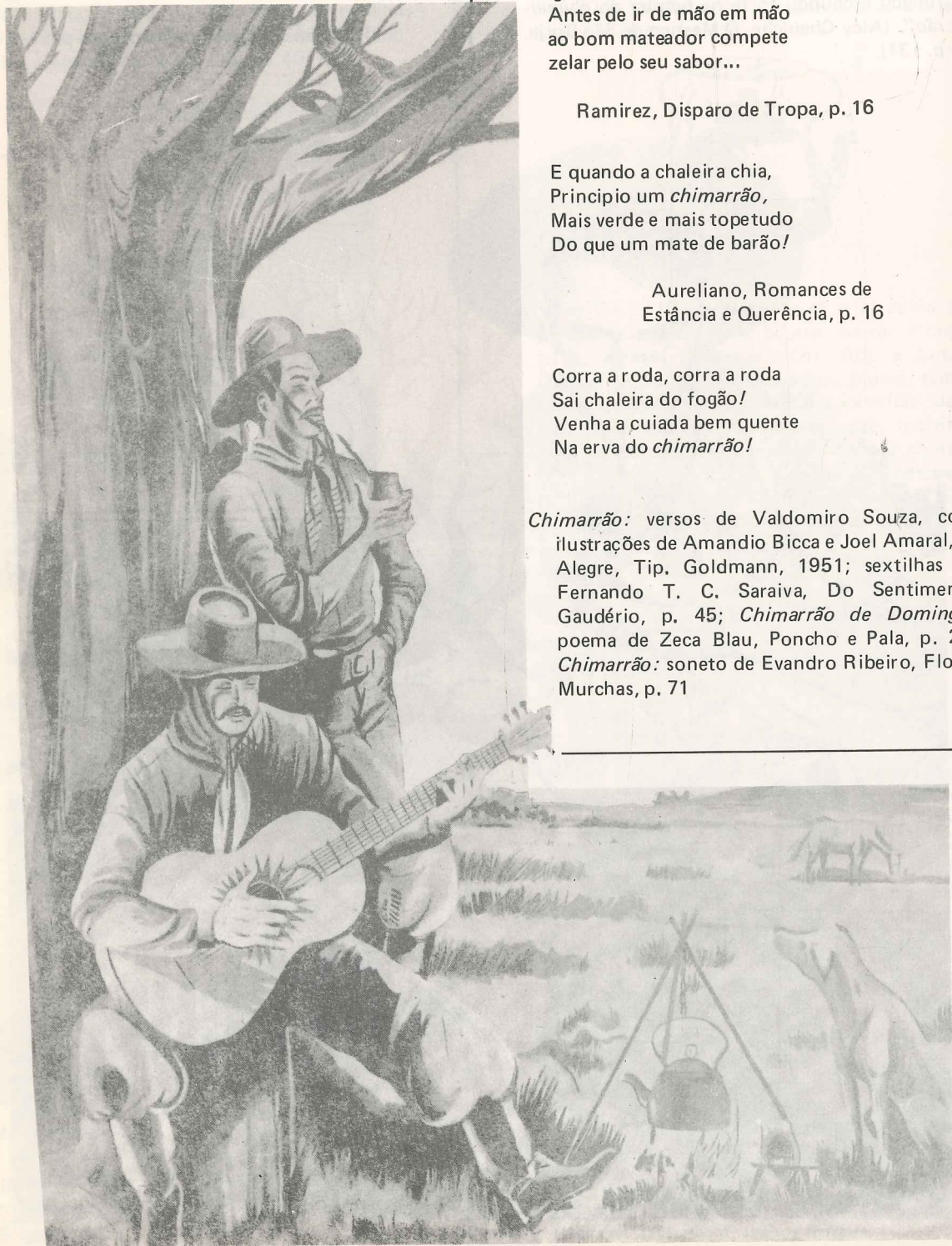
Ramirez, Disparo de Tropa, p. 16

E quando a chaleira chia,
Principio um *chimarrão*,
Mais verde e mais topetudo
Do que um mate de barão!

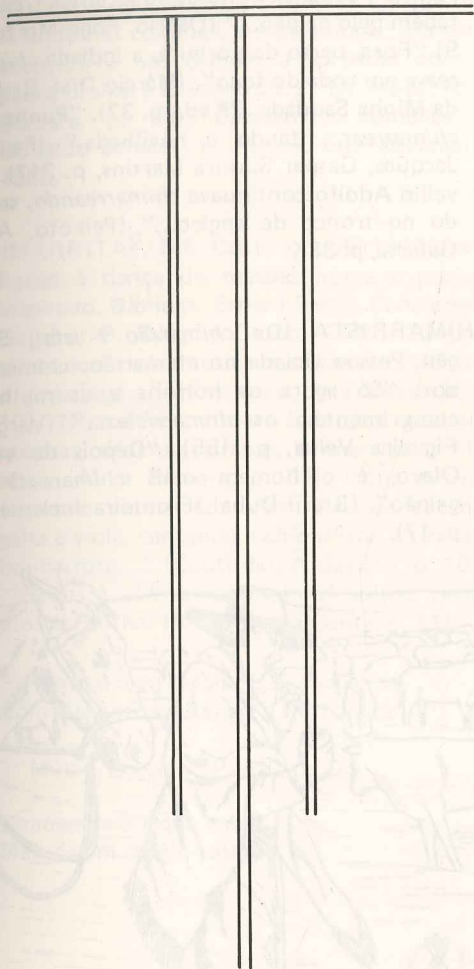
Aureliano, Romances de
Estância e Querência, p. 16

Corra a roda, corra a roda
Sai chaleira do fogão!
Venha a cuiada bem quente
Na erva do *chimarrão*!

Chimarrão: versos de Valdomiro Souza, com
ilustrações de Amandio Bicca e Joel Amaral, P.
Alegre, Tip. Goldmann, 1951; sextilhas de
Fernando T. C. Saraiva, Do Sentimento
Gaudério, p. 45; *Chimarrão de Domingo*:
poema de Zeca Blau, Poncho e Pala, p. 23;
Chimarrão: soneto de Evandro Ribeiro, Flores
Murchas, p. 71



Chimarrão



Glaucus Barreira

do feiticeiro charrua;
o perfil da lança nua
encravada na coxilha
apontando, firme, a trilha
por onde rolou a história
empeirada de glória
da Tradição Farroupilha!

em teus últimos arrancos,
no ronco do teu findar
ouço um potro corcovear
na imensidão deste pampa!
E em minha mente se estampa,
reboando nos confins,
a voz febril de um clarim
repinicando "avançar!" ...
Então me fico a pensar
apertando o lábio assim,
que o amargo que está no fim,
que a seiva forte que eu sinto,
é o sangue de "35"
que volta verde pra mim!...

Amargo doce que eu sorvo
num beijo em lábios de prata!
tens o perfume da mata
molhada pelo sereno,
e a cuia, seio moreno,
que passa de mão em mão,
traduz no meu chimarrão,
em sua simplicidade,
a velha hospitalidade
da gente do meu rincão!

trazes à minha lembrança
neste teu sabor selvagem,
a mística beberagem





CHIMARRÃO³, Potam. Rio afluente do Turvo, pela margem direita.

CHIMARRÃO⁴, Geogr. Distrito nos Campos de Cima da Serra. Data de criação: 12.08.1965 (M. de André da Rocha). População: 1980..... 579

CHIMARRÃO⁵, Geogr. Vila, sede do distrito de Chimarrão.// Escola Municipal de 1ª Grau Inc. São Roque.

CHIMARRÃOZINHO, Geogr. Povoado na Encosta Superior do Nordeste (M. de Protásio Alves).

CHIMARREADA (De *chimarrear* + *ada*, S.f. Reunião alegre com rodas de chimarrão muito animadas.

CHIMARREAR (De *chimarrão* + *ear*), V. int. Tomar chimarrão; o mesmo que chimarronear. (Pres. ind.: *chimarreio*, *chimarreias*, *chimarreia*, etc.). "À noitinha *chimarreavam* de cócoras ante o fogareiro..." (A. Maya, Tapera, p. 88). "Gaúchos e índios de lei *chimarreavam* tabém pelo galpão..." (Osório, Fogo Morto, p. 9) "Fora, perto da porteira, a indiada *chimarreava* em roda do fogo". (Márcio Dias, Brumas da Minha Saudade, 2ª ed., p. 37). "Punha-se a *chimarrear*, fitando a novilhada." (Paulino Jacques, Gaspar Silveira Martins, p. 217). "O velho Adolfo continuava *chimarreando*, sentado no tronco de angico..." (Peixoto, Alma Gaúcha, p. 33).

CHIMARRISTA (De *chimarrão* + *ista*), S. 2 gên. Pessoa viciada no chimarrão; chimarraedor. "Só agora os homens e as mulheres cumprimentam os *chimarristas*..." (Vergara, Figueira Velha, p. 155). "Depois do velho Olavo, é o homem mais *chimarrista* do galpão". (Brasil Dubal, Fronteira Inclemente, p. 17).



CHIMARRITA¹, S.f. Antiga dança popular gaúcha de pares dependentes, alegre e ruidosa, em compasso binário, com acompanhamento de viola e canto, decalcada provavelmente de *Chama-a-Rita*, música folclórica açoriana. **Bibliogr.** João Cezimbra Jacques, Assuntos do Rio Grande do Sul, P. Alegre, Tip. da Escola de Engenharia, 1912; Pedro Luíz Osório Filho, Rumo ao Campo, Pelotas, Empresa Gráfica Minerva, 1933; Luíz Carlos Barbosa Lessa e João Carlos D'Ávila Paixão Cortes, Manual de Danças Gaúchas, com suplemento musical e ilustrativo, São Paulo, Irmãos Vitale, 1955. "No tumulto dos fandangos, em um rancho à

beira da estrada, ninguém lhe levava a palma, dançando a tirana ou a *chimarrita*..." (Afonso Moraes, Torres Malditas, 3ª ed., p. 75). "A graça das tiranas e das *chimarritas*, singelas e ardentes, era compassada nos instrumentos". (Osório, Fogo Morto, p. 139). // Porque, não estando nas coxilhas, a escaramuçar, era certo encontrá-lo nos galpões a aprender com os peões tiranas e *chimarritas*..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 73). *Chimarrita*: romance de Donald Schüller, P. Alegre, Ed. Movimento, 1985.

CHIMARRITA², S.f. Canto popular tradicional ligado à dança do mesmo nome e por ela inspirado. **Bibliogr.** Ernani Braga, Cancioneiro Gaúcho, P. Alegre, Globo, 1940. "Depois, afinando a viola, motivava a *chimarrita*, o tatu, o pega-fogo..." (Fontoura, Nas Coxilhas, p. 10) "Neco Alves entoava baixinho quadras e quadras, décimas, tiranas, *chimarritas*..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 31). "Uns estavam tomando chimarrão; além diversos tocando gaita e viola, cantando a *chimarrita*, a tirana, o boi-barroso..." (Coutinho, A Gaúcha, p. 105). "Vamos à *chimarrita* mesmo! soltou Leocádio..." (Lothar Hessel, Brava Gente, p. 11).

Eu sento o meu cavalo. E ouço a grita
Com que entoam, longe, a *chimarrita*...

Múcio, Poesias, 1ª Vol., p. 323

Chimarrita diz que tem
Mais de um cavalo tostado.

Mentira da chimarrita
Tem só um zaino pelado!

Chimarrita quando nova
Uma noite me atentou.
Quando foi de madrugada
Deu de rédea e me deixou!

Tironeada da sorte
A chimarrita rodou.
Logo veio a crua morte
E as garras lhe botou!

Chimarrita morreu ontem
Até hoje eu tenho pena.
Na cova da chimarrita
Nasceu um pé de açucena!

Chimarrita morreu ontem
Até hoje eu tenho dó.
Na cova da chimarrita
Nasceu um pé de cidró!

Chimarrita, chimarrita,
Chimarrita, meu amor.
Por causa da chimarrita
Padeço que causo dor!

CHIMARRITA³. S.f. Bot. (V. Orelha-de-mula).

CHIMARRITA-BALÃO, S.f. Variante da chimarrita, muito popular principalmente nos Campos de Cima da Serra. "Reiniciou-se a *chimarrita-balão*." (Lessa, Os Guaxos, p. 346). Pl.: chimarritas-balões e chimarritas-balão.

Chimarrita

A CHI-MARRI-TA BA-LÃO AI! NÃO É PRATO-DOS DAN-ÇAR A CHI-MARRI-TA BA-

LÃO AI! NÃO É PRATO-DOS DAN-ÇAR É PRA QUEM TEM O PÉ LEVE AI MEU BEM PRA QUEM SABE SA-PA-

TEAR É PRA QUEM TEM O PÉ LEVE AI MEU BEM PRA QUEM SABE SA-PA-TEAR.

2. ATIREI NA SARACURA, AI!
MATEI O SARACURÃO. (bis)
E A SARACURA VOOU, AI MEU BEM!
FOI PARAR NO LAGOÃO. (bis)

3. CHIMARRITA MORREU ONTEM,
ONTEM MESMO SE ENTERROU (bis)
QUEM FALAR DA CHIMARRITA
LEVA O FIM QUE ELA LEVOU. (bis)



Chimarrita-balão-

CHIMARRONEADOR (De *chimarronear* + *dor*), S.m. (V. Chimarrista).

CHIMARRONEAR, V. int. (V. Chimarrrear). (Pres. ind.: chimarroneio, chimarroneias, chimarroneia, etc.).

Mas não despreza, compadre
O meu invite de amigo
Que eu já morro de saudades
De *chimarronear* contigo!

M. Pereira Fortes, Cantares da Minha Terra, p. 120

CHIMBÉ (Do guar. *ti-mbé*, nariz chato), Adj. 2 gên. Diz-se do animal que tem o focinho muito curto e amolgado. "Um cusquinho magro, *chimbé*, começou a latir..." (Reinnert, Um Velho Gaúcho, p. 114).

O Ruivo tinha um zaininho
Salgo, *chimbé*, petição
Que andava num estadão...

Zeca Blau, Trovas da Estância do Abandono, 2ª ed., p. 74

D

D, S.m. Fonema linguodental, explosivo sonoro, terceira consoante e quarta letra do alfabeto.

DABI, Biogr. (V. Bittencourt, Dario de).

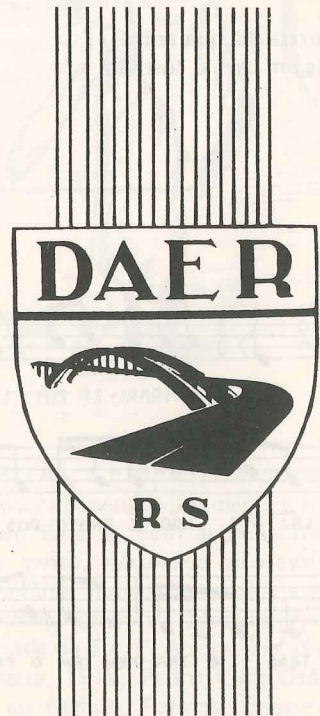
DACORSO NETO, César, Biogr. Agrônomo, engenheiro-civil, professor de álgebra e matemática santa-mariense, nascido em 1910. Lente por concurso do Colégio D. Pedro II do Rio.

DADO (Part. de *dar*, cf. o lat. *dare*), Adj. Usual; habitual; o de praxe; corrente; sabido de todos: *o dado da colônia é o milho*.

DADO D'ARLEQUIM, Biogr. (V. Alencastre, Mário Milton de).

DAE — Sigla do Departamento Aeroviário do Estado.

DAER — Sigla do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem do Rio Grande do Sul, criado em 11.08.1937 pela lei nº 750 e reorganizado em 11.02.1947 por Cylon Rosa, então interventor estadual.// Traduzida em algarismos, a situação da rede rodoviária gaúcha em 1937 era a seguinte em números redondos:



Vias coloniais 3.500 km
Estradas construídas (Todas em terra natural, salvo pequenos trechos empedrados ou ensai-brados) 500km.

Essa quilometragem pouco significava, todavia, em termos de transporte, pois compunha-se de malhas desarticuladas, com traçados deficientes e características primitivas, cuja superfície de rolamento não oferecia, via de regra, possibilidades de tráfego permanente. Abrindo sulcos horizontais, formando atoleiros, as chuvas exigiam constante e oneroso trabalho de conservação. Predominavam, a bem dizer, os caminhos vicinais, que permitiam apenas a circulação de carretas e outros veículos de tração animal.

Com o crescimento rápido do transporte automotor, viu-se o Governo na contingência de criar o DAER a fim de que esse órgão, devidamente aparelhado, pudesse substituir de modo vantajoso a Diretoria de Terras e Colonização no planejamento e na consecução da política rodoviária estadual.

A partir de 1938, com efeito, começaram a surgir estradas com bons traçados planialtimétricos e no último trintênio modernas vias de comunicações, algumas com chapas de rodagem solidamente revestidas.

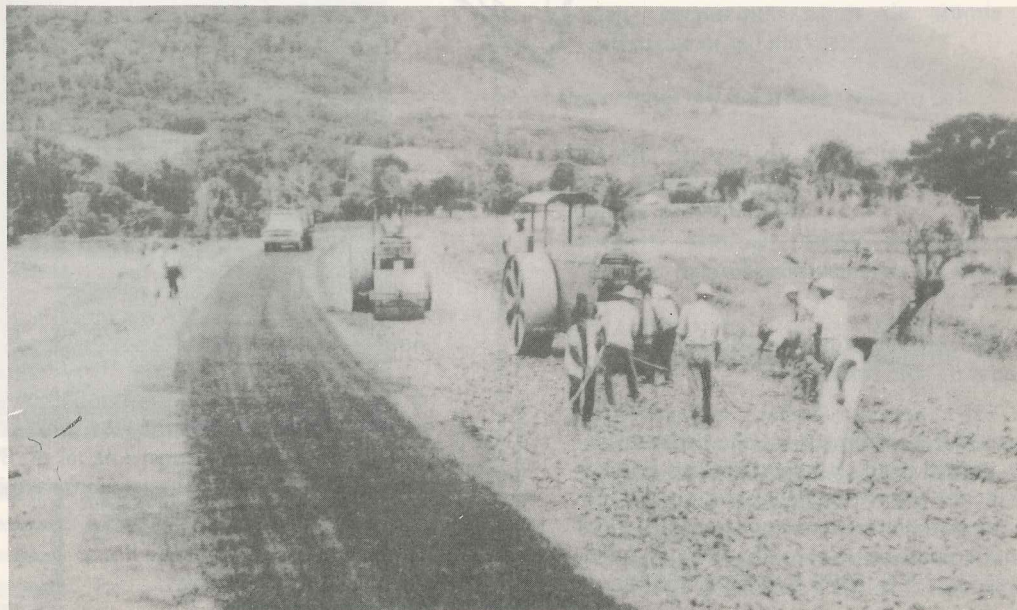
Assim, em fins de 1949, já existiam no estado 276 estações rodoviárias e 515 linhas de ônibus intermunicipais.

O desenvolvimento do tráfego motorizado fez com que o DAER, ampliando incessantemente o seu parque de máquinas, traçasse largos programas de trabalho e lograsse implantar, em tempo relativamente curto, cerca de 8000 km de novas rodovias de três categorias;

a) estradas pavimentadas;



Hoje, o DAER está presente em todos os rincões do estado



Trabalho de recapeamento



Distribuição geográfica das principais unidades de conservação de autarquia.

- b) estradas com revestimento primário;
- c) estradas de solo trabalhado.

Possui o DAER atualmente as chamadas unidades de conservação, subdivididas em capatazias; executa obras por delegação do DNER; possui departamentos técnicos especializados e magnífico parque de máquinas e equipamentos mecânicos. Em 1975 construiu 300 km de asfalto, isto é, a maior extensão pavimentada,

num só ano, na história da entidade.

O transporte coletivo intermunicipal de passageiros é prestado mediante concessão ou autorização, segundo o disposto na lei nº 3080 de 28.12.1956 e obedece basicamente a três critérios:

- 1) proibição de partilha de linha;
- 2) sistema de preferências;
- 3) restrições de itinerários.

DAGA, (Forma aferética de *adaga*), S.f. (V. Adaga).

DAHLKE, Elard, Biogr. Professor e escritor natural de Ijuí, nascido em 1934. Obras principais: *As Cabanas da Fonte*, romance Ijuí, Oficinas Gráficas de Michaelson & Cia., 1971) e *O Medo da Vovó*, conto Infantil, Ijuí, Tip. do Diário Serrano, 1971.

DAISSON, Augusto, Biogr. (1863-1927) — Jorna-

lista, musicista e escritor natural de São Jerônimo. Na capital, com Alarico Ribeiro, fundou o *Jornal do Estado*, foi colaborador do *Correio do Povo* e sócio fundador do IHG/RS, em 05.08.1921. Pseudônimo: Malaquias. Iniciais: A.D. Publicou *À Margem de Alguns Brasileirismos*, filologia, com prefácio de Zeferino Brasil, P. Alegre, Globo, 1925. **Bibliogr.** Carlos A. Reis, *Álbum do Rio Grande*, P. Alegre, 1905.

E

E (é), S.m. Quinta letra do alfabeto e vogal anterior, medial, oral. **Fon.** Na prolação popular gaúcha, via de regra, esse fonema: 1) alonga-se no ditongo *ei* quando seguido de *m*: *azeveim*; 2) absorve o *i* antes de palatal, no ditongo *ei*: *quêxo* (queixo); 3) transforma-se em *i* quando pretônico: *minino* (menino) ou quando átono final: *fonti* (fonte); 4) transforma-se também em *i* nas variações pronominais não acentuadas: *tí* (te).

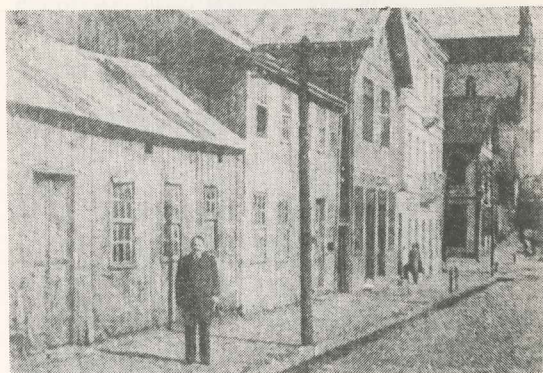
EBERLE, Abramo, Biogr. (1880-1945) — Artífice italiano, natural de Vicência. Vindo para o Rio Grande, como imigrante, instalou-se na cidade de Caxias do Sul com pequena funilaria que, expandindo-se rapidamente, não tardou a transformar-se em, 02.04.1896, grande estabelecimento industrial, fulcro da atual metalúrgica Abramo Eberle S.A. sociedade de capital aberto.



Abramo Eberle



**METALURGICA
ABRAMO EBERLE S.A.**



Cidade de Caxias do Sul: casa onde Abramo Eberle montou a sua funilaria. Foi transportada, em miniatura, para o alto do edifício sede da firma.

EBLING, Sônia, Biogr. Pintora e escultora taquariense, nascida em 1922. Prêmio de viagem ao estrangeiro, estudou em Paris com Zudkine. Exposições individuais em Berlim (1963) e Oldenburg (1964). Trabalha em barro, gesso, cimento, bronze e outros materiais, produzindo obras de grande beleza artística e originalidade.

EÇA, Biogr. (V. Sá Britto, Renato de).

EÇA DE OLIVEIRA, Biogr. (V. Brasil, Zeferino Antonio de Souza).

ECHANÉ, Hidrogr. Arroio afluente do Passo Fundo, pela margem esquerda (M. de Sarandi).

ECHANEZINHO, Hidrogr. Riacho que deságua no Echané, pela margem esquerda.

ECHENIQUE FILHO, Guilherme (1897-1983) — Agrônomo e pecuarista pelotense, com estágio de estudos na Universidade de Illinois. Filho de Guilherme Echenique e Silvana da Cunha Echenique. Professor de Zootecnia. Grande entusiasta dos cavalos crioulo e árabe. Presidente da Biblioteca Pública Pelotense durante quinze anos.

ECHENIQUE, Guilherme, Biogr. (1864-1947) — Empresário pelotense, fundador da Livraria Universal. Colaborador do *Diário Popular* de Pelotas. Publicou, entre outros, os seguintes trabalhos: *O Imposto sobre o Gado*, P. Alegre, Liv. Universal, 1908; *História do Teatro 7 de Abril de Pelotas*, Pelotas, Globo, 1934 e *A Família Echenique*, ensaio genealógico, São Paulo, Indústria Gráfica Cruzeiro do Sul, 1945. **Bibliogr.** Walter Spalding, Construtores do Rio Grande, 1ª Vol., P. Alegre, Liv. Sulina Editora, 1969.// Fundada em 1887 em Pelotas, a Livraria Universal exerceu notável influência no desenvolvimento intelectual e editorial do Estado. Coube-lhe lançar em 1912 os *Contos Gauchescos* de João Simões Lopes Neto.



Dentro do Parque: escultura de Sônia Ebling, atualmente na Agência do Banco do Brasil S.A. em Santiago do Chile.

ECHENIQUE, Silvio da Cunha, Biogr. Agrônomo, jornalista e escritor pelotense, nascido em 1898. Pseudônimo: André Cardo. Obras principais: *Bruaca*, adagiário gaúcho, com introdução de Augusto Meyer, Rio, Gráfica Editora Sousa, 1954 e *Fagulhas do meu Isqueiro*, contos regionais, Pelotas, Editora Hugo, 1963.

ÉCO (O), Impr. Órgão comercial, político e noticioso de Rio Grande, fundado em 27.07.1848 por José Maria Perry de Carvalho.

ÉCO DA SERRA, Impr. Mensário cruz-altense, fundado em 01.05.1934 por Armínio Domingues Filho. Formato de 33,5x47cm Quatro páginas.

ÉCO DE URUGUAIANA, Impr. Folha semanal, fundada em 29.07.1876.

ECO DO SUL, Impr. Órgão político e noticioso fundado em 12.02.1857 por Pedro Bernardino de Moura. Circulou em Jaguarão e a partir de 10 de outubro em Rio Grande.// Ao adquiri-lo, o dr. João de Miranda Ribeiro reformou-lhe a oficina, apresentando o periódico com feição gráfica totalmente nova em 01.01.1889.

ÉCO PORTO-ALEGRENSE, Impr. Órgão político, defensor vigoroso dos liberais, surgido em Porto Alegre a 03.06.1834, sob a direção de Silvano José Monteiro de Araújo. Desapareceu em junho de 1835. Primeiro jornal gaúcho a publicar-se três vezes por semana.

EDISON, Biogr. (V. Furtado, Murilo).

EDLER, João Antonio, Biogr. Engenheiro geógrafo, natural de Santo Ângelo, nascido em 1891. Prefeito de Santa Maria, representando o Partido Republicano Liberal. Autor de vários mapas do Rio Grande do Sul.



João Antonio Edler

EGE — Sigla da Entidade Getuliense de Estudantes, fundada em 01.05.1953.

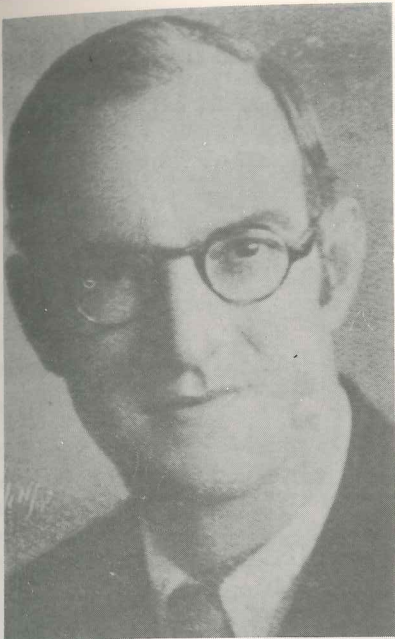
EGGERS, Roberto, Biogr. Musicista porto-alegrense, nascido em 1899. Compôs *A Noite de Natal*, poema sinfônico, *Farrapos*, ópera (1935), *Missões*, drama lírico e outras importantes obras.

EGMONT DE VILIERIS, Biogr. (V. Fontoura, Matheus Hoffmeister Borges da).

ÉGUA CHAIRADA, Expr. Diz-se da égua, cuja cauda se tosa e raspa para facilitar a ação do pastor.

EGUAÇO (De *égua + aço*), S.m. Égua de estampa vistosa e ótimas qualidades genéticas.

ÉGUA COBERTA, Expr. Égua fecundada, servida ou padreada.



Roberto Eggers

EGUADA (Do esp. plat. *yeguada*) S.f. Manada de éguas. "De vez em quando, na saída do verão, reunia-se a *eguada* xucra e encerrava-se num mangueirão, pra apartar as de cria, domar, vender..." (Darcy, No Galpão, 3ª ed., p. 137).

Passa o tempo em disparada,

correndo passam os anos
como potros haraganos
como *eguada* na coxilha...

Roberto Osório Junior, Horizontes do Pago, p. 98

ÊGUA MORTA, Hidrogr. Arroio tributário do Uruguai, pela margem esquerda.

EGUARIÇO (Do lat. *equaritiuc*, através do esp. plat. *yeguarizo*), S.m. Animal eqüino que anda em manada de éguas.

ÊH MANO, Interj. Denota surpresa, admiração ou espanto; o mesmo que êh puxa e êh puxa, mano. "*Êh mano*, gente entonada a daquelas bandas!" (A. Maya, Alma Bárbara, p. 86).

ÊH PUXA, Interj. (V. Êh-mano), "*Êh puxa!* Que o pingo é bom de boca!" (Fontoura, Nas Coxilhas, p. 186).

ÊH PUXA, MANO, Interj. (V. Êh-mano).

Êh puxa, mano! Parece
Que os sentimentos rodaram
As crenças se encurralaram
E o povo murcha o garrão
Estropeado e maceta!

Múcio, Poesias, 1ª Vol., p. 337

F

F, S.m. Sexta letra do alfabeto e consoante labiodental fricativa surda.

FAARGS — Sigla da Federação das Associações Apícolas do Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre, fundada em 20.06.1967 e presidida inicialmente por Bruno Schirmer.

FÁBIO FERREIRA FILHO, Biogr. (V. Ferreira, Gevaldino Rodrigues).

FAC — Sigla da Sociedade do Fraterno Auxílio Cristão, fundada na cidade de Carlos Barbosa, em 04.07.1965.

FACA-MARUJA, S.f. Antiga dança popular, em que o homem executava todos os passos com um facão na mão direita e um copo de bebida na outra. Pl.: facas-marujas.

FACÃO, Hidrogr. Arroio afluente do Piraçucê, pela margem esquerda.

FACÃO DE RASTO, Expr. Facão de folha larga, próprio para abrir picadas.

FACÃOZINHO, Hidrogr. Riacho que deságua no Facão, pela margem esquerda (M. de Getúlio Vargas).

FACEIRA (De *fac(e)* + *eira*), S.f. Cada uma das bochechas da rês.

FACEIRAÇO (Flexão aum. de faceiro, Adj. Casquilho; janota; que é dado a enfeitar-se. "Era um pardavasco sacudido, *faceiraço* e bem falante". (Alencastre, Azares das Revoluções, p. 37).

FACEIRAR-SE (De *faceiro* + *ar* + *se*), V. pr. Ostentar apuro no trajar; exibir-se elegantemente. "O doutor Manoel Lucas *faceirou-se*..." (Fontoura, Nas Coxilhas, p. 185).

FACEIRO (De *face* + *eiro*, cf. o lat. *facie*), Adj. Diz-se do eqüino brioso, que levanta e baixa o

pescoço garbosamente quando montado. "Desafeito à roseta, o cavalo, um baio-ruano *faceiro* e gordo, priscou..." (A. Maya, Tapera, p. 7). "Um bagual *faceiro* pra montar bem aperado, com um laço de doze braças nos tentos". (Brasil Dubal, Fronteira Inclemente, p. 157).

FACHEAR (De *facho* + *ear*), V.t.d. Pescar com facho, especialmente linguados.

FACHINELLI, Nelson Nilo, Biogr. Jornalista e escritor porto-alegrense, nascido em 1935. Membro efetivo de várias entidades culturais gaúchas, sobretudo na capital, onde integra os quadros das seguintes instituições: Casa do Poeta Rio-Grandense, Grêmio Literário Castro Alves e Academia Alceu Wamosy. Organizou as coletâneas intituladas *Trovadores do Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Liv. Sulina Editora, 1972, *Letras do Sul*, P. Alegre, Ed. Grafosul, 1981 e *Literatura Rio-Gradense-Poesia e Prosa*, P. Alegre, Ed. Proletra, 1985.

FACHO¹ (Do lat. *fasculo*, flexão dim. de *fax*, archote), S.m. Ato de espaiar; recreio; distração; passeio. "Os crioulos, além de roupa e arreios, ganhavam um cobrito aos domingos, para o *facho*..." (Severo, Visão do Pampa, p. 21). *Ir ao facho*: sair para divertir-se.

Lindo o dia. Dá cubiça
Pra um solteiro *ir ao facho!*

Zeca Blau, Poncho e Pala, p. 39

Que facho!, excl. Que figura!

FACHO², S.m. Tocha para a pesca noturna (no Litoral).

FACHUDAÇO (Flexão aum. de *fachudo*), Adj. Muito *fachudo*; atraente; sedutor. "Carga ou entrevero, sem as notas do clarim, é pior que baile sem gaita, desses que inté o chinaredo *fachudaço* fica desinfluído". (Acauan, Ronda Charrua, p. 98). "Nesses tempos atrevidos, de arremessos audazes e insaciáveis, era moço, *fachudaço*, gaudério..." (Cyro, Campo Fora, p. 41).

Pelo povinho onde passo
No meu trote *fachudaço*
É só chinoca às janelas...

Ramirez, Gauchescas, p. 48

FACHUDO (De *facho* + *udo*), Adj. Bem feito de rosto; de aspecto simpático; que dá na vista ou exerce fascínio. "E famílias, muita moçada *fachuda*, povaréu..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 179). "Ele safa todo *fachudo*, na estica, burlequeando pelos ranchos..." (Piá do

Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 65). "Era um indiozito forte, *fachudo*..." (Anita, As Andanças do Zeca Pedro, p. 79).

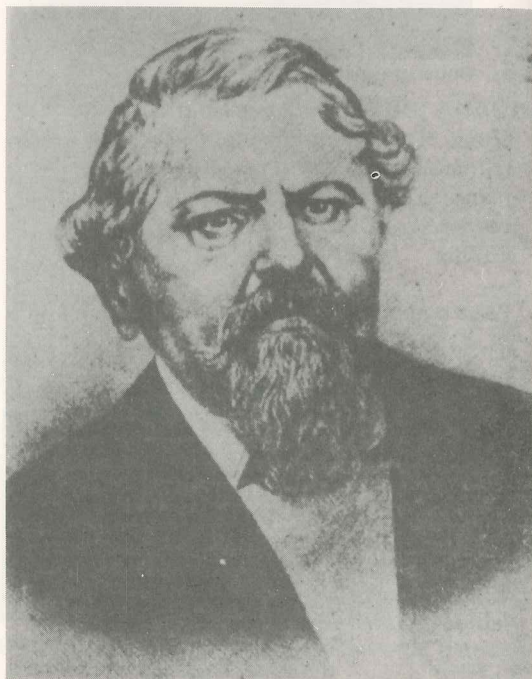
Setembro chegou *fachudo*
Como há tempos já não vinha...

Zeca Blau, Poncho e Pala, p. 67

FACILITÃO, Adj. Diz-se do indivíduo complacente, benévolo, amigo de transigir.

FACONEAR (De *facão* + *ear*), V.t.d. Desferir golpes (com o facão).

FACULDADE DE AGRONOMIA ELISEU MACIEL — Tradicional estabelecimento de educação profissional, o mais antigo do Brasil no gênero, inaugurado em 08.12.1883 e pertencente hoje à Universidade Federal de Pelotas.



Eliseu Antunes Maciel

FACULDADE DE DIREITO DE PORTO ALEGRE — Escola superior da UFRGS, fundada em 17.02.1900 graças ao empenho de Arthur Pinto da Rocha, Andrade Neves Neto, Alcides Cruz, Carlos Thompson Flores, Germano Hasslocher, Manoel Pacheco Prates, Marçal Pereira Escobar, Manoel dos Campos Cartier, Plínio Casado e outros.

FADERS — Sigla da Fundação de Atendimento ao Deficiente e ao Superdotado no Rio Grande do Sul, cujo estatuto foi aprovado pelo decreto estadual nº 32.759 de 03.03.1988.

F.A. Ferreira da Luz, Biogr. (V. Ferreira da Luz, Francisco Antunes).

**PRODUZIR MAIS
PRODUZIR MELHOR**



Cartaz de Nelson Boeira Faedrich
Pró-esforço de guerra do Brasil (1942)

FAEDRICH, Nelson Boeira, Biogr. Artista plástico gaúcho, notadamente no domínio do desenho, em que se notabilizou pela originalidade.



O Gaúcho — Nelson Boeira Faedrich

G

G, S.m. Sétima letra do alfabeto e consoante gatural antes de *a*, *o*, e *u*; e palatal antes de *e* e *i*

GABARDINE (*Do fr. gabardine*), S.f. Sobretudo com a lã do mesmo nome. "Já estava fazendo frio em certas horas e eu enfiara minha *gabardine*". (Reynaldo, *Romance no Rio Grande*, p. 94). "O chapéu desabado e a *gabardine* de gola levantada estão empapados." (Vergara, *Cadeiras na Calçada*, p. 153).

GABRIEL, Hidrogr. Riacho afluente do Coipu, pela margem direita.

GABRIELENSE, Adj. 2 gên. De São Gabriel; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município, também chamado *fronteirista*.

GACHO (*Do esp. gacho*), Adj. Pendente; abaixado; caído. "Não ficava redemoinhando, como nos rodeios, cabeças *gachas*, quartos fundos". (Martins, *Caminhos do Sul*, p. 241).

GACHO DAS CRUZES, Expr. (*V. Baixo das cruces*).

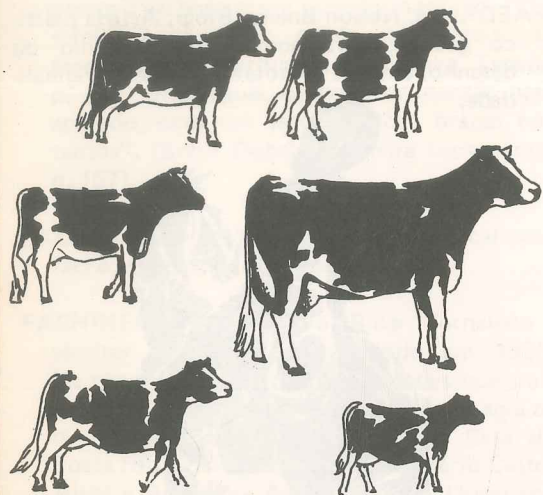
GACHO DE FRENTE, Expr. (*V. Baixo de diante*).

Nome pra cusco é presente;
Pala de seda é regalo;
Cavalo *gacho de frente*
Mão é pra guaxo tocá-lo...

Chico Ribeiro, *Filosofia Campeira*, p. 52



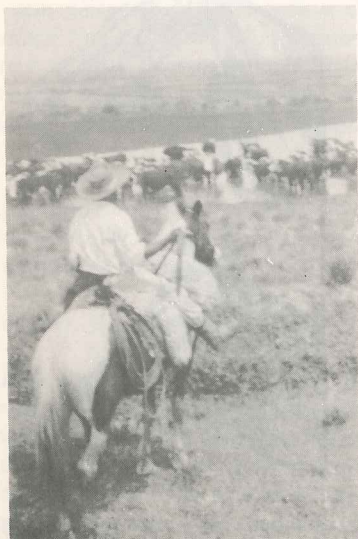
GACHO DE TRÁS, Expr. (*V. Baixo de trás*).



GADARIA (De *gad*, rebanho, raiz castelhana e esta do ár. *ganao*, riqueza, bem), S.f. O gado vacum, em sentido geral; as reses de uma fazenda. "Arames sarjavam por toda parte as terras dantes livremente percorridas pelas *gadarias* bagualas..." (A. Maya, Taoera, p. 96). "Há de ser tudo como lá, na Banda Oriental, onde vi carnear-se gente como *gadaria* nas charqueadas..." (Bello, Os Farrapos, p. 17). "A *gadaria* não se pode dizer que era alçada; quase toda orelhana, isso sim". (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 39). "Fomos seguindo o trilho estreito pelado no capim pelo casco da *gadaria*..." (V. Pires, Querência, p. 167). "Isto foi no tempo em que a *gadaria* xucra estendia tapetes de pelegos e de chifres nos campos abertos". (Donaldo Schüller, Chimarrita, p. 15).

Era tudo de primeira
nessa fazenda de cria:
casa, galpões e mangueira
e que enorme *gadaria*!

Roberto Osório Junior, Horizontes do
Pago, p. 52

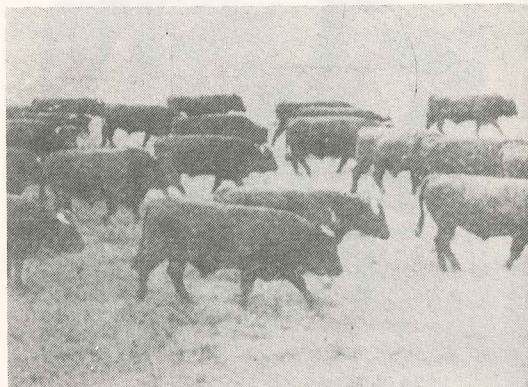


És açoiteira de trança fina
Para o reponte da *gadaria*...

Zeca Blau, Poncho e Pala, p. 65

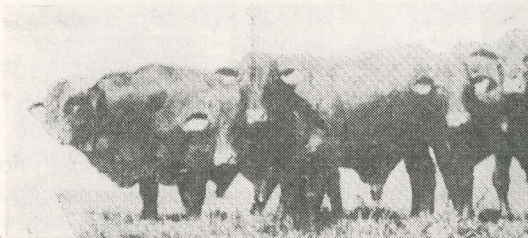
Levanta o pouso em São Francisco
Cruzando campos, rios e serranias
Volta depois das costas do Uruguai
A repontar xucas *gadarias*!...

Leiria, Rincões Perdidos, p. 83



GADELHUDO (De *gadelha* + *udo*, cf. o lat. *viticula*), Adj. (V. Clinudo).

GADINHOS, S.m. pl. Nome dado freqüentemente aos dedos dos pés. "Os teus *gadinhos* não estão mui contentes nas ringideiras, não Fredo?" (Severo, Visão do Pampa, p. 195).



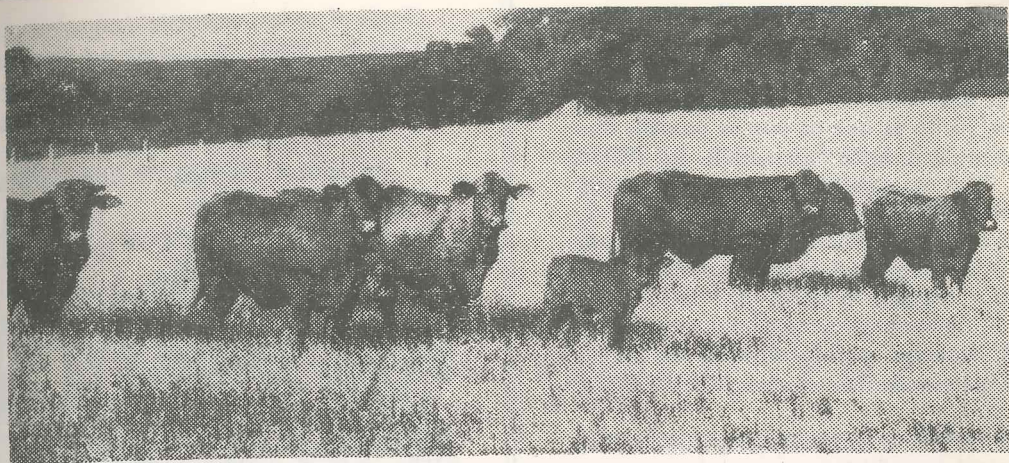
GADO DA PORTA, Expr. Animais vacuns que permanecem habitualmente nas cercanias das casas (nas estâncias). "O *gado da porta* reunia-se preguiçosamente..." (Fontoura, Rancho Grande, 3ª Série, p. 58).

GADO DE CORTE, Expr. Gado destinado ao abate. "Vou marcar um *gado de corte* amanhã..." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 34). "Apartar *gados de corte*, touros gordos, vacas gordas, pra a charqueada de Pelotas, era um regalo". (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 70).

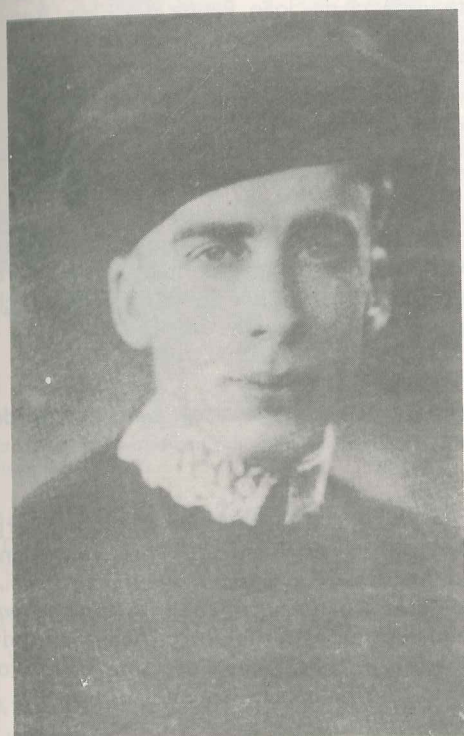
GADO DE CRIA, Expr. (V. Cria).

GADO DE CRUZA, Expr. (V. Cruza).

GADO DE INVERNAR, Expr. (V. Invernar). "Tropa se conduz em reponte; *gado de invernar* viaja cinco léguas por dia..." (Luiz Odilom, Entrevero de Causos, p. 197).



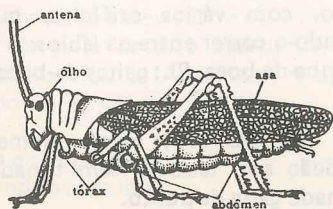
GADRET, Carlos Armando, Biogr. Advogado e magistrado pelotense, nascido em 1908. Bacharelou-se em 1936 em Porto Alegre.



Carlos Armando Gadret

GADRET, Maria Borba, Biogr. (1910-1933) — Escritora pelotense. Filha do Dr. Joaquim Gadret Filho. De parceria com sua irmã Maria escreveu *Vôos pela Literatura*, impressões de leituras, Bagé, Tip. Minerva, 1938.

GAEE — Sigla do Grupo de Arte Expressão Espírita de Pelotas, fundado em 01.09.1985.



GAFANHOTO (ô) (Do *gafa*), S.m. Alcinha do policial porto-alegrense nos fins do século XIX e começos do atual.

GAFANHOTO-CRIOULO, S.m. (V. Grilo). Pl. gafanhotos-crioulos.

GAFEIRA (De *gafa* + *eira* cf. o celta *gaf* gancho). S. f. Erupção pustulosa; tumor inflamatório na pele dos animais; afecção virulenta; escoriação maligna; ferida acompanhada de irritações cutâneas graves. "Estamo aturando um gringo palaciano, um garraio coberto de *gafeira*..." (Chicolomã, A Reforma P. Alegre, 09.08.1874).

Pois ninguém acreditava
Que um petiçote maceta
(Se bem que só de paleta)
Ganhasse aquela carreira.
— A sorte é como *gafeira*
Só dá em matungo sotreta!

Dino Dezidério, A Volta de Anton Chimango, p. 8

GAFEIRENTO (De *gafeira* + *ento*), Adj. Che de gafeiras (o animal).

GAGINO (Do esp. plat. *gallino*), Adj. e S. Diz-se do, ou galo de pernas curtas, cu plumagem lembra a da galinha; o mesmo que galo-galinha. "Atei duas pro domingo, com batarazinho e com o *gagino*." (Jacques Brigadianos, p. 30).

GAIA, José Júlio Dias de Souza, Biogr. (1900-1918) Poeta porto-alegrense. Assinatura usual: Julio Gaia. Autor da segunda parte do livro *Saudades e Tulipas*, P. Alegre, T. Esperança, 1922. **Bibliogr.** O Chiru, P. Alegre, 05.10.1918.

GAIOLA¹ (Do lat. *caveola*, com hiperbissmo S.f. Clausura de madeira para encerro resguardo de galos de rinha.

GAIOLA², S.f. Aparelho ascensor (nas minas de carvão).

GAIOLA³, S.f. Denominação dada aos carros elétricos, menores que os outros bondes, que durante muitos anos circularam em Porto Alegre. "Um dia o *gaiola* (o último só poderia ser *gaiola*) subiu a ladeira..." (Ney Gastal, C. do Povo, P. Alegre, 11.12.1971). "Passava um bonde Duque, um *gaiola*". (Scliar, Mês de Cães Danados, p. 126).

GAIOLA⁴, Hidrogr. Arroio afluente do Jaibé, pela margem esquerda.

GAIOLÃO (Flexão aum. de *gaiola*), S.m. Armação de madeira, maior que as gaiolas comuns, para o transporte de galos de rinha. "Nas horas vagas pregava *gaiolões*, *gaiolas* e *passadores*". (Jacques, Brigadianos, p. 28).

GAITA (Do gótico *gaits*), S.f. (V. Cordeona). "Se és índio entonado, se és taura, não venhas com chapetonadas, estica a *gaita*..." (Osório, Fogo Morto, p. 269). "Vários tocadores de viola e de *gaita* alternavam as suas marcas..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 173). "Nos intervalos, o tio



— Gaiteiro —

Alexandre rompia na *gaita* as marcas campeiras". (Darcy, No Galpão, 3ª ed., p. 84). "A *gaita* parecia escarcear com o pingo e os homens viam o animal bem monarca, cola atada..." (Martins, Fronteira Agreste, p. 194).

Desde aí andam de ameia
Cada qual sendo mais taita,
O Eliseu coçando a *gaita*
O Martim braceando o pinho!

Balbino, A Estância de Dom Sarmento, 2ª ed., p. 89

A *gaita* nunca se cansa
De tocar com o violão.
Que não te canses também
De agradar meu coração!

Tenho uma *gaita* nova
Que me dá o alimento.
Com ela disfarço a saudade
Quando tenho sentimento!

Gaita: poema de João Palma da Silva, Rancho Crioulo, p. 51; versos de Francisco Pereira Rodrigues, dedicados a Waldomiro Souza, Cincerros de Sol, p. 13; Poema de Augusto Meyer, Poesias, p. 50; *Gaita campeira*: poema de Hugo Ramirez, Gauchescas, p. 33. *Velha Gaita*: poema de M. Pereira Fortes, Cantares da Minha Terra, p. 57. *Abrir-se como fole de gaita velha*: desabafar; revelar (alguém) o que pensa ou sente; confidenciar; contar segredos. "E como fole de *gaita* velha foi-se abrindo". (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, 139).

GAITAÇO (De *gaita* + *aço*), S.m. (V. Cordeonaço).

GAITADA, S.f. Risada franca e ruidosa; gargalhada; riso estridente e mais ou menos prolongado. "E o Eusébio deu uma *gaitada*..." (V. Pires, Querência, p. 161). "Alegres *gaitadas* saudaram o estrupício..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 158). "Aí ela deu uma *gaitada* com gosto..." (Reinnert, Um Velho Gaúcho, p. 107).



GAITA-DE-BOCA, S.f. Pequeno instrumento de sopro, com vários orifícios, que se toca fazendo-o correr entre os lábios; o mesmo que *gaitinha-de-boca*. Pl.: *gaitas-de-boca*.

GAITA DE BOTÃO, Expr. Nome dado ao acordeão sem teclado, semi-tonado, também chamado *gaita de ponto*.

Criou-se ao pé do borralho
E lidando na mangueira,
Tendo como companheira
Uma *gaita de botão*...

Goulart, Sinuelo do Pampa, p. 22



Tocando gaita-de-boca: linoleogravura de Glênio Bianchetti (1953)

GAITA DE COLHER, Expr. Acordeão dotado de pequenas colheres que, mediante pressão dos dedos, fazem soar o instrumento.

GAITA DE DOIS CARREIROS, Expr. (V. Voz-trocada).

GAITA DE DUAS HILEIRAS, Expr. (V. Voz-trocada).

GAITA-DE-LÁ-PÉ, S.f. Antigo acordeão com 36 baixos, sem teclado, importado da Itália. Pl.: gaitas-de-lá-pé.

GAITA DE OITO, Expr. (V. Gaita de oito baixos).

GAITA DE OITO BAIXOS, Expr. Acordeão provido de apenas oito registros graves, também chamado abreviadamente oito baixos. "O som da *gaita de oito baixos* dançou na concha do ouvido". (Apparício, Viagem ao Tempo do Pai, p. 44).

Sou *gaita de oito baixos*
Sonorizando as coxilhas,

Sou cheiro de maçonilhas
Nas manhãs de primavera...

Pantaleão, Coletânea Gauchesca, p. 78

GAITA DE ORELHA, Expr. Harmônica antiga já quase em desuso.

GAITA DE PONTO, Expr. (V. Gaita de botão).

GAITA DE UM CARREIRO, Expr. Acordeão com apenas uma ordem de baixos.

GAITEAR (De *gaita* + *ear*), V.t.d. Tocar gaita.

GAITEIRO (De *gaita* + *eiro*), S.m. Indivíduo que toca gaita; acordeonista; sanfoneiro; o mesmo que gaitista. "O *gaiteiro* não se conteve: olhou ainda uma vez..." (Callage, Rincão, 2ª ed., p. 115). "Deste ao *gaiteiro*, cordeona amiga, uma vida feliz!" (Alencastre, Fantasias e Quadros Pampeanos, p. 19). "Criado no meio de domadores e campeiros, era domador como poucos, laçador seguro, certo no pealo, bom *gaiteiro*..." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 4). "No Alegrete, ali no Jacari, havia um *gaiteiro* macanudo". (Dornelles, Causos da Querência, p. 56). "O *gaiteiro*, sem mais convite, correu os dedos nas teclas, floreou..." (Dimas, Pelos Caminhos do Pago, p. 139).

Sempre puxava o meu facão primeiro,
Quando entrava disposto numa arruaça;
E no fandango, por qualquer cachaça,
Eu atorava a gaita do *gaiteiro*!

Alfredo, Coisas do Pago, p. 79

Toca essa gaita *gaiteiro*
Faz o teclado vibrar,
Que o *gaiteiro* apaixonado
Canta pra não chorar!

Chico Gaiteiro: poema de Heitor Saldanha, Casebre, p. 73. *Monumento ao Gaiteiro*: excelente trabalho em arenito, da autoria de Frei Oswaldo Stefani, existente na cidade de Bento Gonçalves.

Leve
o Rio Grande
no peito.



GAITINHA, S.f. Dobra, folho ou prega na chamada bota de foles ou bota de sanfona. "Na serra usam-se as chamadas "botas lajianas" com ou sem *gaitinhas* e quase sempre de cor marrom ou preta..." (Fagundes, Indumentária Gaúcha, p. 21).

GAITINHA-DE-BOCA, S.f. (V. Gaita-de-boca). "O Silvano toca a *gaitinha-de-boca*". (Vergara, A Luz nos Espera Sempre, p. 74). Pl.: gaitinhas-de-boca.

GAITISTA (*Degaita + ista*), S.m. (V. Gaiteiro).

GAIVOTÃO, S.m. Ornitol. Palmípede litorâneo, semelhante ao albatroz, da família dos larídeos. Grande voador. Branco, com penas pretas nas asas, que chegam a medir mais de quatro metros de envergadura. (*Larus dominicanus* Licht.).

GAIVOTA-RAPINEIRA, S.f. Ornitol. Ave oceânica de grande porte, caradriiforme. Plumagem de coloração parda com reflexos avermelhados ou ocráceos. (*Stercorarius parasiticus* L.). Pl.: gaivotas-rapineiras.

GAJETA (ê) (Do esp. plat. *galleta*), S.f. Bolacha dura ou ressequida. "Outros ficavam acocorados, esforçando-se por quebrarem nos dentes as *gajetas*..." (Wayne, Charqueada, p. 74). "Entre uma viagem e outra, das *gajetas* este moleque me comeu cem gramas..." (Heraclides, Onze Braças de Campo e Algumas Sobras, p. 104). "No ombro o machado e neste saco os avios de mate e umas *gajetas*". (Cyro, Gaúchos no Obelisco, p. 162). "Agarraram duas bolsas de *gajetas* e duas de pães, passaram para a jardineira..." (Herlein, As Três Marias, p. 17).

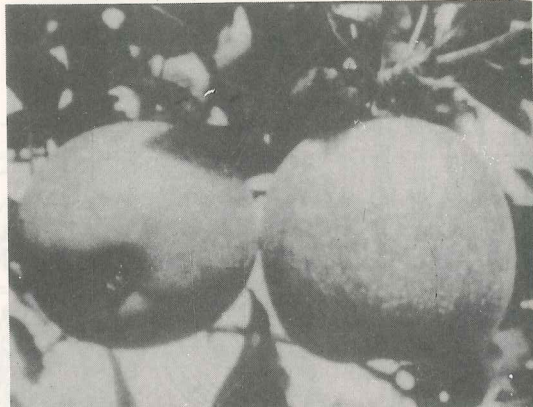
GAJETA-BURRA, S.f. Bolacha redonda, em geral caseira, feita exclusivamente de água e farinha de trigo. Pl.: gajetas-burras.

GAJO (Do coló *gachó* ou de *gaché*, palavra dos antigos ciganos espanhóis), Adj. Ufano; contente de si próprio; jubiloso. "O Nilo vinha bem montado, vinha no seu douradilho. *Gajo* como um índio". (Cyro, Paz nos Campos, p. 17).

GAJO-DE-TOPETE, S.m. Indivíduo corajoso, destemido. Pl.: gajos-de-topete.

GALÃO-LARGO, S.m. Militar de alta graduação. "E buenas, Venturoso, sou *galão-largo*, Coro-

nel deste exército..." (Gomes, Caminho Santiago, p. 71). Pl.: Galões-largos. "Aí, então, os dois *galões-largos* se contrapontearam outra vez". (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 183).



Maçãs: cultivar Gala tipo Standard

GALA (Do fr. antigo *gale*), S.f. Bot. Variedade de macieira tipo *Standard*, produtora de excelentes frutos.

GALAS (Do it. *gala*), S.f. pl. Pequenas manchas na gema do ovo, indício da fecundação.

GALDINO, Hidrogr. Arroio afluente do Sampaio, pela margem esquerda.

GALEGADA (De *galego + ada*), S.f. Multidão de galegos.

Contra a infame *galegada*
Ufanos, trabalharemos.
Triunfando nossas armas
Republicanos seremos!

GALEGO¹ (ê) (Do lat. *gallaecu*), Adj. e S.m. (V. Camelo). "Hei de lonquear aquele *galego* ordinário..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 136). "A lança do homem alumiava e abria claro nos *galegos*". (Othelo, Os Amores de Canabarro, p. 141). "Um *galego* entre os nossos oficiais?" (Lothar Hessel, Brava Gente, p. 177).

O farrroupilha é mui livre,
É denodado, é mui bravo,
É braço da liberdade
E o *galego* é vil escravo.

Apolinário, Cancioneiro da Revolução de 1835, p. 55

Tenho meu cavalo oveiro
Tosadinho a cogotilho,
Para correr os *galegos*
Como tropa de novinho!

Bento Gonçalves primeiro
General Neto segundo,
Fazem frente aos *galegos*
Em qualquer parte do mundo!

GALEGO (ê)², Biogr. (V. Souza Lobo, Paulo de).

GALEGUISMO (De *galego* + *ismo*), S.m. Sistema político, opinião, partido ou facção dos galegos.

GALEIRA, Hidrogr. Córrego tributário do Boici, pela margem esquerda (M. de Pinheiro Machado).

GALERA, S.f. Casa onde se cumpre a pena de prisão; cadeia (na Região Colonial Italiana).

GALERIA (Do baixo lat. *galilaea*, átrio de igreja), S.f. Espécie de compartimento, nas estufas, para secagem de fumo.

GALERIA REAL, Expr. Nome dado, nas minas de carvão, ao corredor mais extenso e importante.

GALETO AL MENA ROSTO, Expr. Preparação culinária de frango tenro, em pedaços pequenos, com toucinho e temperos, assados no espeto, em braseiro especial.

GALETO AL PRIMO CANTO, Expr. Espécie de churrasco de frango novo, em postas grandes, preparadas em grelha ou fogão.

GALETO ROSTO, Expr. Frango assado.

GALGO (Do lat. *galg*, contr. de *gall-ic-u*, cão esguio e pernalta), Adj. Esfomeado; sedento; desejoso de qualquer coisa; que tem grande apetite de comer ou urgência de alimento; o mesmo que galguincho.

GALGUINCHO (Da raiz *galgo*), Adj. (V. Galgo). "Mas o que é, é que estavam *galguinchos* pra pegar um inimigo..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 82).

GALHARAL (De *galho* + *r* + *al*, cf. o lat. vulgar *galleu*), S.m. Ramage densa de árvores ou arbustos. "A felpuda, perseguida, acoada, pinchou-se no *galharal* duma laranjeira-domato..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 116).

GALHAS-DE-COROA, S.f. pl. Bacteriose que ataca as rosáceas, produzindo-lhes tumores nos ramos e no colo.

GALHEIRO (De *galho* + *eiro*, cf. o lat. vulgar *galleu*), S.m. Zool. Ruminante da família dos cervídeos. Galhada de cinco a seis pontas. Pêlo vermelho-bruno. Peito e garganta esbranquiçados. Tem hábitos noturnos, prefere os matos alagadiços e vive em clãs de dois a cinco indivíduos. Alimenta-se de capins e juncos. Mede, em geral, 1,10cm de altura. "Era um novilho ligeiro. Corria mais que um *galheiro*".

(Apolinário, Paisagens, p. 18). "Os cachorros amontoados em cima não abriam claro para que se alvejasse o *galheiro*". (Canto e Mello, Relíquias da Memória, 2ª ed., p. 151).



Galheiro

GANOSO (ô) (De *gana* + *oso*, cf. o esp. *gana*), Adj. Que tem grande vontade ou desejo de satisfazer alguma coisa; extremamente ávido.

Ao divisar a casa na distância
Os fletes troteavam mais ligeiros
Ganosos de chegar também à estância.

Leiria, Rincões Perdidos, p. 43

Às vezes vem o patrão,
que está laçando o cavalo,
ganoso por dar um pealo
num terneiro, campo fora...

Roberto Osório Junior, Horizontes do Pago, p. 109

GANZÁ (Do quimbundo *nganza*, cabaça), S.m. Cilindro de folha-de-flandres fechado contendo grãos ou seixos, usado em batuques e outras cerimônias fetichistas, principalmente em Porto Alegre.

Ao bárbaro ruído soturno
Dos congos, *ganzás*, xequerês e agogôs...

Athos, Poemas da Minha Cidade, p. 110

GANZELÃO, S.m. Indivíduo ainda novo, mas de compleição física excepcionalmente avantajada; zangaralhão.

GARAMANA, Hidrogr. (V. Camargo²).

GARAMBÉU, Geogr. Povoado na Encosta do Sudeste (M. de Cerro Grande do Sul).

GARANHÃO (Do lat. bárbaro *waranio*, que deu *garagnon* na França e *garañon* na Espanha), S.m. Equino inteiro, padreador. "Abandonou

o *garanhão* lá com o zaininho..." (Freitas, *Gauchadas*, p. 127); (por ext.) indivíduo de grande poder genésico, libidinoso ou atirado a conquistas.

GARANTIR OPELEGO, Loc. verb. (V. Pelego¹).

GARAPA¹, S.f. Bot. (V. Grapiapunha).

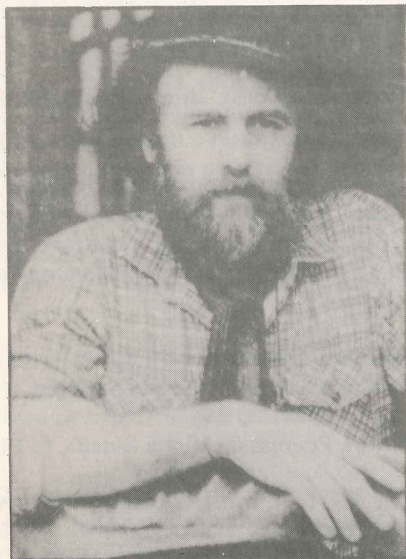
GARAPA², S.f. (V. Guarapa).

GARAPÓ, Hidrogr. Córrego que deságua no Lobato, pela margem esquerda (M. de Santa Maria).

GARATÉIA, S.f. Espécie de âncora usada por alguns tipos de embarcação no estuário do Guaíba.

GARÇA-AZUL, S.f. Ornitol. Ave aquática, ciconiforme, da família dos ardeídeos. Venal escuro. Bico possante. Cabeça com penas delicadas, soltas. Vôo pesado e lento. Alimenta-se de peixes, moluscos, antrópodes, vermes e pequenos amuros. O ninho, no alto das árvores, tem duas aberturas, através das quais, quando no choco, faz passar as longas pernas. (Florida caerulea L.). Pl.: garças-azuis.

Lá vem a garça voando
Co'as penas que Deus lhe deu
Com penas batendo penas
Mais penas padeço eu!



Irineu Garcia

GARÇA-GRANDE, S.f. Ornitol. Ave ciconiforme da família dos ardeídeos. Corpo completamente branco. Pernas pretas. Bico amarelo. Comprimento da asa: 40cm. (Casmerodius albus egretta Gmel.). Pl.: garças-grandes.

GARÇA-PEQUENA, S.f. Ornitol. Ave ciconiforme da família dos ardeídeos. Plumagem

geral branca. Bico preto. Comprimento da asa: 25cm. (Leucophyx thula Mol.). Pl.: garças-pequenas.

GARCÊS, Geogr. Lugarejo no 19º distrito, à margem direita do arroio do Noque (M. de Portão).

GARCIA, Irineu, Biogr. Artista plástico gaúcho. Dedicou-se especialmente à escultura, usando materiais clássicos e modernos. Ex-aluno do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, expõe com sucesso nas mostras anuais dessa instituição.

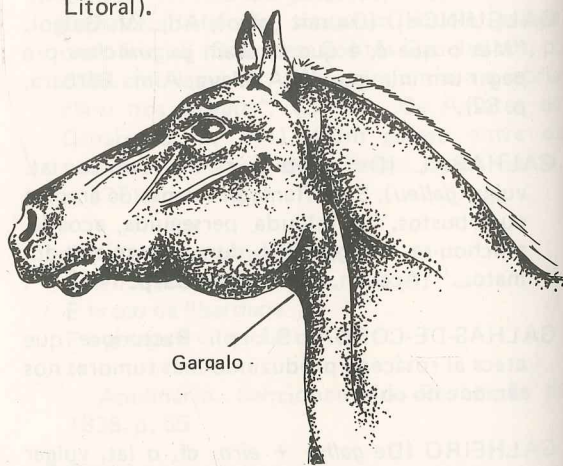
GARCIA, Theodoro de Souza, Biogr. Jornalista português. Em Pelotas fundou o *Correio Mercantil*, *A Discussão*, *A Pátria*, *O Progresso* e *O Progresso Literário*. Faleceu em 1917 na capital, onde foi redator da *Gazetinha*.

GARFEAR (De *garfo* + *ear*, cf. o lat. *graphiu*), V. int. Fugir; desaparecer (correndo); dar às de vila-diogo; escapar-se; o mesmo que garfear no tempo. "Súbito, o cavalo de um companheiro que se aprestava para a passagem estourou, assustado e *garfiou* com os arreios" (Antero, *Mensagem a Poucos*, p. 84).

GARFEAR NO TEMPO, Loc. verb. (V. Garfear).

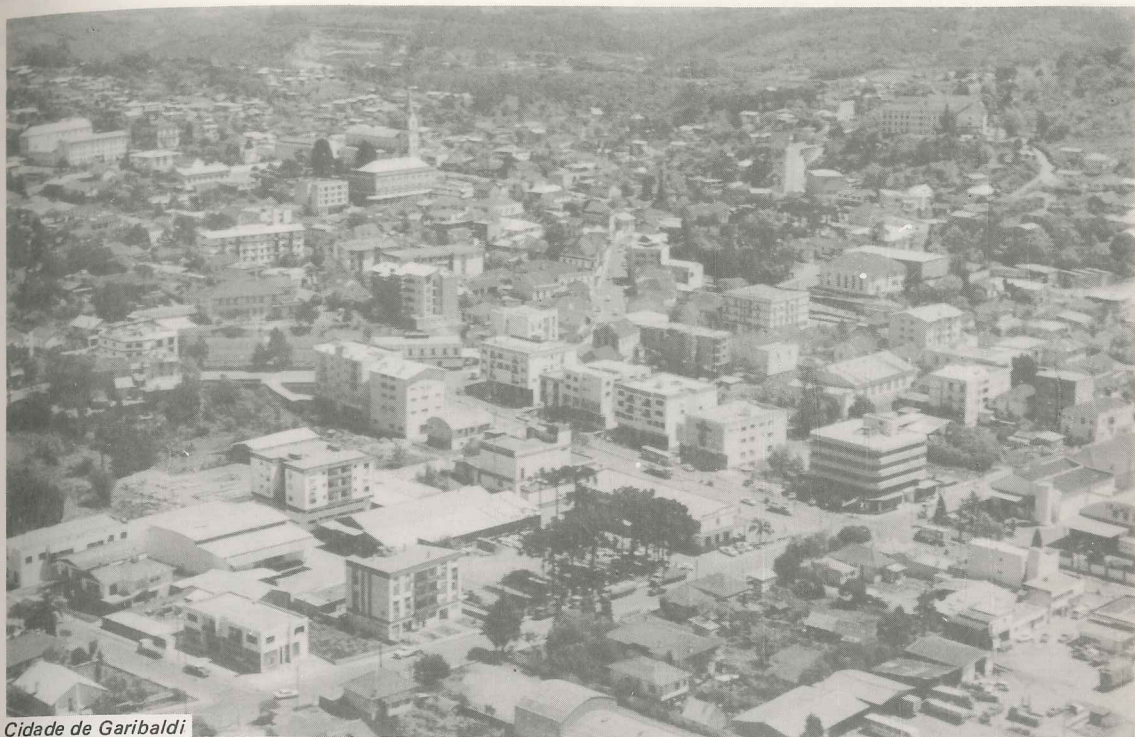
GARFO¹ (Do lat. *graphiu*), S.m. Nome dado freqüentemente à esposa. "Bueno, que se acabe! insistiui Neco; mas te previno que encurto os loros e afio os *garfos!*" (Severo, *Visão do Pampa*, p. 195).

GARFO², S.m. Tipo de fisga com três dentes (no Litoral).



GARGALO (De *garg*, raiz onomatopéica), S.m. Qualificativo dado com freqüência à goela ou garganta dos equinos.

GARGANTILHO (De *garganta* + *ilho*, cf. o gr. *garge* - reôn), Adj. e s.m. Diz-se do, ou animal cavalariço que tem manchas brancas na parte anterior do pescoço.



Cidade de Garibaldi



Igreja Matriz de São Pedro



Ermida de Nossa Senhora de Fátima

GARIBALDENSE, Adj. 2 gên. De Garibaldi; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município.

GARIBALDI¹, Geogr. Município da Encosta Superior do Nordeste, na zona da Colônia Alta. Data de criação: 24.05.1870. Área territorial: 354km². Padroeiro: São Pedro. População:

| | |
|-----------|--------|
| 1960..... | 19,328 |
| 1980..... | 23.041 |
| 1985..... | 25,713 |

15,611 eleitores em 1986. Solo de formação triássica, com afloramentos de basalto. A tabatinga de cor avermelhada, característica dos locais pedregosos, provém da decomposição de rochas eruptivas. Grandes parreirais (para vinho e mesa). Vitivinicultura e avicultura-

o *garanhão* lá com o zaininho..." (Freitas, Gauchadas, p. 127); (por ext.) indivíduo de grande poder genésico, libidinoso ou atirado a conquistas.

GARANTIROPELEGO, Loc. verb. (V. Pelego¹).

GARAPA¹, S.f. Bot. (V. Grapiapunha).

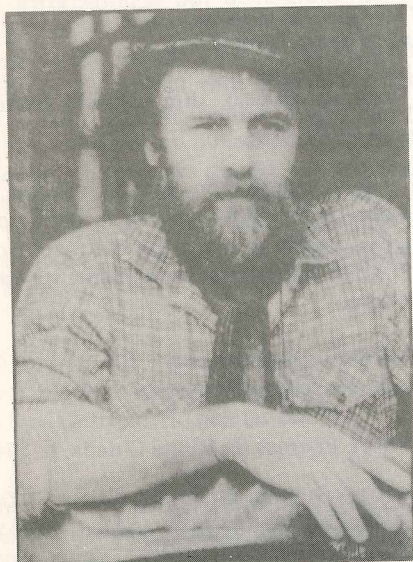
GARAPA², S.f. (V. Guarapa).

GARAPÓ, Hidrogr. Córrego que deságua no Lobato, pela margem esquerda (M. de Santa Maria).

GARATÉIA, S.f. Espécie de âncora usada por alguns tipos de embarcação no estuário do Guaíba.

GARÇA-AZUL, S.f. Ornitol. Ave aquática, ciconiforme, da família dos ardeídeos. Vental escuro. Bico possante. Cabeça com penas delicadas, soltas. Vôo pesado e lento. Alimenta-se de peixes, moluscos, antrópodes, vermes e pequenos amuros. O ninho, no alto das árvores, tem duas aberturas, através das quais, quando no choco, faz passar as longas pernas. (Florida caerulea L.). Pl.: garças-azuis.

Lá vem a garça voando
Co'as penas que Deus lhe deu
Com penas batendo penas
Mais penas padeço eu!



Irineu Garcia

GARÇA-GRANDE, S.f. Ornitol. Ave ciconiforme da família dos ardeídeos. Corpo completamente branco. Pernas pretas. Bico amarelo. Comprimento da asa: 40cm. (Casmerodius albus egretta Gmel.). Pl.: garças-grandes.

GARÇA-PEQUENA, S.f. Ornitol. Ave ciconiforme da família dos ardeídeos. Plumagem

geral branca. Bico preto. Comprimento da asa: 25cm. (Leucophyx thula Mol.). Pl.: garças-pequenas.

GARCÊS, Geogr. Lugarejo no 19 distrito, à margem direita do arroio do Noque (M. de Portão).

GARCIA, Irineu, Biogr. Artista plástico gaúcho. Dedicou-se especialmente à escultura, usando materiais clássicos e modernos. Ex-aluno do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, expõe com sucesso nas mostras anuais dessa instituição.

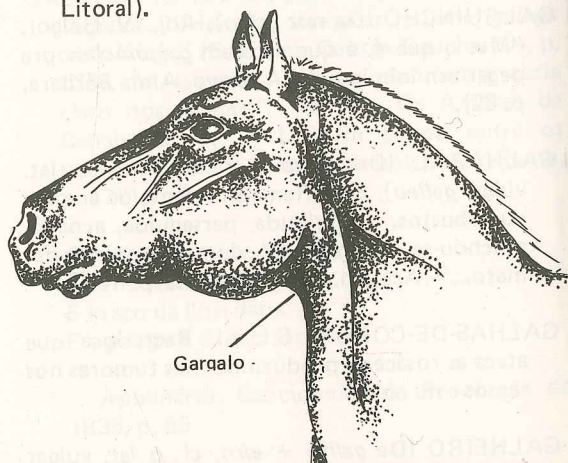
GARCIA, Theodoro de Souza, Biogr. Jornalista português. Em Pelotas fundou o *Correio Mercantil*, *A Discussão*, *A Pátria*, *O Progresso* e *O Progresso Literário*. Faleceu em 1917 na capital, onde foi redator da *Gazetinha*.

GARFEAR (De *garfo* + *ear*, cf. o lat. *graphiu*), V. int. Fugir; desaparecer (correndo); dar às de vila-diogo; escapar-se; o mesmo que garfear no tempo. "Súbito, o cavalo de um companheiro que se aprestava para a passagem estourou, assustado e *garfiou* com os arreios" (Antero, Mensagem a Poucos, p. 84).

GARFEAR NO TEMPO, Loc. verb. (V. Garfear).

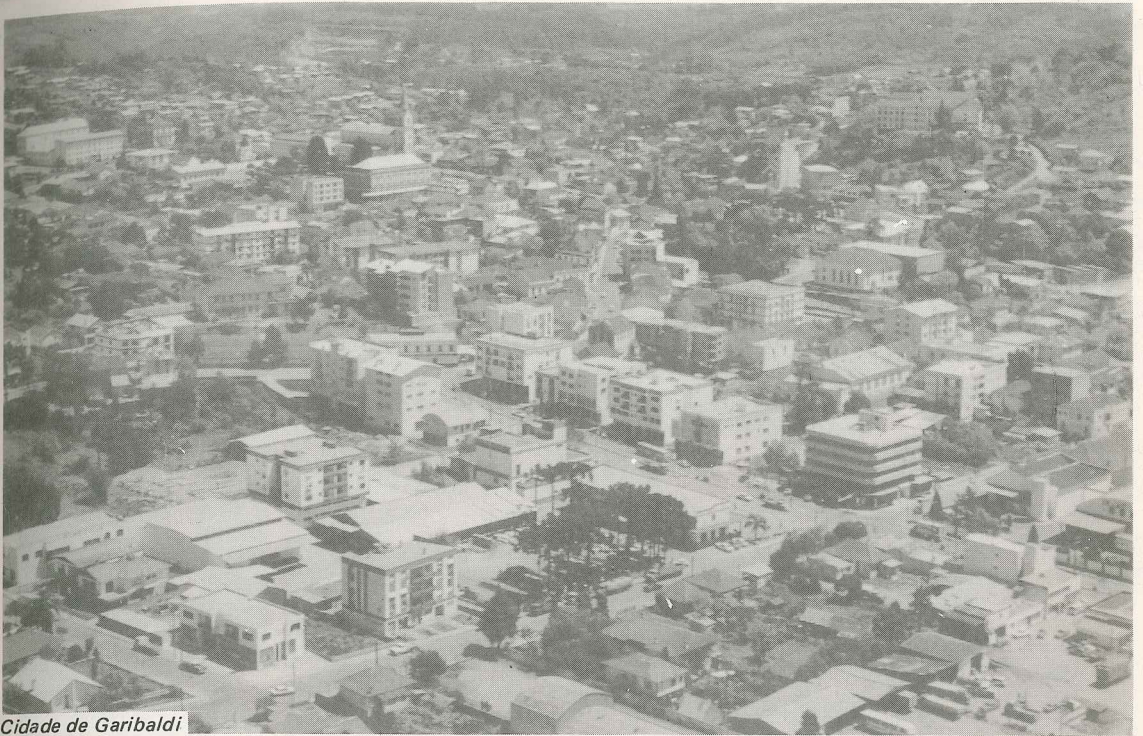
GARFO¹ (Do lat. *graphiu*), S.m. Nome dado freqüentemente à esposa. "Bueno, que se acabe! insistiu Neco; mas te previno que encurto os loros e afio os *garfos!*" (Severo, Visão do Pampa, p. 195).

GARFO², S.m. Tipo de fisga com três dentes (no Litoral).

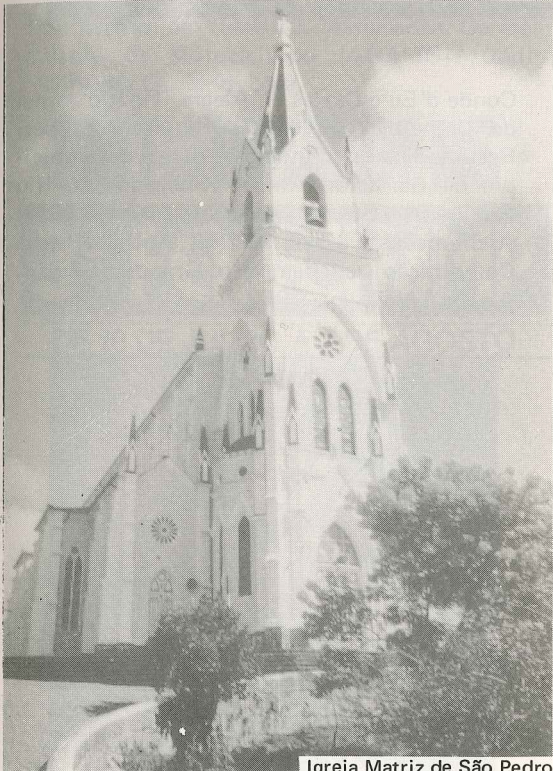


GARGALO (De *garg*, raiz onomatopéica), S.m. Qualificativo dado com freqüência à goela ou garganta dos eqüinos.

GARGANTILHO (De *garganta* + *ilho*, cf. o gr. *garge* - reõn), Adj. e s.m. Diz-se do, ou animal cavalariço que tem manchas brancas na parte anterior do pescoço.



Cidade de Garibaldi



Igreja Matriz de São Pedro



Ermida de Nossa Senhora de Fátima

GARIBALDENSE, Adj. 2 gên. De Garibaldi; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município.

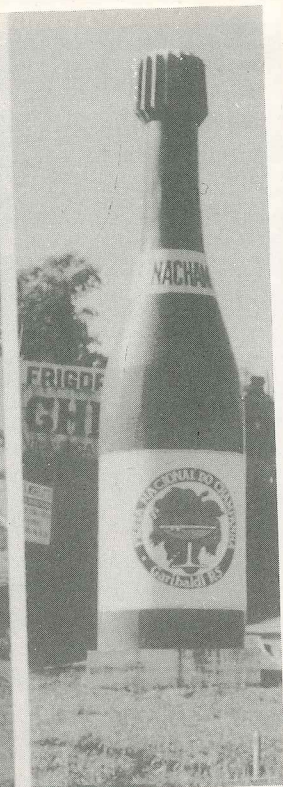
GARIBALDI¹, Geogr. Município da Encosta Superior do Nordeste, na zona da Colônia Alta. Data de criação: 24.05.1870. Área territorial: 354km². Padroeiro: São Pedro. População:

| | |
|-----------|--------|
| 1960..... | 19.328 |
| 1980..... | 23.041 |
| 1985..... | 25.713 |

15.611 eleitores em 1986. Solo de formação triássica, com afloramentos de basalto. A tabatinga de cor avermelhada, característica dos locais pedregosos, provém da decomposição de rochas eruptivas. Grandes parreirais (para vinho e mesa). Vitivinicultura e avicultu-



Cidade de Garibaldi: Parque da Fenachamp

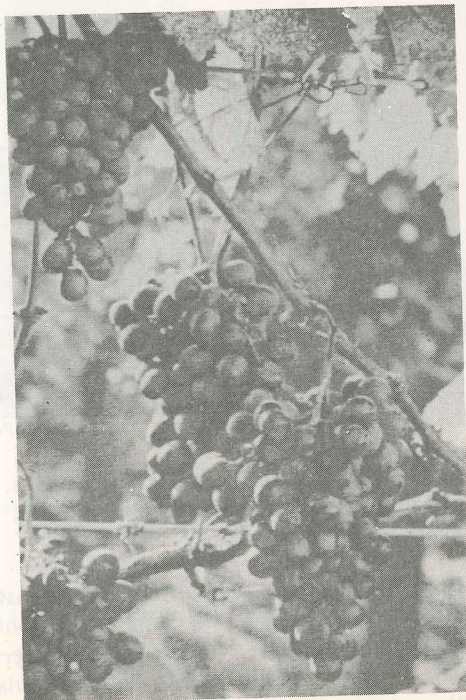


ra. Lavouras de milho, trigo, batata-inglesa e soja. Fruticultura. Criação de bovinos e suínos. Estação de Esqui Presidente Médici com pistas de polietileno e escorregador gigante tipo tobogã. Parque Municipal Santa Mônica.// A primeira família italiana a chegar a Garibaldi foi a de Cirilo Zambeni, ao qual se juntaram, em 1876, cerca de 700 imigrantes oriundos do Tirol Austríaco. O caminho natural de penetração desses colonos foi a Estrada Buarque de Macedo. **Bibliogr.** José Inácio Coimbra, Notícia sobre a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Rio, Imprensa Imperial de S.A. Sisson, 1877).

Conde d'Eu e Caxias, P. Alegre, Tip. do Jornal do Comércio, 1886); Teófilo Terra Lopes, Resumo Histórico e de Estatística do Município de Garibaldi, Anuário-Indicador do Rio Grande do Sul, P. Alegre, 7ª série, 1926; Archymedes Fortini. O 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul, P. Alegre, Liv. Sulina, 1952.



Antonio Cattaneo, Projeto do Tramway de S. João do Montenegro às Colônias D. Isabel,



GARIBALDI², Geogr. Cidade a 640 metros de altitude, servida pela ferrovia Carlos Barbosa-Bento Gonçalves, sede do município de Garibaldi. Paróquia em 24.04.1884. Nome anterior: Colônia Conde d'Eu. População:
 1960..... 8.552
 1980..... 13.591



Comarca de 2ª entrância. Cooperativa Vinícola Garibaldi Ltda. Hospital Beneficente São Pedro. União Garibaldense de Ensino e Assistência Social. Associação Garibaldense de Avicultura. CTG Sentinela da Serra. Escolas Estaduais de 1º Grau Carlos Gomes, João Machado Rosa, Dante Grossi, São Lourenço e São Marcos. Sociedade Bochófila Amizade. Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Sociedade Recreativa Cultural Santo Alexandre. Estabelecimento Vinícola Armando Peterlongo S.A. Parque da FENACHAMP, local de mostras de gado e rodeios crioulos. Subsecção da OAB/RS. Associação Garibaldense de Motociclismo (AGAMO). Rádio Difusora Garibaldi Ltda.

EM GARIBALDI-RS

3ª FENACHAMP

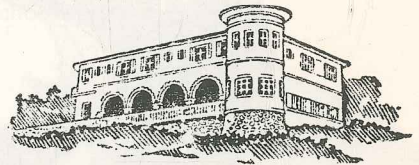
DE 10 DE JULHO A 2 DE AGOSTO



Pena Branca
Alimentos do Sul S.A.

98ª Zona eleitoral. Mosteiro da Ordem dos Capuchinhos, chegados em 18.01.1896, a convite do Bispo Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão. Cooperativa Regional Agrícola

do Sul Ltda. Clube de Tiro, Caça e Pesca fundado em 03.11.1956. Seminário São Boaventura. Associação de Assistência Social Rex Populi. Principais eventos turísticos: Festa Nacional do Champanha-FENACHAMP; Olimpíadas de Esqui; Festival Colonial de Gastronomia (fevereiro); Festa de N. Sra. de Lourdes (abril); Festa de N. Sra. de Fátima (13 de maio); Festival do Frango e do Vinho e Festa de São Pedro (junho); Semana Farroupilha (setembro); Semana do Município (25 a 31 de outubro) e Rodeio Crioulo Estadual (novembro).



Hotel Casacurta



O 3º Rodeio Crioulo Estadual de Garibaldi foi realizado nos dias 7, 8 e 9 de novembro de 1986.

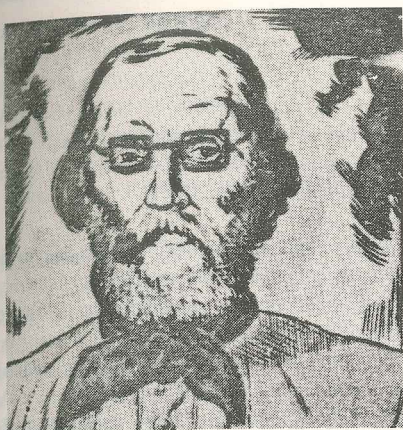
Garibaldi-Montenegro: rodovia estadual RS-99 com 66km, passando por Carlos Barbosa, Barão e Salvador do Sul.

GARIBALDI³, Geogr. Distrito na Encosta Superior do Nordeste (M. de Carlos Barbosa).

GARIBALDI⁴, Geogr. Vila, sede do distrito de Garibaldi.



GARIBALDI, José, Briogr. (1807-1882) — Patriota e guerreiro italiano, natural de Niza. Lutou ao lado dos Farrapos, cujos ideais libertários o empolgaram. **Bibliogr.** Lindolfo Collor, Garibaldi e a Guerra dos Farrapos, Rio, José Olympio Ed., 1938; Anselmo Amaral, Garibaldi Guerrilheiro da Liberdade, P. Alegre, Martins Livreiro — Editor, 1983.



Garibaldi

GARIBALDINA¹, Geogr. Distrito na Encosta Superior do Nordeste. Data de criação: 08.07.1960 (M. de Garibaldi). População: 1960..... 977 1980..... 1.412

GARIBALDINA², Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome.

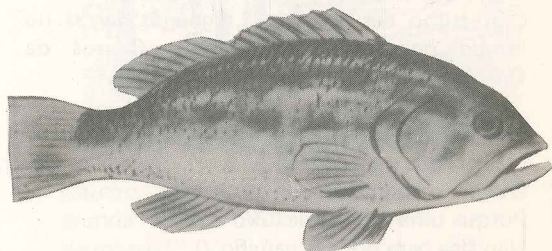
GARIBALDI, Sady, Biogr. Jornalista e escritor natural de Rosário do Sul, nascido em 1900. Na cidade de Rio Grande foi colaborador do *Eco do Sul* e diretor da revista *A Semana Elegante*, com Carlos Fuão. Colaborador da *Ilustração Pelotense* e da *Kodak*. No Rio colaborou ativamente na *Ilustração Brasileira*, no *Dom Casmurro* e em outros jornais e periódicos.

GAROLA, S.f. Aparelho usado nas cantinas para retirar as uvas dos cachos.

GAROTINHO, S.m. Ornitol. Ave pequena da família dos caradrídeos. Bico muito longo. Dedos livres.

GAROTO (O), Impr. Revista ilustrada porto-alegrense, fundada em 16.01.1926, sob a direção de Mem de Sá.

GAROUPA-CRIOULA, S.f. Ictiol. Peixe teleósteo, percomorfo, da família dos serranídeos, encontrado em determinadas épocas no Litoral gaúcho. Pl.: garoupas-crioulas.



GARRA¹ (Do antigo alto al. *harfan*, arrancar. Ou do provençal *garra*, através do basco), S.f. Lã tirada das patas, cabeça e cavidade abdominal dos ovinos; o mesmo que lã de garra. "De garra e meia-bolsa, mas bem socada, que o negro Adão é o meu embolsador..." (Heraclides, *Onze Braças de Campo e Algumas Sobras*, p. 118).

GARRA², S.f. Designação dada ao couro dos membros e da barriga.



Garibaldi: paisagem rural e cascata Malvessi

GARRA³, S.f. Tira de couro com furo usada no castigo denominado estaqueamento.

GARRA⁴, S.f. Implemento de montaria, feito de couro, especialmente o malfeito ou grosseiramente aparelhado. "E começava o seu dia acariciando o pingo, cuidando das *garras*..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 31). "Apeei-me no galpão, arrumei as *garras* e soltei o pingo, que se rebolcou na grama". (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 23). "Que gosto botar as *garras* num pingo desses!" (Severo, Visão do Pampa, p. 20). "Puxei o lobuno que estava no piquete, passei-lhe as *garras* e toquei". (Darcy, No Galpão, 3ª ed., p. 165). "Apresilhou o cabrestilho das esporas. Largou as *garras* no lombo do pingo". (Dornelles, Causos da Querência, p. 37).

Meu patrão, eu topo a banca,
Mas prefiro uma potranca
Que tenha bom caracu,
Porque uma prenda de luxo
Não fica bem pro um gaúcho
De *garras* de couro cru!

Adail, A Voz do Pago, p. 34

A noite sacode as *garras*
com a cincha nas virilhas
e some escoiceando as barras
do dia sobre as coxilhas.

Retamozo, Canto de Amor a São Borja, p. 21

Baixar as garras: desencilhar. "Dom Suarez, mal chegou ao rancho, *baixou as garras* e largou o cavalo..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 166). *Resvalar as garras*: o mesmo que baixar as garras. "É *resvalar as garras* e botar tiro e parada". (Severo, Visão do Pampa, p. 25). *Ser garra velha*: ser coisa de pouca importância, de escasso valor, vã ou dispicienda. *Vender garra*: o mesmo que vender arreios.

É bom cavalo de campo
O lobuno candongueiro
Tem por manha *vender garra*
E disparar de matreiro!

Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2ª ed., p. 149

GARRACHENTO, Adj. Espinhento; cheio de acúleos ou excreções agudas. "Campo fora, o rosilho atirou-se no trote descompassado de bagual, corcoveando pela baixada ericada de moitas *garrachentas*..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 169).

GARRAFADA (De *garrafa* + *ada*, cf. o ár. *garrāfā*), S.f. Beberagem veterinária.

GARRAFÃO, S.m. Medida de capacidade equivalente a quatro litros.

GARRAIADA (De *garraio* + *ada*), S.f. Porção ou grande quantidade de garraios. "Trouxe uma *garraiada* leviana". (Aureliano, Memórias do Coronel Falcão, p. 163).

GARRAIO, Adj. Ruim; de qualidade inferior; chinfrim; que não tem grande préstimo; que não satisfaz ao fim desejado; o mesmo que garrano. "Estamos aturando um gringo palaciano, um *garraio* coberto de gafeira..." (Chicolomã, A Reforma, P. Alegre, 09.08.1874). "Desci a serra medonha do rio das Antas; mas pelo fastio que sofri e o cansaço emagreci como qualquer matungo *garraio*". (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 189). "Depois trepou de novo em si, tirou o chapéu, puxou um naco de fumo *garraio*..." (Odilon, Causos do João Maria, p. 18).

GARRANO, Adj. (V. Garraio). "O Piroga inventou tudo para judiar com o *garrano*". (Acauan, Ronda Charrua, p. 118).

GARRÃO¹ (De *garr*, unha, raiz de origem desconhecida, que deu *garrón* no aragonês), S.m. O curvejão do animal cavalariço; o mesmo que pulo-do-gato; (por ext.) o jarrete dos quadrúpedes em geral e o tendão humano, a parte posterior do pé. "Corre por aí que o Berlink, o Koseritz e o Paula de Bittencourt saíram como novinhos lunancos com o rabo aparado no *garrão*". (Maneco Russo, Cartas ao Primo Chico, A Reforma, P. Alegre, 06.04.1873). "Ficava o nervo do *garrão* arrocado pelo ligar..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 87). "O guaipeca negaceou o *garrão*..." (Fontoura, Nas Coxilhas, p. 55). "Num prisco a torenada se enfileirou, os fletos relincharam escarceando e retezando os *garrões*..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 81). "Trazia uma fita branca no cabelo e o vestido de maria-mijona caindo até o *garrão*". (Jacques, Brigadianos, p. 41). "Bota de tropeiro em dia de chuva se calça com um sebito no *garrão*". (Dornelles, Causos da Querência, p. 87).



Garrões

Se o quebra corcoveador
Cavocava campo fora,
De *garrão* limpo ou de espora
Eu jogava o mango fora
Pra florear, com o tirador!

Zeca Blau, Poncho e Pala, p. 26

Comp. Encardido como garrão de negro. *Afrouxar o garrão*: ceder; perder as forças, a coragem; contemporizar; perder gradualmente em vigor; descair; moderar (o zelo, a atividade); arrefecer; revelar falta de ânimo; deixar de resistir; dar-se por vencido; não dar seguimento a. "O Chico Tropeiro, torena rijo, nesse dia *afrouxou o garrão...*" (Acauan, Ronda Charrua, p. 192). "Corremos longe dele até aquele repecho brabo. Ali os cavalos *afrouxaram o garrão.*" (V. Pires, Querência, p. 122). "Eu esperava que ele *afrouxasse o garrão!*" (Odilon, Causos do João Maria, p. 63). // Var.: afloxar o garrão. "Aí, caboclo! Não *afloxa o garrão!*" (Callage, Terra Gaúcha, 2ª ed., p. 81). *Bota de Garrão*: versos de Jayme Caetano Braun, com prefácio de Mozart Pereira Soares e capa de Gerson Lima, P. Alegre, Editora Sulina, 1979. *Espichar o garrão*: morrer. *Juntar os garrões*: o mesmo que espichar o garrão. *Sentar no garrão*: estacar subitamente (o animal). *Ter garrão duro*: ter vigor, resistência, valia, eficácia.

Na cancha reta da trova
Têm garrão duro os chirus,
Baixam de quinze no freio...

Zeca Blau, Ronda dos Poetas Crioulos, p. 12

Trançar ou trocar os garrões: cambalear. "O gado de cria merma dentro do couro e se movimenta *trocando os garrões...*" (Echenique, C. do Povo, Supl. Rural, P. Alegre, 01.09.1967). *Adag*. A espora sempre procura o garrão.

GARRÃO², S.m. (V. Osso).

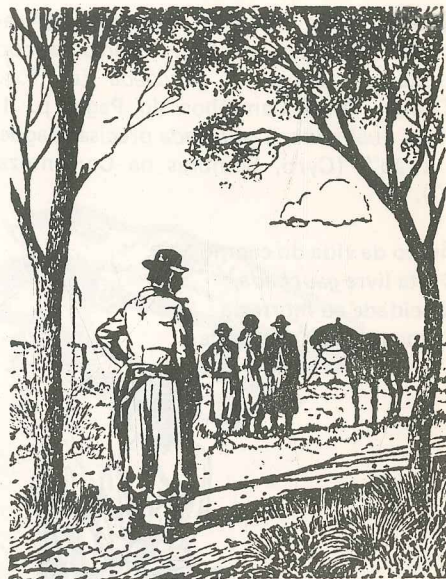
Alço o *garrão*, dou van tagem,
se alguém me copa estradulo

Apparício, Viola de Canto Largo, 3ª ed., p. 14

GARRAS, S.f. pl. Parte do ferro de marcar, à qual se prende o desenho.

GATURAMO-CASCAIS, S.m. Ornitol. Ave passeriforme, bastante vivaz, frugívora, da família dos traupídeos. Corpo pequeno. Canto prolongado, forte, mas pouco variado. Pl.: gaturamos-cascais.

GAUCHAÇO (a-u) (Flexão aum. sintética de



gaúcho, com o sufixo *aço*), S.m. Gaúcho de grande valor. "Êta lo homem alegre! E *gauchaço!*" (V. Pires, Querência, p. 88).

Quero ver esses *gauchaços*
Se são mesmo coronilhas,
Não em pealos de cucharra
Mas de umas quantas rodilhas!

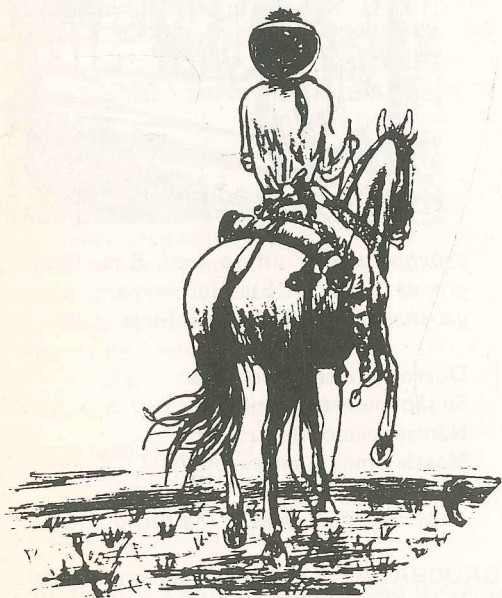
M. Pereira Fortes, A Marcação, p. 54

GAUCHADA¹ (a-u) (De *gaúcho* + *ada*), S.f. Dito, ato ou procedimento próprio de gaúcho. "Todo o domador de ofício se cuida — disse Martinho — não gineteia atoa, por *gauchada...*" (Severo, Visão do Pampa, pp. 15-16). "Por sorte pisou na orelha do flete. Sim, por sorte, porque aquilo não foi *gauchada*". (Cyro, Paz nos Campos, p. 51). *Gauchada*: soneto de Evandro Ribeiro, Flores Murchas, p. 152. *Gauchadas*: poema de Joaquim José Teixeira de Azevedo Junior, O Lutador, São Lourenço do Sul, 24.03.1901; poema de Múcio Teixeira, dedicado a José Bernardino dos Santos, Poesias, 1ª Vol. p. 338. *Gauchadas do Candinho Bicharedo*: contos de Urbano Lago Villela, Rio, Irmãos Pongetti Editores, 1961. *Gauchadas e Gauchismos*: versos regionalistas de Piá do Sul, Tours, França, Tip. Arrault & Cia., 1920.

GAUCHADA² (a-u), S.f. Grande número ou multidão de gaúchos; os gaúchos considerados coletivamente; gauchagem, "Quando foi ao: três dias da lua nova a estância estava apinhada de *gauchada*." (S. Lopes, Contos Gauchescos p. 85). "Era *gauchada* recém-bandeada pra os legais..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 81). "Era seu prazer e mais que isso era seu destino estar ao lado da *gauchada* sacudida..." (Callage Quero-Quero, p. 65). "No seu tostado resso lhador, levando a sua gente, *gauchada* macota

correrá quase todo o estado..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 83). "Feito o rodeio, escalada a ronda, a *gauchada* fez fogo..." (Dimas, Pelos Caminhos do Pago, p. 113). "Mas qual nada, a *gauchada* precisava agüentar o tirão". (Cyro, Sombras na Correnteza, p. 20).

Gosto da vida do campo
Desta livre *gauchada*,
Na cidade eu morreria
Comendo carne cansada!



GAUCHAGEM (a-u) (Do esp. plat. *gauchaje*), S.f. (V. *Gauchada*²). "Quanta *gauchagem* leviana aparecia, encostava-se". (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 162).

GAUCHÃO (a-u) (Flexão aum. de *gaúcho*), S.m. (V. *Gauchação*). "Lá mais adiante — estás vendo? — naquele arvoredado, bem na boca da coxilha, morava o seu Anselmo Lopes, homem buenacho, de círculo grande, *gauchão*..." (Cyro, Enquanto as Águas Correm, p. 24). "Grandes *gauchões* de Santo Antonio da Patrulha..." (Aureliano, Memórias do Coronel Falcão, p. 85).

GAUCHAR (a-u) (De *gaúcho* + *ar*), V. int. Agir como gaúcho. "Júlio convidou os companheiros a darem uma volta, a *gaucharem* por aí..." (Severo, Visão do Pampa, p. 33). "Gostava de *gauchar*, montando cavalo de cola atada..." (Kroeff, Imagens do meu Rio Grande, p. 18).

GAUCHARIA (a-u) (De *gaúcho* + *aria*), S.f. (V. *Gauchada*²).

GAUCHERIA (a-u) (De *gaúcho* + *eria*), S.f. Qualidade, modos, hábitos, mentalidade de gaúcho. "Algum desgosto? Não creio. Amor à liberdade. ao primitivo...*Gaucheria*..." (A.

Maya, Alma Bárbara, p. 66). "Era uma dessas figuras guascas das boas *gauchérias*. Sempre de pingo lustroso, garras chapeadas..." (Severo, Visão do Pampa, pp. 15-16).

GAUCHESCO (a-u...ê) (Do esp. plat. *gauchesco*), Adj. Que pertence ou diz respeito aos gaúchos; próprio dos gaúchos. **Fon.** Os vocábulos terminados em *esco*, *esca* são invariavelmente fechados. "E pela memória, rápido, passaram as histórias *gauchescas*, heróicas..." (Fontoura, Umbu, 2ª Série, p. 33). "Eram argumentos *gauchescos*, da velha *gaucheria*, ditos, ouvidos e repetidos nos fogões..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 28). "A tirada *gauchasca* fez o patrão sorrir, quase desarmado". (Lessa, Os Guaxos, p. 107).

Tirador velho curtido
Manchado de sangue fresco
Meu avental *gauchesco*
Que apressilho pacholento
És o rude paramento
Do meu ritual camponês!

Braun, De Fogão em Fogão, p. 69

As Mais Belas Poesias Gauchescas: seleção e notas de Lúfz Carlos Barbosa Lessa, P. Alegre, Tip. Goldman, 1951. *A Poesia Gauchasca*: ensaio de Eurico Rodrigues, Almanaque do Globo, P. Alegre, 1925. *Coletânea Gauchasca*: versos de João Pantaleão Gonçalves Leite, Passo Fundo, Gráfica Editora Berthier, 1983. *Contos Gauchescos*: obra clássica de João Simões Lopes Neto, Pelotas, Echenique & Cia. Editores, 1912. *Estudos Gauchescos de Literatura e Folclore*, ensaio de Sílvio Júlio, Petrópolis, Artes Gráficas Impressora, 1953. *Gauchescas*: versos regionalistas de Hugo Ramirez, Uruguiana, Liv. Novidade, 1957. *Romanceria Gauchasca*: roteiro poético de Ramiro Frota Barcellos, São Leopoldo, Editora Rottermund, 1966.

GAUCHICE (a-u) (De *gaúcho* + *ice*) S.f. Ato, dito, maneira de gaúcho. "Fiado nas forças do baio e por pura *gauchice*, o Lelo não tirava a roupa..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 152).

GAUCHIDADE (a-u) (De *gaúcho* + *idade*), Propriedade distintiva do gaúcho e do Rio Grande do Sul; *gauchismo*².

GAUCHINHA (a-u) (Flexão dim. de *gaúcha*), S.f. Canção popular tradicional, cuja letra mais difundida é a seguinte:

Gauchinha, gauchinha
Tem pena de minha dor
Eu te peço, queridinha,
Um pouquinho só de amor!



Arte gauchesca: trabalho de José Lutzenberger

Quando vem rompendo a aurora
A passarada lá fora
Principia a gorgear,
Vendo teus cabelos soltos
Que o vento leva revoltos
Como as ondas em alto mar!

Gauchinha, gauchinha
Etc.

GAUCHINHO¹ (a-u) (Flexão dim. de gaúcho),
S.m. (V. Gauchito).

GAUCHINHO² (a-u), Hidrogr. Arroio afluente
do rio dos Sinos, pela margem direita (M. de
Novo Hamburgo).

GAUCHINHO³, Biogr. (V. Herlein, Natálio)



Cidade de Porto Alegre: Gaúcho Oriental, Escultura de Escalada,

GAUCHISMO¹ (a-u) (De *gaúcho* + *ismo*), S.m. Palavra, locução ou construção peculiar ao gaúcho. "Nas bodegas, nas canchas de osso, nos lugares ilfcitos, os *gauchismos* misturavam-se aos ditos da ralé." (Jacques, Os Provisórios, p. 105).

GAUCHISMO² (a-u) S.m. Sentimento de amor ao Rio Grande do Sul; predomínio ou influência do gaúcho; gauchidade; caráter distintivo do sul-rio-grandense em geral; apaixonado interesse por tudo quando se refere ao estado. "Invejoso não era; mas quando aparecia ali algum forasteiro, gringo ou pracista, ele esmerava-se em *gauchismo...*" (A. Maya, Alma Bárbara, p. 31). "Personificava o *gauchismo...*" (Jacques, Os Provisórios, p. 104). **Bibliogr.** Tau Golin, A Ideologia do Gauchismo, P. Alegre, Ed. Tchê!, 1983.

GAUCHÍSSIMO (a-u), Adj. e s.m. (Flexão superlativa abstrata sintética de *gaúcho*).

GAUCHISTA (a-u) (De *gaúcho* + *ista*), Adj. 2 gên. Relativo ao, ou próprio do gaúcho; s. 2 gên. pessoa adepta do gauchismo.

GAUCHITO (a-u) (Flexão dim. de *gaúcho*, com o sufixo *ito*), S.m. Gaúcho de pouca idade, adolescente, ainda jovem. "Nesse tempo, freqüentava-lhe a casa, lá para as bandas do Salso, Máximo Dias, *gauchito* presumido..." (A. Maya, Tapera, p. 68). "O *gauchito* se mexeu, alçou a charla e cerrou perna..." (Severo, Visão do Pampa, p. 13).

Senhores, eu sou um piá,
Ou melhor, um *gauchito*.
Não tenho medo de grito
nem de luz de boitatá...

Fagundes, Com a Lua na Garupa, p. 77

Borboleta cor de cana
Caiu na água e desbotou
Que *gauchito* tão ingrato
Foi embora e me deixou!

Sou filha desta terra
Onde o gaúcho se agita,
Descendo de farroupilha
E sou boa *gauchita!*

As *Aventuras de Gauchito*: literatura infantil, obra de Dirceu Antônio Chiesa, P. Alegre, Editora Amecke, 1984.

GAÚCHO¹ (a-u) (Do esp. plat. *gaúcho*, com a transposição do acento), S.m. O rio-grandense destro nas lides pastoris e principalmente hábil cavaleiro (em sentido restrito); o natural do Rio Grande do Sul que vive e trabalha no campo; o sul-rio-grandense em geral; adj. pertencente ou relativo ao Rio Grande do Sul.



Sou *gaúcho* e venho armado
Com meu laço e muitas bolas,
Pra laçar os Catucás,
Boleando os marioias.

O Gaúcho na Corte, Rio, 17.03.1849

"Ele não parecia um oficial de guerrilhas, acostumado ao trato grosseiro dos *gaúchos* e à cavalheirosa altivez dos monarcas..." (Caldre e Fião, O Corsário, O Americano, Rio, 26.05.1849). "Debaixo das figueiras, grupos de *gaúchos* mateavam, conversando". (Darcy, No Galpão, 3ª ed., p. 89). "Era *gaúcho* de Alegrete, mas *gaúcho* diferente..." (Soliar, Os Voluntários, p. 21).

Sou dos *gaúchos* guascas,
Pego um touro pelas aspas
E durmo no duro chão...

Jorge Borba Gadret, Terra Batida, p. 14

Chão de monarcas só deu
meu pago gente emproada:
quem no Rio Grande nasceu
é *gaúcho* ou não é nada...

Ramirez, Disparo de Tropa, p. 206

AS AVENTURAS DE Gauchito

DIRCEU ANTÔNIO CHIESA



Nos campos da minha terra
Sou *gaúcho* sem patrão.
De a cavalo, bem armado,
Meu governo é o coração!

Sou *gaúcho* destas bandas
Morro quando Deus quiser.
Eu só tenho dois prazeres:
— Cavalo bom e mulher!

Eu sou o *gaúcho* altaneiro
Que ama o seu pingo brioso
E que na lida de campeiro
Se julga alegre e ditoso!

Eu tive sempre por luxo
Andando no pago amado,
De parecer bom *gaúcho*
Bem vestido e bem montado!

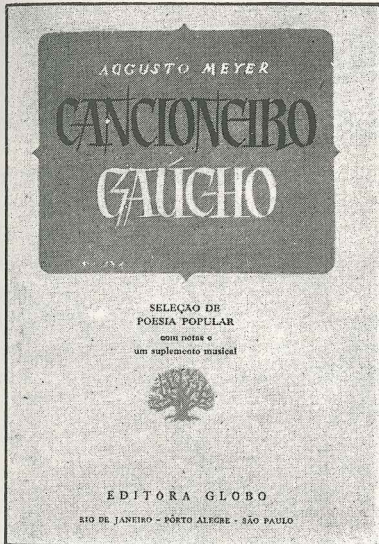
O *gaúcho* não se assusta
Defendendo o seu torrão,
Afronta todo o perigo
Quando defende o rincão!

Gaúcho de lei: gaúcho autêntico; o mesmo que gaúcho de ponto e pesponto e gaúcho liso e sem babado. "Índio tarimbeiro não tira camoatim sem poncho e *gaúcho de lei* não encilha cavalo aguaxado". (Echenique, Faguilhas do meu Isqueiro, p. 211). *Gaúcho de ponto e pesponto*: (V. Gaúcho de lei). "No Rincão das Três Vendas levantara a sua casa de

moradia o Chico Tropeiro ou simplesmente o Chicão, *gaúcho de ponto e pesponto...*" (Acauan, Ronda Charrua, p. 184). *Gaúcho liso e sem babado*: (V. Gaúcho de lei). "Esse era um *gaúcho liso e sem babado*. Mão leve na rédea..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 134).



A Bravura Gaúcha: narrativa de Ildefonso Pinto, A Opinião Pública, Pelotas, 04.02.1911. *A Gaúcha*: romance de Albino José Ferreira Coutinho, P. Alegre, Globo, 1937. *Alma de Gaúcho*: romance de José Cândido de Vargas Freire, P. Alegre, Globo, 1929. *Alma Gaúcha*: poemas de Zeferino Brasil, P. Alegre, Liv. Selbach, 1935; romance de Gabriel Carvalho Peixoto, P. Alegre, Globo, 1926; teatro regional de Getúlio Schilling, Santa Maria, Tip. Central, 1927. *À Terra Gaúcha*, versos de Antonio Henrique de Casaes, P. Alegre, Globo, 1928. *A Voz do Gaúcho*: Versos de João Pantaleão Gonçalves Leite, Lagoa Vermelha, Gráfica Lagoense, 1968. *Canção gaúcha*: poemeto de Leal de Souza, dedicado à Genil Trindade, Bosque Sagrado, p. 104. *Cancioneiro Gaúcho*: coletânea de onze temas folclóricos, organizada pelo maestro Ernani Braga, contendo a Prenda Minha, a Tirana-Tirana-Tirana, O Meu Boi Barroso, Trovas Saudosas nº 1, Trovas Saudosas nº 2, a Chimarrita, Saudades de Gaúcho, a Galinha-Morta, o Caranguejo, Toada e Gaita Velha, P. Alegre, Globo, 1940. *Cancioneiro Gaúcho*: compilação de poesias populares, com notas e suplemento musical, trabalho de Augusto Meyer, P. Alegre, Globo, 1952. *Cantos Gaúchos*: versos de José de Francisco, P. Alegre, Tip. da Revista Ninfa, 1923. *Cartas Gaúchas*: versos de Francisco Antonio Xavier e Oliveira, P. Fundo, Tip. da Liv. A Nacional, 1929; *Cena Gaúcha*: tela de Josué Marques Guimarães; óleo de Gustavo Epstein. *Corações Gaúchos*: drama em 3 atos de João da Silva Belém, Santa Maria. Liv. Comercial, 1931. *Dicionário Gaúcho do Cavalo*: estudo em versos de Edilberto Teixeira, P. Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1987. *Formação do Gaúcho*: ensaio de Pedro Ari Verfíssimo da Fonseca, Passo Fundo, Diário da Manhã, Gráfica e Editora, 1982. *Gaúcho*: soneto de Leal de Souza, Bosque



Sagrado, p. 44. *Gaúchos*: versos de Milton Cezimbra da Cruz, Rio, Liv. Editora Jacinto Ribeiro dos Santos, 1918. *Gaúchos e Beduínos*: ensaio de Manoelito de Ornellas, Rio, Liv. José Olympio Editora, 1956. *Gaúchos no Obelisco*: romance de Cyro Martins, P. Alegre, Ed. Movimento, 1984. *Gaúchos - Notas de Antropologia Social*: obra de Thales de Azevedo, com prefácio de Gilberto Freyre, Bahia, Tip. Naval, 1943. *Guia do Folclore Gaúcho*: texto explicativo de Augusto Meyer, Rio, Gráfica Editora Conquista, 1951. *Indumentária Gaúcha*: estudo de Antonio Augusto Fagundes com ilustrações de Jorge Ibiratan Lopes, P. Alegre, Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, 1977. *Musa Gaúcha*: versos de Estácio Pacheco, A Farpa, P. Alegre, 09.05.1897. *No Fogão do Gaúcho*: contos de Roque Oliveira Callage, P. Alegre, Globo,

1929. *O Canto do Gaúcho*: poema de Bernardo Taveira Junior, Provincianas, p. 20. *O Cavallo do Gaúcho*: poema de Alexandre Brandão, Terra Gaúcha, Rio, nº 1, setembro de 1924. *O Cavallo Gaúcho*: estudo de Carlos Castillo, P. Alegre, Grafosul, 1983. *O Gado e o Gaúcho*, estudo de Propício Silveira Machado,

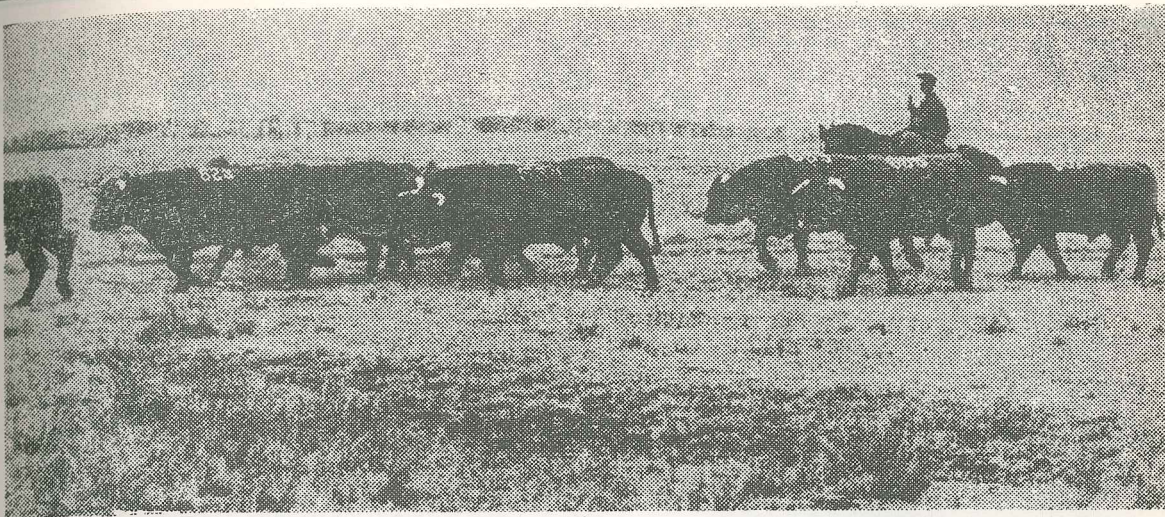


Gaúchos



P. Alegre, Imprensa Oficial 1953. *O Gaúcho*: poema de Apolinário Porto Alegre, Álbum Semanal, P. Alegre, 09.06.1872; estudo de Gregório Porto da Fonseca, Revista da Semana, Rio, 25.09.1915. *O Gaúcho a Pé*: livro de Nilo Ruschel, P. Alegre, Liv. Sulina, 1959. *O*

Gaúcho-Aspectos de sua Formação no Rio Grande e no Rio da Prata, estudo de Carlos Reverbel, P. Alegre, L & PM Ed., 1986. *O Gaúcho Através da Poesia Popular do Rio Grande do Sul*: ensaio de Walter Spalding, Anais do III Congresso Tradicionalista, P.



Alegre, Globo, 1956. *O Gaúcho e a Literatura Regionalista*, estudo de Mário Nunes, P. Alegre, C. do Povo, 14.08.1942 *O Gaúcho – Ficção e Realidade*, ensaio de Antonio Hohlfeldt, Rio, Edições Antares, 1982. *O Gaúcho Forte*: poema de Zeferino Vieira Rodrigues Filho, composto de treze quadras e divulgado em primeira mão, a 23.06.1872, pelo *Álbum Semanal* de P. Alegre. Reproduzido em 1892 com o título truncado e as iniciais R.V.Z. pelo *Almanaque Literário e Estatístico* de Alfredo Ferreira Rodrigues. No ano seguinte, deu-o novamente à estampa Graciano Alves de Azambuja, mas com alterações ou variantes e uma nota. João Simões Lopes Neto, em seu *Cancioneiro Guasca*, reproduziu o trabalho, também com algumas discrepâncias relativamente ao texto original. "Recusou-se; montou no seu picaço e afastou-se no tranco, de volta à estância, viola a tiracolo, trauteando à meia-voz *O Gaúcho Forte*. (A. Maya, Tapera, pp. 44-45).

Página sugestiva da nossa ficção regionalista em versos, *O Gaúcho Forte* assim começa:

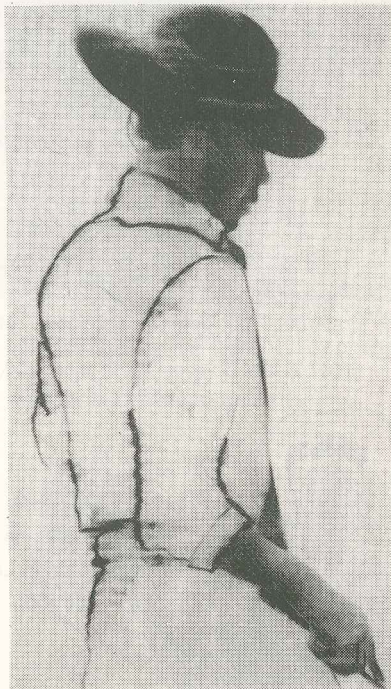
Eu sou gaúcho cá no campo vago
Livre das iras da ambição funesta,
Tendo por teto de meu rancho as palhas
Por leito o pala, no calor da sesta!

É interessante assinalar aqui que o *Álbum Semanal* de 09.06.1872 publicou, sem indicação do autor, longo poema intitulado "O Gaúcho" e do qual extraímos as quadras abaixo:

Aqui sou rei. Se lanço a frente aos céus
Tenho por teto o azul da imensidade!
Se a desço logo vejo a soledade
— O pampa a desdobrar os escarcéus!

Aqui domino. O rancho de sapé
Livre alcaçar não traz grilhões de escravo!
O peito aberto à luz não roja ignavo
A procela vem me acha sempre em pé!

Pode-se atribuir esse poema com toda propriedade a Apolinário Porto Alegre, não



Desenho de Eduardo Cruz em pastel sobre papel Fabiano.



Fernandes D'Oering, um gaúcho de 1898 (Passo Fundo)

sendo errado ainda afirmar-se que nele se inspirou Zeferino Vieira Rodrigues Filho para compor, quatorze dias depois, o seu "O Gaúcho Forte", cujo texto completo reproduzimos adiante. Detalhe interessante: "O Gaúcho Forte" tem como dístico exatamente um verso do "O Gaúcho", escrito certamente por Iriema.



Gaúcho de Eduardo Cruz: desenho em pastel sobre papel Fabriano



GAÚCHO:
desenho de
Jorge Ibiratan Lopes
(Birata)

O GAÚCHO FORTE

Zeferino Vieira Rodrigues Filho

Sou um *gaúcho* forte, nestes campos vago
Livre das iras, da ambição funesta,
Tenho por teto de meu rancho as palhas
Por leito o *pala* no calor da sesta!

Monto a cavalo, na garupa a *mala*,
Facão na cinta, lá vou eu *mui concho*;
E nas *carreiras*, quem me faz mau jogo,
Quem, atrevido, me *pisou no poncho*?

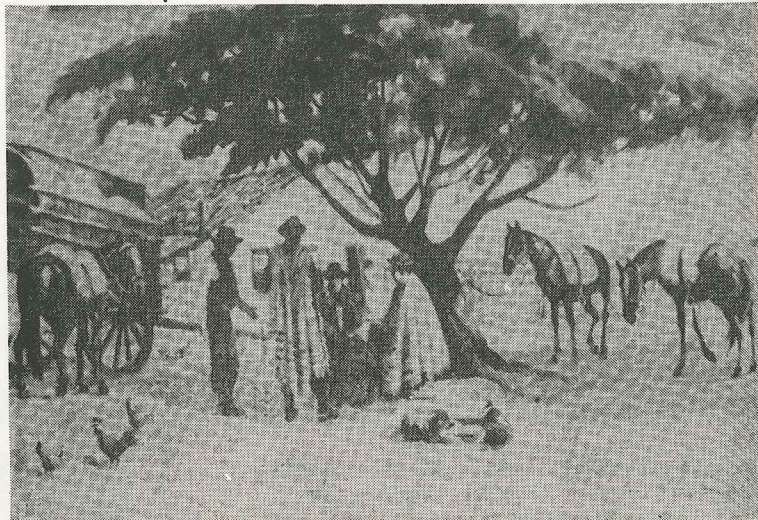
Por Deus! eu digo, que eu já fiz um dia
uma *gauchada* de fazer pasmar;
De *ginetaço* ela deu-me o nome
E tinha razão, eu lhes vou contar:

Foi que num dia, numa *bagualada*,
Passei um *pealo* num *québra*, um *puáva*,
Montei, ferrei-lhe na *paleta a espora*
Ele ia às nuvens, porém eu brincava.

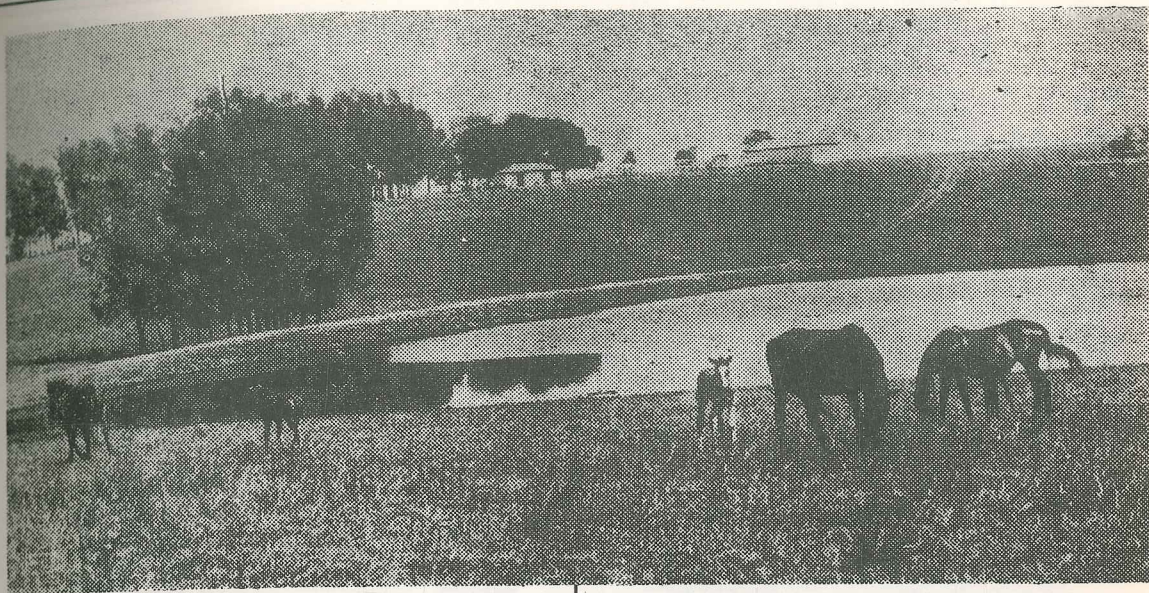
Mas de repente o animal *atira-se*
E sai correndo pela *várzea* fora,
E eu que *folheiro* lhe *pisei na orelha*
Sacudi as *bolas* e o *bagual* estoura.

Gauchadas destas tenho feito muitas
Por isso ela me chamou um dia:
Rei dos *monarcas*, *gauchito* em regra,
Por Deus! eu digo: que ela não mentia!

E si duvidam, eu já marco a *ráia*,
E que se *enfrene parheiro* ousado:
Tiro ou *parada* não reservo *guásca*
E sou o juiz: *facãozito* ao lado!



Cena gaúcha: trabalho de Oscar Crusius, autor de dezenas de quadros a óleo, desenhos, esboços e aquarelas com motivos regionais.



Lá no *bandango*, de *botas e esporas*,
Danso a *tirana*, o folgazão *balaio*,
E ainda mesmo que me dêem *pechadas*
Saio rolando, porém qual não caio!

Lá na cidade qualquer um *baiano*
Pode, sem susto, me passar *buçal*,
Mas tenho um consolo: — que *cornetas* destes
Cá nos meus *pagos* têm passado mal!

Si lá me perco, nas encruzilhadas,
Eles sorriem por me ver assim,
E aqui eu *munto* num *cuerudo* desses
E rio mesmo, num sorrir sem fim!

Album Semanal — P. Alegre
23.06.1872

O Gaúcho na Corte: periódico fundado em
17.03.1849 na cidade do Rio de Janeiro.
Exibia junto ao título, no cabeçalho, a
seguinte quadrinha:

Sou gaúcho e venho armado
Com meu laço e muitas bolas
Pra laçar os catucás
Boleando os mariolas!

O Gaúcho na Vida Política Brasileira: ensaio de
Lufz Felipe de Castilhos Goycochea, P. Alegre,
Globo, 1935. *Os Gaúchos*: comédia-drama em
3 atos de João Damasceno Vieira, P. Alegre,
Tip. de Gundlach & Cia., 1891; ensaio de
Múcio Teixeira, em 2 volumes, Rio, Leite
Ribeiro & Maurílio Editores, 1920/1921.
Poemas Gaúchos: obra de Pery Borges, P.
Alegre, Tip. Estima, 1937. *Reminiscências de*
Gaúcho: versos de Francisco de Magalhães,
com ilustrações de Paulo Viola, P. Alegre,
Globo, 1940. *Terra Gaúcha*: contos de Roque
Oliveira Callage, P. Alegre, Tip. da Escola de
Engenharia, 1914; tela de Angelo Guido.
Trabalhos e Costumes dos Gaúchos: ensaio de
Severino de Sá Britto, P. Alegre, Globo, 1928.

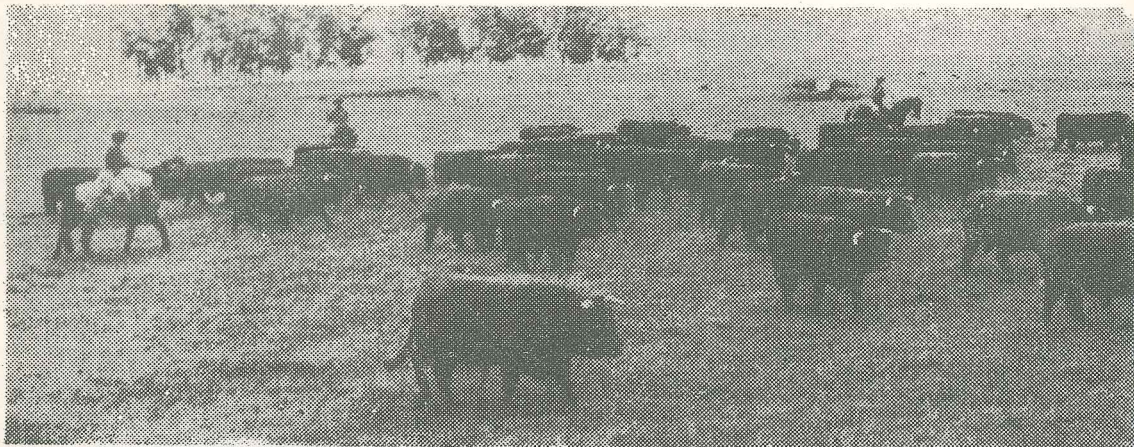
Trovas Gaúchas: obra de Laurindo Silveira
Ramos, P. Alegre, Globo, 1926. *Violas Gaúchas* —
Improvisos do Crioulo Sezefredo e do
Caboclo Molina: folheto de 49 quadras, em
prol da candidatura do Dr. Fernando Abbott,
escrito por José Joaquim de Andrade Neves
Neto e Eliezer Abbott, Santa Maria, Tip.
Progresso, 1906. *Vocabulário Gaúcho*: peque-
no glossário organizado por Roque Oliveira
Callage, P. Alegre, Globo, 1926.// Superlativo
absoluto sintético: gauchíssimo.



O vocábulo *gaúcho* constitui objeto de fre-
qüentes dissensões e reclama, ainda, largos
esclarecimentos.

Não se mostram inteiramente satisfató-
rias, com efeito, as hipóteses etimológicas
formuladas por Paul Groussac, Emilio Coni,
Buenaventura Caviglia Hijo, Roberto Lehmann
Nitsche, Ricardo Rojas e outros.

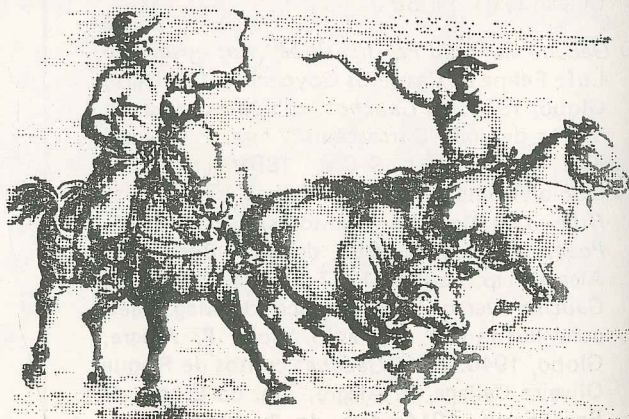
Pela palavra *gaúcho* designou-se primeiro
o arreador, espécie de ser à parte, sui generis,
perfeitamente individuado — chamado tam-
bém *changador*, *camilucho* ou *guasos* em ambas
as margens do estuário platino.



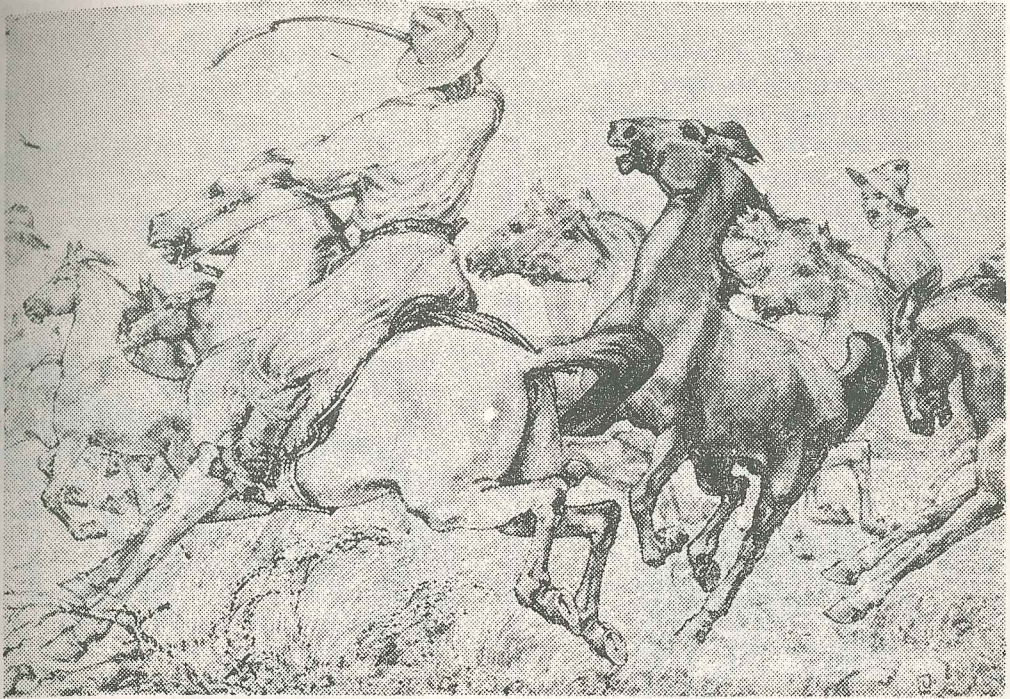
Gaúchos: bico de pena de José Lutzenberger

O termo *gaúcho*, com foros de incontestante antigüidade, chegou a ser, desse modo, em determinado momento, epíteto denegridor, termo de opróbio. Ao tempo de Dom Diogo de Souza, primeiro governador geral do Rio Grande do Sul (1809-1814), ele ainda identificava o aventureiro nômade, quase apátrida, frugal, de indumentária parcimoniosa e hábitos rústicos.

Quando José de Saldanha, ouvinte atento, começou a escrever o seu precioso *Diário Resumido* (1752), a forma *gauche* já consagrara a consoante gutural *g*, sempre explosiva antes de *a*. Uns autores dão-na como derivada do araucano *gatchu*, companheiro. Outros sustentam que proveio do quichua *huachu*, órfão.



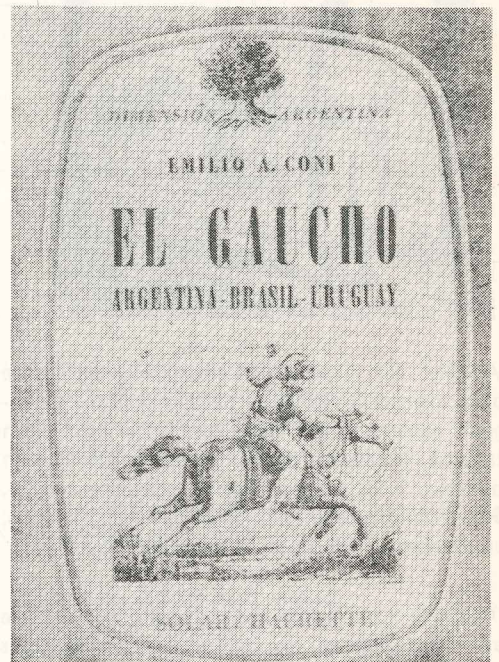
Desenho de Mário Barbosa Mattos, artista pelotense, radicado em São Paulo.



Quadro de José Lutzenberger

Parece-nos que *gauch* é a raiz, a semantema, isto é, a parte irredutível da palavra que, exorbitando do campo semântico primitivo, adquiriu gradualmente acepção lisonjeira.

Propício da Silveira Machado deriva-a do persa *gauchi*, através do árabe *chaûch* e do castelhano antigo *chaucho*, tropeiro. Para confortar essa opinião invoca razões glotológicas e históricas, inclusive o ponto de vista exarado por E. Daireaux e acolhido por João Pinto da Silva.

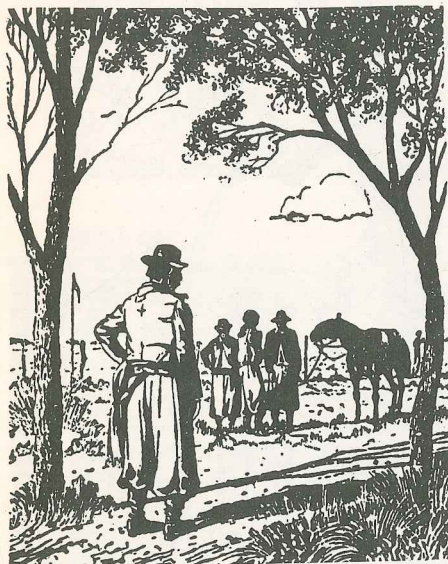


Bibliogr. Nelson de Sena, A Palavra "Gaúcho" — Sua Origem e Várias Etimologias. A Federação, P. Alegre, 26.01.1928. Rubem Reis de Barcellos, Estudos Rio-Grandenses (Motivos de História e Literatura), P. Alegre, Globo, 1955. Manoelito de Ornellas, A Gênese do Gaúcho Brasileiro, Rio, Imprensa Nacional, 1956. Augusto Meyer, Gaúcho-História de uma Palavra, P. Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1957. Propício da Silveira Machado, O Gaúcho na História e na Lingüística, Santa Maria, Editora Palotti, 1966.

GUASCA¹ (Do quichua *huask'a*, cadeia, corrente, cordel) S.f. Pele curtida de animais; tira, bocado ou fragmento de couro considerado à parte; qualquer porção, convenientemente tratada, da membrana que reveste exteriormente o corpo dos bovinos e eqüinos. "Era de ver-se como o menino gostava de lidar com as loncas, *guascas* e tentos!" (Lessa, O Boi das Aspas de Ouro, p. 76). "Seu Ramão cochilava num catre feito de *guascas*". (Brasil Dubal, Fronteira Inclemente, p. 15).

Esta *guasca* rude e forte,
por quatro tentos trançada,
amarra a glória passada...

Schultz Filho, Galponeiras, p. 34



GUASCA², S.f. Artefato de couro, especialmente para montaria, serviços de campo ou recovagem, carretas etc. "Cada um firme como um tarumã, as *guascas* das melhores, as garras bem postas..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 93). "Aqui preparavam-se os cavalos, os laços, as *guascas*..." (Peixoto, Alma Gaúcha, p. 1).

GUASCA³, S.m. Nome aplicado indistintamente ao rio-grandense do campo, afeito às lides pastoris, gaúcho autêntico. "Eram *guascas* do mesmo pago..." (A. Maya, Tapera, p. 153). "Chinas e chinocas, de risos à flor dos lábios, avançavam nos *guascas* quebras aos abraços..." (Callage, Rincão, 2ª ed., p. 75). "Qual nada! Sou um *guasca* velho. Sei marcar mas é gado" (Érico, O Retrato, 2ª ed., p. 147).

Avante guarda avançada
Dos *guascas* destemidos!

Lobo da Costa, Flores do Campo, 43

Criei-me assim distanciado
Daquele *guasca* torena
E a viola chora de pena
Quando recordo o passado!

M. Pereira Fortes, Cantares da Minha Terra, p. 40



No poncho ninguém me pisa
Que eu, sendo *guasca*, sou forte,
Tenho a coragem precisa
Encaro de frente a morte!

M. Faria Corrêa, Rumo aos Pagos, p. 29



Sou gaúcho destorcido
Sou monarca de meus pagos
Que não pela lonca charra,
Já andei em guerra feia,
Onde o *guasca* se maneia
Se não tem tutano e garra!

P. Pedro Luíz, O Gênio do Pampa, p. 200

Tudo aberto — tudo livre!
O gado todo orelhano,
O *guasca* era um soberano
Num reinado de fartura...

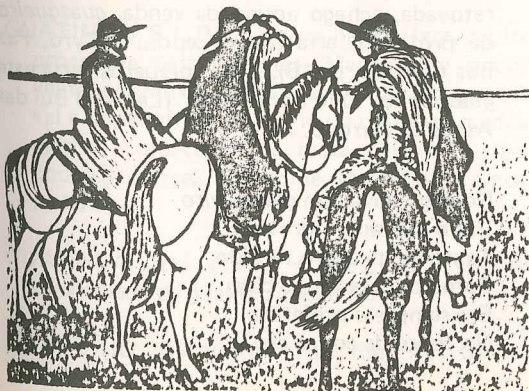
Dimas, Pampa Bravo, p. 118

Qual o gaúcho mais forte
Ninguém pode dizer
Todo o *guasca* é destemido
Não tem medo de morrer!

Como adjetivo a palavra tem valor gramatical uniforme. "E de entrevero com a indiada *guasca* chegavam também os homens da cidade..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 12).// Dado ao rio-grandense na primeira metade do século XIX com evidente propósito de irrisão, o epíteto adquiriu, em breve espaço de tempo, significado encomiástico. **Bibliogr.** Augusto Meyer, Gaúcho, Gaudério, Guásca, Revista Brasileira, Rio, Ano 1, Nº 1, 1941. *Cancioneiro Guasca*: coletânea organizada por João Simões Lopes Neto, contendo quadras, poemas, danças antigas, trovas, dizeres, desafios e poesias históricas (Pelotas, Liv. Universal, 1910); *O Canto do Guasca*, poema de Múcio Teixeira, Vozes Trêmulas, P. Alegre, Tip. do Jornal do Comércio, 1873; *Despedida de um Guasca*: poema de Estácio Pacheco, A Farpa,



P. Alegre, 20.09.1897. *O Guasca na Corte*: periódico bissemanal surgido no Rio em 01.05.1851 e impresso na Tipografia Brasiliense. Interessante o "Diálogo Entre o Guasca e um Carioca" publicado no primeiro número da folha. O fundador do órgão, ao apresentá-lo,



confessou-se modestamente simples "homem do campo". *O Guasca no Fandango*: narrativa de Sejanos Dornelles, Causos da Querência, p. 121. *Saudade de Guasca*: poema de André Pithan, Landas, p. 48. *Velho Guasca*: conto de Alcides Maya, Tapera, p. 35.

GUASCAÇO (Do esp. plat. *guascazo*), S.m. Golpe desferido com laço, correia ou qualquer açoite de couro; o mesmo que guascada e guasqueada¹. "Por brinquedo no mais deu-lhe um guascaço com o arreador..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 49). "E o *guascaço* estalou-lhe seco nas costas..." (Darcy, No Galpão, 3ª ed., p. 158). "De vez em quando um índio erguia um cusco dos arreios — salta, cusco! e assobiava um *guascaço* no ar!" (Severo, Visão do Pampa, p. 12); (por ext.) vergastada; zurzidura; fustigação. "Estrompados, agora, marchavam desguaritados pelo atalho da derrota, numa retirada que era uma fuga, tangidos pelos *guascaços* do minuano..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 80). "Com o tirão o laço rebentou. E que *guascaço*, a la fresca..." (Sá Britto, Trabalhos e Costumes dos Gaúchos, p. 96).

Chamam, saudade, dor boa
Mas agüentá-la quem há de?
Não ha cousa que mais doa
Que o *guascaço* da saudade!

Vargas Neto, Tropolha Crioula, p. 24

Ao despontar a coxilha
Banquei o pingo no freio
Um quadro triste me veio
Como *guascaço* da sorte...

Dornelles, Campos Abertos, p. 53.

A fisionomia do homem
fechada nos limites do barbicacho
com os movimentos marcados
pelos *guascaços* do minuano pela cara.

Clovis Assumpção, Mercado pelos Guascaços do Minuano, p. 13

Se o chiru tem de ir ao campo,
encilha dos mais sorretas,
desses que moem paletas
e massacram espinhaços...
troteiam só a *guascaços*
e que trote e queixo duro!

Roberto Osório Junior, Horizontes do Pago, p. 79

Rasgar guascaços: surrar com qualquer açoite de couro.

GUASCADA¹ (De *guasca* + *ada*), S.f. Conjunto ou porção de *guasca*s de vária espécie; cordoalha; *guasqueado*; *guascaria*; *guascama*.

GUASCADA², S.f. (V. Guascaço). *Rasgar guascadas*: o mesmo que rasgar guascaços.

GUASCA LARGADO, Expr. Gaúcho erradio, de vida incerta ou aventurosa.

Vejo o gado pêlo-duro
lá no campo verde-escuro,
pontilhado de capões!
E vejo o *guasca largado*
das legendas do passado
herói das revoluções!

Rui Cardoso Nunes, Aparte, p. 10

Nas altas cavalarias
Em que sou *guasca largado*
Tenho sempre à mão o relho
E o pingo rinchando ao lado!

GUASCAMA (De *guasca* + *ama*), S.f. (V. Guascada¹). "A *guascama* espreitava, sem largar afazeres..." (Elbio Prates Piccoli, De um Mealheiro de Estórias, p. 14).

GUASCARIA¹ (De *guasca* + *ria*), S.f. (V. Guascada²). "Foi entonces que me arroteei de *guascaria* alçada e me parei nuvem". (A. Maya, Alma Bárbara, p. 86).

GUASCARIA², S.f. (V. Guascada¹).

GUASCA VELHO, Biogr. (V. Terres, Dirceu Pires).

GUASPARI, Sylvia, Biogr. Musicista e professora porto-alegrense. Diplomou-se em Porto Alegre, aperfeiçoando-se no Rio. Autora de *Primeira Jornada no Reino da Música*, P. Alegre, 1939.

GUASQUEAÇÃO (De *guasquear* + *ação*), S.f. Ação ou efeito de *guasquear*; *guasqueio*.

GUASQUEADA¹ (De *guasquear* + *ada*), S.f. (V. Guascaço).

GUASQUEADA², S.f. Exercício a que o treinador submete o cavalo de corrida, para aferir-lhe o estado físico.

GUASQUEADOR (ô) (De *guasquear* + *dor*), Adj. e s.m. Que, ou aquele que *guasqueia*; *açoitador*; *guasqueante*.

GUASQUEANTE (Part. de *guasquear*), Adj. 2 gên. (V. Guasqueador). "Montou e no tranco do tordilho rompeu a bruma invernososa, tocada pelo minuano *guasqueante*". (Fontoura, Rancho Grande, 3ª Série, p. 90).

GUASQUEAR (Do esp. plat. *guasquear*), V.t.d. Fustigar com *guasca*; dar *guascaços* em; vergastar. (Pres. ind.: *guasqueio*, *guasqueias*,

guasqueia, etc.). "Montou, logo *guasqueou* a égua e tocou a trote largo". (Severo, Visão do Pampa, p. 49). "Sentou nas rédeas, voltou e chegou em cima, *guasqueando* o matungo..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 148). "Enveredou pelo atalho, entrando num banhadal sempre a a trote, *guasqueando* a égua com a açoiteira do relho..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 41). A garoa fina que entrou pelos rasgões da camisa *guasqueando* as costelas e cruzou num galopão estendido, ia longe, sumindo-se, esgarçada pelo vento, como uma mancha empoeirada de cinza, quase apagada, entre coxilha e céu. (Cyro, Sem Rumo, *apud* Nelly Cunha e Helga J. Trein, Pinceladas Verde-Amarelas, com ilustrações de Anelisa Becker de Lima, P. Alegre, Ed. Globo, 1970).



GUASQUEDO (De *guasca* + *edo*), S.m. (V. Guascada¹).

GUASQUEIO (Contr. de *guasquear* + *o*), S.m. (V. Guasqueação). "Tais batidas ou *guasqueios* têm o dom de amolecer o matambre..." (Carlos Bento Hofmeister Filho, O Tacho e a Cuia, p. 100).

GUASQUEIRO (De *guasca* + *eiro*), S.m. Artesão que trabalha em couro (ou *guasca*); corrieiro. "Eram *guasqueiros*, domadores, tropeiros, gente pronta a servir..." (Severo, Visão do pampa, p. 21). "O chiru velho, de cara retovada, achego antigo da venda, *guasqueiro* de profissão, arrastou o cepo..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 16). "Que preparos fazia este *guasqueiro*! Que trançados!" (Lessa, O Boi das Aspas de Ouro, p. 74).

No pago havia um *guasqueiro*
Índio buerana e atrevido
Tanto em preparo torcido
Como ponteando, o chiru
Era sempre o preferido
No apero de couro cru!

Zeca Blau, Poncho e Pala, p. 62

Desquinar tento sem faca
Isso não é pra *guasqueiro!*

Chico Ribeiro, Filosofia Campeira, p. 17

GUATAMBU, (Do guar. *gwa afãmbu*) S.m. Bot. Árvore da família das apocináceas. Folhas onduladas nas margens, permanentes, lustrosas. Flores brancacentas, pequenas, com tubo pubescente. Fruto piriforme-oblíquo, indeiscente, com quatro asas verticalmente radiadas. Casca áspera. Madeira rija, pesada, dura, mas pouco resistente ao apodrecimento quando exposta às intempéries. Ramificação bastante alta. Floresce de setembro a novembro. O tronco, reto, pode alcançar até trinta metros de altura. As sementes amadurecem no inverno. Como espécie nativa ocupa área restrita, não ocorrendo fora do Alto Uruguai. (A. olivaceum Muell. Arg.). *Descer o guatambu*: surrar. *Passar o guatambu*: o mesmo que descer o guatambu.

GUATAMBUZAL (De *guatambu + z + al*), S.m. Quantidade mais ou menos apreciável de *guatambus* dispostos proximalmente entre si.



Guaxo

GUATAPARÁ¹, S.m. Zool. Mamífero da família dos cervídeos, também chamado veado mateiro e veado-pardo. Vive isolado ou aos pares. Mede cerca de 70cm de altura. Pelo castanho ou cor de canela. Cauda com fios brancos embaixo. (Mazama americana Erxl.).

GUATAPARÁ², Potam. Rio afluente do Vieira, pela margem direita (M. de Antonio Prado).

GUATINGA, S.f. Bot. Árvore nectarífera, muito procurada pelas abelhas. Madeira de pouco valor econômico. "Nesse até então impenetrável e impenetrado mistério da natureza medravam o açoita-cavalo, o mata-olho, o quebracho, a *guatinga*..." (Thomé, Marcelino Ramos, p. 18).

GUAXADA (De *guaxo + ada*), S.f. Grande quantidade de *guaxos*; *guaxerio*.

GUAXERIO (De *guaxo + rio*), S.m. (V. *Guaxada*).

GUAXIMIM, S.m. Bot. Arbusto da família das solanáceas. Ramos flexuosos. Folhas alternas. Flores brancas, numerosas. (Solanum inaequale Viel).

GUAXO¹ (Do quichua *huachu*, órfão, desvalido ou do araucano *huachi*, vocábulo de idêntico sentido, através do esp. amer. *guacho*), Adj. Diz-se do animal criado com outro leite que não o materno; s.m. animal *guaxo*. "Viu um deles, enrodilhou o laço e atirou-o ao *guaxo*, um potrilho..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 168). "Na relva fresca escabujava um potrilho *guaxo*". (Acauan, Ronda Charrua, p. 167). "Esse matunguinho eu criei desde pequeno, *guaxo*". (Freire, Alma de Gaúcho, p. 58).

O preto cruzou puxado
Pra banda do partidor;
Cruzou atrás a egüinha,
Uma *guaxinha* tostada...

Ferreira, Tapera da Saudade, p. 37

✶ O potro caiu, que diacho!
E amanunsiado de baixo
Sem maneador e nem nada,
Já na primeira encilhada
Saiu mais manso que um *guaxo!*

Braun, De Fogão em Fogão, p. 169

Saudade — *guaxa* malvada
teu pataço sem igual
é mais brabo que sentada
de corcovo de bagual!

Oliveira, Rastro de um Charrua, p. 59

//O animal necessitado de lactação artificial provém principalmente de três fatores: 1) morte da fêmea durante o parto; 2) falta de leite — agalaxia ou hipogalaxia; 3) rejeição da cria pela mãe, seja por mamites, seja por incompatibilidade sangüínea dos reprodutores. **Comp.** Mais faceiro do que cordeiro em balde de apoio. Os *Guaxos*: romance de Luiz Carlos Barbosa Lessa, com capa de Italo Cencini São Paulo, Liv. Francisco Alves, 1959. *Potreiro de Guaxos*: versos de Jayme Caetano Braun, P. Alegre, Tip. Champagnat, 1965; *Zeca Guaxo*: contos de Almiro Beal, P. Alegre, Tip. Jalda, 1958. *Ovo guaxo*: o que a avestruz deposita fora do ninho para servir de primeiro alimento aos filhotes recém-nascidos. "*Ovo guaxo* mesmo! Daqueles que ficam atirados nas macegas, solitos..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 175). *Raio guaxo*: o que cai sem chuva. "Um *raio guaxo* lascou a noite negra e correu pelo arame dos alambrados..." (Fagundes, Destino de Tal, p. 67).

La fresca! Se não me abaixo!
Pelo alambrado se apaga
A chama do *raio guaxo!*

Ribeiro, Tronqueira de Guajuvira, p. 37

GUAXO², S.m. Nome dado pelos ervateiros ao pé novo de congonha.

GUAXO³, Hidrogr. Arroio afluente do rio das Antas, pela margem direita (M. de Vacaria).

GUAXO⁴, Adj. e s.m. Diz-se do, ou vegetal nascido espontaneamente. "Casebres horríveis, de torrão, de lata, de puro capim, semeados à-toa, entre unhas-de-gato, cinamomos-crioulos, pessegueiros *guaxos...*" (Cyro, Enquanto as Águas Correm, p. 53).

GUAXUPITA, S.f. Bot. Árvore da família das rutáceas, também chamada pau-de-cutia. Folhas coriáceas, alternas. Flores pequenas, brancas ligeiramente esverdeadas. (*Esenbeckia grandiflora* M.).

GUEDES DA LUZ, Jacinto, Biogr. (1796-1850) — Ruralista e político triunfense, herói farroupilha. **Bibliogr.** Othelo Rosa, Vultos da Epopéia Farroupilha, P. Alegre, Globo, 1935; Aurélio Porto, Jacinto Guedes da Luz, Rio, Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional, 1937.

Eu sou aquele que disse
Depois de dizer não nego.
Eu sou da gente do *Guedes*
Morro seco e não me entrego!

H

H, S.m. Oitava letra do alfabeto. Serve para formar fonemas palatais molhados ou digramas (ch, lh, nh) e letras compostas. Serve também para notações etimológicas sem valor fonético (como em haragano e Herval). Vale ainda como sinal diacrítico. // Escrevem-se com X as palavras indígenas de pronúncia palatal fricativa surda, excetuados os topônimos de tradição histórica secular.

HACHE-SCHOTTISCH, S.m. Nome dado a uma das danças típicas do kerb.

HÁ HORAS, Loc. adv. Há bastante tempo.

HAFKEMAYER, João Batista, Biogr. (1871-1924) — Professor e escritor jesuíta, natural da Alemanha. Pseudônimo: Alfredo de Toledo

GÜEINO, S.m. Indivíduo que auxilia o secador, nos barbaquás.

GUENOA, S. 2 gên. Etnol. Indivíduo da tribo dos guenoas; adj. 2 gên. relativo ou pertencente a essa tribo, de ascendência chaná, que, ocupando principalmente a região entre as nascentes do rio Negro e o Vacacaí, dispersou-se pouco a pouco no século XVIII. **Bibliogr.** P. Carlos Teschauer, História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos, 1ª Vol., P. Alegre, Liv. Selbach, 1918; Emílio Fernandes de Souza Docca, História do Rio Grande do Sul, Rio, Organização Simões Editora, 1954. "Sob o comando do cacique Cloiã, os *guenoas* caíram sobre os índios vaqueiros..." (Aurélio, História das Missões Orientais do Uruguai, p. 309).

GUENOADA (De *guenoa + ada*), S.f. Grande número ou grupo de guenoas; os guenoas.

GUENOÍSMO (De *guenoa + ismo*), S.m. Caráter distintivo dos guenoas; qualidade de guenoa.

GUENZO (Africanismo, do banto ou do quimbundo), Adj. Fora do prumo; desconjuntado; bambo; desviado da linha vertical; desengonçado. "Ao atingir o topo dum cerrinho, avistou a morada dos pais atarracada, *guenza...*" (Cyro, Estrada Nova, p. 53). "Pelo enorme rombo da parede *guenza*, o sol vem interromper-lhe o sono." (Wayne, Almas Penadas, p. 83). "Umbelina levanta do mocho *guenzo...*" (Vergara, Estrada Perdida, p. 227).

GUERRA (Do germânico ocidental *werra*, discórdia), S.f. Determinado jogo de cartas.

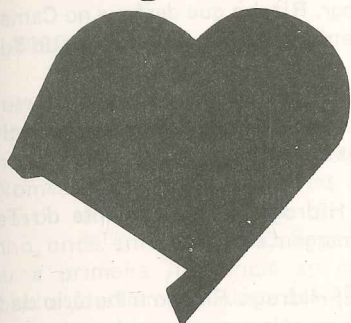
Costa. Sócio fundador do IHG/RS, em cuja revista divulgou estudos e ensaios. Autor ainda de *A Primitiva Igreja do Rio Grande do Sul*, Rio, Tip. Vozes de Petrópolis, 1923.

HAI QUE VER, Interj. Exprime dúvida, descrença ou incerteza sobre a realidade de um fato. // O acréscimo do *i* representa caso típico de vocalização.

HAMBURGER TORTE, S.f. Massa arredondada de carne com ovo, inúmeros temperos e frita como bife (na Região Colonial Alemã) "Tanto a *Hamburger Torte* como a Quark Torte são clássicas e estão incorporadas à culinária teuto-gaúcha." (Laytano, A Cozinha Gaúcha na História do Rio Grande do Sul, p. 89).

HAMLET, Biogr. (V. Guimarães, Eduardo).

Leve o Rio Grande no peito.



HANSEL, José, Biogr. Professor e escritor santa-cruzeiro, nascido em 1907. Obras principais: *A Pérola das Reduções Jesuítas*, monografia, Canoas, Tip. La Salle, 1948; *Síntese*, Santo Ângelo, Liv. Missioneira, 1949 e *História dos Sete Povos das Missões*, ib., 1950.

HANSEL, Lucas, Biogr. (1862-1926) — Professor e escritor jesuíta, natural de Santa Cruz do Sul, autor de vários trabalhos didáticos, entre os quais *Resumo da Gramática Portuguesa para Uso Particular do Colégio Na. Sra. da Conceição de São Leopoldo*, P. Alegre, Tip. César Reinhardt, 1892.

HANSEN, Afonso Rodrigues, Biogr. Professor e escritor jesuíta, natural de Nova Petrópolis, nascido em 1906. Autor de *Roque Gonzales ou a Aurora Sangrenta da História Rio-Grandense*, tragédia em 4 atos, com música de Odilon Fernandes, P. Alegre, Globo, 1934.

HARAGANADA¹ (De *haragano + ada*), S.f. Grande número, bando ou ajuntamento de haraganos.

HARAGANADA², S.f. (V. Haraganice).

HARAGANEACÃO (De *haraganear + ação*), S.f. Ação ou efeito de haraganear, o mesmo que haraganeada.

HARAGANEADA (De *haraganear + ada*), S.f. (V. Haraganeação).

HARAGANEADOR (ô) (De *haraganear + dor*), S.m. (V. Haragano).

HARAGANEAR (De *haragano + ear*), V.int. Andar ociosamente de um para outro lugar; vadiar; andar alçado (o animal); ciganear; andar de uma parte para outra sem fazer nada; levar vida de mandrião. "O trabalho de coureção e cerdeio era pra a peonada, que

havia muita e a gauchada, depois da corrida, passava jogando e *haraganeando*." (Laf, Recordações Gaúchas, 2a. ed., p. 92). "Quando voltou para a estância, por prazer gauchesco, *haraganeava*, freqüentava carreiras..." (Fontoura, Rancho Grande, 3a. Série, p. 19). "Maneado, o Nicácio não pôde mais *haraganear*..." (Lessa, O Boi das Aspas de Ouro, p. 141).

HARAGANICE (De *haragano + ice*), S.f. Ação ou procedimento próprio de haragano; haraganada².

HARAGANO (Do ár. *faraga*, ociosidade, através do esp. plat. *haragán*), Adj. Que não tem ocupação e passa vida ociosa; difícil de ser pegado (o animal); haraganeador; s.m. indivíduo haragano. "Criara-se guapo, *haragano*, pelas bibocas..." (A. Maya, Ruínas Vivas, p. 31). "Vivia *haragano*: ora aqui, ora ali." (Fontoura, Umbu, 2a. Série, p. 54). "Com exceção do tourito barroso e um que outro *haragano*, todo o gado tinha costeio." (Darcy, Coxilhas, p. 151). "Eu corro esse matungo tostado *haragano* e de pêlo fino..." (Freitas, Gauchadas, p. 91). "Maus exemplos para os colonos. Aspas-tortas. Sorretas. *Haraganos*." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 42).

Já não é aquele *haragano*
Caborteiro e sentador,
Arisco e caminhador
Que nem cusco de cigano!

Braun, De Fogão em Fogão, p. 168

Solta essa crina ruana
Sobre o meu peito de moço
Que guarda sem alvoroço
Muita história rabicana
De muita china *haragana*!

Lauro, Senzala Branca, p. 97

Fui domador, sem canseiras,
De potros crus, orelhanos,
Gordãos e *haraganos*
Pegados a boleadeiras!

Adail, A Voz do Pago, p. 38

Caburé da pena forte,
Do *haragano* és protetor,
no pano verde da sorte
e nas clavadas de amor.

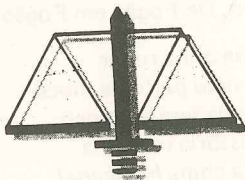
Ramirez, Disparo de Tropa, p. 132

Haragana e caborteira,
A chimarrita mentiu.
Não censure a dor alheia
Quem nunca dores sentiu!

I, S.m. Nona letra do alfabeto e vogal palatal. // O grupo vocálico *io*, por ser pronunciado em tom breve, tem na prosódia rio-grandense caráter de ditongo.

IAPOCA, Hidrogr. Arroio tributário do Butiazi-
nho, pela margem direita (M. de Soledade).

IARGS — Sigla do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul, fundado na capital em 26.10.1926 por James Macedonia Franco, Fausto de Freitas e Castro, Poty Cachapuz de Medeiros, José Pereira Coelho de Souza, Waldemar do Couto e Silva, Oswaldo Caminha, Miguel Tostes, Anibal di Primio Beck, Clotário Soares Pinto, Luíz Leivas Massot, César Pestana, Anápio Jobim, Alceu Otacílio de Barbedo, Anthero Moreira Leivas, Cylon Pompílio Rosa, João Carlos Machado, Vicente Russomano, Victor de Azevedo Bastian, Armando Dias de Azevedo, Camilo de Almeida Martins Costa, Carlos Itiberê de Moura, Francisco Carlos de Araújo Brusque, Edgar Schneider, João Pio de Almeida, Moreno Loureiro Lima, Antonio Vieira Pires, Bruno de Mendonça Lima, Paulo Hecker, Pedro Vergara, Renato Costa, Alcides Müller, Concesso Cassales, Francisco de Leonardo Truda, Hector Acosta, José Loureiro da Silva e outros.



IARO (Do esp. *tcharo*), S.m. Etnol. Indivíduo da tribo dos iaros; adj. relativo ou pertencente a essa tribo, filiada antropologicamente ao grupo chaná e estabelecida às margens do Quaraí quando se iniciou o desbravamento do Rio Grande do Sul. **Bibliogr.** Hugo Luedeke, Os Primitivos Habitantes do Rio Grande do Sul, Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Público do Estado, P. Alegre, nº 20, junho de 1928. "Esta indiada eram os Charruas, os Minuanos, os *Iaros* e mais outros..." (Heraclides, Onze Braças de Campo e Algumas Sobras, p. 11).

IBACARU, Hidrogr. Riacho afluente do arroio dos Ratos, pela margem direita.

IBACATU (Do guar. *ybaka + una*, o céu escuro),

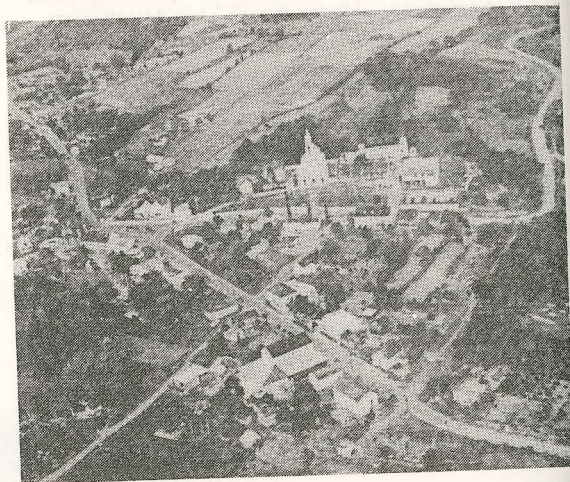
Hidrogr. Riacho que deságua no Camaquã, pela margem direita (M. de Caçapava do Sul).

IBACOROI, Hidrogr. Pequeno curso d'água, caudatário do Piaí, pela margem direita (M. de Caxias do Sul).

IBAIM, Hidrogr. Arroio afluente do Tacangava, pela margem esquerda.

IBAUÊ, Hidrogr. Riacho tributário da lagoa dos Quadros, pela margem ocidental.

IBAQUERA, Hidrogr. Arroio afluente do Caí, pela margem direita, também chamado Calombo e Divisa. Nome anterior: arroio Grande.



IBARAMA¹ (Do guar. *ybá + rama*, a terra das árvores), Geogr. Município da Encosta Inferior do Nordeste. Data da criação: 15.12.1987. Área territorial: 197 km². População estimada:

1988 8.000

Limita-se com Sobradinho, Agudo, Nova Palma, Júlio de Castilhos e Arroio do Tigre. Fumo de estufa e de corda. Lavouras de trigo, feijão preto, milho e soja. Gado leiteiro e de corte. Criação de suínos. Horticultura. Grande plantação de videiras. Cantinas. Cascata da Gringa.

IBARAMA², Geogr. Cidade à margem direita do arroio da Gringa, sede do município de Ibarama. Nome anterior: São Paulo. // Escola Estadual de 1ª Grau Catarina Bridi. Clube Esportivo Ibarama, fundado em 1951. Sociedade de Damas Flor de Maio. Clube de Mães Doce Lar.

IBARÉ1 (Do guar. *ybá + aré*, a fruta caída), Hidrogr. Córrego afluente do arroio Jaguari, pela margem esquerda. Tem 36 km de curso.

IBARÉ2, Geogr. Distrito da Serra do Sudeste. Data de criação: 08.04.1886. Povoado principal: Jaguari (M. de Lavras do Sul). População:

1980.....2.266

IBARÉ3, Geogr. Vila à margem esquerda do arroio Jaguari, servida pela ferrovia Bagé-Sant'Ana do Livramento, sede do distrito de Ibaré. Nome anterior: Jaguari. // Nas imediações existiu o posto jesuíta de Santo Agostinho, onde, em 30.01.1756, Sepé Tiaraju ofereceu a primeira resistência ao exército luso-espanhol, na chamada Guerra das Missões.

IBARRA, Luíz Alberto, Biogr. Agrônomo, jornalista e escritor natural de Uruguiana, nascido em 1930. Publicou dois volumes de versos regionais: *Carreira de Tiro Longo*, P. Alegre, 1958 e *Canção do Sul*, P. Alegre, Oficinas Gráficas da Secretaria de Agricultura, 1958.

IBCM — Sigla da Instituição Beneficente Coronel Massot.



IBDF — Sigla do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, criado em 28.02.1967.

No Rio Grande do Sul, além de outras, a autarquia possui as seguintes dependências:

Postos de Controle e Fiscalização (POCOFs) em Santa Maria, Rio Grande, Livramento, Uruguiana, Santo Ângelo, Passo Fundo, Porto Alegre, Caxias do Sul, Taquara e São Leopoldo.

Postos de Fomento Florestal (POFOMs) em Ilópolis e Ijuí.

Floresta Nacional (FLONAs) em Passo Fundo, Canela e São Francisco de Paula, onde são realizados trabalhos de pesquisa florestal, produção e distribuição de mudas de essências florestais.

Estação Florestal Experimental (EFLEX) em Pelotas, nela são realizadas pesquisas florestais puras ou aplicadas principalmente com essências florestais nativas da região.

Parque Nacional (PARNA) em Camará do Sul, objetivando resguardar atributos excepcionais da natureza, conciliando a proteção integral da flora, fauna e das belezas naturais.

IBEFRA — Sigla do Instituto Beneficente Fraternidade, fundado em 30.03.1987 na cidade de Agudo.

IBIA (Contr. do guar. *y + mbyaçá*, a boca do rio, a foz), Geogr. Região indígena que, nos séculos XVII e XVIII, abrangia toda a bacia do Caf e alguns territórios circunjacentes. Ali, em 26.04.1635, às margens do atual Piaí, o P. Cristóvão de Mendonza, jesuíta paraguaio, foi trucidado pelos ibiraiaras. **Bibliogr.** P. Luiz Gonzaga Jaeger, *O Herói do Ibia*, P. Alegre, Tip. do Centro, 1943.

IBIÁ (Do guar. *yby + á*, a terra alta), Hidrogr. Arroio afluente do rio da Ilha, pela margem direita. "Otto estabeleceu-se na região da Serra, nas cabeceiras do *Ibiá*." (Roberto Bittencourt Martins, *Ibiamoré*, O Trem Fantasma, p. 196).

IBIACÁ1 (Do guar. *yby + açaba*, passagem da terra), Geogr. Município nos Campos de Cima da Serra. Data de criação: 15.08.1965. Área territorial: 568 km². Padroeira: Santa Filomena. População:

1980 6.735

3.820 eleitores em 1986. Lavouras de sorgo, milho, trigo e soja. Suinocultura. Criação de bovinos. Serrarias e artefatos de madeira. População de origem predominantemente italiana.



IBIACÁ2, Geogr. Cidade a 605 metros de altitude, sede do município de Ibiacá. População:

1980 3.775

Clube de Diretores Lojistas. Posto de Saúde de 2a. Classe. Conselho Educacional Comunitário. Hospital Pio XII, entidade beneficente fundada em 15.10.1958. Escola Estadual de

1ª e 2ª Graus Professora Adelaide Picolotto. Cooperativa Regional de Eletrificação Rural Alto Jacuí Ltda. Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Parque de Rodeios Hermínio J. Raimundy. Eventos significativos: romaria de N. Sra. Consoladora dos Aflitos; Semana Farroupilha.

IBIÇAENSE, Adj. 2 gên. De Ibiacá; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município.

J, S.m. Décima letra do alfabeto e consoante lingual palatal fricativa sonora.

J.A., Biogr. (V. Mello, Miguel).

JABIRACA (Corrupt. de *jararaca*), S.f. Mulher feia e de mau gênio.

JABORANDI (Do guar. *yaborã + di*), S.m. Arbusto da família das rutáceas. Folhas providas de glândulas translúcidas. Flores minutas, ordenadas em racemos especiformes. Fruto capsular. (*Policarpus integrifolia* Lam.).

JABORITI, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Tenente Portela).

JABOTICABA¹, Geogr. Município do Alto Uruguai. Data da criação: 30.11.1987. Área territorial: 139 km². Padroeira: Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. População estimada:

1988 8.000

Limita-se com Palmeira das Missões, Seberi e Rodeio Bonito. Gado leiteiro e de corte. Suínos e aves. Produção de soja, trigo, milho e feijão preto.

JABOTICABA², Geogr. Cidade a mais de 500 metros de altitude, sede do município de Jaboticaba. // Posto de Saúde. Juizado de Paz. Escola Estadual de 1ª e 2ª Graus Padre Francisco Goettler. CTG Chaleira Preta.

JABURU¹ (Do guar. *yabi + ru*), S.m. Ornitol. Ave da família dos ciconídeos, também chamada cabeça-de-frade e cojô-dos-índios. Plumagem de cor branca. Cabeça e pescoço plumosos. Vive em bandos, constrói ninhos coletivos e alimenta-se principalmente de peixes. (Enxura galeata Molina). "Os *jaburus* alvos, que modorravam à beira do banhado, ergueram o vôo..." (Canto e Mello, Relíquias da Memória, 2a. ed., p. 149).

IBIACEÍ, Hidrogr. Córrego tributário do Passo Fundo, pela margem esquerda (M. de Sarandi).

IBIAJUTUNA, Hidrogr. Arroio afluente do Vacacá, pela margem direita.

IBIAGUARA, Adj. e s. 2 gên. Etnol. (V. Ibiraiara).

IBICUÁ, Hidrogr. Riacho que desemboca do Ijuí, pela margem esquerda.

JABURU², S.m. Espécie de roleta que, em vez de números, continha figuras de animais. "Depois o povo se aglomerou em torno das casas e campeou a jogatina infernal: carretela, *jaburu*, primeira, lasquiné..." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 71). "O homem de gris olhava entretido para a roda do *jaburu*." (Érico, Noite, p. 82). "Os homens continuavam em torno da mesinha do *jaburu*..." (Vergara, Figueira Velha, p. 122).

JABURU-MOLEQUE, S.m. Ornitol. (V. Baguari). Pl.: *jaburus-moleques*.

JABUTICABA¹ (Do guar. *iapoti + kaba*, fruta em botão), Hidrogr. Arroio afluente do rio das Antas, pela margem direita.

JABUTICABA², S.f. Nome que os fruticultores de Farroupilha dão à variedade de ameixa Sugar.

JABUTICABA³, Geogr. Lugar no distrito de Capoeira Grande (M. de Tenente Portela).

JABUTICABA⁴, Hidrogr. Arroio tributário do rio da Várzea, pela margem esquerda.

JABUTICABAL, Hidrogr. Córrego tributário do Ati-Açu, pela margem direita.

JABUTICABEIRA, S.f. Bot. Árvore da família das mirtáceas, cujos frutos amadurecem em janeiro. Flores alvas, com estames numerosos. Folhas pequenas. Tronco liso. (*Myrciaria cauliflora* Berg.).

Jabuticaba é fruta boa
Enquanto não apodrece.
Assim é o amor novo
Enquanto não aborrece!

JAC, Biogr. (V. Fernandes Barbosa, Jacinto).

JACÁ (Do guar. *aya + ka*), S.m. Cesto de fibras

vegetais, com capacidade de 45 a 60 quilos, destinado outrora ao acondicionamento e transporte da erva-mate. "Levou por diante dois cargueiros, com *jacás* feitos de taquara..." (Freitas, Gauchadas, p. 40).

JACANÃ (Do guar. *ñaha + ñã*), S.f. Ornitol. Ave ribeirinha da família dos parrídeos. Bico amarelo. Uropígio escuro. Peito com tonalidades avermelhadas. Dedos prodigiosamente compridos. Nuca preta. (Parra jacana L.). "A ordem dos pernaltas é representada pela avestruz, o João-grande, a garça, o socó-boi, o carão, a *jacaná*..." (A.G. Lima, Rio Grande do Sul, 40º milheiro, p. 91).

JACAQUÁ¹ (Do guar. *ayacá + quá*, o buraco do cesto), Hidrogr. Arroio com aproximadamente 40 km. Nasce nas proximidades da lagoa Parobé e lança-se no Ibicuí, pela margem direita, abaixo do passo do Catarina. "Nesse dia deixei a coluna bivaqueando mais ou menos nas nascentes do *Jacaquá*..." (Flores, A Campanha de 23, p. 133).

Fora da caixa do Ibicuí
Logo adiante o *Jacaquá*...

Zeca Blau, Poncho e Pala, p. 14

JACAQUÁ², Geogr. Distrito na região da Campanha. Data de criação: 31.01.1893 (M. de Alegrete).

JACAQUÁ³, Geogr. Vila à margem esquerda do Ibicuí, servida pela ferrovia Santa Maria-Uruguaiana, sede do distrito de Jacaquá. "Atingiram e deixaram à direita a sua vila; tomaram a estrada de *Jacaquá*..." (Antero, Mensagem a Poucos, p. 60). "Botou o rapaz no trem, na estação do *Jacaquá*, direto a Porto Alegre." (Dornelles, Causos da Querência, p. 52).

Lá se vai o sol entrando
Vermelho como um juá,
Amanhã eu vou embora
Pra os pagos de *Jacaquá*!

JACARAÍ¹ (Alt. do guar. *jacaré + y*), Hidrogr. Riacho afluente do Ibirapuitã, pela margem esquerda.

JACARAÍ², Geogr. Localidade no 5º subdistrito (M. de Alegrete).

JACARANDÁ-CAROBA, S.f. Bot. (V. Carobinha). Pl.: jacarandás-carobas e jacarandás-caroba.

JACARATIÁ, S.m. Bot. Árvore espinhosa da família das caricáceas. Folhas com oito a doze folíolos digitados. Flores unissexuais em pés separados. Fruto comestível em forma de baga. Secreta abundante latex de propriedades vermífugas.

JACARÉ¹ (Do guar. *yaka + ré*), Hidrogr. Córrego que deságua pela margem esquerda, no Taquari, próximo à cidade de Encantado. Tem 32 km de curso e banha o distrito de Relvado. Nasce nas imediações de Murta. Principais afluentes: Coqueiro, Guabiroba, Jacarezinho e Putinga.

JACARÉ², Geogr. Povoado no distrito de Povo Novo (M. de Rio Grande).

JACARÉ³, Hidrogr. Arroio tributário do Ibicuí, pela margem direita. "Passamos o *Jacaré* e acampamos logo adiante do passo..." (Antero, Mensagem a Poucos, p. 199).



JACARÉ⁴, S.f. Mulher muito feia, idosa, sem atrativos.

JACARÉ⁵, S.m. Peça de ferro com grampos com a qual se fixam os troncos na mesa (nas serrarias).

JACARÉ⁶, Hidrogr. Riacho que desemboca no Santa Maria, pela margem direita (M. de São Gabriel). "O rosário foi aumentando progressivamente belo: Cambaf, Salso, Jaguari, Salsal, Cacequi, Gama, *Jacaré*..." (Ramiro, Meu Riacho, p. 212).

JACARÉ-DE-PAPO-AMARELO, S.m. Zool. Réptil crocodiliano da família dos aligatorídeos, comum nas lagoas do Taim. Focinho largo e comprido. Grandes escudos nucais. Dorso escuro uniforme nos animais adultos. Só ataca quando no choco. De vida quase exclusivamente aquática, tem audição regular e os outros sentidos pouco desenvolvidos. Chega a atingir 2,10 metros. (Caiman latirostris Daud.). Pl.: jacarés-de-papo-amarelo.

JACAREZINHO¹, Geogr. Povoado no 1º distrito, com capela dedicada à Nossa Senhora da Ajuda (M. de Encantado).

JACAREZINHO², Hidrogr. Regato afluente, pela margem direita, do Jacaré¹. Tem 12 km de extensão e nasce no município de Arroio do Meio.

JACAROA (Flexão fem. de *jacaré*), S.f. Varieda-

K

K, S.m. Letra estranha ao alfabeto vernáculo. Emprega-se restritivamente em vocábulos estrangeiros, não aportuguesados e abreviaturas de uso internacional.

KASTRUP, Diva Machado Pereira, Biogr. Jornalista e escritora pelotense, nascida em 1915. Pseudônimo: Marilyn Dorison. Autora de *Sol de Outono*, versos, P. Alegre, 1962 e *A Mulher Gaúcha na Medicina*, P. Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1983.

KAEFER, Lídia, Biogr. Artista plástica, natural de Canoas. Em São Leopoldo fundou a Escola Oficina de Arte, com cursos de xilogravura, entalhe em madeira, composição e teoria das cores, pintura e desenho.

KAMPF, Hidrogr. Arroio afluente do Indwig, pela margem esquerda (M. de Taquara).

KAPPEL SOBRINHO, João, Biogr. Ruralista, comerciante, industrial e político portoalegrense, nascido em 1870. Oficial superior da Guarda Nacional e sócio de Edmundo Arnt em vários empreendimentos.

KARNAL, Francisco Oscar, Biogr. Jornalista. Fundou e dirigiu vários periódicos. Em Lajeado, em 1901, lançou *O Alto Taquari*.

KASSCHMIER, S.m. Tipo de queijo, semelhante ao *cottage cheese* norte-americano, fabricado na Região Colonial Alemã. "Do excesso de gordura a vovó fazia manteiga e *kasschmier*." (Carlos Bento Hofmeister Filho, *O Pote de Geléia*, p. 125).

KASSLER, S.m. Prato típico da culinária germânica tradicional ainda bastante popular no vale do rio dos Sinos.

KAUTZMANN, Maria Eunice Müller, Biogr. Professora e escritora natural de Taquara, nascida em 1924. Autora de *Espirais*, versos, Montenegro, Editora Gehlen, 1969.

de de abóbora redonda. // Não se acentuam as palavras terminadas em *oa*: boa, garoa, jacaroa, etc.

JAÇARUABA, Hidrogr. Arroio tributário do Uruguai, pela margem esquerda. Nome anterior: Laranjeira.

KESCHIMIER, S.m. Espécie de requeijão produzido na região colonial alemã.

KESSLER, Victor Adalberto, Biogr. Empresário. Diretor da Companhia Sul Brasil de Seguros, fundada na capital em 1909.

KIEFER, Bruno, Biogr. Musicista e professor. Autor de *Os Campeadores*, partitura para orquestra com versos de Carlos Nejar. Três movimentos de belos efeitos sonoros estruturaram a obra de exaltação do gaúcho como figura humana: *O Tempo da Terra*, *O Tempo da Ansiedade* e *O Tempo da Libertação*.

KINDLEIN, Oswaldo Lopes, Biogr. (1895-1935) — Escritor e jornalista natural de Santo Antonio da Patrulha. Autor de *Flores do Passado*, crônicas, P. Alegre, Liv. Americana, 1935.

KING-A-TCHONG, Biogr. (V. Guimarães, Eduardo).

KIPPER, João Balduino, Biogr. Professor e escritor jesuíta, natural de Santa Cruz do Sul, nascido em 1915. Traduziu, com introdução e notas, *O Livro da Sabedoria*, Rio, Liv. Agyr Editora, 1959.

KLIEMAN, Maria Inês, Biogr. Artista plástica, especializada em gravuras e panós decorativos com temas regionais. Diplomou-se na capital pelo Instituto de Artes da UFRGS.

KERB (Alt. do al *kirchfest*, festa de igreja), S.m. Conjunto de solenidades e bailes em regozijo por certas datas de caráter religioso — fundação de capelas ou templos — frequente na região colonial alemã. Dura em geral três dias, com muita abundância de bebidas, pratos típicos, canções alegres e bem humoradas como esta de Doris José Schlatter, popularíssima no município de Feliz:
Wenn die Kerb kommt bei uns in Feliz,
Sind die leute all so froh,
Dann wird's Haus geschrappt,
Dan wird stramm gebackt,

Diese Kostbaren tropfen
kann man nicht verloren gehen
lassen!



Estas gotas preciosas não se podem perder!

A cerveja e o kerb: criação do desenhista Osmar Roddighieri

Un die Arbeit, die fliegt nur so,
ist dann auch nosch das Kerbkleid da,
Welche Freude, Tra-la-la!
Rechts herum, eins, zwei, drei,

Links herum — sooo!
Kinder ist das ein Halloh!

Maedel, ich bitt schoen, komm tanz mit mir,
Schoen ist die Kerb ja doch nur mit dir,
Fort mit der Arbeit und Sorge fuer heut!
Denn froh sein hat nie mich gereut.
Maedel ich bitt schoen, sei lieb zu mir,
Weisst du, dann bin ich auch gut zu dir,
Denn webbers Jahr um die Zeit ganz genau
Bist du meine kleine Frau.

Bibliogr. Carlos de Souza Moraes, *O Kerb em São Leopoldo há 60 anos*, C. do Povo, P. Alegre, 06.07.1956. "Os alemães bebem cerveja e uma espumarada que se apelida chope, gritam, cantam, fazem um banzé dos diachos nos *kerbs*..." (Acauan, Ronda Charrua, pp. 139-140). "Depois nasciam-lhe umas saudades dos dias festivos. Das apostas nas canchas de bocha. Dos *kerbs*..." (Jacques, Os Provisórios, p. 45). "Agora só se encontrariam no próximo domingo, no *kerb*..." (Moog, Um Rio Imita o Reno, p. 110).

KERB-BURSCHE, S.m. Aquele que, no kerb, descobrindo a garrafa de bebida escondida na véspera, recebe como insígnia uma roseta de fitas coloridas.

L, S.m. Décima-primeira letra do alfabeto e consoante linguodental.

LABARTHE, Domingos, Biogr. Jornalista e escritor natural de Sant'Ana do Livramento, onde pertenceu ao grupo literário de Phédias Rodrigues, Hector Alvarez, Ivo Roxo, Sardo Filho, Mário Milton de Alencastre, Túlio Chaves, Gildásio de Oliveira, Adolfo Prado, André Carrazzoni e outros. Usava monóculo à Eça de Queiroz e recitava versos de Vargas Vila. Em Sant'Ana do Livramento foi colaborador do *O Bricabraque*, da revista *Falena*, primeira publicação rio-grandense a mandar fazer clichês em Montevideú e finalmente diretor da *A Platéia*.

LABARTHE, Ilka, Biogr. Jornalista, advogada, radialista e tradutora santanense, nascida em 1907. No Rio criou e dirigiu a *Hora do Brasil* do DIP. Autora de contos e histórias infantis, entre os quais *O Tapete Mágico de Tia Lúcia*, com ilustrações de Iolanda Pongetti, São Paulo, 1938.

LABARTHE, Paulo, Biogr. (1889-1955) — Advo-

gado, jornalista, político e escritor santanense. Pseudônimo: João Lince. Em Porto Alegre foi aluno do Colégio Anchieta, cursou as primeiras séries da Faculdade de Direito e fez-se redator da *A Reforma*, dirigida então por Francisco Antunes Maciel Junior e Leonardo Truda. Bacharelou-se na capital paulista, onde secretariou *A Capital* de Oscar Tollens e Manoel do Carmo. Formado, abriu banca de advocacia em Sant'Ana do Livramento e passou a integrar o quadro redatorial do *O Maragato* de Rodolfo Costa, jornal de que foi também diretor até 1930. Literariamente, fez parte do movimento renovador liderado por Garcia Marggioco, Ivo Roxo e outros. Ainda em Sant'Ana do Livramento escreveu para *O Album* de Licurgo Cruzem, *O Sonho* de Pedro de Alencastre, Genil Trindade e Gelon Santana, e *O Pegaso* de Tel-Manacorda. Em Quaraí dirigiu *O Pampa* (1914). Colaborador da *Kodak* e da *Ilustração Pelotense*. No Rio fundou o Grêmio Gaspar Silveira Martins e foi colaborador de vários cotidianos, entre os quais o *Jornal* e o *Diário* de quais o *Jornal do Comércio* e o *Diário de Notícias*. Colaborou também no *Boletim de Ariel*, a convite de Gastão Cruis. Polemista do

estofa de René Benjamin e a mais bela encarnação da alma originalíssima do Rio Grande, segundo Pery Mello. Publicou: *Os Jesuítas*, libelo, P. Alegre, 1909 e *Defesa*, Rivera, Tip. do O Maragato, 1926.

LAÇAÇO (Do esp. plat. *lazazo*), S.m. Pancada ou golpe desferido com o laço. *Estar de dar laçoço ou laçoços*: estar excelente, muito bom. "Continua que o causo *está de dar laçoços*..." (Piá do Sul, Farrapo, 2a. ed., p. 26).

LAÇADA (De *laço + ada*), S.f. (V. Armada). "O animal tirou logo os pés da *laçada*..." (Thales, Touro de Inhambuí, p. 94). "Armou a *laçada*, enrodilhou o laço na mão direita..." (Villela, Gauchadas do Candinho Bicharedo, pp. 134-135).

Meus senhores dêem licença
Pra atirar minha *laçada*!
Quem no mundo não arrisca
Não ganha nem perde nada!

Apertar a laçada: mostrar-se mais exigente; agir com maior rigor; impor obrigação. *Meter o pé na laçada*: meter-se em dificuldades.



LAÇADOR (ô) (De *laçar + dor*), S.m. Homem de grande destreza e habilidade no manejo do laço.



Cidade de Porto Alegre: monumento ao laçador

Gaúcho bom *laçador*
Laça boi de toda idade;
Chinoca, com teu amor,
Laço até a Felicidade!

Herlein, Trovadores do Rio Grande do Sul,
p. 54

LAÇADOR A CAVALO, Expr. Laçador montado. Pl.: laçadores a cavalo. "Iam *laçadores a cavalo*, pealadores a pé, ginetes..." (Piá do Sul, Farrapo, 2a. ed., p. 69).

LACAIO (Do esp. *lacayo*), S.m. Indivíduo que pratica ações ridículas ou graceja de modo chulo.

Era um *lacaio* de monta
E que nunca ia pra diante
Por ter bestunto berrante
Pior do que mosca-tonta!

Balbino, A Estância de Dom Sarmento, 2a.
ed., p. 88

LACARANDI, Geogr. Lugar no 2º subdistrito (M. de Alegrete).

LAÇAR DE PRIMEIRA MÃO, Loc. verb. Prender (o animal) com o laço no primeiro arremesso desse utensílio campeiro.

LAÇAR DE TIRÃO, Loc. verb. Laçar sem sacudir o laço. "O laçador habitual procura laçar de tirão ou reboleando pouco." (Sá Britto, Trabalhos e Costumes dos Gaúchos, p. 75). "O capataz fazia uma pequena armada com duas ou três rodilhas e ia laçando de tirão..." (Aristides, Fundação e Evolução das Estâncias Serranas, p. 203).

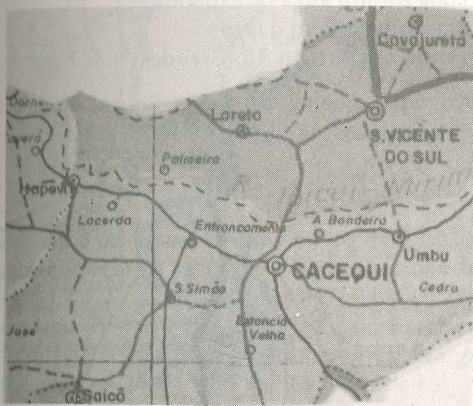
LAÇAR DE TODA TRANÇA, Loc. verb. (V. Trança⁴).

LACEADA, S.f. Grande quantidade de golpes dados com qualquer instrumento de açoite.

LACEDO (ê) (De laço + edo), S.m. Conjunto ou porção de laços.

LACEIRA (De laço + eira), S.f. Grade de varas para sustentar plantas sarmentosas ou trepadeiras.

LACERDA, Geogr. Povoado na Depressão Central (M. de Cacequi).



Lacerda: localização geográfica

LACERDA, Augusto Carolino Corrêa de, Biogr. (1864-1926) — Jornalista e escritor portoalegrense. Assinatura usual: Augusto de Lacerda. Pseudônimo: João Claro. Autor de dramas, comédias, sainetes, poemas e ensaios, a maioria dos quais escritos em Portugal. Publicou entre outros, os seguintes trabalhos: *A Dúvida*, peça dramática em 3 atos, Lisboa, Editora Tavares Cardoso, 1906; *As Duas Pátrias*, versos, Porto, Oficinas do O Comércio do Porto, 1908 e *Teatro Futuro*, Coimbra, Imprensa Universitária, 1924.

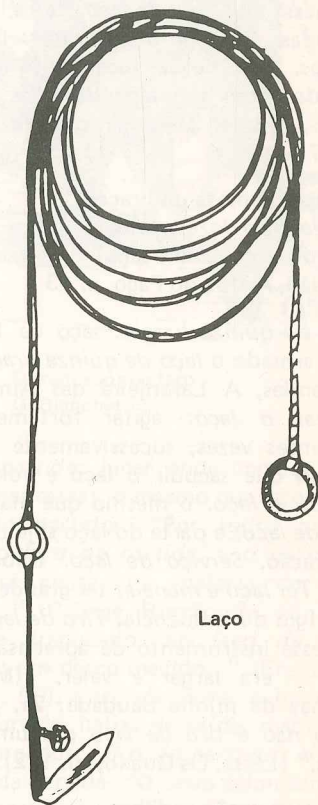
LA CHUSCA, Interj. (V. A la chusca).

LAÇO¹ (Do lat. *laceu*, por *laqueu*), S.m. Corda de couro sem emenda, ponteadada a tento, em trança redonda, comprimento e diâmetro variáveis, geralmente de oito a quinze braças, composto de quatro partes: ilhapa, argola, presilha e corpo do laço propriamente dito. Sempre guardado no chão, para não ressecar. Lubrificado com carne verde, especialmente

fígado de rês. O sebo torna-o excessivamente mole, não permitindo boas armadas. **Adag.** De couro ruim não sai laço bom; quem um laço faz bem, sabe fazer cem. **Afrouxar o laço:** transigir espontaneamente; condescender; anuir ao rogo de alguém; contemporizar; entreter para ganhar tempo; acomodar-se às circunstâncias. **Armar o laço:** aprontá-lo para o arremesso. "O capataz *armou o laço* e jogou-o no brasino que corria..." (Paulino Jacques, Gaspar Silveira Martins, p. 212). "Antonio, *arma o laço...*" (Peixoto, Alma Gaúcha, p. 7). **A todo laço:** de modo que (o laço sem voltas) se estenda completamente no arremesso.

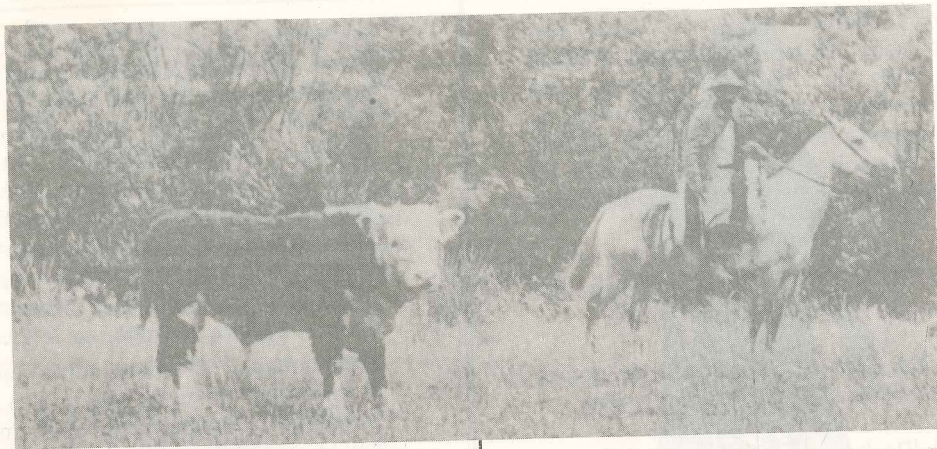
Campeiro desassombrado, nesse cavalo montado, tinha firmeza no braço, boleava a torto e direito, laçava de qualquer jeito Sem rodilha a todo laço.

Oliveira, Rastro de um Charrua, p. 35



Laço

Berrar no laço: vociferar; deblaterar; protestar; reclamar; opor-se por meio de atos ou palavras. **Cair no laço:** ser laçado (o animal). "Algum terneiro quis refugar, mas *caiu no laço*" (Severo, Visão do Pampa, p. 14); (fig) Ser enganado ou ludibriado; cair em esparrela; colocar-se em embaraços. **Cerrar o laço:** fechar-se a armada. **De arrebentar laço:** de causar admiração ou surpresa. "A mais arteira era a segunda, uma ruana *de arrebentar laço*." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 203). **Encostar o laço:** dar uma ou mais



pancadas em. *Estar no laço*: estar obrigado por palavra ou por escrito; estar em situação de dependência. "A menina *está no laço* e nós havemos de acompanhar o tirão." (Piá do Sul, Amores do Capitão Paulo Centeno, p. 106). *Ficar com cara de laço novo*: ficar desenxabido, sem graça ou sem animação. *Fincar o laço*: arremessá-lo. *Grosa de laço*: surra, sucessão de pancadas. *Laço de doze braças*: laço de 120 palmos. "Um bagual faceiro pra montar bem aperado, com um *laço de doze braças* nos tentos." (Brasil Dubal, Fronteira Inclemente, p. 157).

Mostro a firmeza do braço
Com *laço de doze braças*,
Num pialo de todo o laço!
Adail, A Voz do Pago, p. 43

Laço de quinze braças: laço de 150 palmos. "Foi armado o *laço de quinze braças*..." (Paulo Fernandes, A Laranjeira das Almas, p. 47). *Manear o laço*: agitar fortemente e por diferentes vezes, sucessivamente (o laço); o mesmo que sacudir o laço e voltear o laço. *Sacudir o laço*: o mesmo que manear o laço. *Seio de laço*: a parte do laço sujeita ao esforço de tração. *Serviço de laço*: trabalho com o laço. *Ter laço e maneia*: ter grande autoridade, prestígio ou influência. *Tiro de laço*: arremesso desse instrumento de apreensão. "*Tiro de laço* — era largar e valer." (Márcio Dias, Brumas da minha Saudade, 2a. ed., p. 48). "Isso não é *tiro de laço* pra um gaúcho de fama." (Lessa, Os Guaxos, p. 122).

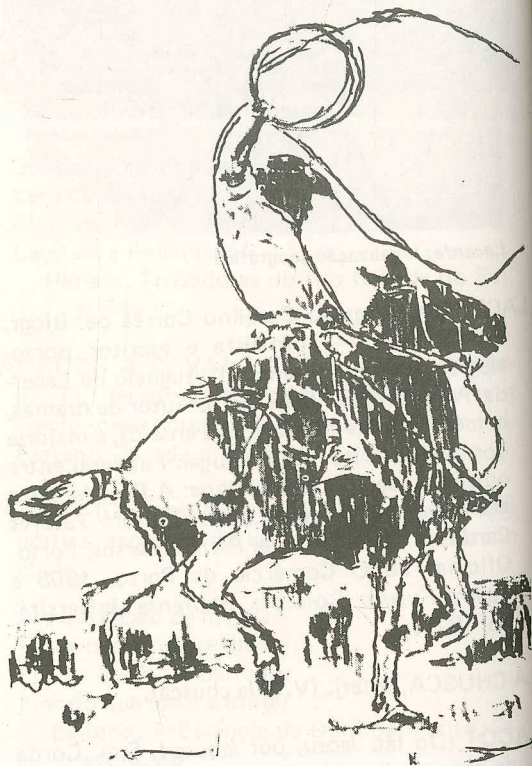
Estes versos são rodilhas
De um *tiro de laço* armado
Para pealar nas coxilhas
Lindezas do pago amado!
Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2a.
ed., p. 131

O malacara é um pingo
Qua a gente encosta no freio,
Num aparte ou num rodeio
Ou mesmo em *tiro de laço*!
José Nelson Corrêa, Décima do João Guará,
p. 52

Tronco de laço: antigo sistema de detenção de emergência, em que se utilizava o laço para impedir a fuga do preso. "Aquele bandido! Ainda havia de vê-lo, mas era num *tronco de laço*..." (A. Maya, Tapera, p. 16). *Voltear o laço*: o mesmo que manear o laço.

Quando monto o meu picaço
Toda a minh'alma de expande
E quando *volteio o laço*
Tenho orgulho do Rio Grande!

No laço: poema de Jango Souza, Ilustração Pelotense, nº 11, junho de 1920.



LAÇO², S.m. Percurso, espaço, extensão de terreno, distância que o parelheiro corre. "Se duvidassem encostava o baio-sebruno, cola e luz, *laço curto*..." (Callage, Terra Gaúcha, 2a. ed., p. 35). "Depende do *laço* e da parada..." (Manoelito, Terra Xucra, p. 73).

LAÇO³, S.m. Termo ou ponto de partida (nas canchas retas).

Quem vai chegando se arrancha
E a gente ladeia a cancha
Desde a saída até o laço!
Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2a.
ed., p. 173



Em cima do laço: no lugar exato, preciso, em que começa ou termina a pista (nas canchas retas). "E a duas braças da raia, quase *em cima do laço*, o baio assentou..." (Lessa, *Estórias e Lendas do Rio Grande do Sul*, p. 280). *Ganhar de laço a laço:* ganhar (o parreheiro) do princípio ao fim.

Desse lote macanudo
O ruano foi o ponteiro
Ganhando de laço a laço
Pra glória do fazendeiro!

Freire, Alma de Gaúcho, p. 30

Laço curto: o mesmo que tiro curto "Se duvidassem, encostava o baio-sebruno cola e luz, *laço curto...*" (Callage, *Terra Gaúcha*, 2a. ed., p. 35). *Laço da chegada:* o extremo final do percurso convencionado (nas carreiras); o mesmo que baliza de chegada. "O zaininho, pilotado por José, avantajou-se logo de meio corpo e com essa vantagem foi até ao *laço da chegada.*" (Freitas, *Gauchadas*, p. 125). "Rogério regressava do *laço da chegada* montando o parreheiro vencedor..." (João Maia, *Pampa*, p. 50). // Usa-se também a expressão laço de chegada.

O tordilho era valente
e não frouxava a mascada,
mas o pangaré fez frente
já no *laço de chegada.*

Colmar Duarte, *Cancha Reta*, p. 158



O trançador de laço
G. Bianchetti

Laço de partida: lugar onde começa a pista (nas canchas retas); o mesmo que laço da saída e laço do partidor. "Por todos os lados, sitiando o *laço da partida*, e o da chegada, apinhava-se gente, na maioria de cavalos aperados..." (Callage, *Rincão*, 2a. ed., p. 70). "Já meio tragueado, no *laço da partida* encontrou um desconhecido..." (Freitas, *Gauchadas*, p. 90). *Laço da saída:* o mesmo que laço da partida, baliza de saída, maneador da saída e largador. *Laço do partidor:* o mesmo que laço da partida. "O povo aglomerou-se no *laço do partidor* e ao longo da cancha até o laço da chegada." (Freitas, *Gauchadas*, p. 116). *Primeiro laço:* tiro intermediário, com juiz. "Passaram o *primeiro laço* juntos, olhando-se..." (Callage, *Terra Gaúcha*, 2a. ed., p. 104). *Segundo laço:* distância imediatamente posterior à do primeiro laço.

LAÇO CURTO, Expr. (V. Laço³).

LAÇO DA CHEGADA, Expr. (V. Laço³).

LAÇO DA SAÍDA, Expr. (V. Laço³).

M

M¹, S.m. Décima-segunda letra do alfabeto e consoante bilabial nasal, sonora.

M², Biogr. (V. Totta, Mário Ribeiro).

MABILDE, Adolfo Pompílio, Biogr. (1858-1910) — Engenheiro, naturalista e professor natural de São Leopoldo. Assinatura habitual: Adolfo P. Mabilde. Empreendeu importantes estudos no campo da entomologia e escreveu *Borboletas do Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Tip. de Gundlach & Cia., 1896.

MABILDE, Pierre-François Alphonse, Biogr. (1806 - 1892) — Engenheiro belga, natural de Bruxelas. Desincumbiu-se de várias comissões oficiais no Rio Grande do Sul, especialmente no setor de comunicações. (V. Francisco Inácio Marcondes Homem de Mello, Relatório, P. Alegre, Tip. do Jornal do Comércio, 1868).

MAÇA, S.f. Parte central da roda, para a qual convergem os raios da carreta. "Arrolhamos na sombra da carreta, junto da roda, encostando a cabeça na *maça*." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 117). "Molhava-se bem as cambotas, os raios e a *maça*." (Pedro Ari, Formação do Gaúcho, p. 175).

Recavém, chedas, cadeias
Tablado de duas braças
Raios, cambotas e *maças*
De guajuvira ou ipê...

Apparício, Cantigas do Tempo Velho, p. 39

MÃ CABEÇA (Do esp. plat. *mala cabeza*), Expr. Pessoa desajuizada, arruaceira, leviana, imprudente, capaz de praticar atos cruéis.

Já fui índio *mã cabeça*
peleador e bochinheiro...

Dimas, Pampa Bravo, p. 97

// Também se diz comumente mala cabeça (na fronteira).

Uma feita... era domingo,
havia grande carreira
— gaúchos de toda parte
e chinas do vizindário.
E no meio dessa gente
veio até um *mala cabeça*,
castelhano calaveira...

Retamozo, Tradição, P. Alegre, 15.12.1983

MACACHI, S.m. Bot. Planta herbácea, nativa, da família das gramíneas. Flores miúdas, hermafroditas, envoltas em bractéolas paleáceas. "As pastagens naturais destes campos são constituídas pela flechilha, o trevo, o capim-limão, o *macachi*..." (A. G. Lima, Rio Grande do Sul, 40º milheiro, p. 88). // Var.: macachim.

Pelo chão, a flor do trevo
macachins e mal-me-quer
como colcha colorida.

Guido Machado Moraes, Canto Pampa, p. 37

MACACO¹ (Vocabulo de origem africana), S.m. Entomol. Inseto daninho, destruidor de hortas, da família dos grilídeos, também chamado paquinha e toupeira. Patas alongadas em cavadeiras. Possui hábitos noturnos. A casa, construída no chão, tem um pequeno orifício que, durante o dia, permanece tapado com terra e detritos vegetais. Somente o macho canta: o órgão estridulante localiza-se nas asas e consiste numa curiosa lima de nervuras.

MACACO², S.m. Galho que, despreendendo-se da árvore, cai sobre o viandante.

MACACO³, S.m. Dispositivo que adaptado à moenda², facilita a introdução da cana-de-açúcar; o mesmo que entrada.

MACACO⁴, Geogr. Lugar no 1º distrito (M. de Palmeira das Missões).

MACACO⁵, S.m. Pequeno instrumento de aço, em forma de meia-lua, usado no deslocamento de grandes troncos. "Para rolar a tora usam o *macaco* ou gancho." (Pedro Ari, Formação do Gaúcho, p. 184).

MACACO⁶, Hidrogr. Arroio afluente do Abaju, pela margem direita.

MACACO BRANCO, Hidrogr. Córrego que se lança no Moraes, pela margem esquerda (M. de Bom Jesus).

MACACO-PREGO, S.m. Zool. Primata platirrino da família dos cebídeos, ainda encontrado nas matas do Alto Uruguai. // Os sfmios do gênero *Cebus* aparecem às vezes no folclore gaúcho, principalmente em ditos populares, parlendas, quadras infantis e cantigas de roda como esta:

Bateu meio-dia,
panela no fogo,
barriga vazia;
macaco pelado
saiu da Bahia
fazendo caretas
pra velha Maria.

MACACOS, S.m.pl. Aparelhos utilizados para observar a velocidade dos parreiros.

MAÇÃ-DO-PEITO, S.f. A ponta do externum do animal. Pl.: maçãs-do-peito.

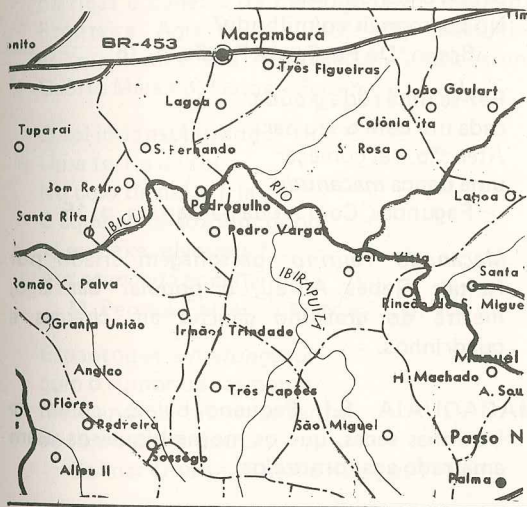
MACAIERO, Adj. Diz-se do animal muito arisco, principalmente do tatu.

MACAIO, S.m. Fumo ordinário ou de qualidade inferior; o mesmo que macamba.

MACAMBA, S.f. (V. Macaio).

MAÇAMBARÁ¹, Geogr. Distrito na região das Missões. Data de criação: 30.04.1980. Área territorial: 403 km² (M. de Itaqui). População:

1980 2.920



Maçambará: localização geográfica

MAÇAMBARÁ², Geogr. Vila, sede do distrito de Maçambará. Nome anterior: Recreio. // CTG Recreio dos Gaudérios. Escola Estadual de 1º Grau Aníbal Benevolo, com Círculo de Pais e Mestres fundado em 07.05.1986. Associação Comunitária fundada em 13.09.1986. Posto de Saúde.

MACANA, S.f. Coisa com que se engana ou ilude alguém; ardil; engodo; estratégia; manha. "A estância do Silena é cheia de macana..." (Ramirez, Rio dos Pássaros, p. 141).

MACANEAR, (De macana + ear), V.t.d. Trapaçar; tratar (algu) fraudulentamente; buscar

subterfúgios para não cumprir determinada obrigação.

MAÇANETA¹ (ê) (Flexão dim. de maçã), S.f. Ornato de forma globular, esférica ou piramidal usada em rédeas e outros implementos de montaria.

MAÇANETA² (ê), Hidrogr. Arroio afluente do Caneleira⁴, pela margem esquerda.



MAÇANICO (Alt. de *maçarico*), S.m. Dança com música em estilo sincopado e que se desenvolve em duas fileiras, com avanços, recuos e passos executados com grande vivacidade. Pares soltos, semi-independentes.

MAÇANILHA (Do esp. *manzanilla*), S.f. Bot. Planta herbácea, ornamental, da família das compostas. Flores amarelas, aromáticas, dispostas em capítulos. "Era em dezembro. Recendia a maçanilha nas encostas..." (Jacques, Brigadianos, p. 37).

Meu pago querido
do aroma da maçanilha
que respiro na coxilha...

João Erico Hoffmann, Rio Grande Pago
Nativo, p. 20

Chimarrita morreu ontem
Ônem mesmo se enterrou.
Na cova da chimarrita
Uma maçanilha brotou!

MACANUDAÇO (Flexão aum. de *macanudo*), Adj. Bom em alto grau; macanudão.

Pica seu fumo de lindo cheiro
Enrola um baio macanudaço...
Adail, A Voz do Pago, p. 50

MACANUDÃO, Adj. (V. Macanudaço). // Flexão fem.: macanudona.

MACANUDÍSSIMO (Superlativo absoluto sintético de *macanudo*), Adj. Sobreexcelente;

Maçanico

MA-ÇA - NI - CO,
 MA-ÇA - NI - CO DO BA - NHA-DO. MA-ÇA - NHADO QUEM NÃO DAN-ÇAO MAÇA - NI -
 CO NÃO AR - RU - MA NA - MO - RADO. QUEN NÃO

2. MAÇANICO, MAÇANICO,
 MAIS QUE BICHO IMPERTINENTE!(bis)
 MAÇANICO VAI-TE EMBORA!
 NA TUA CASA CHEGOU GENTE!(bis)

primoroso; que maravilha; acima do normal; estupendo; fora do comum; soberbo; portentoso. "Quando o Dr. Carlos retornar de Porto Alegre, então faremos um piquenique *macanudíssimo*." (Cyro, Paz nos Campos, p. 78).

MACANUDO (Do quichua *makkana*, clava), Adj. Excelente; distinto; superior pela qualidade ou beleza; digno de admiração; deleitoso; aprazível. "Zaino bichão! Zaino *macanudo*! E quem ia em cima era ginete..." (Vergara, Estrada Perdida, p. 408). "Foi um andarengo *macanudo*!" (V. Pires, Querência, p. 168). "Cada recolhida era dum pêlo só; tropilhas *macanudas*!" (Severo, Visão do Pampa, p. 20). "A festança estava *macanuda*. Corria canha em quarta..." (Dornelles, Campos Abertos, p. 160). "Eta gurizada *macanuda*! Assim é que eu gosto." (Rodrigues, Os Degolados, p. 112).

Que o sebruno é *macanudo*

Não é sabido de agora.

Não nega fogo esse pêlo

Nem é cavalo de espora!

Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2a. ed., p. 152

Le digo, aquela china era bem linda!

Chinoca *macanuda*, eu le garanto!

Vargas Neto, Tropolilha Crioula, p. 67

Ginetaço *macanudo*

Já desde o primeiro berro

Safa trançando ferro

No potro mais colmilhudo!

Braun, De Fogão em Fogão, p. 78

Faz-se uma roda graúda,

cada um com o seu par.

Atenção, vai começar

uma dança *macanuda*.

Fagundes, Com a Lua na Garupa, p. 15

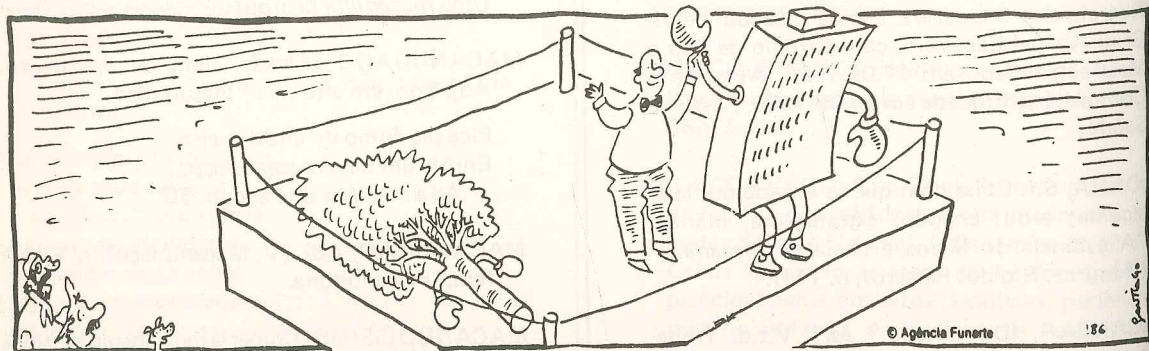
Macanudo Taurino: personagem criado por Neltair Rebés Abreu, o popular Santiago, mestre do grafismo gaúcho em charges e quadrinhos.

MAÇAQUAIA, S.f. Pequeno balaio, cheio de frutinhas secas, que os moçambiqueiros usam amarrado aos tornozelos.

MACAQUINHO¹, Hidrogr. Arroio afluente do Marcondes, pela margem direita.

Macanudo Taurino

Santiago



© Agência Funarte

186

MACAQUINHO², Geogr. Lugar no Alto Uruguai (M. de Palmeira das Missões).

MACAQUITO, Hidrogr. Arroio que deságua no Gravataí, pela margem direita.

MAÇARICO, S.m. Ornitol. Designação comum a diversas aves caradriformes existentes no Rio Grande do Sul.

Olho bicho enrodilhado
Por entre os caraguatás.
E, a correr pelo banhado,
Maçaricos e preás!

Fábio Silva Conceição, Última Estância, p. 28

MAÇARICO-D'ÁGUA-DOCE, S.m. Ornitol. (V. Agachadeira). Pl.: maçaricos-d'água-doce.

MATUNGADA (De *matungo* + *ada*), S.f. Porção de matungos; matungama. "Veio o patrão; convidou Bento e a peonada os seguiu, escaramuçando a *matungada*." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 40). "Saltando para o pescante, o Batista... guasqueou de rijo a *matungada*..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 24). "E começou a sanguessuga a fazer estragos, engordando nas barrigas e canelas da *matungada*..." (Martins, Fronteira Agreste, p. 340). "O porqueiro voltou com a sua *matungada*..." (Gladstone Osório Mársico, Gatos à Paisana, p. 187).

O sol inda está tirando
Uma torita de sono
No colo da noite fria
E aquela indiada sem dono
Já se mexe, alvoroçada,
A *matungada* encilhando...

M. Pereira Fortes, A Marcação, p. 45

Espantou-se a *matungada*
com o rumor da tormenta,
mesclando o ronco das ventas
ao sopro do temporal.

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 111

MATUNGAMA (De *matungo* + *ama*), S.f. (V. Matungada).

MATUNGÃO (Flexão aum. de *matungo*), S.m. Cavalar de conformação maior que a comum, mas de qualidade inferior. "Sei dum *matungão* tordilho, com algum sanguezinho de percha e gordaço." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 47).

MATUNGO (Do esp. plat. *matungo*), S.m. Equino sem raça, de escasso valor genético ou de préstimo relativo; cavalo ordinário, pouco merecedor de apreço como montaria; cavalo que está entre mau e medíocre; malungo; pilungo; pungu. "O Paula, eu acredito: *matungo* velho e maceta não agüenta uma pechada!"

(Maneco Russo, A Reforma, P. Alegre, 06.04.1873). "O sujeito sempre achava quem quizesse correr com o seu *matungo* de pêlo pelado." (Dyonélio, Os Ratos, p. 24). "Maneou o *matungo* no bolicho do Jango." (Jacques, Os Provisórios, p. 32). "O negro Pangaré, por gaiatice, largou o *matungo*..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 12). "Meteu a jardineira na água, dando uns laços no *matungo*..." (Ramirez, Rio dos Pássaros, p. 204). "Trazia água, tirava leite, montava no seu *matungo*..." (Dyonélio, Nuanças, p. 116).

Fui moço, fui trabuzana,
monarqueei, fiz tropelia,
mas por teu amor, tirana,
sou *matungo* de olaria.

Ramirez, Disparo de Tropa, p. 127

Qual *matungo* aporreado
Atrás da égua madrinha,
Assim pena, assim padece
Esta bem triste alma minha!

Barriga de matungo de banhado: abdome muito desenvolvido ou hidrópico. **Adag.** Matungo velho se aplasta em qualquer repecho; matungo torto antes morto; matungo habitua-do na macega não faz questão de milho; matungo velho agarra logo o tiro. **Comp.** Feio como matungo magro matado nas cruzeiras; mais sovado do que lombo de matungo velho.

MATUNGUEAR (De *matungo* + *ear*), V.int. Transportar-se em matungo.

MATUNGUICE (De *matungo* + *ice*), S.f. Qualidade de matungo.

MATUNGUINHO (Flexão dim. de *matungo*), S.m. Matungo de tamanho muito abaixo do normal. "O *matunguinho* é regular e baixa de dezoito." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 58).

MATUPÁ, Hidrogr. Arroio tributário do Seival, pela margem esquerda (M. de Caçapava do Sul).

MATURRANGADA¹ (De *maturrango* + *ada*), S.f. Porção ou grupo de murrangos. "Amigos, havemos de voltear toda essa *murrangada*!" (A. Maya, Tapera, p. 145).

Mas é também engraçado
Ver uma *murrangada*
Quando o cabra é meio tonto...

Edegar Motta, Páginas de Minha Terra, p. 44

MATURRANGADA², S.f. Ação de murrango; ação de conduzir mal a montaria; qualidade, dito ou hábitos de murrango; falta cometida por cavaleiro bisonho, inexperto; murrangagem; murranguice; murranguismo. "O

Capitão Doca não admitia *maturrangadas...*" (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 88).

MATURRANGAGEM (De *maturrango + agem*), S.f. (V. Maturrangada²). "Todos riam daquelas *maturrangagens...*" (Freitas, Gauchadas, p. 47).

MATURRANGAR (De *maturrango + ar*), V.int. Proceder como maturrango ou fazer coisas de cavaleiro principiante; portar-se como gaúcho inadestrado; fazer à pressa e mal um serviço (o peão). (Pres. ind.: maturrango, maturrangas, maturranga, etc.). // Var.: maturrenguear.

MATURRANGO (Do esp. plat. *maturrango*), S.m. e adj. Indivíduo que monta mal a cavalo; cavaleiro inábil; campeiro sem experiência, destreinado ou inepto; eqüitador ainda inseguro; pouco adestrado em qualquer ofício ou trabalho pastoril; estranho ou alheio a assuntos de pecuária; indivíduo sem prática do mister a que se dedica; mau laçador; o mesmo que china-dominga. "Freqüentemente encontro sujeitos *maturrangos...*" (S. Lopes, Causos do Romualdo, p. 71). "Touro magro todos pealam, mas touro gordo não é pra o laço dos *maturrangos.*" (Piá do Sul, Farrapo, 2a. ed., p. 158). "Caramba, não sou gringo nem baiano. Não sou *maturrango!*" (Freitas, Gauchadas, p. 165). "Em tais empreitadas é que se conhecem os campeiros e os *maturrangos.*" (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 72). "E eu, recém-chegado, afoito, meio *maturrango...*" (Cyro, Rodeio, p. 47). // Var.: maturrengo.

MATURRANGUICE (De *maturrango + ice*), S.f. (V. Maturrangada²). "Iam comentando as *maturranguices* do velho Osório..." (Martins, Fronteira Agreste, p. 285).

MATURRANGUISMO (De *maturrango + ismo*), S.m. (V. Maturrangada²).

MATURRÃO, S.m. Muar velho, inutilizado para o serviço. "Os baguais que ele adestreia são uns *maturrões...*" (Fernando, Juca Pedroso, p. 53).

MATURRENGO, S.m. e adj. (V. Maturrango). "Ninguém mais se agarra como dantes; a indiada está ficando *maturrenga...*" (Freire, Alma de Gaúcho, p. 62).

Nunca falta um boi-corneta
Que se arvore em chanco-rengo.
Não é para *maturrengo*
Capatazear uma estância...
Firmino, Geração pelas Caronas, p. 48

MATURRENGUEAR (De *maturrango + ear*), V.int. (V. Maturrangar).

MATUTU, Geogr. Localidade na Depressão Central (M. de Bom Retiro do Sul).

MAUÁ¹, Geogr. Distrito na Encosta do Sudeste. Data de criação: 25.07.1961 (M. de Arroio Grande). População:
1980 632

MAUÁ², Geogr. Vila à margem esquerda do arroio Grande², servida pela ferrovia Basílio-Jaguarão, sede do distrito de Mauá¹.



Irineu Evangelista de Souza, Barão e Visconde de Mauá (1813-1889).

MAUÁ³, Geogr. Distrito na região do Planalto Médio. Data da criação: 30.04.1964 (M. de Ijuí). População:
1970 1.093
1980 1.359

MAUÁ⁴, Geogr. Vila, sede do distrito de Mauá³. // Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda.

MAU JOGO, Expr. Ardil ou manobra escusa, de que se vale um corredor, para prejudicar o concorrente. "Foi *mau jogo!* — gritava o estancieiro." (Lessa, Estórias e Lendas do Rio Grande do Sul, p. 280). "Às vezes, há disputa por *mau jogo* ou trampa..." (Kroeff, Imagens do meu Rio Grande, p. 90).

MAULA (Do esp. plat. *maula*), S. e adj. 2 gên. Pusilânime; pessoa sem valia; desbriado; vilão; frouxo; subserviente; de má qualidade; que não tem préstimo. "O mais *maula* levava pelo menos dois pares de bolas..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 86). "Olhe que o outro pingo não é tão *maula...*" (Callage, Terra Gaúcha, 2a. ed., p. 72). "Então, isto é que é madrugada, *maulas?*" (Severo, Visão do Pampa, p. 11). "E ato contínuo apresilhou uma

doa meia dúzia de relhaços no lombo do *maula*". (Aquino, Gaúchos, p. 64). "Eis senão quando os *maulas* bateram na marca e contramarcharam." (João Maia, Pampa, p. 82). "Já me incomodei uma vez com esses *maulas*..." (Dê Souza Junior, Um Clarão Rasgou o Céu, p. 36).

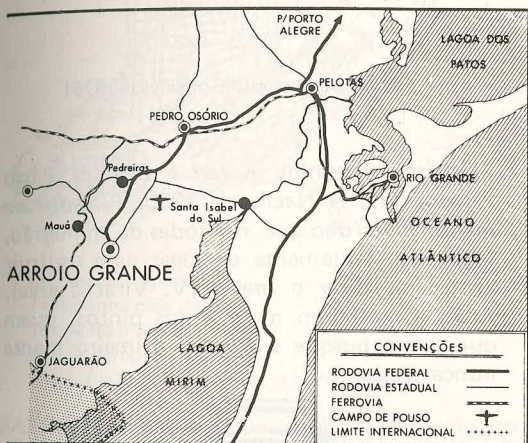
O *maula* foi a passito
Até confronto à ramada.
E ali no mais, de chegada,
Perguntou pelo patrão.

Balbino, A Estância de Dom Sarmiento, 2a. ed., p. 71

Por culpa duma chinoca,
China *maula* e sem valor,
Que te logrou, por amor,
Queres comigo pelear?

Dimas, Pampa Bravo, p. 112

Adag. Quem é *maula* não se arrisca; é preferível feder por *maula* do que por defunto.



Mauá¹: localização geográfica

MAULADA (De *maula* + *ada*), S.f. Porção ou grupo de *maulas*.

MAULÃO (Flexão aum. de *maula*), S.m. e adj. Muito *maula*; convarcão. "Entreverava os *maulões* e sotretas com guapos e destorcidos..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 129).

MAURICE FLAMME, Biogr. (V. Moura, Reynaldo).

MAURÍCIO¹, Hidrogr. Arroio afluente do Noque, pela margem esquerda.

MAURÍCIO², Hidrogr. Córrego que desemboca no Bugre⁵, pela margem direita.

MAURÍCIO AIRES, Biogr. (V. Silveira, Armando).

MAURÍCIO BOEHN, Biogr. (V. Olinto de Oliveira, Olímpio).

MATE (Do quichua *mati*, através do esp. plat. *mate*), S.m. (V. Amargo). "Eu já ouvi dizer que por lá não há churrasco nem *mate*..." (Caldre e Fião, O Corsário, O Americano, Rio, 1849). "Ficou mais calmo. Sorveu com prazer uns *mates*." (A. Maya, Tapera, p. 117). "Os assados, rechinando, desafiavam os estômagos espertados pelo *mate*." (Severo, Visão do Pampa, p. 16). "Já na varanda encontrou o velho repoltreado na cadeira de balanço, a saborear o *mate*." (Jacques, Brigadianos, p. 66). "Passei água na cuia, abri a lata de erva e comecei a preparar o *mate*." (Reynaldo, Romance no Rio Grande, p. 45).

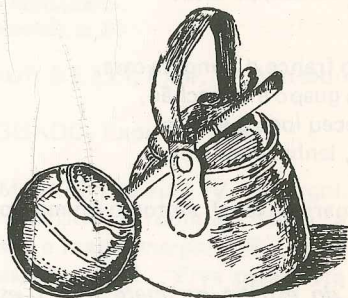
Quem quiser me ver contente
Dê-me um *mate*, que se chupa
No pago estando presente
E uma china na garupa!

Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2a. ed., p. 133

Dizem que o *mate* afoga
As mágoas do coração.
Mate sobre *mate* tomo
As mágoas boiando vão!

Menina de olhos pretos
Sobrancelhas de retroz
Dê um pulo na cozinha
E es quente *mate* para nós!

Do meu canto eu estou vendo
Quantos *mates* estás tomando,
Quando me chegar a cuia
Os pauzinhos estão nadando!



Amansar o mate: sorver algumas vezes o líquido da cuia para diminuir o sabor amargo da bebida. **Cevar o mate**: preparar a erva na cuia. **Enclhar o mate**: substituir parte da erva usada por outra nova. "Vai dar um calorzinho nesta água e *encilha* o *mate*..." (Piá do Sul, Os Amores do Capitão Paulo Centeno, p. 100). "O gaúcho botou fora um pouco de erva e *encilhou* o *mate*." (Cyro, Paz nos Campos, p. 131). **Mate aguado**: (V. *mate* lavado). **Mate cozido**: infusão de erva-mate sob a forma de chá. **Mate de armada curta**: mate excessivamente quente. **Mate de leite**: mate com açúcar e às vezes com pitadas de café ou galinhos de funcho, em que se usa o leite fervido no lugar da água quente. **Mate doce**: mate com açúcar. "As cuias de *mate doce* e de chimarrão corriam



danúbio
1968

Esboço de Danúbio Gonçalves (1976)

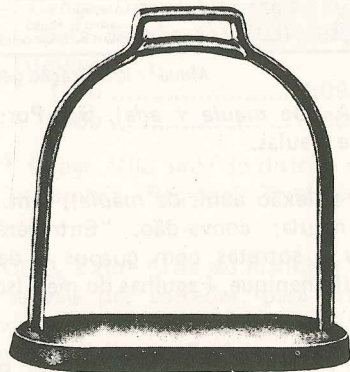
de mão em mão na varanda..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 134). "Lá pelo meio do fandango, antes de correr o milho cozido e o *mate doce*..." (Darcy, No Galpão, 3a. ed., p. 51). "Amor de serão familiar, com rosquinhas, pão-de-ló e *mate doce*..." (Barcellos, Estância Assombrada, p. 125).

Muito franco o dono da casa,
Moço guapo e bonachão,
Ofereceu logo o galpão
Água, lenha, *mate doce*...

Amaro Juvenal, Antonio Chimango, p. 35

Mate do estribo ou mate para o estribo: o último que é oferecido ao viajante. "O pardo André, cada vez mais lunanco desde aquela rodada do redomão pangaré, me alcançou um *mate pro estribo*..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 188). *Mate do João Cardoso*: mate que demora, tardio. *Mate emperrado*: mate de difícil sucção. "Choigua, *mate emperrado*, Chico!" (Severo, Visão do Pampa, p. 119). *Mate lavado*: mate já fraco, insípido e sem propriedades gustativas por excesso de deglutição; mate aguado; mate lavajado; mate paraguaio. "Eu já ando como *mate lavado*..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 179). *Mate lavajado*: (V. mite lavado). "E quase sempre um *mate lavajado*..." (Cyro, Estrada Nova, p. 114). *Mate paraguaio*: (V. mate lavado). *Oração ao Mate*: poema de

Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Passo Fundo, Liv. A Nacional, 1935. *Pealador de mates*: indivíduo que, nas rodas de chimarrão, muda constantemente de lugar para usufruir vantagem. *Virar o mate*: (V. Virar a erva). *Adag.* O primeiro mate é dos pintos; quem quer mate busque a erva; o primeiro mate nunca presta.



De cabeça de porongo
Tenho uma cuia de gosto.
Tomando *mate* prolongo
A vida, sempre disposto!

M. Faria Corrêa, Rumo aos Pagos, p. 30

Morocha conversadeira
me aparece e vai sandando
minha vinda e convidando
para o *mate*, hospitaleira.

Meyer, Poesias, p. 13



De cabeça de porongo
Tenho uma cuia de gosto.
Tomando *mate* prolongo
A vida, sempre disposto!

M. Faria Corrêa, Rumo aos Pagos, p. 30

MATEADA (De *matear* + *ada*), S.f. Reunião em que se bebe muito mate. "A gente não tinha concertado uma *mateada* pra hoje?" (Tabajara Ruas, Diário do Sul, P. Alegre, 12.06.1987).

Depois da *mateada*
E dum churrasco, que se assou,
Cada um encilhou o pingo e quebrou o cacho...
Vargas Neto, Tropicilha Crioula, p. 129

MATEADOR (δ) (De *matear* + *dor*), Adj. Que mateia muito e com avidez; s.m. aquele que mateia. "As chamas inquietas davam tons vermelhos à face dos *mateadores*..." (Darcy, Contos Rio-Grandenses, p. 13). "Uma risada geral sacudiu a roda dos *mateadores*..." (Lessa, Os Guaxos, p. 90). "O bom *mateador* tem sempre mais de uma cuia, para folgar a piqueteira..." (Glenio Fagundes, Cevando Mate, p. 107). *Mateador de lei*: grande mateador.

Eu sou *mateador de lei*
Porque o mate amargo cura
E triste nunca cheguei
Até o fim da cavadura!
Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2a. ed., p. 166



Morocho con versadeira
me aparece e vai sandando
minha vinda e convidando
para o *mate* hospitaleira.

Meyer, Poesias, p. 13

MATEADOR DE LEI, Expr. (V. Mateador).

MATE AGUADO, Expr. (V. Mate).

MATE AMARGO¹, Expr. (V. Amargo). "Tudo isto é indiada coronilha, criada a apoio, churrasco e *mate amargo*." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 99). "Erva para *mate amargo* comprada a tostão." (Cyro, A Dama do Saladeiro, p. 21). "O *mate amargo* lavava a garganta e aquecia o estômago..." (Josué Guimarães, Enquanto a Morte não Chega, p. 90). *Mate Amargo*: CTG fundado na cidade de Rio Grande em 11.07.1953. *O Mate Amargo*: poema de Francisco Lobo da Costa, Terra Gaúcha, Rio, junho/julho de 1929.





Capa do livro *Cevando Mate* de Glênio Fagundes.

MATE-AMARGO², S.m. Chote popular tradicional. "Gaúchos solicitavam que floresse a lo grande o *Mate-Amargo...*" (Wayne, *Charqueada*, p. 103).

Ponche e lenço, bota e espora,
Chapelão de barbicacho,
A galope e trote largo,
Folgazão, jovial, buenacho,
Assobiando o *Mate-Amargo...*

P. Pedro Luiz, *O Gênio do Pampa*, p. 113

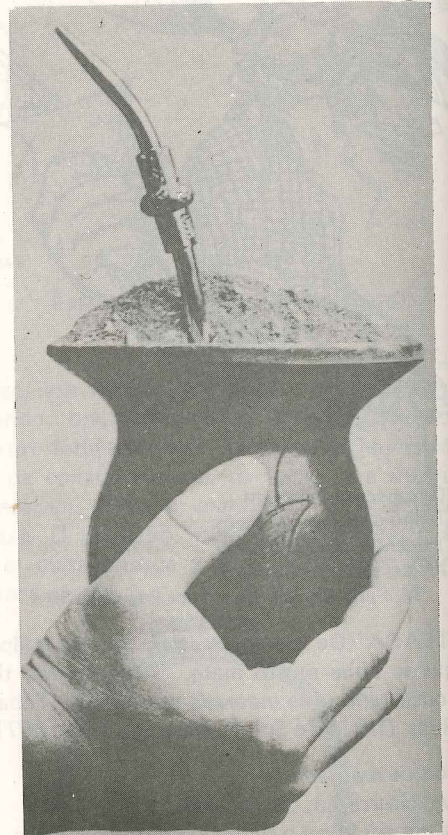
MATEAR (De *mate* + *ar*), V. int. Absorver o conteúdo da cuia; ingerir (o mate). (Ind. pres.: mateio, mateias, mateia, etc.). "Pelos galpões das fazendas já se *mateava* e churrasqueava..." (Callage, *Quero-Quero*, p. 78). "*Mateou* quase toda a santa noite..." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 17). "Arreglado. Quem não trampeia se entende logo. E com permissão; doutra vez *mateamos* mais." (Darcy, *No Galpão*, 3a. ed., p. 163). "Depois de pegado o pingo, *mateou* descansado." (Cyro, *Paz nos Campos*, p. 40). "Estava *mateando* solito à entrada do galpão..." (Reynaldo, *Romance no Rio Grande*, p. 149). "Ali ficava a manhã toda, pitando, *mateando*." (Barcelos, *Estância Assombrada*, p. 36). "Soltaram a boiada num poteiro empastado. Sestearam e *matearam*." (Alencastre, *Azares das Revoluções*, p. 60).

No rancho de pau a pique,
com filho novo e mulher,
mateia amargos lavados
o posteiro Zé-Qualquer.
Apparficio, *Pago Vago*, p. 71

Tenho flete, tenho rancho
E erva pra *matear*
Só me falta uma china
Que me queira acompanhar!

MATE CHIMARRÃO, Expr. (V. Amargo).

Amanusiei mui bem meu coração
E a saudade que tenho dessa china
Tem um gosto de *mate chimarrão!*
Vargas Neto, *Tropilha Crioula*, p. 68



Viva a paz, viva a harmonia
E todos que aqui estão.
Viva a mulher gaúcha
Viva o *mate chimarrão!*

Eu não sou filho daqui
Sou filho de Jaguarão.
Encilho cavalo gordo
E tomo *mate chimarrão!*

Eu venho de lá, tão longe,
Noite velha adiantada,
Dá-me um *mate chimarrão*
Minha linda misturada!

Não tenho mancha nem medo
Não temo inverno ou verão.
Meu culto é das raparigas
E do *mate chimarrão!*

MATE COZIDO, Expr. (V. Mate).
 MATE DE ARMADA CURTA, Expr. (V. Mate).
 MATE DE LEITE, Expr. (V. Mate).
 MATE DOCE, Expr. (V. Mate).
 MATE DE JOÃO CARDOSO, Expr. (V. Mate).

MATE EMPERRADO, Expr. (V. Mate).
 MATEIRO (De *mate + eiro*), S.m. Indivíduo que se dedica à exploração ou simplesmente ao corte da erva-mate.
 MATE LAVADO, Expr. (V. Mate).
 MATE LAVAJADO, Expr. (V. Mate).

N

N¹, S.m. Décima-terceira letra do alfabeto e consoante linguodental.

N², S.m. Tatuagem para animais normandos sem defeitos zootécnicos e perfeitamente enquadrados nas características do padrão racial.

NABEL, Biogr. (V. Hunsche, Carlos Henrique Trein).

NABIÇA (De *nabo + iça*, cf. o lat. *napu*), S.f. Bot. Planta invasora, que nasce nas lavouras de milho (*Rhaphanus raphanistrum* L.).

NABIÇAL (De *nabiça + al*), S.m. Terreno onde crescem nabiças.

NABINGER, Noemia, Biogr. Jornalista. Em Porto Alegre, com Erna Leipnitz, fundou *A Vanguarda*, órgão da Legião Feminina Pró Estado Leigo.

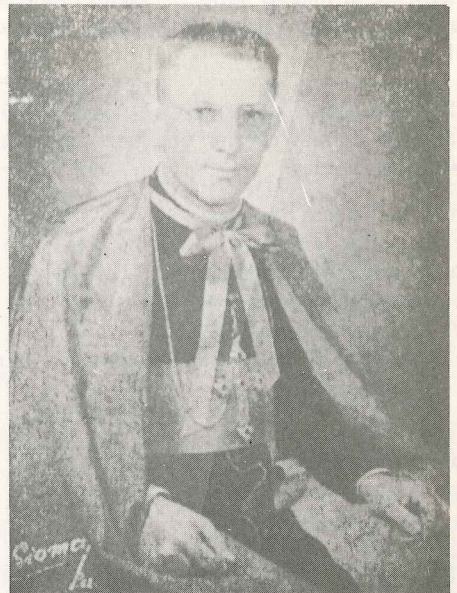
NABO (Do lat. *napu*), S.m. Parte grossa do moirão ou do palanque que fica enterrada no solo.

NABO-FORRAGEIRO, S.m. Planta da família das crucíferas. Folhas pilosas. Caule curto. Semente escura, globosa e muito pequena, cultivada como forragem de inverno em terras baixas e frias (*Brassica nabus* L.). Pl.: nabos-forrageiros.

NACA (Do lat. *naucum*), S.f. Peça; pequena porção; bocado; fração; migalha; pequeno fragmento de pão, bolo ou outro alimento farináceo.

NACÊ, Biogr. Terrível cacique caáguas das margens do Taquari. Conheceu-o em 1635 o P. Francisco Ximenes, ao visitar a região, onde encontrou cerca de dois mil aborígenes, entre os quais o famoso Parapopi, aliado dos paulistas no comércio de braços indígenas escravos.

NADAL, Luíz Felipe de, Biogr. (1916-1963) – Prelado católico, natural de Bento Gonçalves. Estudou em São Leopoldo, ordenando-se em 1939. Eleito Bispo em 1955 e nomeado no mesmo ano para a Diocese de Uruguaiana. Pseudônimos: Dom Nadal e Tio Valeriano. De 1947 a 1955 escreveu e apresentou, pelas Rádios Farroupilha e Difusora Porto-Alegrense, cerca de 300 novelas infantis. Autor ainda do poema em prosa intitulado *Prece do Gaúcho*.



Dom Luiz Felipe de Nadal

NAFRICO, Adj. (V. Lunanco).

NAGÃO (Aportug. do fr. *Nagant*), S.m. Antigo revólver com argola no cabo e cano oitavado. "Quando o contrabandista, meio tonto, avançou para o contendor, este de faca na mão, saltou ligeiro para fora da porta e empunhou o *nagão*..." (Callage, Rincão, 2a. ed., p. 44). "Já o velho sacou do *nagão*-largo como boca de

sino..." (Darcy, No Galpão, 3a. ed., p. 97). "Engatilhou o *nagão* e o aproximou da testa do Rosica..." (Martins, Caminhos do Sul, p. 152). "Esse *nagão* era do guerrilheiro Nepomuceno..." (Fagundes, Novos Causos de Galpão, p. 83).

Inquieto no partidor
Como um jaguar na picada
De orelha firme, entesada,
Arrancou com precisão,
Quando subiu pelo céu
O grito do povaréu
No estampido do *nagão!*

Balbino, A Estância de Dom Sarmento, 2a. ed., p. 81

Disponho sobre a guaiaca
As boleadeiras e a faca
E o meu glorioso *nagão!*
Ramirez, Gauchescas, p. 47

NA MACIOTA, Loc. adv. Tranqüilamente; com calma; de modo pacato ou despreocupado. "Debalde eu, muito *na maciota*, contrapon-teava aquele bando de galhas..." (João Maia, Pampa, p. 111). "Bicho venenoso aquele! Subiu *na maciota* pelo coxonilho..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 14). "Iam levando aquela vidinha *na maciota*." (Jacques, Os Provisórios, p. 90). "E o negrão sobe, o negrão desce, *na maciota*..." (Ruy Carlos Ostermann, Nove do Sul, p. 107).

NAMBI (Do guar. *nambi*, orelha), Adj. 2 gên. Diz-se do animal cavalariço que tem as orelhas caídas ou flácidas.

Ando com a cara mais feia
De que tungal de tapera!
Xucro, arisco, cosquilhoso,
Como lobuno sem toso
Como bragado *nambi!*

Aureliano, Romances de Estância e Que-rência, p. 50

Se me deixares *nambi*,
Rodilhudo e aplastado,
É porque pro teu andar
Fui eu só o encilhado!

NAMBIJU¹ (Do guar. *nambi* + *ju*, a orelha amarela), Adj. 2 gên. Que tem orelhas fulvas ou amarelas (o bovino). "Aquele bicheira no tourito *nambiju*, lembra-se? O animalito não andava mais..." (A. Maya, Ruínas Vivas, p. 139).

NAMBIJU², Hidrogr. Arroio afluente do Rolante, pela margem direita.

NAMBIVU, S.m. Doença dos cães, também chamada peste-do-sangue, causada por certo protozoário.

NAMORADINHO, S.m. Ictiol. Peixe marinho da família dos pinguipedídeos. Focinho prognata, acuminado. Lábios grandes, espessos. Abertura branquial ampla. Mandíbula subhorizontal. Peitorais espatulares (Pinguipes brasilianus Cuv. & Val.).

NAMORO (ô) (Contr. de *namorar* + *o*), S.m. Uma das principais figurações da roseira, caracterizada pela postura idílica dos pares.

NACA RIMEO, Biogr. (V. Oliveira, Heraclito Americano de).

NANATIBA, Hidrogr. Córrego tributário do rio dos Sinos, pela margem esquerda.

NANICA-GRANDE, S.f. Variedade de banana cultivada principalmente no Litoral Norte. Pl.: *nanicas-grandes*.

NANICÃO, S.m. Variedade de banana, também chamada caturrão, muito difundida nos municípios de Torres e Osório, onde se adapta bem ao clima e ao solo.

NACIONAL ATLÉTICO CLUBE — Agremiação esportiva fundada por ferroviários portoalegrenses em 16.04.1937.

NANIQUICE (De *nanico* + *ice*), S.f. Qualidade da pessoa de pouca altura.

NÃO AGUENTAR CARONA DURA, Loc. verb. (V. Carona).

NÃO ANDAR COM GREGREGRÊ PARA DIZER GREGÓRIO, Loc. verb. Não ter papas na língua; falar com franqueza, sem reservas. "Olhe, major, eu *não ando com gregregrê para dizer gregório*..." (Jacques, Os Provisórios, p. 120).

NÃO AGUENTAR REPUXO, Loc. verb. (V. Repuxo).

NÃO DAR PASTO PARA BURRO, Loc. verb. Evitar discussões inúteis; rejeitar provocações; não fazer caso de.

NÃO DAR PONTO, Loc. verb. Não ter possibilidade de êxito (o negócio, o empreendimento, etc.); falhar ou malograr-se; não ir avante; gorar. "Abandonou, temeroso, a casa. Aquilo *não ia dar ponto*." (Jacques, Os Provisórios, p. 74).

NÃO DAR RODEIO, Loc. verb. (V. Rodeio).

NÃO DAR SECA, Loc. verb. (V. Seca).

NÃO DAR VASA, Loc. verb. Não dar chance; impedir; obstruir; não consentir; obstar a. "O

Piroga quis torcer, de seguida, o tostado pra aguentar o tirão, mas o colhudo *não le deu vasa...*" (Acauan, Ronda Charrua, p. 120).
NÃO DAR VAU, Loc. verb. (V. Vau).

NÃO ENGOLIR SARO, Loc. verb. Não agüentar desaforo.

NÃO ENJEITAR PARADA, Loc. verb. (V. Parada).

NÃO ESTAR NO SEU DINHEIRO, Loc. verb. Não estar (alguém) de bom humor.

NÃO ESTAR PARA CLAVO, Loc. verb. (V. Clavo).

NÃO-FAZ-COPAS, S.m. Designação de certo jogo de cartas. "Trabalhando de dia no fôro e jogando *não-faz-copas* à noite..." (João Neves.

Memórias, 1ª Vol., 173).

NÃO FROUXAR A MASCADA, Loc. verb. Opor resistência; conservar-se firme; não se dobrar ou ceder; defender-se; fazer face a uma dificuldade; não largar a mascada.

O tordilho era valente
 e *não afrouxava a mascada*,
 mas o pangaré fez frente
 já no laço de chegada.

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 158

NÃO GRANAR O CATETE, Loc. verb. (V. Catete).

NÃO LARGAR A MASCADA, Loc. verb. (V. Não frouxar a mascada). "Eles vão fazer de tudo pra *não largar a mascada*." (Cyro, Sombras na Correnteza, p. 12).

O

O, S.m. Décima-quarta letra do alfabeto e a quarta das vogais. Como determinação articular, precede invariavelmente os antropônimos masculinos. "*O* Horácio acordou na madorra, encurtou as rédeas..." (Darcy, Coxilhas, p. 24). "*O* Guilherme mesmo recém chegou." (Cyro, Mensagem Errante, p. 181).

OAB/RS — Sigla da Ordem dos Advogados do Brasil, Secção do Estado do Rio Grande do Sul, organizada em 11.04.1932 com a seguinte diretoria: Leonardo Macedônia, presidente; Oswaldo Vergara, vice-presidente; Armando Dias de Azevedo, 1º secretário; Raphael Tibúrcio de Azevedo, 2º secretário e Armando Fanor de Marsillac, tesoureiro. A 28 de maio a entidade decidiu fundar sub-seccões regionais no interior do estado.

OÁSIS DO SUL, Geogr. Localidade no Litoral, com balneário (M. de Tramandaí). // Associação Beneficente Oásis do Sul (ABOS), fundada em 30.07.1987.

OBINO, Aldo Mariante, Biogr. Jornalista, professor, ensaísta e crítico de arte porto-alegrense, nascido em 1913. Usa às vezes as iniciais A.O. Colaborador da revista *Estudos*, em cujas páginas divulgou interessantes artigos e comentários, entre os quais *A Revolução Renascentista*, Nº 1 — Ano 1º — junho de 1940.

OBINO, Carla, Biogr. Artista plástica. Cursos de formação e aperfeiçoamento em tapeçaria.

OBINO, João, Biogr. (1869-1931) — Filho do arquiteto italiano José Obino, natural de Porto Alegre. Gerente do *Correio do Povo* de 1905 a 1931.



João Obino

OBIRICI, Folc. Índia tape que, segundo a lenda, fez brotar o seu pranto o arroio Ibicuiretã, hoje Passo da Areia, em Porto Alegre.

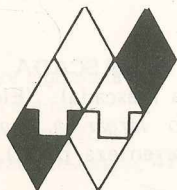
OBRA DE, Loc. adv. Cerca de; mais ou menos.
 "Era cedo ainda, obra de duas braças de sol..."
 (Delfino, Conceito, p. 24).

OBRIGAÇÃO (Do It. *obligatio*), S.f. A família,
 particularmente os filhos.

Viva, pois, o seu Manduca
 E toda sua obrigação!
 Viva também os farrapos
 Da grande revolução!

OCA, S.f. Perfuração circular na roda da carreta.

OCERGS — Sigla da Organização das Cooperati-
 vas do Estado do Rio Grande do Sul.



OCERGS

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS
 DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

OCHOA, Gaspar Dilermando, Biogr. (1892-1960)
 Agrônomo, médico e professor, natural de
 Santiago. Diplomou-se pela antiga Escola de
 Agronomia e Veterinária de Porto Alegre
 (1916), cursando posteriormente a Universida-
 de de Illinois, EUA (1921). Médico pela Facul-
 dade de Medicina da capital, onde colou grau
 em 1933. Professor do Colégio Júlio de Casti-
 lhos. Colaborador da revista EGATEA. Obras
 principais: *Evolução da Indústria Pastoril no
 Rio Grande do Sul* in Terra Farroupilha, 2.º
 Vol. P. Alegre, 1937 e *Divisão Agrogeológica
 do Estado do Rio Grande do Sul*, P. Alegre,
 1939.

ÓCULOS (Do lat. *oculu*), S.m.pl. Círculo de
 pêlos escuros que circunda os olhos de certos
 bovinos normandos e os torna particularmente
 resistentes à ação dos raios solares.

Ó-DE-CASA, Interj. Serve para chamar a atenção.
 "Chegou a um rancho à beira da estrada e deu
 o ó-de-casa!" (Freitas, Gauchadas, p. 122).

Hoje de novo aqui estou
 Les dando o meu ó-de-casa!
 Vão ter pois outra vasa
 De ouvir a voz do haragano!

Zeca Blau, *Trovas da Estância do Abando-
 no*, 2a. ed., p. 73

Ó-de-casa! vou bradando
 desde a cancela fronteira
 e um guaieca na por teira
 responde logo ladrando.

Meyer, *Poesias*, p. 13

ODERICH, Adolfo Carlos Henrique, Biogr.
 (1857-1941) — Imigrante alemão que, fixando
 residência em São Sebastião do Caí, contri-
 buiu decisivamente para o progresso da cidade,

criando ali importante indústria de conservas
 alimentfcias.

ODILON TUPINAMBÁ, Biogr. (V. Sorgato, Ze-
 ferino Antonio).

OESTE¹ (Do anglo-saxão *west*, através do fr.
ouest), Geogr. Distrito na Encosta Superior do
 Nordeste. Data da criação: 04.01.1923. Pa-
 droeiro: Santo Antonio. Povoados principais:
 Linha Floriano Peixoto e Linha Moreira César
 (M. de Guaporé). População:
 1980 1.909

OESTE², Geogr. Vila junto ao arroio Moquem,
 sede do distrito de Oeste. Nome anterior:
 Borges de Medeiros.

OFERECIDO (Part. de *oferecer*), Adj. Desfrutá-
 vel; metedico; s.m. indivíduo intruso. "Pensa
 que sou oferecida?" (Lessa, Os Guaxos, p.
 281).

OFICINA (Do lat. *officina*), Geogr. Localidade
 no 2º subdistrito (M. de Jaguarão).

OGARAITI, Hidrogr. (V. Lajeado Capoeira).

OGARATIM (Corrupt. de *ogaraity*), Hidrogr.
 Arroio afluente do Guarita, pela margem
 direita. Principais tributários: João de Barro e
 Viraripá.

OIGA (Do esp. plat. *oiga*, ouça), Interj. Exprime
 surpresa, espanto por coisa inesperada, admi-
 ração ou assombro; o mesmo que oigale;
 oigalê; oigalé; oigalé-barbaridade; oigale, chê;
 oigalé, maula; oigatê e oigaletê. "O Nico
 Guterres? Taura de lei, oiga!" (Acauan, Ronda
 Charrua, p. 35). "Oiga, mas é ginete!" (Ante-
 ro, Mensagem a Poucos, p. 98). "Oiga! Mui
 buenos-dias..." (Gomes, Caminho Santiago, p.
 5).

Le digo, aquela china era linda!
 Chinoca macanuda, eu le garanto!
 E oiga saudade que eu carrego ainda!
 Vargas Neto, *Tropilha Crioula*, p. 67

OIGALE, Interj. (V. Oiga). "Oigale, amigo! Que
 entrevero macanudo!" (Lothar Hessel, *Brava
 Gente*, p. 107).

OIGALÉ, Interj. (V. Oiga). "Oigalé! Não le disse?
 Esta junta osca é uma trovoad!" (Darcy, *No
 Galpão*, 3a. ed., p. 30). "Oigalé! Eguada
 linda..." (Callage, Terra Gaúcha, p. 86).
 "Oigalé que flete bueno de patas, amigos!"
 (Freitas, Gauchadas, p. 34). "Se há coisa que
 me deixa louco e um assado de matambre!
 Oigalé gostosura!" (Ruschel, *Um Gaúcho a Pé*,
 p. 93).

Oigalé que tombo feio
 Eu dei naquele brasino!
 Gavião, *Querência Xucra*, 2a. ed., p. 25

OIGALÊ, Interj. (V. Oiga). "Oigalê boiada boa!"
 (Mila Cauduro, *Além do Silêncio*, p. 37).
 "Oigalê! Geadas grande... barbaridade!" (Ani-
 ta, *Martz Fritz*, p. 11).

OIGALÉ, BARBARIDADE, Interj. (V. Oiga). "*Oigalé, barbaridade!* Nem gosto de me lembrar!" (Freire, Alma de Gaúcho, p.65).

OIGALÉ, CHÊ, Interj. (V. Oiga). "*Oigalé, chê, Rogaciano!*" (Florence, Querência - Memórias de uma Pequena Cidade Gaúcha, p. 78).

OIGALÉ, MAULA, Interj. (V. Oiga). "*Oigalé, maula!* Foi dia de loucura e de carniça!" (Freire, Alma de Gaúcho, p. 132).

OIGALETÊ, Interj. (V. Oiga). "*Mas oigaletê borregada bem dentuça!*" (Luiz Odilom, Entrevero de Causos, p. 73). "*Oigaletê! Açudezinho bom de peixe aquele!*" (Jaime Brum Carlos, A Seca da Restinga, p. 24).

Caramba! Oigaletê!
Aijuna! Upa Rio Grande!

Zeca Blau, Poncho e Pala, p. 89

OIGATÊ, Interj. (V. Oiga). "*Oigatê! A coisa ficou escura...*" (Acauan, Ronda Charrua, p. 98). "*Quebrei o corincho daquele trompeta! Le tirei o entono. Oigatê!*" (Herlein, A Volta do Gaúcho Fausto Aguirre, p. 58).

Mas *oigatê* como é brabo
este tal mês de agosto!

Luiz Menezes, Tropa Amarga, p. 28

O potro corcoveando
Fez a volta no piquete
E o amor, guasca largado,
Só guasqueava cruzado!
Oigatê índio ginete!

Alcy Cheuiche, Versos do Extremo Sul, p. 21

OITAVA SECÇÃO FORTALEZA, Geogr. Lugar no Alto Uruguai (M. de Frederico Westphalen).

OITAVA SECÇÃO SANTA ROSA, Geogr. Povoação no Alto Uruguai (M. de Horizontina).

OITAVO (Do lat. *octavu*), S.m. Medida de capacidade para vinhos e outros líquidos, equivalente a cinquenta litros.

OITO-BAIXOS, S.f. Pequeno acordeon dotado de apenas oito sons graves. "Canguçu deu um acorde na *oito-baixos...*" (Lessa, Os Guaxos, p. 359).

Na garupa a *oito-baixos*
que só faltava falar
e na garganta as notfcias
do mundo velho largado...

Apparficio, Viola de Canto Largo, p. 58

Sei tocar a *oito-baixos*,
também canto a flor do truco!

Luiz Coronel, Os Retirantes do Sul, p. 43

Pl.: oito-baixos.

OITO DE AGOSTO¹, Geogr. Localidade nas nascentes do arroio Fundador (M. de Santa Rosa).

OITO DE AGOSTO², Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Giruá).

OJERIZA¹ (Do esp. *ojeriza*), Hidrogr. Arroio afluente do rio da Glória, pela margem direita.

OJERIZA², Geogr. Povoado no 1º distrito (M. de Tapera).

OKTOBERFEST, S.f. Festa que se realiza no mês de outubro na região colonial alemã, principalmente em Nova Petrópolis e Santa Cruz do Sul.



Intimamente ligada ao esporte denominado tiro ao rei, começa no primeiro domingo com a escolha do 1º atirador, da 1ª Dama e dos Condes (participantes classificados em 2º e 3º lugares). O baile, com trajes típicos, constitui o ponto culminante do evento.

OLA, Interj. Serve para exprimir espanto, estranheza ou assombro. "*Ola, mataria braba!*" (Darcy, Coxilhas, p. 54). "*Mas, ola! golpe, moçada!*" (Aquino, Gaúchos, p. 22). "*Ola! dia brabo, ola! serviço...*" (Vergara, Estrada Perdida, p. 71).

OLADA (Do esp. plat. *olada*), S.f. Ensejo; oportunidade; momento propício; conjuntura favorável; circunstância oportuna. "Venâncio aproveitou a *olada*, apeou e ajeitou os arreios..." (Severo, Visão do Pampa, p. 130). *Aproveitar a olada*: tirar proveito ou vantagem de momento propício; valer-se dos bons fados; utilizar episódio favorável em benefício próprio; o mesmo que aproveitar a bolichada. *Estar de olada*: estar com sorte. *Perder a olada*: perder a vez; desaproveitar a ocasião; deixar-se preterir; não agir no instante certo; ser suplantado pelo concorrente; ficar sem chance de obter o desejado; perder a vaza.

P

P, S.m. Décima-quinta letra do alfabeto e consoante bilabial.

PÁ1 (Do lat. *pala*), S.f. Cada uma das saliências do sarilho (nas atafonas).

PÁ2, S.f. Carne do omoplata da rês, também chamada paleta.

PÁ3, S.f. A omoplata dos animais.

A *pá* le estando quebrada
Foi preciso muito jeito,
Passou-se em redor do peito
Um ajoujo bem sovado...

Balbino, A Estância de Dom Sarmiento, 2a. ed., p. 47

PABLO, Adj. Que tem muita soberba; arrogante; afetado; presunçoso. // Emprega-se também substantivamente.

PABOLAGEM (Do lat. *pabulum*, pábulo), S.f. Gabolice; palavreado vazio; léria; semostração; verbosidade com poucas idéias ou sem nenhum resultado prático. "Reduzo, de pura *pabolagem*, atou a cola do pingo e logo riscou, escaramuçando." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 137). "O Zeca Jangão era um graudaço na *pabolagem*..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 141). // Var.: pabulagem.

Há mais carne pendurada,
Muita lonca, muita garra,
Pabulagem na volteada.

P. Pedro Luíz, O Gênio do Pampa, p. 171

PACA1 (Do guar. *paka*), Hidrogr. Arroio afluente do Guaporé, pela margem esquerda.

PACA2 S.2 gên. Pessoa tola, otária, excessivamente crédula ou ingênua.

PACAMBÉ, Hidrogr. Arroio afluente do rio Santa Rosa, pela margem esquerda. Nome anterior: Carreiro.

PACAU, S.m. Designativo de certo jogo de cartas muito popular na fronteira.

PACHECA1, Geogr. Distrito na Encosta do Sudeste. Data de criação: 15.09.1965 (M. de Camaquã). População:
1980 2.282

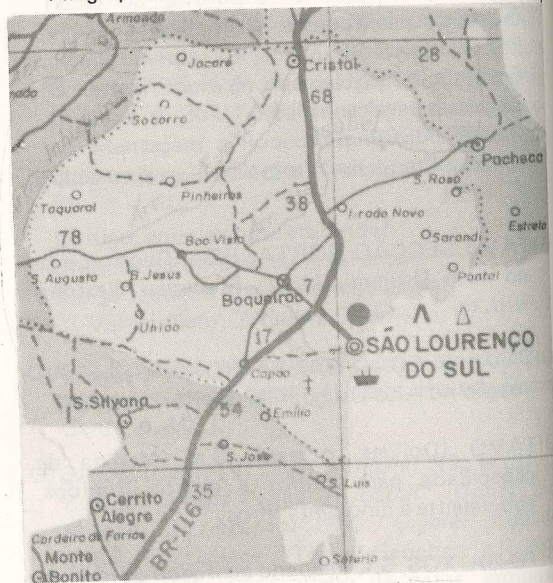
PACHECA2, Geogr. Vila à margem esquerda do

Camaquã, sede do distrito de Pacheca. // Escola Estadual de 1º Grau Inc. Vitor Meirelles. Companhia Rio-grandense de Telecomunicações.



PACHECO, Geogr. Lugar no 4º subdistrito (M. de Santa Vitória do Palmar).

PACHECO, Estácio, Biogr. Escritor e jornalista rio-pardense, nascido em 1880. Poeta simbolista. Colaborou nos seguintes periódicos de Porto Alegre: *A Farpa*, *Revista dos Municípios*, fundada em 1927 por Artur de Moura Toscano e *Jornal do Comércio*. Inspetor escolar em Rio Pardo (1906). Trabalhos dignos de nota: *Musa Gaúcha*, *A Farpa*, P. Alegre, 09.05.1897; *Canto Patriótico*, dedicado à memória de Júlio de Castilhos, Cachoeira do Sul, 1903; *Ernestino Mazza*, *Petit-Journal*, P. Alegre, 15.06.1905 e *Ressurreição dos Heróis*.



Pacheca: localização geográfica

PACHECO PRATES FILHO, Paulo, Biogr. Advogado e jurista, nascido em 1945. Diplomou-se em 1971 e atua com brilhantismo em diversas comarcas. Filho de Paulo Pacheco Prates, também causídico de renome.

PACHECO PRATES, Luíz, Biogr. (1885-1974) — Advogado, jurista e político, natural de Quaraí. Bacharelou-se na capital paulista em 1913. Deputado estadual. Colaborador de vários jornais quaraíenses, entre os quais O

Pampa, A Tarde e A Voz do Povo (1915-1951). *Escola Estadual de 1º Grau Dr. Luiz Pacheco Prates*: educandário quaraiense, subordinado à 19ª DE.

PACHECO PRATES, Manoel, Biogr. Advogado, jurista e político, natural de Sant'Ana do Livramento, nascido em 1856. Um dos fundadores da Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre em 17.02.1900. Professor de Direito Romano. **Bibliogr.** Carlos A. Reis, Álbum do Rio Grande, P. Alegre, 1905; Adroaldo Mesquita da Costa, Um grande nome quase esquecido, C. do Povo, P. Alegre, 12.07.1957. *Escola Estadual de 1º Grau Dr. Pacheco Prates*: educandário porto-alegrense, subordinado à 37ª DE.

PACHOCHADA, S.f. Tolice; disparate; qualidade, ação ou dito de basbaque; pacholismo.

PACHOLA, Biogr. (V. Canto e Mello, Pedro de Castro).

PACHOLEAR (De *pachol(a) + ear*), V. int. Agir cheio de si, orgulhosamente.

Querência da gaita velha

Que *pacholeando* se espalha...

Braun, Galpão de Estância, 2a. ed., p. 78

PACIÊNCIA (Do lat. *patientia*), Geogr. Povoado no distrito da sede (M. de Taquara).

PACIENCIOSO (ô), Adj. Paciente; resignado; tranqüilo; que se conforma facilmente. "Esperou *paciencioso* o ensejo para se declarar..." (Jacques, Brigadianos, p. 56). "Escutava-o *paciencioso* e até certo ponto satisfeito..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 181).

PACÍFICO¹ (Do lat. *pacificu*), Hidrogr. Arroio afluente do Portão Velho, pela margem esquerda.

PACÍFICO², Biogr. (V. Ramiz Galvão, Benjamin Franklin de).

PAÇOCA¹ (Do guar. *pasoka*), S.f. Amendoim torrado e pilado, com açúcar e canela.

PAÇOCA², S.f. Charque aferventado, socado no pilão com farinha de mandioca. "De vez em quando o Juca me traz uma manta de charque e parte dele é destinado à *paçoca*..." (Pedro Ari, Formação do Gaúcho, p. 132).

PAÇOCA-DE-TATU, S.f. Prato típico da cozinha gaúcha. Pl.: paçocas-de-tatu.

PACOTILHA (Do fr. *pacotille*), S.f. Grupo de dois ou mais indivíduos que se reúnem para fazer o mal ou promover desordens; malta; reunião de gente de baixa condição. "Uma

pacotilha, como de dez a doze, onde vinha um oficial, chegaram em casa e apearam-se..." (Laf, Recordações Gaúchas, 2a. ed., p. 116). "O cabo Honorato fôra batido no Jarau, chefiando uma *pacotilha*." (Severo, Visão do Pampa, p. 56).

PACOVA, S.f. Variedade de banana.

PACU (Do guar. *paku*), S.m. Ictiol. Peixe teleósteo da família dos caracídeos. Corpo comprido, em geral arredondado ou ovalado. "O rio é abundante em peixes. Vimos surubis, dourados, linguados, raias, *pacus*..." (Hetério, As Missões Orientais e seus Antigos Domínios, p. 338).

PACUERA, S.f. VÍscera de animal. *Tramará pacuera*: intrigar; enredar; enlear.



Padilha: Escola Municipal de 1º Grau Inc. General Câmara

PACUSEIRA, S.f. Faca de folha grande e gume acerado. "O João Martim puxou uma *pacuseira* barriguda e um naco de fumo." (Cyro, Campo Fora, p. 83).

PADILHA¹, Hidrogr. Arroio afluente do rio da Ilha, pela margem direita. Principais tributários: Amola Faca e Freixo.

PADILHA², Geogr. Distrito na Encosta Inferior do Nordeste. Data da criação: 21.03.1929. Área territorial: 305 km² (M. de Taquara). População:

1980 1.979

PADILHA³, Geogr. Vila entre o rio da Ilha e o arroio Padilha, sede do distrito de Padilha. Data da criação: 31.03.1938. // Escola Municipal General Câmara. Círculo de Amigos do Lar, fundado em 11.12.1976. Posto de Saúde. Sociedade Cultural 1º de Setembro, fundada em 01.09.1987.

PADILHA VELHA, Geogr. Povoação no distrito de Padilha (M. de Taquara).

PADRE DIOGO FEIJÓ, Geogr. Povoado no 1º distrito (M. de Nova Prata).

PADRE DOUTOR, Hidrogr. Arroio afluente do São Gonçalo, pela margem esquerda. // O

topônimo lembra o padre Pedro Ferreira Fernandes Mesquita, tio de Hipólito da Costa, que, no século XVIII, se estabeleceu nas imediações da atual cidade de Capão do Leão e ali erigiu pequeno oratório dedicado à Nossa Senhora da Conceição.

PADRE ETERNO¹, Geogr. Distrito na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Dois Irmãos).

PADRE ETERNO², Geogr. Vila entre tributários do Cadeia, sede do distrito de Padre Eterno. Nome anterior: Boa Vista do Erval.

PADRE ETERNO ILGES, Geogr. Localidade no vale do rio dos Sinos (M. de Santa Maria do Herval).

PADRE ETERNO BAIXO, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santa Maria do Herval).

PADRE ETERNO VELHO, Geogr. Povoado à margem esquerda do arroio Cadeia (M. de Dois Irmãos).

PADRE GONZALES¹, Geogr. Distrito no Alto Uruguai. Data da criação: 02.01.1954 (M. de Três Passos). População:

| | |
|------------|-------|
| 1960 | 5.268 |
| 1970 | 5.719 |
| 1980 | 5.890 |

PADRE GONZALES², Geogr. Vila, sede do distrito de Padre Gonzales. Nome anterior: Lajeado Grande. // O nome atual foi dado pela lei municipal nº 618 de 06.05.1955. // Liga de Senhoras Congregacionais, fundada em 20.11.1985.

PADRE MAURÍCIO, Biogr. (V. Barbedo, Otacílio da Costa).

PADRE NÓBREGA, Geogr. Povoado na Encosta Superior do Nordeste (M. de Guabiju).

PADRE POTRILHO, Biogr. (V. Aripe, Paulo).

PADRE TOMÉ, Geogr. Povoado no 1º distrito. Nome anterior: Linha Padre Tomé (M. de Taquara).

PADRILHO (De *padr(ear) + ilho*), Adj. e s.m. Diz-se do, ou animal que padreia. "Balavam os borregos na lonjura. Relinchava o *padrilho*, reganhando à manada..." (Jacques, Os Provisórios, p. 105).

PADRONCINA, S.f. Patroa; esposa (na Região Colonial Italiana).

PADUENSE, Adj. 2 gên. De Nova Pádua; S. 2 gên. o natural ou habitante desse distrito.

PAFIOSO (ð) (De *(em) + pafi(a) + oso*), Adj. Enfatuado; presunçoso; emproado; pernóstico; cheio de vaidade ou dado à ostentação. "O caboclo ia mesmo *pafioso*..." (Piá do Sul, Farrapo, 2a. ed., p. 59).

PAFUERA, S. 2 gên. Habitante do campo ou do interior, principalmente o de modos rústicos e pouco instruído. "Bah, é dura a vida do *pafuera* na cidade grande!" (Cyro, Gaúchos no Obelisco, p. 182).

PAFUERADA (De *pafuera + ada*), S.f. Grande número ou grupo de pafueras.

PAFUERICE, (De *pafuera + ice*), S.d. Atitude, ação, hábitos próprios de pafuera. "Depois de se descobrir o povo, não se agüenta mais a *pafuerice*!" (Cyro, Sombras na Correnteza, p. 148).



Vale do arroio Padilha



Professores e alunos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1923: entre os formandos *Elyseu Paglioli*, Raul Jobim Bittencourt, Jorge Braga Pinheiro, Oscar Carneiro da Fontoura, Florêncio Ygartua Filho e José Soares Sarmiento Barata.

PAGADOR MARTEL, Geogr. Lugarejo à margem esquerda do arroio Pântano Grande, com estação ferroviária (M. de General Câmara).

PAGARÁ, S.m. Dança do antigo fandango. "Havia o anu, o *pagará*, a recortada, a retorcida, a serrana, o feliz-meu-bem..." (Aquilaes, Serões de Inverno, p. 163).

PAGAR A MULA ROUBADA, Loc. verb. Sofrer as conseqüências, o resultado de ação alheia.

PAGAR A RAPADURA, Loc. veb. Desistir da carreira, com medo do confronto, satisfazendo o depósito.

PAGAR CHAPETONADA, Loc. verb. (V. Chapetonada). "Não vamos agora nos meter numa de *pagar chapetonada* pra o Boitató." (Cyro, Sombras na Correnteza, p. 223).

PAGAR DEPÓSITO, Loc. verb. (V. Depósito).

PAGAR NA TAMPA, Loc. verb. Pagar no ato da compra; solver compromisso financeiro imediatamente. "*Pagou na tampa*. Pegou a peça de seda..." (Dornelles, Causos da Querência, p. 95).

PAGAR VALE, Loc. verb. Recuar (numa aposta); arrepender-se; retratar-se; desistir; renunciar; não continuar. "Eu nunca roubei nem *paguei vale*..." Jacques, Brigadianos, p. 136). "Havia de encostelar-lhe o malacara se *pagasse vale*..." (V. Pires, Querência, p. 139).

Sempre olhado com respeito

Por muito taura manheiro

Que *pagou vale* ligeiro...

Braun, Galpão de Estância, 2a. ed., p. 52

PÁGINAS PERDIDAS, Liter. Versos de João da Silva Belém, P. Alegre, Globo, 1916.

PAGLIOLI, Elyseu Dambros, Biogr. Médico e

professor, natural de Caxias do Sul, nascido em 1898. Doutorou-se em 1923 em Porto Alegre, onde foi catedrático de Neurocirurgia e colaborador benemérito da Santa Casa. Cursos de aperfeiçoamento em Berlim, Paris e Viena. Prefeito Municipal de Porto Alegre (1951). Reitor da UFRGS. Ministro da Saúde no governo João Goulart. Autor de importantes trabalhos em livros e revistas. *Fundação Cultural Elyseu Paglioli*: entidade porto-alegrense, criada em 15.04.1987.

PAGNOCELLI, Geogr. Lugar no Planalto Médio, banhado pelo rio do Peixe (M. de Sertão).

PAGO (Do lat. *pagus, i*, que deu pag-ão, habitante de aldeia, aldeão e pag-os, habitação; reveste a forma *pa* em país, pa-isano, pa-is-a-gem etc.), S.m. Lugar onde alguém reside ou de onde é natural; o lar rural; cidade, vila ou rincão natal. **Bibliogr.** José Romaguera da Cunha Corrêa, Vocabulário Sul-Rio-Grandense, Pelotas, Echenique & Cia., 1898; Augusto Daisson, À Margem de Alguns Brasileirismos, P. Alegre, Liv. do Globo, 1925. Roque Callage, Vocabulário Gaúcho, P. Alegre, Liv. do Globo, 1926; Luíz Carlos de Moraes, Vocabulário Sul-Rio-Grandense, P. Alegre, Liv. do Globo, 1935; Propício da Silveira Machado, O Gaúcho na História e na Lingüística, P. Alegre, Gráfica Pallotti, 1966. "Longe, balizando o *pagu*, o velho umbu da Estância Nova ramalha-va solitário..." (A. Maya, Tapera, p. 113). "Ali estava o campo, as coxilhas, o *pagu*..." (Fattori, Campo Solitário, p. 80).

Estes versos são rodilhas
De um tiro de laço armado

Para pealar nas coxilhas

Lindezas do *pagó* amado.

Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2a. ed., p. 131

Gauderiei toda campanha,
Trocando *pagó* por outro,
Marcando boi na picanha,
Quebrando queixo de potro!

Pantaleão, Coletânea Gauchesca, p. 50

Eu tive sempre por luxo
Andando no *pagó* amado
De parecer bom gaúcho
Bem vestido e bem montado!

Pobrezinho de quem anda
Fora do *pagó* natal,
Se um dia passa bem,
Três ou quatro passa mal.

Alma do Pago: versos de João Bueno (Carlos Plastina), São Paulo, Tip. São Luís, 1930; *Céu, Pampa e Pago*: versos de Dimas Costa, P. Alegre, Editora Combate, 1968; *Coisas do meu Pago*: versos de Pery de Castro, P. Alegre, Liv. do Globo, 1926; *Coisas do Pago*: versos de Alfredo Costa Machado, com vocabulário, P. Alegre, Editora Livraria Andradas, 1954; *Deixando o Pago*: versos de João da Cunha Vargas, P. Alegre, Ed. Habitasul, 1981; *De Volta ao Pago*: versos de Almiro Beal, P. Alegre, Tip. Jalda, 1963; *Horizontes do Pago*: versos de Roberto Osório Junior, Canoas, Editora La Salle, 1970; *No Pago*: conto de Alcides Maya, dedicado a Isidoro Dias Lopes, Tapera, p. 103; *No Pago*: manchas pampeanas, crônicas de Clemenciano Barnasque, P. Alegre, Liv. do Globo, 1926; *Pago Xucro*: versos de Ubirajara Raffo Constant, P. Alegre, EMMA, 1966; *Pelos Caminhos do Pago*: prosa e poesia, obra de Dimas Costa, P. Alegre, Liv. Sulina, 1963; *Saudade do pagó*: poema de José Antonio M. Macedo, Estância do Céu, p. 14; *Sentinela do Pago*: versos de Admar Ferreira Rahde, Caxias do Sul, Editora São Miguel, 1958. // Com bastante frequência a palavra é usada no plural. "Tuas palavras, inspiradas pelo humor alegre que a guapa vida do Caverá, com seu gordo churrasco e saboroso chimarrão nos derrama nas veias, vieram acender em minh'alma as labaredas da saudade pelos meus queridos *pagos*." (Chicolomã, A Reforma, P. Alegre, 09.08.1874). "Deixo os *pagos*, deixo a querência. Que querem?" (Apolinário, Paisagens, p. 235). "De laços presos à cincha, ponchos resguardando o corpo, novamente seguiam para os *pagos*..." (Callage, Terra Gaúcha, 2a. ed., p. 81). "O gaúcho era andejo, mas não esquecia os *pagos*..." (V. Pires, Querência, p. 114). "Usava em casa bombacha, lenço no pescoço e o mate corria como num fogão dos *pagos*." (Severo, Visão do Pampa, p.

74). "Um dia sentiu saudades da querência e já cansado das andanças retornou aos *pagos*." (Ibarra, Canção do Sul, p. 52).

Quando eu ouço uma cordeona
No dia em que tomo uns tragos
Saudades tenho do pingo
E das caboclas dos *pagos*.

Vargas Neto, Tropicilha Crioula, p. 23

Coração como este meu
Tão leal não há nenhum.
Por estes *pagos* afora
Dum cento se tira um!

Os *pagos* todos se alegram
Quando vêm o sol nascer.
Assim se alegram meus olhos
Quando te chegam a ver!

Ao Sol dos Pagos: versos de Homero Prates, com nota explicativa do Gal. Borges Fortes, Rio, Papelaria Velho, 1937; *Nos Pagos*: poema de Evandro Ribeiro, Flores Murchas, p. 148; *O Cântico dos Pagos*: poemas de Rubens Dario Soares, Panambi, Gráfica Panambi, 1960; *Os Pagos*: versos de Mário Santana, Sant'Ana do Livramento, Of. Graf. Impressora Ltda., 1956; *Prosa dos Pagos*: ensaios de Augusto Meyer, São Paulo, Liv. Martins, 1943; *Regressando aos Pagos*: tela do pintor Libindo Ferraz; *Rumo aos Pagos*: poemeto de Manoel Faria Corrêa, P. Alegre, Liv. do Globo, 1925; *Um Trovador dos Pagos*: tela do pintor Francis Pellicheck.

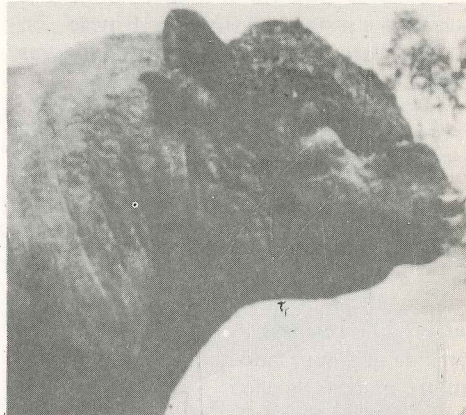
PAGUEIRO (De *pagó + eiro*), Adj. (V. Paguiano). "A voz *pagueira* a conserva viva no nome do lugar..." (Osório Santana Figueiredo, São Gabriel desde o Príncipe, p. 82).

PAGUIANO (De *pagó + i + ano*), Adj. Próprio do pagó; relativo ou pertencente ao pagó; *pagueiro*. // Var.: *pagueano*. "Eram três e de boa estampa, ar galhardo de chinocas *pagueanas*..." (Severo, Visão do pampa, p. 33). "O produtor gaúcho de bovinos não é mais aquela figura *pagueana* que encilhava pingo de lei aperado a capricho..." (Echenique, C. do Povo, Supl. Rural, 04.08.1967).

China-flor eu te descrevo
no meu *pagueano* jardim:
singela como o alecrim
e delicada qual trevo...

Ramirez, Disparo de Tropa, p. 174

PAGUISMO (De *pagó + ismo*), S.m. Caráter distintivo do pagó; sentimento de amor ao pagó.



PAI (Do lat. *pater*), S.m. Genitor (substantivo nunca precedido do pronome possessivo). "Pai, estou precisando duns cobres..." (Érico, Caminhos Cruzados, p. 313). "Obrigado, pai;

já churrasqueiei..." (Peixoto, Alma Gaúcha, p. 103). "Se o pai descobre, Rodrigo! Se o pai descobre..." (Vergara, Histórias do Irmão Sol, p. 87).

Q

Q, S.m. Décima sexta letra do alfabeto e consoante gutural forte.

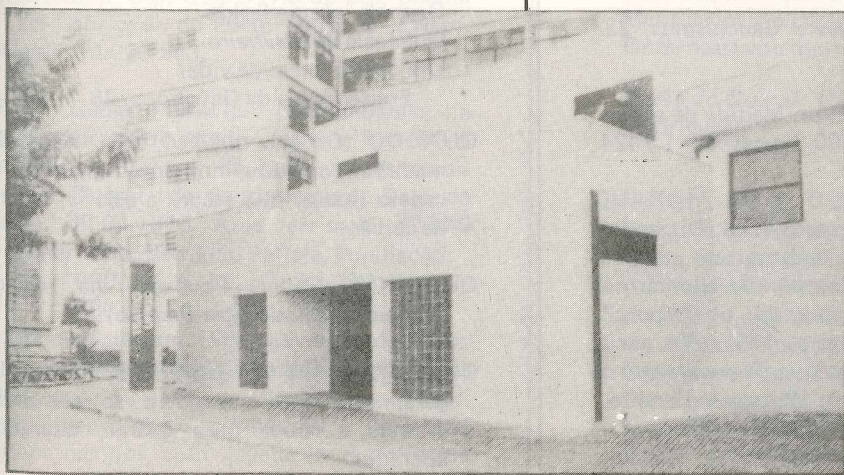
QORPO SANTO, José Joaquim de Campos Leão, Biogr. (1829-1883) — Assinatura literária de José Joaquim de Campos Leão, escritor, jornalista, professor e político triunfense. Filho de José Manoel Leão, líder farroupilha.

Os contemporâneos não lhe deram a importância merecida, considerando-o um simples caso de psicopatologia demencial ou de catatonia com assomos persecutórios. Publicou poesias e peças de teatro. **Bibliogr.** Guilhermino César, *Corpo Santo*, P. Alegre, Edição da UFRGS, 1969; Flávio Aguiar, *Os Homens Precários*, P. Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1974.

QUADRA¹ (Do lat. *quadra*), S.f. Espaço entre duas ruas; quarteirão. "No meio da *quadra* retrocede." (Dyonélio, *Os Ratos*, p. 89). "Tem de caminhar duas *quadras* até chegar ao escritório." (Vergara, *Cadeiras nas Calçadas*, p. 31). "As casas grandes distavam quase uma *quadra* umas das outras..." (Cyro, *O Príncipe da Vila*, p. 12).

QUADRA², S.f. Conjunto de ranchos nas proximidades das charqueadas, onde residiam os seus empregados. "Na mina, a trezentos metros da *quadra*, estava a única cacimba..." (Wayne, *Charqueada*, p. 47).

QUADRA³, S.f. Medida linear equivalente a sessenta braças. "À esquerda o desenho vivo do santafezal juncado de *quadras*



Sala Qorpo Santo
da UFRGS

e *quadras...*" (Ramiro, Meu Rincão, p. 192). "Cinco *quadras* adiante o Capão Bonito o esperava para a sesteada." (Callage, Rincão, 2a. ed., p. 64). "Isto aqui são umas trinta *quadras* povoadas..." (Anita, Marta Fritz, p. 31).

QUADRA⁴, S.f. Local nas padarias onde se prepara a farinha com água e fermento.

QUADRA DE CARREIRA, Expr. Extensão de 132 metros, também chamada simplesmente quadra.

Vai ser em duas *quadras*,
Eu corro de qualquer lado
Por quatro patacas de pão
E um garrafão de melado!

Alberto Herculano Menna Barreto, Simplicidade, p. 60

QUADRA DE LAVOURA, Expr. Unidade de medida agrária correspondente a 132 x 132 metros ou 17.424 m².

QUADRA DE SESMARIA, Expr. (V. Sesmaria).

QUADRA E MEIA, Expr. Extensão de 198 metros (nas canchas retas). "Até *quadra e meia* vieram brigando, parelhitos." (Darcy, No Galpão, 3a. ed., p. 95).

Carreiras de cancha reta,
em tiro de *quadra e meia*,
dão dias de muita alerta
pelas prosas que semeia.

Kroeff, O Gaúcho no Panorama Brasileiro, p. 22

Cola-grossa petição
Mais muito sangue na veia
Ligeiro na *quadra e meia...*

Dornelles, Campos Abertos, p. 99

QUADRALVO, Adj. Diz-se do animal cavalgar que tem branca a mão direita.

Sempre gostei do *quadrvalho*
Bom de pata sempre foi.
Nunca ouvi que se dissesse
Que rabonasse algum boi.

Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2a. ed., p. 151

QUADRA QUADRADA, Expr. Medida de superfície equivalente a 3.600 braças ou 1,7424 hectares.

QUADRAR (Do lat. *quadrare*), V.t.d. Distender o tórax e levantar os ombros, em atitude defensiva. "O moço viu uma coisa alumiar no escuro e esperou, *quadrando* o corpo..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 163). "Os guris atiravam pedras. Os quero-queros *quadravam* o corpo e gritavam." (Cyro, Mensagem Errante, p. 11). "Foi só gente *quadrando* o corpo e o zebu velho frechou direito à porteira." (Lessa,

O Boi das Aspas de Ouro, p. 121). // Var.: quadrar-se.

E o Patrão Velho do céu
— ante o bicho balaqueiro —
tapeou de pronto o chapéu
e, no banco, *se quadrou...*

Oliveira, Rastro de um Charrua, p. 69

QUADRAR-SE A VOLTA, Loc. verb. Oferecer-se ou deparar-se (ocasião propícia). "Irei na Barra e quando *se quadrar a volta* me entenderei com o Agapito..." (Herlein, Na Fronteira Gaúcha, p. 75).

QUADREIRA (Do esp. plat. *quadrera*), S.f. Carreira em cancha reta (na fronteira).

QUADRILHA¹ (Do esp. *cuadrilla*), S.f. Magote de eqüinos de pêlos diferentes. "Mas a *quadrilha* da égua baia apareceu em seguida..." (A. Maya, Ruínas Vivas, p. 113). "Tocava uma carreta de tolda, uma ponta de gado manso e uma *quadrilha* de ruanos..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 40). "Os animais da *quadrilha* foram se esparramando silenciosamente, atirando bocadas no pasto verde... (Piá do Sul, Farrapo, 2a. ed., p. 153). "Os palpites se repartiram e o jogo foi-se fechando: pontas de gado, cavalos, *quadrilhas* inteiras..." (Severo, Visão do pampa, p. 26). "Levava algum dinheiro, pois vendera uma *quadrilha* de crioulos e cinqüenta capões." (Cyro, Gaúchos no Obelisco, p. 27).

O guasca no povo entrando
Rumbeia para a coxilha
Como o potro relinchando
Desgarrado da *quadrilha*.

Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2a. ed., p. 164

QUADRILHA², S.f. Estrofe de quatro versos, bastante popular no cancionário gaúcho.

QUADRILHEIRO (De *quadrilha* + *eiro*), Adj. Diz-se do animal que anda em quadrilha.

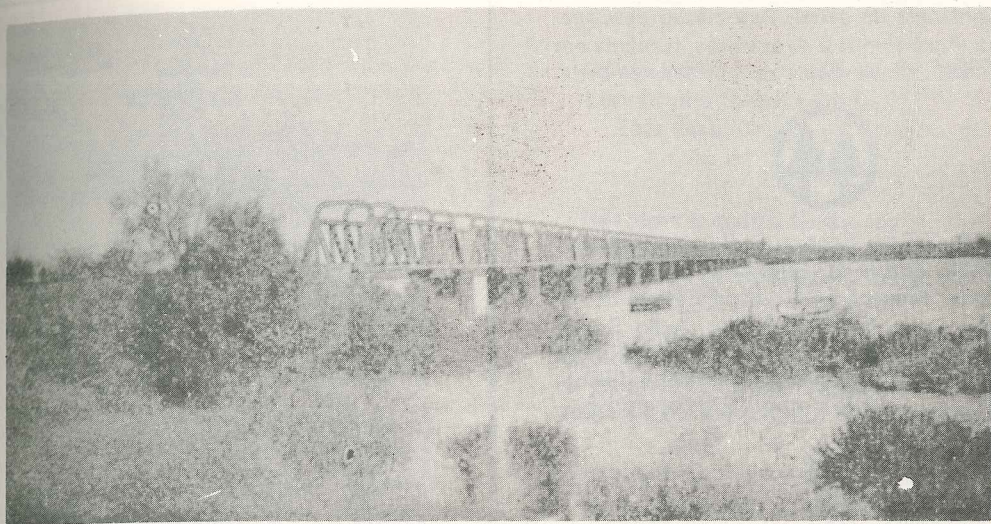
O sangue rubro ver teu
Daquela infame ferida
Que fazia *quadrilheiro*
Um pastor cheio de vida!

Freire, Alma de Gaúcho, p. 28

QUADRO (Do lat. *quadru*), S.m. Armção de madeira, com dois montantes (prumos) e um capelo (barra) que escora a galeria, nas minas de carvão.

QUÁDROS, Geogr. Povoação na região da Campanha (M. de Dom Pedrito).

QUARADOR (ò) (De *quarar* + *dor*), S.m. Lugar geralmente muito exposto ao sol onde se estende a roupa para quarar; quaradouro; coarador.



Ponte ferroviária internacional sobre o rio Quaraí, ligando Barra do Quaraí à estação uruguaia de Cuareim.

Rosa,
Rosinha,
mocinha
à beira rio, sob o sol,
num *quarador* de flechilhas...
Apparício, Pago Vago, p. 33

QUARADOURO (De *quarar* + *douro*), S.m. (V. Quarador).

QUARAÍ¹ (Do guar. *quará-y*, o poço pequeno), Potam. Grande afluente do Uruguai, pela margem esquerda. Nasce na coxilha de Haedo. Leito de pedra e, em geral, de fundo baixo. Quatro galhos principais alimentam o nascedouro desse rio: o Espinilho, o Trilha, o Florêncio e o Invernada. Principais afluentes: Caiboaté, Cati, Guapitangui e Quaraí-Mirim. "Nessas condições, ali estava nas barrancas do Quaraí em negaceios de cobra..." (Callage, Terra Gaúcha, 2a. ed., p. 280). "Conhecia a querência de ponta a ponta, desde a barra do Quaraí até a foz do Ibicuí." (Ibarra, Canção do Sul, p. 51). "Parecia que havia chovido pras cabeceiras do Quaraí." (Cyro, Sombras na Correnteza, p. 64). *Quaraí, rio do Sol*, poema de Laci Osório, C. do Povo, Letras & Livros, P. Alegre, 10.09.1983.

QUARAÍ², Geogr. Município da Campanha, na fronteira oeste do estado com a República Oriental do Uruguai, da qual está separado pelo rio Quaraí, de pouca largura. Data da criação: 08.04.1875. Área territorial (2.999 km². Padroeiro: São João Batista. População:
1960..... 17.759
1980 19.438
12.582 eleitores em 1986. Lavouras de arroz, sorgo, trigo e soja. Produção de frutas cítricas e pêssegos. Criação de bovinos e ovinos. Especialmente entre o Inhanduí e o Garupá existem campos com vegetação gramiforme



vigorosa, densa, de cor verde-escuro, em que sobressaem os capins tenros, de rápida recuperação após o pastejo e com boa percentagem de matéria orgânica e sais minerais. **Bibliogr.** Ernesto Antonio Lassance Cunha, O Rio Grande do Sul, Rio, Imprensa Nacional, 1908; Henrique Martins, Geografia do Estado do Rio Grande do Sul, 5a. ed., P. Alegre, Globo, 1909; Alfredo R. da Costa, O Rio Grande do Sul, P. Alegre, Globo, 1922. "Juntamente com outros, potreara nos campos de Quaraí uma cavallhada excelente..." (Antero, Mensagem a Poucos, p. 242). "Um destes carreteiros era um serrano, que carreteava de Vacaria para Quaraí..." (Luiz Odilom, Entrevero de Causos, p. 196).

Meus pagos não são aqui
Nem daqui eu quero ser.
Meus pagos são Quaraí,
Onde nasci vou morrer!

Barão do Quaraí: (V. Fernandes Chaves, Pedro Rodrigues).

QUARAÍ³, Geogr. Cidade fronteira à congênera uruguaia de Artigas, servida pelo ramal ferroviário inaugurado em 20.08.1887, sede do município de Quaraí. Nomes anteriores: Passo do Batista, São João Batista e São João Batista do Quaraí, topônimos derivados de João Batista de Castilho, desbravador da região. Paróquia em 15.12.1859. // Comarca de 2ª entrância. Escola Estadual de 2ª Grau Castro Alves. Biblioteca Municipal Celina Martins.

CTG Sentinela do Jarau. Associação de Engenheiros, Agrônomos e Arquitetos, fundada em 30.07.1986. Cooperativa de Lãs Quaraí Ltda.



Centro de Saúde. Centro de Recuperação Dr. Jones Salk. Fundação Hospitalar de Caridade. Inspetoria Veterinária. Escola Estadual de 1º Grau Dr. Luiz Pacheco Prates. Ação Social Paroquial Quaraíense. Associação Profissional dos Contabilistas. Sociedade Quaraíense de Tiro, Caça e Pesca, fundada em 08.11.1986.



Subseção da OAB/RS. Associação Quaraíense de Proteção ao Ambiente Natural (AQUAPAN), fundada em 08.04.1987, sob a presi-



dência de Elio Vieira de Vargas. *Barão do Quaraí*: Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, advogado, político e jurista rio-grandino (1810-1866). *Quaraí*: soneto de Roberto Osório Junior, *Horizontes do Pago*, p. 35. *Quaraí-Alegrete*: rodovias RS-60, BR/290 e BR/293 com 135 km. *Quaraí-Sant'Ana do Livramento*: rodovias RS/60 e BR/293 com 138 km. *Reminiscências de Quaraí*: memórias de Bernardino de Azevedo Machado, P. Alegre, Imprensa Oficial, 1957. *Salamanca da Canção Nativa*: promoção musical anual; a 3ª teve início em 09/10/1987. "Antes de Flores da Cunha, *Quaraí* vivia isolado..." (Rodrigues, *Flores para os Torturados*, p. 116).

QUARAÍ⁴, Hidrogr. Arroio afluente do Santa Rosa, pela margem direita.

QUARAÍENSE (a-i), Adj. 2 gên. De Quaraí; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município. "Na cidade sabiam que, à tardinha, pela diligência, chegaria o novo médico *quaraíense*..." (Severo, *Visão do Pampa*, p. 237).

QUARAÍ-CHICO, Hidrogr. Arroio tributário do rio Uruguai, pela margem esquerda (M. de Uruguaiana).



Quaraí: localização geográfica

QUARAIM¹, Geogr. Distrito no Alto Uruguai. Data da criação: 22.10.1959 (M. de Três de Maio). População: 1980 1.168

QUARAIM², Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome. // Esporte Clube Internacional, fundado em 15.01.1958.

QUARAÍ-MIRIM, Hidrogr. Arroio afluente do Quaraí, pela margem direita (M. de Quaraí). "Eu sou tropeiro; sou das pontas do *Quaraí-Mirim*..." (Severo, *Visão do Pampa*, p. 257). "Depois vinham os passos do Garupá e do *Quaraí-Mirim* entre coxilhas suavemente onduladas..." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 28). "Capitão, escolha cinco elementos de sua confiança e vá percorrer a zona do *Quaraí-Mirim*." (Cyro, *Sombras na Correnteza*, p. 110).

Abaixai-vos cerros verdes
Secai *Quaraí-Mirim*!
Quero alcançar sem demora
Quem suspira por mim!

QUARAIZINHO¹, Hidrogr. Riacho que deságua no Quaraí⁴, pela margem direita.

QUARAIZINHO², Geogr. Povoado no 1º distrito (M. de Três de Maio).

QUARAR (Forma alterada de *corar*), V.int. Ficar ao sol (a roupa lavada).

Pra tudo é preciso sorte
Até pra lavar também!
O dia que não faz sol
A roupa não *quara* bem!

QUARENTINO (De *quarenta + ino*), S.m. Qualificativo de uma variedade de milho muito duro e vermelho. Excelente forrageira de ciclo tardio, plantada em janeiro.

QUARESMA¹ (do lat. *quadagesima*), S.f. O fruto da quaresmeira. "E como a nossa mãe Natureza é riquíssima, pródiga, dava-nos também o maracujá, o joá, a *quaresma*..." (Aquilés, *Noutros Tempos*, p. 168).



Quarentino

QUARESMA², Geogr. Localidade à margem esquerda do rio Ijuí (M. de São Luiz Gonzaga).

QUARESMEIRA (De *quaresma + eira*), S.f. Bot. Arbusto da família das anonáceas. Folhas simples. Flores grandes, vistosas, com numerosos estames. Fruto amarelo, comestível, em forma de baga.

QUARI-BRABO, S.m. Bot. Planta herbácea da família das cardúceas. Folhas pinatífidas, inflorescência terminal, com capítulos agrupados em corimbos, densos. Tem fama de tóxica (*Tagetes minuta* L.). Pl.: quaris-brabos.

QUARK TORTE, S.f. Iguaria típica da Encosta Inferior do Nordeste, especialmente no vale do rio dos Sinos. "Tanto a Hamburger Torte como a *Quark Torte* são clássicas..." (Laytano, *A Cozinha Gaúcha na História do Rio Grande do Sul*, p. 89).

QUARÓ, S.m. Bot. Arbusto ornamental da família das malpighiáceas. Folhas coriáceas. Flores em cachos, com pétalas amarelas (*Galphimia brasiliensis* A.D.C.).

QUARTA¹ (Da raiz *quarto*), S.f. Medida de superfície equivalente a 1250 braças quadradas.

QUARTA², S.f. Junta de peixe que fica entre a junta de coice e a junta da ponta. "Brochavam primeiro o coice e a ponta e depois iam ajeitando os brutos nas *quartas*..." (Aristides,

Fundação e Evolução das Estâncias Serranas, p. 112).

Carreteando, coice e *quarta*
Leve firme e folgue a ponta...

Zeca Blau, *Trovas da Estância do Abandono*, 2a. ed., p. 62

Nas *quartas* quatro tambeiros
ainda um tanto haraganos...

Schultz Filho, *Galponeiras*, p. 20

QUARTA³, S.f. Corda de que o gaúcho se utiliza, juntamente com a prima nas toadas com acompanhamento de violão.

QUARTA⁴, S.f. Corda de emergência com que o carreteiro auxilia os bois em atoleiros, subidas e outros obstáculos naturais, atando as extremidades da tiradeira, uma na cincha do arreiro, outra no próprio veículo (geralmente na lança ou varais). *Enredar-se nas quartas*: embaraçar-se (fazendo alguma coisa); confundir-se; equivocar-se; perturbar-se. "Mas, amigos, não *me enredei nas quartas*." (Aquino, *Gaúchos*, p. 20). "Ora, compadre, onde é que o senhor viu campeiro como eu *se enredar nas quartas*?" (Lessa, *O Boi das Aspas de Ouro*, p. 110).

Sou índio que não *me enredo*

Nas quartas da carreteada,

Portanto me saio alpedado

em toda e qualquer parada!

Lauro, *Senzala Branca*, p. 20

Forçar nas quartas: empenhar-se com toda diligência (em alguma empresa); empregar todas as forças para conseguir (determinado resultado); trabalhar com ânimo, vigor ou coragem. "Com o índio é preciso *forçar nas quartas*..." (V. Pires, *Querência*, p. 145). *Repechar sem quarta*: lutar sem apoio.

QUARTA DA PONTA, Expr. A junta de bois que vai entre a quarta do meio e a quarta da ponta. "Logo atrás, em compassada marcha, seguem os bois mansos que formam a *quarta da ponta*..." (Lessa, *República das Carretas*, p. 9).

QUARTA DE MONTARIA, Expr. Animais que nas diligências seguiam-se imediatamente à parilha do coice.

QUARTA DO COICE, Expr. A junta de bois que segue os dois animais do coice.

QUARTA DO MEIO, Expr. Nome dado à junta de bois que puxa entre a quarta do coice e a quarta da ponta.

R

R, S.m. Décima sétima letra do alfabeto e consoante linguodental. // Fato corriqueiro no linguajar gauchesco o metaplasmo por transposição do *r*, mormente nos grupos *tr* e *pr*.

Não *percisa* me dá troco...

M. Pereira Fortes, A Marcação, p. 23

Verifica-se igualmente com freqüência a hipertese do grupo *ar*. "Uma bela estância, belo *alvoredado*..." (Coutinho, A Estância e as Cartas, p. 52).

RABADA (De *rabo* + *ada*, cf. o lat. *rapu*), S.f. Carne da rês próxima à cauda. "Pratos como a *rabada* e o puchero são comuns na fronteira." (Laytano, A Cozinha Gaúcha na História do Rio Grande do Sul, pp. 127-128).

RABADA QUEBRADA, Expr. Diz-se do animal com fratura sobre a anca, perto da cauda.

RÁBANO (Do gr. *rháphanos* através do lat. *raphanu*), S.m. Bot. Erva da família das crucíferas, também chamada rábano-campestre. Raiz tuberosa. Folhas grandes, oblongas. Floresce em setembro (*Rhaphanus sativus* L.).

RÁBANO-CAMPESTRE, S.m. Bot. (V. Rábano). Pl.: rábanos-campestres.

RABÃO¹ (Da raiz *rabo*), Adj. Que tem curto ou cortado (o rabo). "Mas o outro parece um arrastador d'água, tosado à faca, meio *rabão*..." (Laf, Recordações Gaúchas, 2a. ed., p. 43). "Nosso gaúcho nunca encilhou cavalo *rabão*." (Raul, Mala de Garupa, p. 62).

Presilha não é fivela

Nem o tamoeiro é cambão;

Passar correndo em pinguela

Não é pra cusco *rabão*...

Chico Ribeiro, Filosofia Campeira, p. 30

// Flexão fem.: *rabona*. "Só aquela carijó *rabona* é que ponhou um ovo ontem..." (Vergara, Contos da Vida Breve, p. 210).

RABÃO², Hidrogr. Arroio afluente do Zigana, pela margem esquerda.

RABÃO³, S.m. (V. Truco-rabão).

RABANEAR (Da raiz *rabo*), V.int. Mover-se sinuosamente; serpear. "Dentre os tições *rabaneava* uma chama baixa." (Severo, Visão do Pampa, p. 252).

RABEAR, V.int. Descrever a pandorga no ar giros rápidos, às vezes violentos.

RABICANO (Corrupt. de *rabicão* ou do esp. plat. *rabicano*), Adj. Diz-se do animal que tem o pêlo da cauda escuro, entremeado de fios brancos. "O Lalau correu as esporas no *rabicano* e em dois pulos emparelhou-se com o zaino..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 160).

Despacito, cutucando o *rabicano*,

Desce o peão lá na canhada...

Paim, Primeiro Galope, p. 67.

RABICHO¹ (De *rabo* + *icho*), S.m. Implemento que, colocado sob a cauda do animal, se prende ao arreio. "O *rabicho* é preso à cabeça de trás do serigote..." (Raul, Mala de Garupa, p. 40). *Andar com urtiga no rabicho*: andar desassossegado, aflito, temeroso.

Pelo mais tolo capricho

C'os arreios velhaqueava,

Parece que sempre *andava*

Com urtiga no rabicho!

Dino Dezidério, A Volta de Antonio

Chimango, p. 79

Não sentir o rabicho: mostrar-se forte na adversidade.

RABICHO², S.m. Arame retorcido que prende a parte superior do moirão a pedras grossas enterradas, a fim de reforçá-lo. "O primeiro trecho parara bem no topo, onde fazia canto e um mestre com dois *rabichos*, tensos, agüentava os cinco fios..." (Darcy, No Galpão, 3a. ed., p. 131).

Já não sei porque capricho

arrebentou o *rabicho*

da cerca do matador...

Cleber, Última Tropeada, p. 22

RABICHO³, S.m. Grande apego ou estima; afeto profundo; inclinação amorosa.

RABICHO⁴, Adj. Travesso; buliçoso; inquieto. // Flexão fem.: *rabicha*.

RABICHO⁵, S.m. Cabo que liga a fateixa ao calão.

RABIOSCA, S.f. Letra ruim, ininteligível; galrancho.

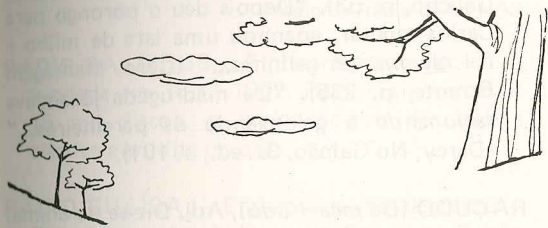
RABIOSO (Do esp. *rabioso*, cf. o lat. *rabia*, que

deu também o it. *rabbia*), Adj. Raivoso; cheio de cólera; desesperado. "Vi então o que é uma mulher *rabiosa*..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 34). "Agüentem o tirão, se puderem, cães *rabiosos*..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 196). "Numa gritaria *rabiosa*, a indiada se despencou pelo lançante..." (Ruschel, O Gaúcho a Pé, p. 58).

RABO (Do lat. *rapu*), S.m. (V. Cola²).

RABO-DE-BUGIO¹, S.m. Bot. Árvore da família das combretáceas, também chamada árvore da chuva, pois tem a propriedade de gotejar pelas folhas. Madeira resistente. Flores racemosas. Fruto drupáceo (*Cyathea schanschin* Mart.). Pl.: rabos-de-bugio.

RABO-DE-BUGIO², S.m. Vara de madeira, espécie de alçaprema, também chamada arrocho, usada no carregamento de troncos (em carroças e carretas). Pega-se uma vara de madeira conhecida pelo nome de *rabo-de-bugio*." (Pedro Ari, Formação do Gaúcho, p. 185). Pl.: rabos-de-bugio.



RABO-DE-BURRO, S.m. Bot. (V. Cola-de-sorro). Pl.: rabos-de-burro.

RABO-DE-BURRO-MIÚDO, S.m. Bot. Planta da família das gramíneas, comum nos campos da Campanha. Pl.: rabos-de-burro-miúdos.

RABO-DE-CACHORRO, S.m. Planta herbácea da família das gramíneas. Pl.: rabos-de-cachorro.

RABO-DE-CUTIA, S.m. Bot. Arbusto da família das compostas. Capítulos dourados. Flores muito desenvolvidas. Pl.: rabos-de-cutia.

RABO-DE-GALO¹, S.m. Nome dado à durindana usada pelos federalistas na revolução de 1893. Pl.: rabos-de-galo.

RABO-DE-GALO², S.m. Pequena esfera de pedra ou osso usada no jogo de gude. Pl.: rabos-de-galo.

RABO-DE-GALO³, S.m. Denominação vulgar do cirro. "Os *rabos-de-galo*, bem no alto do céu, sobre a cabeça de Marcos." (Vergara, Figueira Velha, p. 93). Pl.: rabos-de-galo.

RABO-DE-GALO⁴, S.m. Bot. Erva da família das

amarilidáceas, também chamada flor-da-imperatriz. Folhas grandes, invaginantes, erectas, formando leque. Flores com lacínias dispostas em umbelas. Fruto capsular. Pl.: rabos-de-galo.

RABO-DE-GALO⁵, S.m. Variedade de feijão rajado. Pl.: rabos-de-galo.

RABO-DE-GATO, S.m. Bot. Planta herbácea da família das gramíneas. Pl.: rabos-de-gato.

RABO-DE-GUARÁ, S.m. Bot. Erva da família das gramíneas, com propriedades diuréticas. "Dependurado num prego, avistei um feixinho verde de *rabo-de-guará*." (Odilon, Causos do João Maria, p. 26). Pl.: rabos-de-guará.

RABO-DE-LAGARTO¹, S.m. Bot. Capim nativo, subcespitoso, apícola, de boa palatabilidade e resistência. Colmos comprimidos. Bainhas glabras, fendidas. Floresce de outubro a abril. Inflorescência em espigas terminais ou axilares. Pl.: rabos-de-lagarto.

RABO-DE-LAGARTO², S.m. Relho de couro trançado. Pl.: rabos-de-lagarto.

RABO-DE-PALHA, S.m. Ornitol. (V. Alma-de-gato). "Tornou a abrir os olho e viu um *rabo-de-palha* frechar o ar..." (Érico, O Contingente, 3a. ed., p. 275). "Até o corpo cinzento e a cauda preta do *rabo-de-palha* se viam ali..." (Ramirez, Rio dos Pássaros, p. 61). Pl.: rabos-de-palha. "As siriemas, os *rabos-de-palha* e as perdizes avisavam temporal." (Simões Pires, Gado de Osso, p. 60). "Os *rabos-de-palha* viraram pintos molhados." (Mário Simon, Lindeiro, p. 48).

RABO-DE-PÉ, S.m. Espécie de galo de rinha. Pl.: rabos-de-pé.

RABO-DE-PORCO, S.m. Relho usado por carroceiros e galhoteiros. Pl.: rabos-de-porco.

RABO-DE-RAPOSA, S.m. Bot. Planta nativa, tenra, da família das gramíneas, característica dos campos litorâneos e da Campanha. Caules cilíndricos com nós salientes, escuros. Floresce de outubro a abril. Inflorescência em panícula terminal curta, pilosa. Fruto vermelho com sementes alvas. Pl.: rabos-de-raposa.

RABO-DE-RATO, S.m. Bot. Planta da família das orquidáceas. Ramos verdes, sem folhas. Flores pequenas, isoladas. "É a brassavola conhecida popularmente como *rabo-de-rato*." (Érico, Incidente em Antares, 13a. ed., p. 158). Pl.: rabos-de-rato.

RABO-DE-TATU, S.m. Instrumento de açoite feito inteiramente de couro cru, sem emenda,

com ponteira chata, argola grande e cano de ferro que lhe dá peso, assim chamado por sua semelhança com a cauda do conhecido mamífero. "Se duvidassem, o *rabo-de-tatu* estava ali mesmo." (Callage, Rincão, 2a. ed., p. 92). "E fazendo o pingo parar-se em pezito, reboleou o *rabo-de-tatu*..." (Aquino, Gaúchos, p. 320). "Túlio Tito, apoplético, berrava em plena rua, sacudindo o *rabo-de-tatu*..." (Jacques, Os Provisórios, p. 116). "Não foi preciso mais nada: um argolaço na cabeça com o *rabo-de-tatu* possante e o cuera caiu, testavilhando..." (M. Dias, Brumas da Minha Saudade, 2a. ed., p. 68). *Baixar o rabo-de-tatu*: fustigar com esse instrumento de açoite. "Foi o que bastou para o Miltoninho *baixar o rabo-de-tatu*..." (Jockymann, C. do Povo, P. Alegre, 05.09.1976). // Usa-se também a forma reduzida tatu. "Não vem te porpassando que o *tatu* trabalha." (V. Pires, Querência, p. 130).

RABONAÇÃO (De *rabonar + ação*), S.f. Ação ou efeito de rabonar.

RABONAR¹ (De *rabona + ar*), V.t.d. Elidir parcialmente o rabo (do animal); tornar menor; reduzir a menos (em dimensão ou quantidade); restringir; desagregar de um composto. "Os professores, quando não faltavam, *rabonavam* grande a aula." (Cyro, Mensagem Errante, p. 83).

RABONAR², V.t.d. Arrancar pela raiz (a planta).

RAÇADOR (ô) (De *raç*, variante da raiz itálica *razz*, cf. *razz-a*), Adj. Diz-se do reprodutor com alto grau de homozigose e, portanto, com excepcionais atributos de transmissibilidade.

RACHADA (Flexão fem. de *rachado*), S.f. Sinal usado nos ovinos.

RACHÃO (Flexão aum. de *racha*, contr. de *raçar + a*), S.m. Vara ou lasca de madeira aberta ao comprido. "Num vão de cerca qualquer, sentados sobre o último *rachão*, a piazada parecia urubus aguardando carniça." (Pedro Ari, Formação do Gaúcho, p. 153).

RACHAR A CANCHA PELO MEIO, Loc. verb. (V. Cancha¹).

RACHAR DE GORDO, Loc. verb. Mostrar-se (o animal) com grande acumulação de matéria adiposa, principalmente na parte lateral dos quadris; o mesmo que rebentar de gordo. "Estava tudo *rachando de gordo*." (Alencastre, Azares das Revoluções, p. 13). "O gado de corte andava sempre *rachando de gordo*..." (Fagundes, Destino de Tal, p. 15). "Um deles montava uma égua tordilha-azulega *rachando de gorda*..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 110). "Aqui e ali repontavam

potrilhos escarceando e o gado *rachando de gordo*..." (Fattori, Ronda Pampeana, p. 28).

RACHE, Pedro Demóstenes, Biogr. (1879-1959) — Engenheiro e escritor jaguareense. Assinatura usual: Pedro Rache. Deputado federal (1934-37), Diretor do Banco do Brasil (1938-50). Delegado do Brasil junto ao Conselho de Economia da ONU. Autor de *O Problema Social-Econômico do Brasil*, Rio, José Olympio, 1946, e outras obras.

RACINHA (Flexão dim. de *raça*, cf. o it. *razza*), S.f. Denominação carinhosa da raça Jersey.

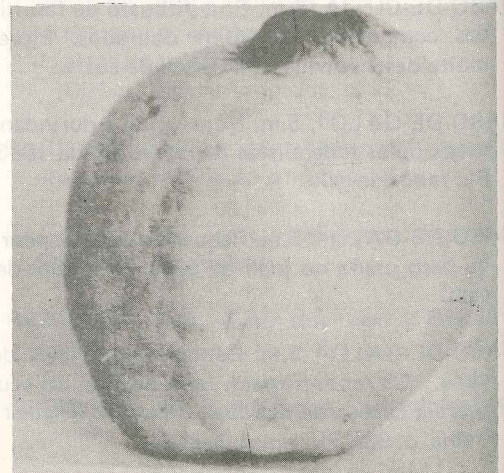
RACIONAMENTO (De *racionar + mento*), S.m. Ação ou efeito de racionar. "Depois de uma semana de descanso e *racionamento*, nova soltada da manada." (Piá do Sul, Farrapo, 2a. ed., p. 165).

RACIONAR (De *rat*, pouco, raiz castelhana, através da variante *raç*, que deu *ración*), V.t.d. Dar ração; arraçoar. "À tardinha, quando Bento *racionava* os cavalos de corrida, o velho estancieiro foi ao galpão..." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 53). "Depois deu o porongo para Carlos segurar, apanhou uma lata de milho e foi *racionar* as galinhas..." (Cyro, Mensagem Errante, p. 235). "De madrugada já andava *racionando* e galopeando os parselheiros..." (Darcy, No Galpão, 3a. ed., p. 101).

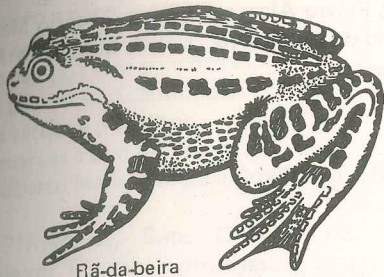
RAÇUDO (De *raça + udo*), Adj. Diz-se do animal com boa procedência genealógica.

RÃ-DA-BEIRA, S.f. Zool. Anfíbio anuro da família dos braquicefalídeos. Pl.: rãs-da-beira.

RADAELLI, S.m. Variedade híbrida de marmelo, obtida pela Estação Experimental Fitotécnica de Farroupilha, que trabalha principalmente com rosáceas. // O nome homenageia a família Radaelli, chegada ao Rio Grande do Sul em 1875 e desde logo pioneira no desbravamento de Nova Milano.



Marmelo Radaelli



Rã-da-beira

RÃ-DAS-MOITAS, S.f. Zool. Anfíbio anuro sem cauda, muito comum no estado. Cor verde-oliva, com manchas negras. Pl.: rãs-das-moitas.



Prédio da Rádio da UFRGS

RÁDIO DA UFRGS — Emissora porto-alegrense, fundada em 18.11.1957. Possui, em cerca de 15 mil discos, o maior acervo de música clássica e erudita do país.

RÁDIO GUAÍBA — Emissora porto-alegrense — ZYU-58 — fundada pela Empresa Caldas Júnior em 30.04.1957 e dirigida desde logo pelo jornalista Arlindo Pasqualini. O programa inaugural teve lugar no teatro São Pedro, operando a estação com 10 kilowatts em ondas médias e dois transmissores em ondas curtas.



Arlindo Pasqualini e a Rádio Guaíba (Ilustração do Correio do Povo).

RÁDIO SOCIEDADE GAÚCHA — Estação transmissora porto-alegrense fundada em 04.02.1927. Começou a operar em 19 de novembro do mesmo ano, com um pequeno aparelho de 250 watts, substituído em fins de 1931 por outro de maior potência. Em janeiro de 1935 passou a trabalhar com 3 quilowatts

na antena. Em 1936 inaugurou novo transmissor, da RCA Victor.



Cláudio Monteiro, um dos grandes valores atuais da Rádio Farroupilha.



A Rádio Sociedade Gaúcha foi o marco inicial do *broadcasting* rio-grandense. Seguiu-se-lhe a Rádio Sociedade Farroupilha Ltda., iniciativa de Arnaldo Balvé.



Arnaldo Balvé

No departamento de imprensa da emissora figuram atualmente nomes de grande destaque no mundo jornalístico rio-grandense, entre

eles Flávio Alcaraz Gomes, Rogério Mendelki, Cândido Norberto, Lasier Martins e Mendes Ribeiro.

S

S, S.m. Décima oitava letra do alfabeto e consoante linguodental fricativa surda.

SAACRI — Sigla da Sociedade Alegretense de Apoio à Casa do Menino Jesus, fundada em 14.09.1977.

SABAI — Sigla da Sociedade dos Amigos do Balneário Arco-Íris, fundada em 29.04.1976.

SABÃO¹ (Do lat. *sapo*, que deu também o esp. *jabon* e o it. *sapone*), S.m. Reprimenda; admoestação severa; ralhação; repreensão.

SABÃO², S.m. Espécie de dança popular antiga. "Eram estas danças variadas e tomando as denominações de tirana, anu, tatu, cará, feliz-amor, *sabão...*" (Cezimbra, Ensaio Sobre os Costumes do Rio Grande do Sul, p. 92).

Quem é aquele que lá vem,
No seu cavalo alazão?
É o nosso amigo Chico
Que vem dançar o *sabão!*

SABÃO-DE-PEDRA, S.f. Produto detergente em barra. "Gaúchos como ele em geral dormiam em camas duras, sentavam-se em cadeiras duras, lavavam-se com *sabão-de-pedra*." (Érico, O Retrato, 2a. ed., p. 302). Pl.: sabões-de-pedra.

SABEMI — Sigla da Sociedade de Aposentadoria e Beneficência dos Militares, fundada em 03.05.1976 na cidade de Porto Alegre.

SABIÁ¹ (Do guar. *haabiá*), S.f. A parte que resta do cigarro depois de fumado. "Guarda o *sabiá* atrás da orelha. Fuma de novo." (Cyro, Estrada Nova, p. 113).

SABIÁ², S.m. Folc. Antiga cançoneta popular com o seguinte estribilho:
Piarão, piarão, piarão!

SABIÁ-AÇU, S.m. Ornitol. (V. Sabiá-coleira). Pl.: sabiás-açu e sabiás-açu.

SABIÁ-BRANCO, S.m. Ornitol. Ave passeriforme da família dos turdeídeos. Dorso cinzento-azeitonado. Garganta branca com estrias escuras (Turdus lemcomelas Vieil.). Pl.: sabiás-brancos.



Sabiá-açu

SABIÁ-COLEIRA, S.m. Ornitol. Ave passeriforme da família dos turdeídeos, também chamado sabiá-açu. Coloração geral pardo-esverdeada. Mancha semilunar branca na garganta (Turdus albicollis Vieil.). Pl.: sabiás-coleiras e sabiás-coleira.

SABIÁ-DE-PAPO-AMARELO, S.m. Ornitol. Ave passeriforme da família dos turdeídeos (Turdus nufcentais Vieil.). Pl.: sabiás-de-papo-amarelo. // Também se diz sabiá-papo-amarelo. "Do alto da velha árvore, num galho mais destacado, trinava em lindos gorgeios um *sabiá-papo-amarelo*." (Florence, Querência, Memórias de Uma Pequena Cidade Gaúcha, p. 126). "E, finalmente, o canto sonoro e maravilhoso do *sabiá-papo-amarelo*, sem igual nas matas do Rio Grande!" (Aristóteles Vaz de Carvalho e Silva, Crônicas duma Cidade do Sul, p. 15).

SABIÁ-DE-PAPO-VERMELHO, S.m. Ornitol. (V. Sabiá-laranjeira). Pl.: sabiás-de-papo-vermelho.

SABIÁ-LARANJEIRA, S.m. Ornitol. Ave passeriforme da família dos turdeídeos, também chamado sabiá-de-papo-vermelho e sabiá-piranga. De regular tamanho tem a garganta cinzenta estriada de escuro. Olhos grandes, negros. Peito e abdome vermelho-ferruginoso. Alimenta-se de insetos, vermes e pequenos frutos. (Turdus rufiventris Vieil.). "Um canto de *sabiá-laranjeira* pautava o silêncio do capão." (Apparício, Dois Mil Dias Depois, p. 17). "O cantar dos galos pela madrugada, o coaxar das rãs, os grilos e até um *sabiá-laranjeira...*" (Josué Guimarães, Enquanto a Morte não Chega, p. 19). Pl.: sabiás-laranjeiras e sabiás-laranjeira.

Eu quero a paz das escolas,
e dos *sabiás-laranjeiras*,
a dos campos sem trincheiras,
a das pátrias sem caudilhos,
a dos verdes e potrilhos
sem marcas e sem porteiras.
Roberto Mara, Pampa e Coxilha, p. 55

SABIÁ-PIRANGA, S.m. Ornitol. (V. *Sabiá-laranjeira*). Pl.: *sabiás-pirangas*.

SABIÁ-SICA, S.m. Ornitol. Ave passeriforme da família dos turdefédeos. Particularmente notável por sua aptidão em imitar o canto de qualquer outro pássaro. "A ornitologia conta brilhantes exemplares: o *sabiá-sica*, o *vira-bosta*, o *anu*, o *cardeal*..." (Varela, Rio Grande do Sul, p. 348). Pl.: *sabiás-sicas* e *sabiás-sica*.

SABIAÚNA, S.m. Ornitol. Ave passeriforme da família dos turdefédeos. Tronco pardacento. Cabeça e cauda negras. Pernas amarelas. Abdome cinza, esbranquiçado na região posterior. Canto belíssimo (*Platycichia flavipes* Vieil.). "O *sabiaúna* cantou no meu ouvido, pousado no ramo de jaboticaba..." (Heraclito, A Índia Rio-Grandense, p. 75). "Os mais belos pássaros que temos são: o *sabiá-sica*, o *sabiá-piranga* ou de papo vermelho, o *sabiaúna*..." (Guimarães, O Rio Grande do Sul para as Escolas, 2a. ed., p. 45).

SABINO, Hidrogr. Arroio afluente do Ligeiro, pela margem esquerda.

SABINO LUCAS, Geogr. Povoação na região da Campanha (M. de Quaraí).

SÁ BRITTO FILHO, José Daudt de, Biogr. (1891-1936) Engenheiro e escritor montenegrino. Pseudônimo: Anselmo dos Anjos. Autor de *Versos a Minha Coruja*, Montenegro, 1914.

SÁ BRITTO, Francisco Isidoro de, Biogr. (1808-1875) — Advogado, jornalista e político porto-alegrense. Assinaturas literárias: F. Sá Britto e S. Britto. Colaborador do *O Continentista* (1835). Deputado provincial. Autor da *Memória da Guerra dos Farrapos*, prefácio, introdução biográfica e notas de Paulino Jacques, Rio, Graf. Editora Souza, 1950.

SÁ BRITTO, Glauco Flores de, Biogr. (1919-1970) — Escritor, jornalista e amador teatral montenegrino. Filho de José de Sá Britto Filho. Irmão de Glênio Flores de Sá Britto, também literato. Autor de *O Marinheiro*, poemas, Curitiba, Ed. O Livro, 1947 e *Cancioneiro de Amigo*, id., Rio, Irmãos Pongetti Ed., 1960.

SÁ BRITTO, José de, Biogr. (1844-1890) —



Francisco de Sá Britto

Romancista, poeta e teatrólogo, natural de Porto Alegre, onde foi membro atuante da Sociedade Partenon Literário e outras entidades culturais. Escreveu principalmente dramas e comédias, a partir de 1874.

SÁ BRITTO, Renato de, Biogr. (1888-1931) — Jornalista e escritor, natural de Montenegro. Pseudônimo: Eça. Autor de *O Município de Passo Fundo*, Passo Fundo, Liv. Nacional, 1920.

SÁ BRITTO, Severino de, Biogr. (1869-1932) — Médico e escritor alegretense. Colaborador do *Jornal do Comércio* de Porto Alegre (1891). Autor de *Trabalhos e Costumes dos Gaúchos*, P. Alegre, Globo, 1928.

SABU — Sigla da Sociedade Árabe Brasileira-Uruguiaia, fundada em 03.12.1976 na vila de Chuf.

SABUGO¹ (Do lat. *sabucu*), S.m. Nome dado à medula do chifre.

SABUGO², S.m. A parte superior da cauda dos animais. "Tosou-o de clina e cola até o *sabugo*, tocou-lhe a marca em brasa..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 118). "O cavalo de cola só tinha o *sabugo*..." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 86). "Iam para a manada com a cola tosada rente ao *sabugo*." (Raul, Mala de Garupa, p. 62).

SABUGUEIRINHO, S.m. Bot. Erva da família das rubiáceas, também chamada *sabugueirinho-do-campo*, usada pelo povo contra as moléstias do fígado. Flores alvas, pequenas, agregadas em glomérulos axilares. Fruto capsular (Borreria *acenthrantoides* Mart.).

SABUGUEIRINHO-DO-CAMPO, S.f. Bot. (V. *Sabugueirinho*). Pl.: *sabugueirinhos-do-campo*.

SABUGUEIRO (De *sabugo* + *eiro*), S.m. Bot. Arbusto ornamental da família das caprifoliáceas. Folhas imparipenadas. Flores alvas, minutas, de propriedades sudoríficas.

SACADURA, S.m. Certo tipo de pão outrora fabricado em Porto Alegre.

SACA-LAÇO, S.m. Instrumento com que se tira o laço preso às aspas do animal. Pl.: saca-laços.



Sabugueiro

SACALÃO (Da raiz *sacar*), S.m. Sofreamento súbito da montaria para fazê-la parar imediatamente. "Mas, apenas dobrara o passo, logo, a um *sacalão* de rédeas, estacou empinado." (A. Maya, *Tapera*, p. 7). "Inúteis os gritos e os *sacalões* de boca; inúteis as ameaças e o relho..." (Callage, *Quero-Quero*, p. 49).

SACAMUELAS, S.m 2 gên. Odontólogo canhestro. "*Sacamuelas* é a mãe! — revida o dentista, recuando um passo..." (Érico, *Incidente em Antares*, 13a. ed., p. 266).

SACANA, Adj. 2 gên. Diz-se da pessoa pândega, brincalhona, trocista ou sem caráter; s. 2 gên. pessoa sacana. "Este *sacana* é louco por dinheiro. E quando tem joga tudo." (Reynaldo, *Romance no Rio Grande*, p. 99). "Desgraçados, me enganaram aqueles *sacanas*..." (Freitas, *Gauchadas*, p. 167). "Um bom *sacana*. Mas já pagou, coitado: morreu." (Scliar, *Os Voluntários*, p. 70).

Cobra verde não se mata
Nem verde e nem muçurana;
Do português com mulata
Deu alarife, *sacana*...

Chico Ribeiro, *Filosofia Campeira*, p. 32

SACANAGEM (De *sacana* + *agem*), S.f. Ato ou dito de sacana; picardia; peraltice; picuinha;

maganice. "Tenho o corpo fechado às *sacanas* do Tinhoso." (Odacyr, *Gafu*, p. 46).

SACANEAR (De *sacana* + *ear*), V.int. Proceder como sacana.

SACANETA (ê) (De *sacana* + *eta*), Adj. 2 gên. e s. 2 gên. Diz-se da, ou pessoa excessivamente sacana. "Que é que esse *sacaneta* entende de democracia?" (Érico, *O Arquipélago*, 3a. ed., p. 211).

SACAR (De provável origem gótica através de *sakan*, pleitear), V.t.d. Tirar para fora com violência ou bruscamente. "*Saquem* o boi picado descarnado, porque é turino..." (Eche-nique, *Fagulhas do Meu Isqueiro*, p. 34).

SACAR A ORELHA, Loc. verb. Chegar à raia final com orelha livre (o parreheiro).

SACAR PELUDO, Loc. verb. (V. Peludo¹).

SACEC — Sigla da Sociedade Avícola, Cultural e Esportiva Cacequiense, fundada em 17.05.1976.

SACCHIS, Napoleão, Biogr. Jornalista e escritor. Colaborador do *O Dia* de Bagé e do *O X da Época* de Santa Maria, onde integrou a roda literária liderada por Raul Bopp.

SACI, Hidrogr. Arroio afluente do Sinimbu, pela margem esquerda.

SACO¹ (Do semita através do gr. *sakkós* e do lat. *saccu*), S.m. Pequeno golfo fluvial ou lacustre. "Nos *sacos* de Rio Grande, inundados pela água salina, há campos revestidos pela macega..." (Anacreonte Ávila de Araújo, *Melhoramento das Pastagens*, p. 18).

SACO², S.m. Nome habitualmente dado ao escroto dos animais. "Agachou-se, tomou o *saco* do terneiro e cortou..." (Darcy, *Coxilhas*, p. 156).

SACO DE ARROZ COM CASCA, Expr. Medida de capacidade equivalente a cinquenta quilos.

SACO DE CAMARÃO, Expr. Rede de pesca, trançada com malha miúda e constituída de quatro partes: boca, copo, funil e mangas (no Litoral). "Em São José do Norte a pesca é mais intensa no canal. Empregam arrastões, redes de espera, *saco de camarão* e cocas." (Lilian Argentina B. Marques, *O Pescador Artesanal do Sul*, p. 11).

SACO-DE-PALHA, S. 2 gên. Equino ruim, ordinário. Pl.: sacos-de-palha.

SACO DE ESTOPA, Expr. Nome dado em geral ao receptáculo de aniagem.

SACO DE SANTA CRUZ, Hidrogr. Golfo no estuário do Guaíba (M. de Porto Alegre).

SACO-DE-TOURO, S.m. (V. Cuia). Pl.: sacos-de-touro.

SACO DO MENDANHA, Hidrogr. Enseada na costa oriental da lagoa dos Patos, ao norte da cidade de São José do Norte. "O último é o saco do Mendanha, a noroeste..." (Varela, Rio Grande do Sul, 335).

SACO-FURADO, Adj. 2 gê. (V. Bucho-furado). Pl.: sacos-furados.

SACUDIDO (Part. de *sacudir*, cf. o lat. *succutere*, com dissimulação), Adj. Que revela sempre boa disposição de ânimo; vivo; animado; trabalhador; corajoso. "E puxa! É *sacudida* a muchacha..." (Bello, Os Farrapos, p. 125). "Era um pardavasco *sacudido*, faceiraço e bem falante..." (Alencastre, Azares das Revoluções, p. 37).

SACUDIR O LAÇO, Loc. verb. (V. Laço¹).

SACUDIR O PONCHO, Loc. verb. (V. Poncho).

SACUDIR OS ARREIOS, Loc. verb. Revoltar-se; insurgir-se contra alguém; resistir; indignar-se.

SACUDIR OS QUARTOS, Loc. verb. Mover o corpo segundo as regras de determinada dança; dançar. "A indiada não perdeu vasa. *Sacudiu*

os quartos..." (Herlein, As Três Marias, p. 31).

SACUDO (De *saco* + *udo*), Adj. Diz-se do animal que tem muito desenvolvida a bolsa escrotal.

SAFARRUSCA, S.f. Briga; encrenca; complicação; rixa; disputa; contenda. "Quando rebentou a revolução, o compadre Tunuca, que para maíla não servia, se entreverou de vereda na *safarrusca...*" (Acauan, Ronda Charrua, p. 97).

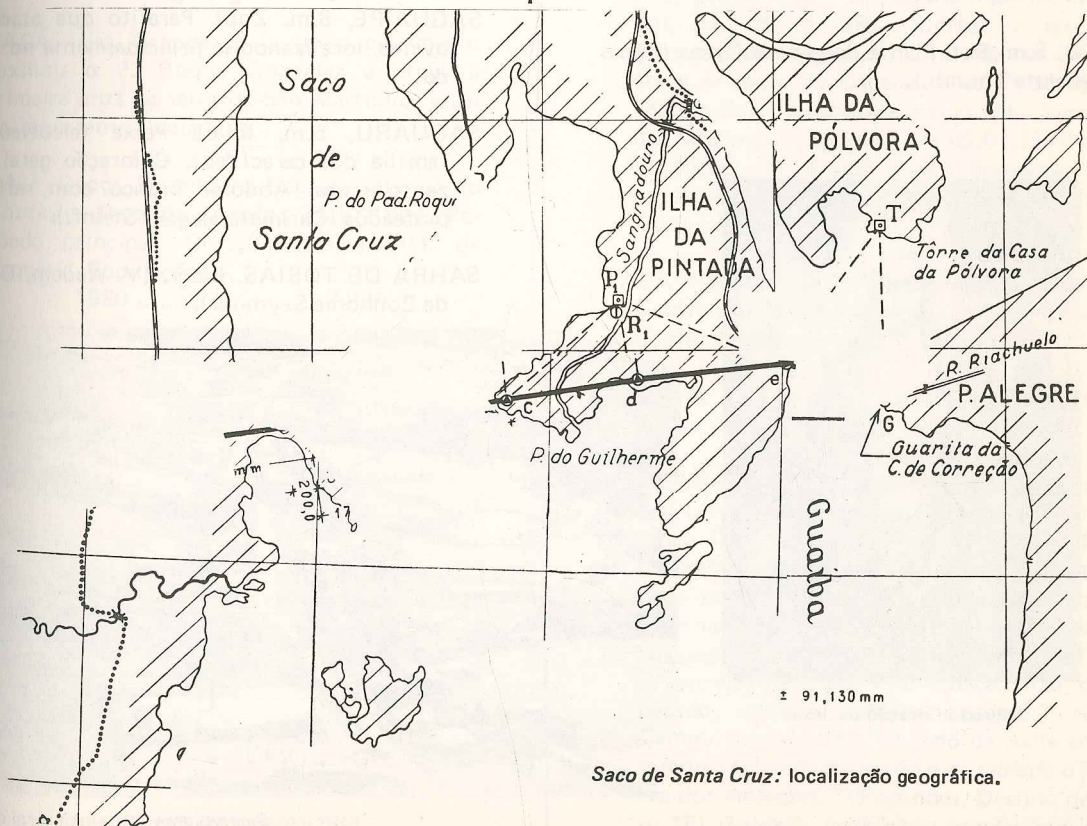
SAFFIRA – Sigla da Sociedade dos Amigos da Flora e Fauna de Iraí, fundada em 21.09.1969.

SAFRA Do ár. *çafra*, amarelo), S.f. Espaço de tempo – de fevereiro a junho – em que os produtores transacionam novilhos e bois aptos ao corte. "Gado lindo, rebentando de gordo, o daquela *safra!*" (Acauan, Ronda Charrua, p. 94).

SAFRA SECA, Expr. (V. Safra verde).

SAFRA VERDE, Expr. Período de matança nos frigoríficos, em contraposição à época de inatividade denominada safra seca. "Na *safra verde* ganhavam algum dinheiro." (Wayne, Charqueada, p. 39).

SAFREAR (De *safra* + *ear*), V.t.d. Cortar (cana-de-açúcar) na época da colheita.



Saco de Santa Cruz: localização geográfica.

SAFRINHA¹ (Flexão dim. de *safra*), S.f. Ação de colher o feijão produzido na metade do ano.

SAFRINHA², S.f. Nome dado ao corte da erva-mate nos intervalos das colheitas normais.

SAGRA, S.f. Festa com procissão, cânticos e tómbolas beneficentes em honra do padroeiro de determinada Capela ou Paróquia (na Região Colonial Italiana). "A grande festa de inauguração, a *sagra*, teve lugar." (Dalcin, Campo dos Bugres, p. 50). "Outra grande oportunidade de se expandir toda a jovialidade festiva, tão típica da alma italiana, era a *sagra*." (Cesca, Faxinal do Soturno, p. 160).

SAGRADA FAMÍLIA¹, Geogr. Distrito no Alto Uruguai. Data de criação: 28.06.1967. Área territorial: 62 km² (M. de Palmeira das Missões). População:

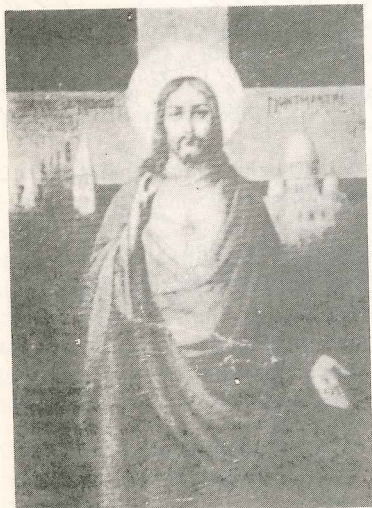
| | |
|------------|-------|
| 1980 | 3.192 |
| 1986 | 3.703 |

SAGRADA FAMÍLIA², Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome. // Posto de Saúde. Juizado de Paz.

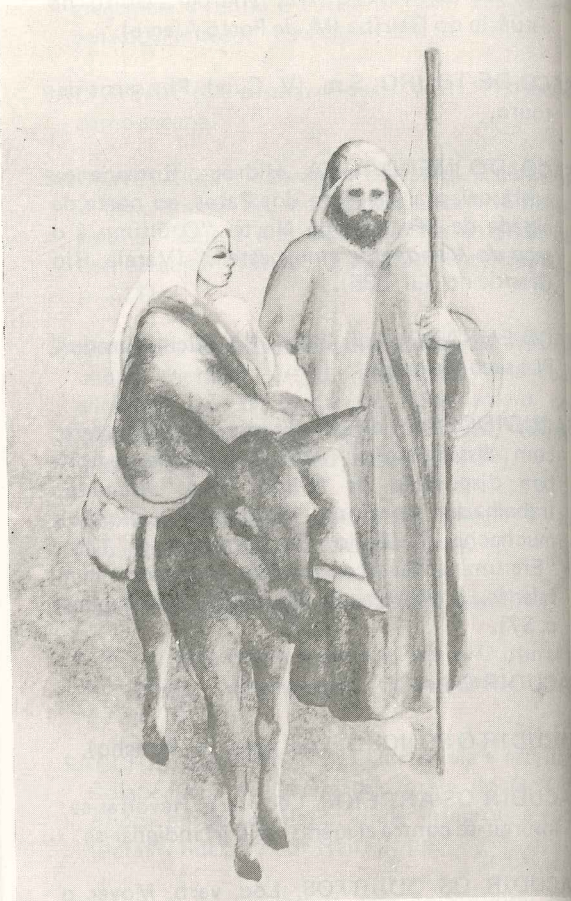
SAGRADO CORAÇÃO, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste, pertencente anteriormente a Carlos Barbosa (M. de Barão).

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, Geogr. Lugar-ejo à margem esquerda do arroio Caçador (M. de Farroupilha).

SAGU, S.m. Bot. Planta do gênero *Cycas* (*Cycas revoluta* Thumb.).



Sagrado Coração de Jesus



Sagrada Família

SAGUAIPÉ, S.m. Zool. Parasito que ataca os ovinos, localizando-se principalmente no fígado.

SAGUARU, S.m. Ictiol. Peixe teleosteo da família dos caracáfdeos. Coloração geral cinzento-escura. Abdome branco com reflexos prateados (*Curimata elegans* Steinf.).

SAHRA DE TOBIAS, Biogr. (V. Wadem, Carlos de Bonhome Seymour).

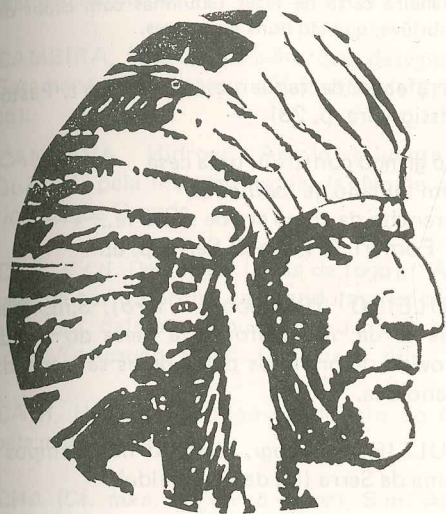


Sagrada Família: vista geral da vila

T

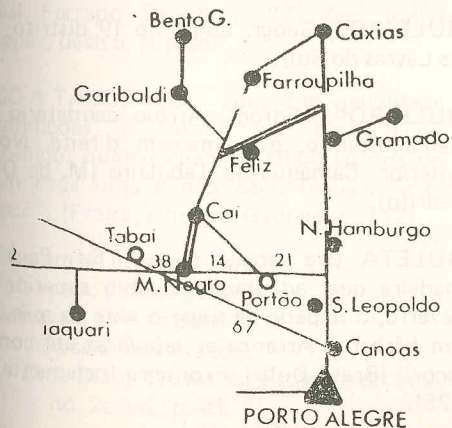
T, S.m. Décima nona letra do alfabeto e consoante línguio —dental surda. // Comum no linguajar popular o verbo ter empregado pelo impessoal haver. *Tem gente em casa?* Freqüente também a colocação irregular do pronome oblíquo *te*. *Te juro que volto.*

TABA, S.f. (V. Tava).



TABACÁ, Hist. Grande chefe índio que muito auxiliou o P. Roque Gonzalez a erigir a primeira cruz na serra de São Martinho, local de importante aldeia tape.

TABAÍ¹, Geogr. Distrito na Encosta Inferior do Nordeste. Data da criação: 27.12.1924. Povoado principal: Costa da Serra¹ (M. de Taquarí). População:
1980 3.270



Tabaí: localização geográfica

TABAÍ², Geogr. Vila à margem direita do arroio Catupi-Mirim, sede do distrito de Tabaí. Nome anterior: São Joaquim. Data do vilamento: 31.03.1938. // Posto de Saúde. Clube do Lar União, fundado em 14.07.1981.

TABAJARA¹, Geogr. Distrito no Planalto Médio. Data de criação: 20.03.1964 (M. de Salto do Jacuí). População:
1980 711

TABAJARA², Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome. // Escola Estadual de 1º Grau Inc. Euclides Kliemann.

TABARIN, Biogr. (V. Guimarães, Eduardo).

TABARO, S.m. Abrigo contra o frio e a chuva; capote (na Região Colonial Italiana).

TABATINGAÍ¹ (Do guar. *taba-tinga-y*, rio do barro branco), Hidrogr. Arroio afluente do Jacuí, pela margem direita. "Depois do Vacacaí seguem-se os arroios Irapuá, Capané, Pequiri, Dom Marcos, *Tabatingaí...*" (H. Martins, Geografia do Estado do Rio Grande do Sul, 5a. ed., p. 29). "Cortou a serra da Encruzilhada, trepou no lombo da coxilha que corta as águas do Capivari e do *Tabatingaí.*" (Piá do Sul, Farrapo, 2a. ed., p. 94). *Combate do Tabatingaí*: combate em 05.01.1774 entre as forças de Rafael Pinto Bandeira e as espanholas sob o comando de Dom Juan Vertyz y Salcedo.

TABATINGAÍ², Geogr. Localidade no distrito de Capivarita. Nome anterior: Garcia Ferraz (M. de Rio Pardo).

TABIRA, Hidrogr. Arroio afluente do rio das Antas, pela margem direita.

TABLADA (Do esp. *tabla*, cf. o lat. *tabula*, que deu também o it. *tavola*. Ou alter. de *tablado*, cf. o lat. *tabulatum*), S.f. Lugar, onde de dezembro a maio, se transacionavam tropas de gado gordo, à maneira de feira. "Entregue o gado na *tablada*, os peões e o capataz tornavam aos pagos." (Ramiro, Meu Rincão, p. 174). "E se estendia estrada a fora, cabeça baixa, corpo pesado, rumo à *tablada* distante." (Cyro, Campo Fora, p. 38). "O gado de corte andava sempre rachando de gordo e na *tablada* o preço era dos melhores." (Fagundes, Destino de Tal, p. 15). *Tablada de Pelotas*: importante entre-

posto pecuário para o abastecimento das charqueadas pelotenses. "As tropas serranas eram afamadas na *tablada de Pelotas* pela aparência, pelo peso..." (Aristides, Fundação e Evolução das Estâncias Serranas, p. 156).

TABLADO (Do lat. *tabulatum*), S.m. O assoalho das pontes de madeira. "Adiante, o *tablado* escuro..." (Jacques, Os Provisórios, p. 125).

Se ouvia ao longe um ruído
Como de couro arrastando
Ou de uma roda passando
No *tablado* de uma ponte.

Amaro Juvenal, Antonio Chimango, 2a. ed., p. 34.

TABORDA, Radagazio Vieira, **Biogr.** (1899-1971) — Professor, médico e escritor, natural de Caçapava do Sul. Pseudônimo: Frei Ignotus. Obras principais: *Pequeno Compêndio de Ciências Físicas e Naturais*, P. Alegre, Globo, 1928 e *Crestomatia: Excertos Escolhidos para Leitura Didática*, *ibid.*, 1930.

TÁBUA (Do lat. *tabula*), S.f. Cada rapadura de um maço de duas.

TABUÃO¹ (Flexão aum. de *tábua*), S.m. Ponte rústica de madeira bruta para a passagem de pequenos cursos d'água.

TABUÃO², Hidrogr. Arroio afluente do Jacuí, pela margem esquerda, também chamado Paraíso. Tem aproximadamente 35 km de curso. "Quatro dias depois da pousada no *Tabuão*, estavam os viajantes além do Santa Bárbara..." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 135).

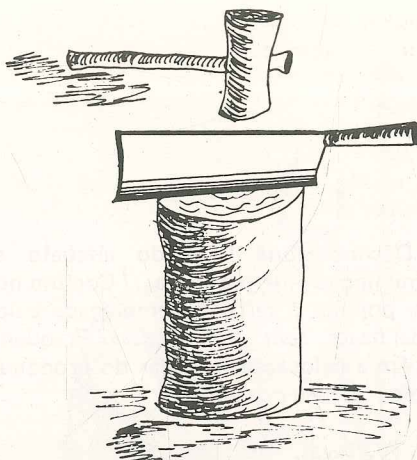
TABUÃO³ Geogr. Localidade na Depressão Central (M. de Cachoeira do Sul).

TABUÃO⁴, Geogr. Povoado no Alto Uruguai (M. de Erval Seco).

TABUÃOZINHO¹, Hidrogr. Arroio afluente do Carazinho, pela margem esquerda.

TABUÃOZINHO², Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Arroio do Tigre). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. 22 de Março.

TABUINHA (u-i) (Flexão dim. de *tábua*), S.f. Fasquia, lasca ou pedaço de madeira, estreito e longo, que serve para a cobertura de casas, segundo o sistema introduzido pelos colonos alemães. "Faziam-se *tabuinhas* de canjerana vermelha..." (Pedro Ari, Formação do Gaúcho, p. 178). "O rancho era de pinho, coberto de *tabuinhas*..." (Jacques, Província de São Pedro, P. Alegre, nº 8, março de 1947). "Todo de madeira roliça, coberto de *tabuinhas*,



Maneira certa de fazer tabuinhas com cepos de cabriúva, que são bons lascadores.

sarrafeado de taquaruçu..." (Mozart, Pastoral Missioneira, p. 23).

E o gringo construiu uma casa
com telhado de *tabuinhas*.

O rancho da china era de santa-fé...

Fornari, O Trem da Serra, p. 85

TABULEIRO¹ (De *tabola* + *eiro*), S.m. Nome que se dá, nas atafonas, à mesa do sevedor, provida de orifícios pelos quais se introduz a mandioca.

TABULEIRO², Geogr. Distrito nos Campos de Cima da Serra (M. de Esmeralda).

TABULEIRO³, Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome.

TABULEIRO⁴, Geogr. Povoação no 3º subdistrito (M. de Encruzilhada do Sul).

TABULEIRO⁵, Geogr. Localidade na região das Missões (M. de Dezesesseis de Novembro).

TABULEIRO⁶, S.m. Madeiramento sobreposto à mesa (na moenda²).

TABULEIRO⁷, Geogr. Lugar no 1º distrito (M. de Lavras do Sul).

TABULEIRO⁸, Hidrogr. Arroio caudatário do Camaquãzinho, pela margem direita. Nome anterior: Camaquã do Tabuleiro (M. de Dom Pedrito).

TABULETA (De *tabola* + *eta*), S.f. Peça de madeira que, adaptada ao lábio superior do bezerro, o impede de sugar o leite da mãe. "É um bárbaro! Arranca as *tabuletas* até com o laço!" (Brasil Dubal, Fronteira Inclemente, p. 225).

Deixei a velha querência,
Saí de lá muito novinho,

Com *tabuleta* ao focinho
E a marca já descascada...

João da Cunha Vargas, Deixando o Pago, p.

11

// Var.: boleta. // A desmama dos bovinos no Rio Grande do Sul é feita do sexto ao oitavo mês de idade.

TACA¹ (Do ar. *thassa*), S.f. Xícara de café simples ou com leite, com capacidade de 220 cc.

TACA², S.f. Modalidade de poda das parreiras.

TACÃ, Hidrogr. Arroio tributário do Belo, pela margem esquerda.

TACAMBIRA, Hidrogr. Riacho que deságua no Garamana, pela margem direita (M. de Canguçu).

TACANGAVA, Hidrogr. Arroio afluente do Guaporé, pela margem esquerda. Nome anterior: Lagoa Grande.

TACAR, V.t.d. Desfechar (arma de fogo). "Apergado de perto por um gadelhudo mal-encarado em pura defesa puxou a garrucha e *tacou* fogo..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 40).

TACARI, Hidrogr. Córrego caudatário do Piaf, pela margem direita.

TACHA (Cf. *taxa*, do verbo *taxar*), S.m. Aluno interno de pouca idade. "Nós éramos os *tachas*" (Manoelito, Terra Xucra, p. 92).

TACIBA, Hidrogr. Ribeirão afluente do arroio dos Ratos, pela margem esquerda.

TACO (Da raiz sanscrítica *tag*, atacar), Adj. Exímio ou hábil em qualquer jogo, serviço ou mister. "Vindo de rude tronco crioulo, viveu o tempito do seu tempo, decidido e *taco* entre gaúchos como ele." (Severo, Visão do Pampa, p. 27). "Ó cabra *taco!* — gritaram." (Piá do Sul, Farrapo, 2a. ed., p. 77). S.m. indivíduo capaz, destro, jeitoso.

TACO ATACO, Loc. adv. Em igualdade de condições; o mesmo que bico a bico. "É comigo; quatro quadras, cinco contos de réis em cada uma e não peço bexiga; é *taco a taco*". (Freire, Alma de Gaúcho, p. 112).

Tiveram de ir para o cepo,
Pois vendo a coisa perdida
Cortava o zaino a partida
Pra não sair *taco a taco*...

Zeca Blau, Trovas da Estância do Abandonado, 2a. ed., p. 81

TACONEAR, V.int. Bater no chão com o salto do calçado (em certas danças populares).

TACONEIO, (Contr. de *taconear* + o), S.m. Batidas com o taco das botas que o gaúcho executa em alguma danças.

TACQUES, Maria Alzira Castilho Freitas, Biogr. Escritora são-borgense, nascida em 1913. Integrou o grupo fundador da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Assinaturas habituais: Alzira Castilho Freitas, Alzira Freitas e Alzira Freitas Tacques. Pseudônimo: Zizi. Autora de valiosa bibliografia poética, iniciada com o livro *Plenilúnios*, P. Alegre, Globo, 1927. O trabalho *Versos a Uma Aranha* ilustra bem o talento dessa admirável artista da palavra:

Fio por fio, a aranhazinha tece
a resistente teia que a retrata...
Nada a demove: — nem a chuva ingrata,
nem o fogo do sol que do alto desce.

Fio por fio, o seu trabalho cresce,
enquanto a sombra avança, timorata...
e a lua-cheia se arredonda em prata,
e o sino a ave-maria ecôa em prece.

A quando e quando, na prisão de seda,
envolve o inseto frágil, de vencida,
e cada fio se agita em labareda.

Do sol e a chuva indiferente à sanha,
pudesse a gente ter dentro da VIDA,
a persistência da pequena aranha!...

TACURU (Do guar. *ita* + *curu*, pedra quebrada), S.m. Pequeno monte de terra, geralmente em campos de qualidade inferior, construído por cupins. "Mas a verdade é que cavalo bom não tropeça nem nos *tacurus*." (Piá do Sul, Farrapo, 2a. ed., p. 155). "Levavam tudo pela frente... aquilo era não enxergar taimbés, *tacurus*, nem cascalheiros..." (Fontoura, Umbu, 2a. Série, p. 45).

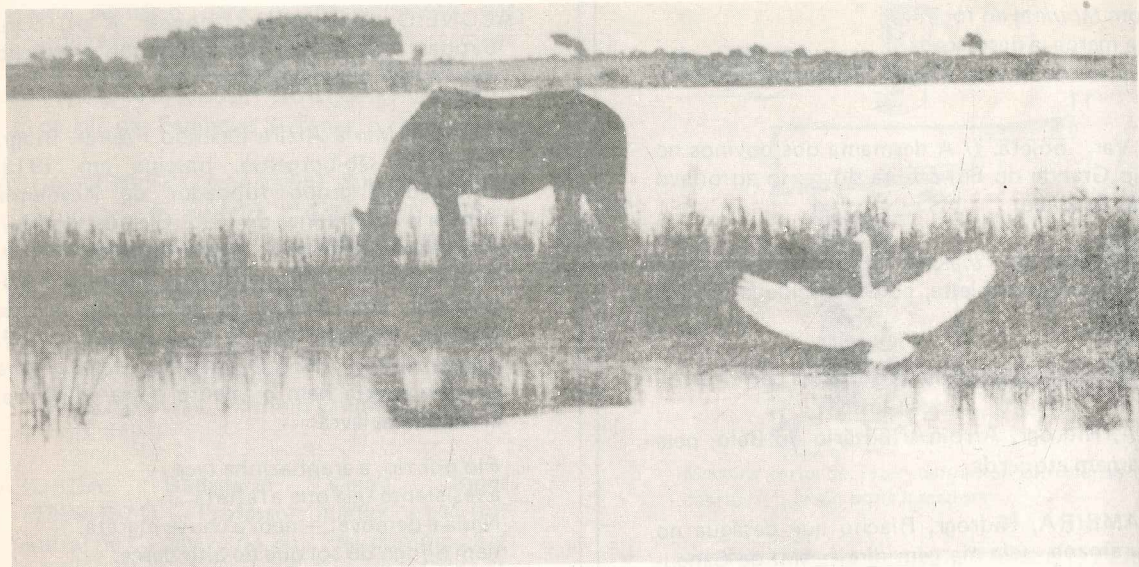
Bateu-me a argola no peito
e ali no mais me planchei.
Sempre fui solto de pata,
Mas nessa volteada ingrata
Num *tacuru* tropecei.

Apparfício, Cantigas do Tempo Velho, p. 59

Senti que o bagual das rimas
Esbarrou de um sofrenação
Pelas rédeas do cansaço
Nos *tacurus* do talento.

Firmino, Geração pelas Caronas, p. 54

TACURUZAL (De *tacuru* + *z* + *al*), S.m. Grande extensão de campo coberta de *tacurus*. "A carreta, puxada por quatro juntas de bois, gingava de um lado para o outro no meio do *tacuruza*..." (Villela, Gauchadas do Candinho Bicharedo, p. 99). "Não respeitavam terreno; podia ser *tacuruza*, pajonal, banhado ou



Paisagem típica do Taim

chape-chape..." (Herlein, A Volta do Gaúcho Fausto Aguirre, p. 27).

TAFONA, S.f. (V. Atafona).

Cerne de ipê e guajuvira
Pra toda massa do carro
Suporta banhado e barro.
Pra dente de *tafona* e torno
A goiabeira-do-mato...

Balbino, O Bruno Tivico, p. 134

TAFONAR (De *tafona* + *ar*), V.int. Andar à volta, girar, rodopiar (o cavalo).

TAFONEIRO (De *tafona* + *eiro*), Adj. Diz-se do animal eqüino mal domado que só se deixa governar por um lado.

Eu embreitei no meu peito,
Sestroso e corcoveador,
Um coração *tafoneiro*
Pra as rédeas do teu amor!

Vargas Neto, Tropicilha Crioula, p. 72

TAFULAGEM (De *taful* + *agem*, cf. o termo *tahur*, originário da Castela, Espanha). S.f. Janotismo; garradice; requinte no vestuário; faceirice no trajar; louçania; atavio; adereço; o mesmo que tafularia.

TAFULARIA (De *taful* + *aria*), S.f. (V. Tafulagem). "Na raiz da coxilha demorava o rancho do domador, risonho, primitivo, sem *tafularias*..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 167).

TAFULEIRO (De *taful* + *eiro*), Adj. Que gosta muito de se enfeitar ou ostentar elegância; vaidoso; casquilho; alambicado; galante; donairoso; que tem ou demonstra graça; que agrada a vista. "O sujeito do ruano vestia bombacha larga e vistosa como saia de china *tafuleira*..." (V. Pires, Querência, p. 87).

E a pobre Dona via tudo
Pionada gauderindo ao tranco
E os quites de ferro branco
Dos que tinham mais topete
E as capetagens campeiras
Das chinocas *tafuleiras*
Pelas garupas dos fletes.

Zeca Blau, Trovas da Estância do Abandono, 2a. ed., p. 42

E *tafuleira* e solita
como brasa que crepita
entre o fogo dos galpões
relembra aparições
de duendes cruzando à noite
as taperas dos rincões.

Ribeiro, Tronqueira de Guajuvira, p. 49

// Usa-se também a flexão fem. tafulonona.

TAFULONA (De *taful* + *ona*), Adj. (V. Tafuleiro). "As filhas, duas *tafulonas* trabalhadeiras como boi de canga..." (Fontoura, Umbu, 2a. Série, p. 71).

TAGUÁ, Hidrogr. Riacho que se lança no Inhacuré, pela margem direita (M. de São Gabriel).

TAGUARÁ, Hidrogr. Arroio tributário do rio Guarita, pela margem esquerda.

TAIÁ1, S.m. Bot. Planta da família das aráceas, espécie de inhame, com múltiplas propriedades medicinais.

TAIÁ2, Hidrogr. Arroio afluente do rio Pardo, pela margem esquerda.

TAIAÇU, S.m. Ornitol. Pequena garça do gênero Tigrisoma, semelhante ao socó.

TAIM1 (Corrupt. do guar. *tagi*, canal ou de *ita* +

*im, pedra pequena), Geogr. Distrito no Litoral.
Data da criação: 24.09.1832 (M. de Rio Grande). População:*

1980 2.330

Existem na região inúmeras zonas alagadas ou inundáveis, em grande parte já drenadas. O banhado principal tem 38.000 hectares, com fauna e flora características e constitui reserva

ecológica para a preservação do meio ambiente.

TAIM², Geogr. Vila junto à lagoa Mirim, sede do distrito de Taim. Padroeira: Nossa Senhora da Conceição. Curato em 07.02.1785. Paróquia em: 06.05.1846. Nomes anteriores: Capilha de São Pedro, Capilha e Fazenda da Real Coroa. "Levou-a campo fora até o *Taim*." (Varela, História da Grande Revolução, 3ª Vol., p. 139).

U

U, S.m. Vigésima letra do alfabeto e vogal labial.

UAC – Sigla da União dos Aposentados Cíveis, com sede em Porto Alegre, fundada em 15.05.1986.

UAMPA – Sigla da União das Associações de Moradores de Porto Alegre.

UAMPAF – Sigla da União das Associações de Moradores de Passo Fundo, fundada em 24.05.1986.

UAMVI – Sigla da União das Associações dos Moradores de Viamão, fundada em 03.03.1986.

UBÁ (Do guar. *uba*), S.m. Bot. Árvore nativa. "Ali encontram-se também madeiras como o pau-ferro, o *ubá*, a canela-preta..." (A. G. Lima, Rio Grande do Sul, 40ª milheiro, p. 88). "As goteiras do sobrado apodreceram o madeiramento e as linhas de *ubá*..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 113).

UBALDO, Orogr. Contraforte da serra dos Tapes (M. de Piratini).

UBATUBA, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste, no distrito da sede. Nomes anteriores: Sesmaria Ubatuba, Colônia Ubatuba e Linha Ubatuba (M. de Cruzeiro do Sul). // O primeiro núcleo de povoadores estabeleceu-se em 1853 por iniciativa da firma Fialho & Batista.

UBATUBA, Ezequiel Laquentinie, Biogr. (1882-1954) – Advogado, professor, diplomata e escritor rio-grandino. Membro fundador da Academia de Letras do Rio Grande do Sul em 27.03.1910. Diretor da *Ilustração Brasileira* (Rio) e da revista *A Estância* de P. Alegre. Autor de contos e do drama *Terra da Promissão*, P. Alegre, Globo, 1910.

UBATUBA DE FARIA, Luiz Artur, Biogr. (1908-1954) – Engenheiro civil, especializado em urbanismo, professor e político.

UBATUBA, Manoel Pereira da Silva, Biogr. (1822-1875) – Médico, jornalista, político e escritor, natural de Jaguarão. Deputado provincial pelo Partido Conservador. Membro efetivo da Sociedade Partenon Literário e colaborador da revista da entidade. Membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico organizado em 07.09.1853 por iniciativa de Caldre e Fião, José de Araujo Brusque, Capistrano de Miranda e Castro e outros.

UBAIA, S.f. Bot. Arbusto ou arvoreta da família das mirtáceas. Folhas oblongas e venosas. Ramos tetrágonos. Flores solitárias, alvas e axilares. Fruto em forma de baga piriforme, amarelo-dourado, comestível, de sabor adstringente, às vezes excessivamente ácido (*Eugenia uvalha* Camb.). // Var.: uvaia ou ovaia. "Passamos por extensões maiores de campo de erosão – os campos de areia, cheios de capim-limão, butiá, *ovaia*..." (Antero, Mensagem a Poucos, pp. 74-75).

UBAZAL (De *uba + z + al*), S.m. Lugar onde crescem *ubás*.

UBIRETAMA¹ (Do guar. *ubi + retam*, terra fértil), Geogr. Distrito no Alto Uruguai, pertencente originariamente a Santa Rosa. Data da criação: 09.08.1931. Povoado principal: Linha Abrantes (M. de Giruá). População:
1.960 2.380
1980 2.811

UBIRETAMA², Geogr. Vila à margem direita do arroio Laranjeiras, sede do distrito de Ubiretama. Data do vilamento: 31.03.1938. Nome anterior: Laranjeira. // Sociedade Desportiva Concórdia, fundada em 23.01.1939.

UCVS — Sigla da União dos Caixeiros Viajantes do Rio Grande do Sul, fundada em 20.09.1913 na cidade de Santa Maria. // Os principais idealizadores da entidade foram Cândido Souza, Adolfo Kurtz, Erasmo Uflacker, Ovídio Almeida, Lino Schell de Quadros e Abel Espellet.

UÉ!, interj. Exprime espanto ou admiração.

UERA!, Interj. Voz usada para tanger animais.

V

V, S.m. Vigésima primeira letra do alfabeto e consoante labiodental fricativa sonora. // A troca do *v* pelo *b* ocorre principalmente em brabo (bravo).

VÁ! Excl. Voz usada pelo corredor numa partida obrigada aceita pelo competidor.

VACA-AMARELA, S.f. Antigo brinquedo infantil com o seguinte refrão:

Vaca amarela
Caiu na panela
Três a mexer
Quatro a comer!

Pl.: vacas-amarelas.

VACA BRABA, Biogr. Alcinha com que ficou conhecido em Porto Alegre o jornalista Pedro José de Almeida, o Pedro Boticário.

VACACAÍ (Hibridismo luso-guarani, de *vaca-caá-y*, rio do mato da vaca), Potam. Rio na faixa meridional do estado, extenso e sinuoso, sujeito a transbordamentos periódicos, também chamado Vacacaí-Grande. Tem 86 km entre as nascentes e o passo de São Gabriel. Nasce no banhado de Santa Catarina, entre a serra do Jaguarí e a coxilha do Tabuleiro. Margens alagadiças, cobertas de brejos. Desemboca no Jacuí, pela margem direita. Principais afluentes: Acangupá, Arabé, Arenal, arroio da Cria, Caiboaté, Cambaizinho, Curiá, Ibiajutuna, Igá, Moçari, Piapora, Salsinho, São Gabriel, São Sepé e Sete Cabeças. Ponte de concreto e aço na RS-9, trecho Santa Maria-São Sepé, concluída em 31.03.1957. "Ele percebeu. Sorriu, jurou que só abriria a boca varada a ponte do *Vacacaí*..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 142). "Foi num banhadal, na costa

UFE — Sigla da União Frederiquense de Estudantes, fundada em 13.04.1964.

UFFE — Sigla da União dos Funcionários da Fazenda Estadual.



do rio *Vacacaí*." (Reverbel, Saudações Aftos, p. 81). "Vocês todos conhecem as barrancas do *Vacacaí*." (Aristóteles Vaz de Carvalho e Silva, Crônicas duma Cidade do Sul, p. 161). "A chuva parara e a lua clareava a grande várzea do *Vacacaí*." (Alcy Cheuiche, Sepé Tiaraju, p. 173).

Ó coxilhas de Sant'Ana
Ó campos do *Vacacaí*!
Pelo amor que lá ficou
As lágrimas rolam aqui!

VOADEIRA (De *voar + deira*), S.f. Bot. Erva sombreadora. Flores em capuchos brancos que, maduros, se desprendem das hastes.

VOAR BAIXINHO, Loc. verb. Andar em dificuldades.

VOGA (Contr. de *vogar + a*, cf. o lat. *vogare*), S.m. Ictiol. Peixe de água doce, escamoso. "No seu curso superior bem como nos demais arroios do vale do rio dos Sinos encontram-se jundiás, trafras, muçuns, *vogas*..." (Petry, São Leopoldo, 2a. ed., p. 22).

O pingo se põe à soga
Se a soga for maneador;
Com anzol que pega *voga*
Não se pega roncador...

Chico Ribeiro, Filosofia Campeira, p. 59

VOLANTE¹ (Do lat. *volante*), S.m. Roda pesada de ferro fundido, que regula o movimento da serra (nas serrarias).

VOLANTE², S.m. Nome que se dá vulgarmente à máquina de tosquiar.

VOLCADA (De *volcar + ada*), S.f. Ação ou efeito de volcar.

VOLCAR (Do esp. *volcar*), V.t.d. Virar; rolar; girar sobre seu próprio corpo; voltar (o lado posterior) para a frente.

VOLCAU (Corrupt. de *volcado*), S.m. Tombo; queda; trambolhão.

VOLTA¹ (Contr. de *voltar + a*, cf. a raiz da qual provieram também o esp. *vuelta*, o it. *volta* e o al. *volte*), S.f. Trabalho que começa no fundo e prossegue na parte da frente (nas minas de carvão).

VOLTA², S.f. Circunlóquio; evasiva; escusa. "Quando contratava serviço, regateava em tudo, buscando *voltas...*" (Martins, Caminhos do Sul, p. 42).

VOLTA ALEGRE¹, Geogr. Distrito no Planalto Médio (M. de Espumoso). População:
1980 902

VOLTA ALEGRE², Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome.

VOLTA ALEGRE³, Geogr. Povoado no distrito de Esperança (M. de Três Passos).

VOLTA ALEGRE⁴, Geogr. Localidade entre cabeceiras do arroio Tori (M. de Soledade).

VOLTA ALEGRE⁵, Geogr. Povoado no Planalto Médio (M. de Barros Cassal).

VOLTA AMARELA, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de São Valentim). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Cândido Rondon.

VOLTADA, S.f. Curva; desvio; guinada; mudança de direção ou de posição; virada (na Região Colonial Italiana).

VOLTA DA CEROULA, Geogr. Lugar na Depressão Central, junto ao estuário do Guaíba (M. de Barra do Ribeiro).

VOLTA DO BARRETO, Geogr. Localidade no 1º distrito (M. de General Câmara).

VOLTA DO FREITAS¹, Geogr. Distrito na Depressão Central (M. de General Câmara).

VOLTA DO FREITAS², Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome.

VOLTA DO RIO DA VÁRZEA, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Chapada). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Casimiro de Abreu.

VOLTA E MEIA, Expr. Certa maneira de arremessar o osso (no jogo da tava).

VOLTA FECHADA¹, Geogr. Distrito no Alto Uruguai. Data de criação: 11.07.1966 (M. de Aratiba). População:
1980 956

VOLTA FECHADA², Geogr. Vila, sede do distrito de Volta Fechada.

VOLTA GRANDE¹, Geogr. Distrito no Alto Uruguai, pertencente anteriormente a Iraí. Data da criação: 01.03.1948. Povoado principal: Santa Lúcia (M. de Alpestre). População:

1960 2.609
1980 3.140

VOLTA GRANDE², Geogr. Vila, sede do distrito de Volta Grande.

VOLTA GRANDE³, Geogr. Localidade no Planalto Médio (M. de Sertão).

VOLTA GRANDE⁴, Geogr. Povoação no distrito de Pinheirinho (M. de Palmitinho) // CTG Repontando Gado, fundado em 12.10.1986.

VOLTA GRANDE⁵, Geogr. Localidade na Depressão Central (M. de Triunfo).

VOLTA GRANDE⁶, Geogr. Localidade à margem esquerda do rio Caí (M. de Canoas).

VOLTA GRANDE⁷, Geogr. Localidade no distrito de Machado (M. de Tucunduva).

VOLTA GRANDE⁸, Povoação no 1º distrito, com capela dedicada a São João (M. de Arvorezinha).

VOLTA GRANDE⁹, Geogr. Lugar no Planalto Médio (M. de Ibirubá).

VOLTA INTEIRA, Expr. Movimento do pezinho, correspondente à segunda parte do canto.

VOL-TAIRE, Biogr. (V. Leal de Souza, Antonio Eliezer).

VOLTA NO MEIO, Expr. Figura do tatu, característica da segunda fase dessa dança, inicialmente de coreografia bastante simples.

VOLTAR À VACA FRIA, Loc. verb. Retomar o assunto interrompido ou à questão em debate. "E mudou de assunto, *voltando à vaca fria...*" (Piá do Sul, Amores do Capitão Paulo Centeno, p. 113). "*Voltemos à vaca fria!*" (Cyro, Estrada Nova, p. 31). "Mas, *voltando à vaca fria*: o que foi que lhe informaram em São Jerônimo sobre a revolução?" (Rodrigues, Os Degolados, p. 68).

VOLTA REDONDA, Geogr. Povoação no Alto Uruguai (M. de Alpestre).

VOLTEADA (De *voltar + ada*), S.f. Ato ou efeito de voltar; o mesmo que volteio. "Numa dessas *volteadas* caiu um touro vermelho

cupinado, muito arisco..." (Freitas, Gauchadas, p. 33). "De cada *volteada* no campo, de cada revista nos paradouros, vinha sempre uma notícia..." (Callage, Quero-Quero, p. 125). "Mandou fazer nova *volteada*. Trouxeram o baio." (Dornelles, Causos da Querência, p. 28).

E aquela indiada sem dono
Já se mexe, alvoroçada,
A matungada encilhando
Pra dar começo à *volteada!*

M. Pereira Fortes, A Marcação, p. 45

Aproveitar a volteada: o mesmo que aproveitar a bolichada e aproveitar a olada. *Cair na volteada*: render-se; submeter-se; deixar-se vencer. "O Juca foi o primeiro que *caiu na volteada*." (Acauan, Ronda Charrua, p. 177). *Enredar-se na volteada*: embarçar-se; complicar-se; confundir-se. "Foi quase ao chegar na estância do Carneirinho, no Iguariaçá, que me *enredei na volteada*..." (Fontoura, Umbu, 2a. Série, p. 35).

VOLTEADA², S.f. Viagem em que se faz ou se pode fazer alguma coisa; pequeno passeio ou caminhada; giro; ação militar; jornada para se atingir um fim determinado. "Que ele andara pelas caronas, o tocaio sabia, naquela *volteada* feia da Estância Nova." (A. Maya, Tapera, p. 89). "Ia em qualquer *volteada*, corresse risco ou não..." (Cyro, Campo Fora, p. 71). "Diz que numa dessas *volteadas* ele facilitou com o Salso." (Ramirez, Rio dos Pássaros, p. 204).

Tem sido dura a peleia
que até aqui foi travada,
mas no fim dessa *volteada*
muito couro se curtiu...

Chico Gaudério, C. do Povo, P. Alegre,
29.06.1968

VOLTEADOR (ô) (De *voltear + dor*), S.m. Aquele que volteia.

VOLTEAR (De *volta + ear*), V.t.d. Recolher (o gado); juntar e tanger (animais dispersos); levar por diante; arrebancar. "Amigos! vamos de *voltear* toda essa maturrangada!" (A. Maya, Tapera, p. 145). "Acamparam no passo e na picada *voltearam* uma ponta de gado, carnearam..." (Antero, Mensagem a Poucos, p. 146). "Osório galopeava no piquete, *volteando* uma ponta de cavalos mansos." (Brasil Dubal, Fronteira Inclemente, p. 15). "O capataz mandou *voltear* as ovelhas e matar um capão gordo." (Martins, Casas Acolheradas, 2a. ed., p. 154). *Voltear gado alheio*: praticar atos que podem provocar incômodo, aborrecimento ou prejuízo.

VOLTEAR GADO ALHEIO, Loc. verb. (V. Voltear).

VOLTEAR O LAÇO, Loc. verb. (V. Laço¹).

VOLTEIO¹ (Contr. de *voltear + o*), S.m. (V. Volteada¹).

Eu não agüento a carona
Que teu capricho requer.
Sempre fui passarinho
Pra *volteio* de mulher!

Vargas Neto, Tropicilha Crioula, p. 71

VOLTEIO², S.m. Epizootia dos ovinos, transmitida por certa larva.

VOLUNTÁRIA ALTA, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Igrejinha).

VOLUNTÁRIO¹ (Do lat. *voluntariu*, que deu também o esp. *voluntario* e o it. *volontario*), Adj. Diz-se do cavalo de andar franco, espontâneo, fácil, que se locomove com naturalidade e desembaraço, sem exigir estímulo; o mesmo que desobrigado. "Eu torno a repetir que cem léguas em derredor não há cavalo mais monarquador, *voluntário* e parelheiro..." (Apolinário, O Vaqueano, 2a. ed., p. 94). "Seu Osório emprestara a Ricardo o seu zaino-estrela, uma cavalo reforçado, gordo, *voluntário*..." (Cyro, Estrada Nova, p. 49). "Embora fosse um pingo *voluntário*, a espora e laço não avançava..." (Freitas, Gauchadas, p. 21).

VOLUNTÁRIO², Hidrogr. Arroio afluente do rio Paranhana, pela margem direita (M. de Taquara).

VORÁ, S.f. Entomol. Espécie de abelha silvestre, cujo mel é extremamente ácido.

VOTOURO¹, Geogr. Distrito no Alto Uruguai. Data de criação: 10.10.1956. Povoado principal: Faxinal Grande (M. de São Valentim).

VOTOURO², Geogr. Vila à margem esquerda de um tributário do rio Grande, sede do distrito de Votouro. // Escola Estadual de 1º Grau Inc. Votouro. *Combate do Votouro*: combate ocorrido em 03.03.1923 entre as forças rebeldes de José Ferreira e as legalistas do capitão Jaime José Machado.

VOZ DE PORONGO RACHADO, Expr. Voz rouquenha ou fanhosa.

VOZ-TROCADA, S.f. Pequeno acordeon com duas ordens de botões, também chamado duas-conversas, gaita de duas hileiras e gaita de dois carreiros.

Eu vou contando quem sou
Porque sempre é mui mal visto
Quem neste mundo de Cristo

Anda daqui pra acolá,
Alceando uma voz-trocada...

Zeca Blau, *Trovas da Estância do Abandonado*, 2a. ed., p. 12

W

W, S.m. Antiga letra do alfabeto, que se substituiu por *u* ou por *v*, conforme o caso. Conserva-se, entretanto, em vocábulos técnicos, símbolos e abreviaturas de uso internacional. Usa-se ainda em nomes estrangeiros e palavras deles derivadas.

WACHOIDER, S.m. Aguardente com bagos de sementes de zimbre, muito usada nas regiões de influência alemã.

WADEM, Carlos de Bonhome Seymour, Biogr. Advogado e escritor gaúcho. Pseudônimo: Sahra de Tobias. Autor de *Emoções Secretas*, versos, Curitiba, 1924.

WAGNER, Hidrogr. Arroio afluente do rio Jacuizinho, pela margem esquerda (M. de Sobradinho).

WAGNER, Aurora Nunes, Biogr. (1899-1973) — Odontóloga, professora e escritora, natural de Quaraí. Cofundadora da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, instalada em 12.04.1943. Fundadora e diretora da revista *Athenéia* (1949). Obras principais: *Prelúdios*, versos, P. Alegre, 1946; *Odontoresolipse*, P. Alegre, Tip. do Centro, 1947 e *As Fraturas Dentárias da Infância*, Revista Rio-Grandense de Odontologia, P. Alegre, nº 4, nov/dez. de 1954.



Aurora Nunes Wagner

É da autora o soneto abaixo, intitulado *Bodas de Ouro*:

Ontem e hoje! O cenário se ilumina...
Diante do altar, os corações unidos
Se reconsagram, por mercê divina,
Revivendo emoções dos dias idos!

A saudade, qual fada peregrina,
Faz retornar os anos percorridos!
Sonhos de amor, gravados na retina,
Se revestem de novos coloridos.

Desfilam ilusões, crenças e anelos...
Hoje, velhinhos, bendizendo a sorte,
De amor nós vamos estreitando os elos.

Passa o tempo, a beleza e a mocidade...
Mas nosso amor não passa, é moço, é forte,
É grande! O nosso amor não tem idade!

WAGNER MARTINS, Celina, Biogr. (1909-1936) — Professora e escritora, natural de Quaraí. Pseudônimo: Musa da Tristeza. Concluiu o curso da Escola Normal de Porto Alegre em 1929, passando a lecionar na cidade natal. Colaboradora de vários periódicos, entre os quais *O Cidadão* de Quaraí, *O Uruguai* de São Borja e a *Gazeta de Alegrete*. Poetisa de boas qualidades, cuja obra mereceu elogios de Ney Messias.

WALACHEI¹, Hidrogr. Arroio tributário do Cadeia, pela margem esquerda.

WALACHEI², Geogr. Povoado no 2º distrito (M. de Dois Irmãos). "Pela frente da nossa casa passavam os andantes que vinham das colônias, das picadas, do alto dos Dois Irmãos ou lá do fundo do *Walachei*..." (Meyer, *Segredos da Infância*, p. 126).

WALLAU, Frederico Augusto Carlos, Biogr. (1860-1918) — Médico pela Faculdade do Rio de Janeiro (1885). Cofundador da Escola Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre e diretor da mesma (1912-1914). Cirurgião emérito.

WALLIG, Pedro, Biogr. (1856-1913) — Industrial e comerciante, criador do complexo fabril mais tarde denominado Fábrica Metalúrgica



Alceu Wamosy segundo um retrato de 1922. Desenho de Jacinto Moraes.



Carlos Wallau



A última fotografia de Alceu Wamosy KOSMOS — P. Alegre Ano 1 — nº 3 — 20.02.1926

Berta S.A. **Bibliogr.** Dante Pianta, Personalidades Rio-Grandenses, 19 Vol., P. Alegre, 1962.

WAMOSY, Alceu de Freitas, Biogr. (1895-1923) — Jornalista e escritor, natural de Uruguaiana. Assinatura usual: Alceu Wamosy. Pseudônimo: Satanius. Diretor da *A Cidade* de Alegrete em 1911. Em Porto Alegre trabalhou no *O Diário* e na *A Federação*. Diretor do *O Republicano* de Sant'Ana do Livramento ao morrer no movimento sedioso de 1923. Obras principais: *Flamulas*, versos, Alegrete, Tip. da A Cidade, 1913; *Na Terra Virgem*, id. ib., 1914; *Coroa de Sonhos*, id., edição póstuma, P. Alegre, Globo, 1924 e *Poesias*, nova edição póstuma, Sant'Ana do Livramento, Liv. Brisolia, 1940. **Bibliogr.** Antonio Carlos Machado, Estudo sobre Alceu Wamosy, Rio, 1943; E. Rodrigues Till, Em Torno de Alceu Wamosy. Vida e Obra. Documentário, P. Alegre, 1963;

Ayrton Centeno, Alceu Wamosy, P. Alegre, Ed. Tchê! RBS, 1985.

No exílio, luz, do teu beijo,
Quanta beleza me invade...
Antes morrer de desejo,
Do que viver de saudade!

Há muito tempo que estudo,
Ó minha esfinge adorada,
Teus olhos que dizem tudo,
Tua boca que não diz nada.

Na histeria dos teus risos,
Alados e cristalinos,
Canta a alegria dos guisos,
Chora a tristeza dos sinos

Essa que foi minha amante,
— Flor de loucura e paixão —
Traz a legenda de Dante,
Na porta do coração.

Alceu Wamosy

WAMOSYANO, Adj. De Alceu Wamosy; referente a Wamosy ou à obra desse autor. "A obra *wamosyana* não foi alvo ainda, porém, da atenção dos estudiosos..." (E. Rodrigues Till, Em Torno de Alceu Wamosy, p. 34).

WAMOSY DE OLIVEIRA, Elisabeth, Biogr. Advogada, nascida em 1952. Diplomou-se em 1977.

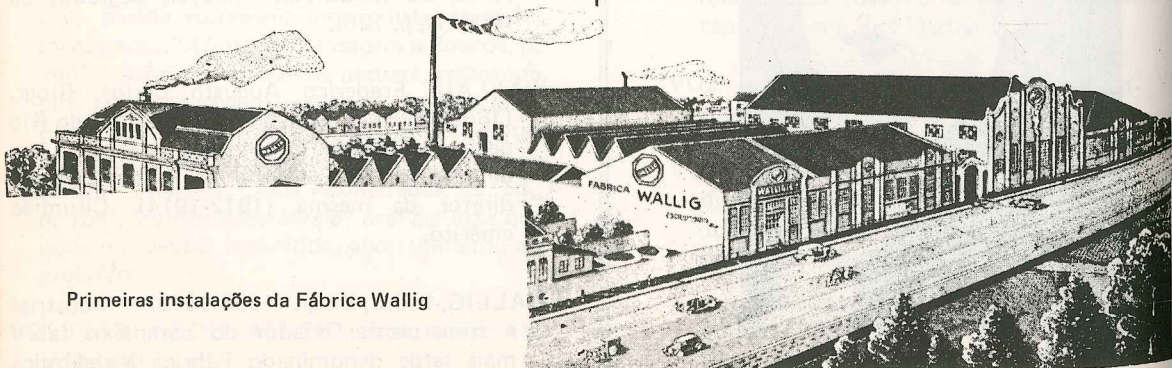
WANKA, Biogr. (V. Daudt de Oliveira, Felipe).

WASEN, Hidrogr. Lagoa à margem direita do rio dos Sinos, no qual deságua.

WAUTHER, Geogr. Lugar no 2º distrito (M. de Dom Pedrito).

WAYLEA, Biogr. (V. Guimarães Eduardo).

WAYNE, Pedro Rubens de Freitas, Biogr. (1904-1951) — Jornalista e escritor pelotense, segundo uns, e natural da Bahia, segundo outros. Autor de *Charqueada*, romance, Rio,



Primeiras instalações da Fábrica Wallig

Túmulo de Alceu
Wamosy

Sobre a triste angústia suprema,
gelada, a lápide tombou.
Página em branco do Poema
que a tua mão não terminou.
Mas, sê tranquilo: entre os lavores
que Arzor na pedra eternizou,
não murcharão jamais as flores
do sonho que te coroou.

Eduardo Guimarães

ed. Guanabara, 1937; *Almas Penadas*, Rio, Irmãos Pongetti, 1942; *Lagoa da Música*, P. Alegre, Globo, 1955 e outros trabalhos literários.

WEINGARTNER, Pedro, Biogr. (1853-1929) – Pintor porto-alegrense, autor de telas tais como *Lavadeiras do Jacuí*, *Uma Cena de Charqueada*, *Pousada na Barra do Ribeiro* e

Moinho em Garibaldi. Notável sensibilidade artística. **Bibliogr.** Ângelo Guido, Pedro Weingartner, P. Alegre, Imprensa Oficial, 1956.

WESTPHALENSE, Adj. 2 gên. De Frederico Westphalen; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município; frederiquense.

WIEMANN, Ney da Silva, Biogr. (1894-1973) – Advogado, magistrado, professor e jurista bageense. Bacharel pela Faculdade de Direito de Porto Alegre em 1923. Catedrático de Direito Internacional Privado. Juiz Federal e desembargador. Autor de *A Cambial*, em colaboração com Adroaldo Mesquita da Coza, P. Alegre, Liv. Americana, 1923.

WIEMANN, Otto, Biogr. Artista plástico porto-alegrense, em particular notável desenhista. Ilustrador de várias revistas. Pseudônimo: Itag.

WILTGEN, João Christian, Biogr. Comerciante natural de São Sebastião do Caf, nascido em 1870. Na capital foi sócio da *Antonio Barcellos & Cia.*, importante firma importadora de fazendas fundada em 1867. Diretor da Praça do Comércio, depois Associação Comercial. Membro do Conselho Municipal.

WINTHOF, Geogr. Povoado à margem direita do arroio Marcondes ou Tapera (M. de São Leopoldo).

WOLF, Hidrogr. Arroio tributário do Cadena, pela margem direita (M. de Santa Maria).

X

X, S.m. Vigésima segunda letra do alfabeto e consoante palatal fricativa surda.

XADREZ¹ (Do sânscrito *shaturanga* através do ár. *ax-xa-Tranj*), Hidrogr. Arroio afluente do rio da Várzea, pela margem direita.

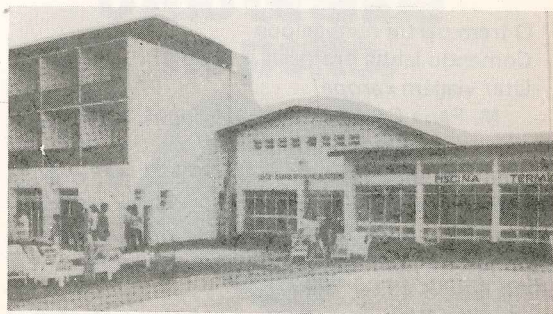
XADREZ², Geogr. Distrito no Planalto Médio. Data de criação: 28.12.1981 (M. de Carazinho).

XADREZ³, Geogr. Vila, sede do distrito de igual denominação. // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Carlos Jurkfitz.

XADREZ⁴, Hidrogr. Arroio tributário do Boici, pela margem direita (M. de Pinheiro Machado).

XANGÔ-DATA, S.m. São Jerônimo nos cultos africanos rio-grandenses.

XANGRILÁ, Geogr. Localidade no Litoral, com balneário (M. de Capão da Canoa). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Major João Antonio Marques.



Xangrilá: Centro Terapêutico, junto ao Hotel Termas

XAPOEIRADA (Corrupt. de *xaropada*), S.f. Cozimento medicinal de ervas; infusão de substâncias terapêuticas vegetais; mezinha; tisana caseira; beberagem preparada com produtos da flora. "Se um mal está aumentando, a *xapoeirada* é a revolução!" (Severo, Visão do Pampa, p. 157). "Seu Balbino renova essa *xapoeirada*." (Lothar Hessel, Brava Gente, p. 34).

Este índio velho sestroso
meio manco e rodilhudo
passou na vida por tudo
xiru de cueras branqueadas
curtido de *xapoeiradas!*

Aureliano, Romances de Estância e Que-
rência, p. 78

XARÁ¹, Adj. 2 gên. Diz-se do eqüino ou bovino de pelame esgrouinhado, sensível ao calor; o mesmo que crespo. "Escaramuçando o ruano *xará*, potro de estimação, derrubava gente..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 166).

Este foi dum tapejara
Um tal Julião Maricá
Que no momento chegara
Num bagual zaino *xará!*

M. Faria Corrêa, Rumo aos Pagos, p. 79

Vai ao piquete, bota a tropilha
Atira as garras no seu *xará*.

Adail, A Voz do Pago, p. 50

XARÁ², Hidrogr. Arroio tributário do Ipopó, pela margem esquerda.

XARÁ³, S.m. Dança gaúcha antiga, ligada principalmente aos fandangos do século XIX. "Eram essas danças variadas, tomando as denominações de tirana, anu, tatu, cará, feliz-amor, balaio, *xará*, bambaquerê..." (Cezimbra Jacques, Ensaio Sobre os Costumes do Rio Grande do Sul, p. 92). "Bailara-se a chimarrita, o *xará*, o tatu..." (Othelo, Os Amores de Canabarro, p. 28).

XAROPE (Do ár. *xarabe*, lambedor, que deu também o fr. *sirop*), Adj. 2 gên. Enfado; rabujento; maçante; amofinador; impertinente; o mesmo que xaropeador e xaroposo.

O trem partiu num galope
Comendo lenha ordinária.
Uta! viagem *xarope!*

M. Faria Corrêa, Rumo aos Pagos, p. 52

XAROPEAÇÃO (De *xaropear* + *ação*, cf. o ár *xarabe*, lambedor, que deu também o fr. *sirop*) S.f. Ato ou efeito de xaropear, afligir, apouquentar; conversa fastidiosa; amolação.

XAROPEADOR (ô) (De *xaropear* + *dor*), Adj. (V. Xarope).

XAROPEAR (De *xarope* + *ear*), V.t.d. Importunar; atormentar; cacetear. "Bem, isso não me custa muito, contando que os não *xaropeie*..." (João Maia, Pampa, p. 19).

XAROPOSO (ô) (De *xarope* + *oso*), Adj. (V. Xarope). "Sempre foste *xaroposo*, Paulino, mas hoje, tu estás como nunca..." (Ramiro, Meu Rincão, p. 99). "O tapume, a água caindo renitente, *xaroposa*." (Jacques, O Grande Jogo e Outras Invariantes, p. 20).

XATASCA, S.f. (V. Roupa-velha).

XAVIER¹, Hidrogr. Arroio tributário do Sutil, pela margem direita.

XAVIER², Geogr. Localidade na Serra do Sudeste (M. de Encruzilhada do Sul).

XAVIER³, S.m. Variedade de milho.

XAVIER DA COSTA, Francisco, Biogr. (1872-1932) — Jornalista porto-alegrense. Na capital fundou a *Gazeta do Povo* (1908) e *O Inflexível* (1918).

XAVIER DA CUNHA, Félix, Biogr. (1833-1865) — Advogado, jornalista, político e escritor, natural de Porto Alegre. Deputado provincial pelo Partido Liberal (1855-1860). Diretor do *O Propagandista*, do *O Mercantil* e do *O Guaíba*. Patrono da cadeira nº 3 da Academia Rio-grandense de Letras. Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1854. Autor de *Poesias*, edição póstuma organizada por Francisco Xavier da Cunha, P. Alegre, Tip. da A Reforma, 1874. **Bibliogr.** Joaquim Manoel de Macedo, Ano Biográfico Brasileiro, Suplemento do 1º Volume, Rio, 1880; João Damasceno Vieira, Félix Xavier da Cunha, Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, 1899; Afrânio Peixoto, Panorama da Literatura Brasileira, São Paulo, 1940. *Escola Estadual de 1º Grau Félix da Cunha*: educandário pelotense, subordinado à 5ª DE.

XAVIER DA CUNHA, Francisco, Biogr. (1835-1913) — Jornalista, diplomata e escritor porto-alegrense. Irmão de Félix Xavier da Cunha. Redator da *A República* no Rio de Janeiro (1870). Em Porto Alegre fundou *O Democrata*, dirigiu *O Mercantil* e foi colaborador da *A Reforma* e outros periódicos, entre os quais o *Jornal do Comércio*. Membro da Sociedade Partenon Literário. Deputado provincial. Autor de *As Minhas Crenças e Opiniões*, Rio, Tip. de Machado Costa & Cia., 1878 e *Reminiscências*, Rio, Imprensa Nacional, 1914.



Félix Xavier da Cunha

XAVIER DE AZAMBUJA, Armando, Biogr. Ruralista e político bageense, nascido em 1887. Filho do coronel Antonio Xavier de Azambuja. Nos movimentos armados de 1923-1926 defendeu o governo do estado, integrando as forças do coronel Tupy Silveira. Proprietário da fazenda do Xadrez, situada nas Tunas, não longe da estação Rio Negro. Entusiasta da raça Hereford.

XAVIERENSE, Adj. 2 gên. De Porto Xavier; s. 2 gên., o natural ou habitante desse município.



Francisco Antonino Xavier e Oliveira

XAVIER E OLIVEIRA, Francisco Antonino, Biogr. (1876-1959) - Advogado, jornalista, professor e escritor passo-fundense. Pseudônimos: Japi e João de Outrora. Redator de *O Gaúcho* de Passo Fundo, órgão republicano, fundado em 11.03.1899. Obras principais: *Anais do Município de Passo Fundo*, P. Alegre, Globo, 1908; *Pelo Passado*, P. Fundo, Livrarias ABC, 1922; *Cartas Gaúchas*, versos, P. Fundo, Tip. da Liv. A Nacional, 1929; *Apostilas Geográficas*, ib., 1935; *Oração ao Mate*, poema, ib., 1935 e *O Elemento Estrangeiro no Povoamento de Passo Fundo*, P. Alegre, Imprensa Oficial, 1953.

XAXIM¹ (Variedade desnasalada de *xanxim*), Geogr. Localidade a noroeste de Canudos, junto ao monte Xaxim (M. de Lajeado).

XAXIM², S.m. Bot. Feto aborescente da família das ciateáceas, cultivável em vasos. Tronco revestido de tecido esponjoso. Estipe erecto, cilíndrico, com coroa de frondes bipinadas (*Dicksonia selloviana* H.K.). "Ele costumava levar *xaxins* em cargueiros para vender serra abaixo..." (Oswaldo R. Camargo, C. do Povo, Supl. Rural, 19.05.1972).

XAXIM³, Hidrogr. Arroio tributário do Três Passos, pela margem esquerda.

XEPA (ê), S.f. O que é próprio para se comer; alimentação.

Xepeiro é quem, arranchado, come a *xepa* do quartel.

Retamozo, 1a. Antologia de Poetas Brigadianos, p. 56

XEPEIRO (De *xepa* + *eiro*), S.m. Subalterno que mora e faz as refeições na caserna.

XEQUERÊ, S.m. Instrumento musical usado nos cultos afro-fetichistas de Porto Alegre.

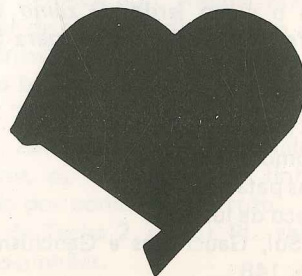
Ao bárbaro ruído soturno dos congos, ganzás, *xequerês* e agogôs...

Athos, Poemas da Minha Cidade, p. 110

XERGÃO (Do ár. *xarcon*, colchão de pano grosseiro, através do esp. *jargón*), S.m. (V. Baixeiro). "Ele largou o *xergão* nas cruces do animal." (Cyro, Paz nos Campos, p. 139). "Desatou a cincha, desencilhou, deixou o *xergão* em cima do lombo..." (Martins, Fronteira Agreste, p. 300). "Num vu colocou no lombo do flete os *xergões*, a carona, os bastos, a cincha..." (Herlein, As Três Marias, p. 78). *Adag.* Xergão emplastado, cavalo basteirado.

XIMBOCU, Hidrogr. Arroio afluente do Piratini das Missões, pela margem direita.

**Leve
o Rio Grande
no peito.**



XIMBOCU-MIRIM, Hidrogr. Córrego que desemboca no Ximbocu, pela margem esquerda. "O *Ximbocu-Mirim* já não dava vau e continuava a crescer..." (Hemetério, *As Missões Orientais e seus Antigos Domínios*, p. 290).

XINGU¹, Hidrogr. Arroio tributário do rio da Várzea, pela margem direita.

XINGU², Geogr. Distrito no Alto Uruguai. Data de criação: 09.12.1967 (M. de Constantina). População:
1980 1.276

XINGU³, Geogr. Vila, sede do distrito de Xingu. Nome anterior: Colônia Xingu.

XIRISCAL, Hidrogr. Riacho que deságua no Vaqueiros, pela margem esquerda.

XISTO FABIUS, Biogr. (V. Fornari, Ernani Guaragna).

XPTO, Biogr. (V. Osório Junior, Roberto).

XUCREZA (De *xucro + eza*), S.f. Qualidade do que é xucro; xucrice; xucrismo.

XUCRICE (De *xucro + ice*), S.f. (V. Xucreza). "A *xucrice* líquida com a gente." (Cyro, *Sombras na Correnteza*, p. 177).

XUCRISMO (De *xucro + ismo*), S.m. (V. Xucreza).

XUCRO (Do quíchua *chucru*, duro, que deu *chucaro* no Peru e no Prata), Adj. Que não é manso; indomado; selvagem; insubmisso; embutecido; indomesticado; s.m. animal xucro. "É a camperear potros *xucros* e touros alçados que o gaúcho aprende a guerrear..." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 57). "E no fundo das internadas rebentava o alvoroço bravo dos gados *xucros*." (Cyro, *Campo Fora*, p. 57). "Ainda pialo de colher um tourito *xucro*..." (Osório, *Fogo Morto*, p. 268). *Gado Xucro*: versos regionais de Manoel do Nascimento Vargas Neto, P. Alegre, Globo, 1928. *Adag.* Em animal xucro todo defeito assenta; em briga de xucros tambeiro não se mete; quem tem medo não laça touro xucro; antes em xucros montar que com falsos mansos lidar; (fig.) revoltoso; indisciplinado; turbulento; rude; sem polidez; grosseiro; brutal. "Espera aí, menina *xucra*!" (Vergara, *Estrada Perdida*, p. 224).

Z

Z, S.m. Vigésima terceira letra do alfabeto e consoante linguodental fricativa sonora.

ZAINADA (De *zaino + ada*), S.f. Grande número ou tropilha de zainos.

ZAINO (Do ár. *zā + in* através do it. *zaino*), S.m. Animal cavalariço ou muar de cor castanha carregada, entre a escura e a vermelha; adj. que tem a pelagem do. "Retovara um burrinho para a égua rosilha. A tropilha de *zainos* sem novidade." (A. Maya, *Ruínas Vivas*, p. 139). "O *zaino* era um pingaço de lei..." (S. Lopes, *Contos Gauchescos*, p. 18). "O guri, bem esperto, procurou cansar o *zaino* grande..." (Freitas, *Gauchadas*, p. 117). "O tordilho-negro pára o passo lardo. O *zaino* também estaca." (Vergara, *A Lua nos Espera Sempre*, p. 115).

O *zaino* é o meu corredor
De lance como avestruz;
Nem toca as patas no chão
Chega no laço de luz!

Piá do Sul, *Gauchadas e Gauchismos*, 2a. ed., p. 148

Atei meu *zaino*-longuito
num gualho de guamirim,
desde guri fui assim,
não brinco nem facilito.
Braun, *Bota de Garrão*, p. 43

Chimarrita diz que tem
Um cavalo aperado.
Mentira da chimarrita,
Tem um só *zaino* pelado!

ZAINO-BICO-BRANCO, S.m. Animal *zaino* que tem branca a ponta do focinho; adj. que tem a cor do.

Do meu *zaino-bico-branco*
Que vos fale Dom Silvério!
Chico Ribeiro, *Filosofia Campeira*, p. 25

ZAINO-BRAGADO, S.m. Animal *zaino* em cujo pêlo concorrem tonalidades bragadas; adj. que tem a cor do.

Colorado também serve
De pangaré não gostei.
Também num *zaino-bragado*
Muitas carreiras ganhei!
Sotero, *Inspiração de um Gaúcho*, p. 57

Pl.: zainos-bragados.

ZAINO-CLARO, S.m. Animal zaino de cor clara; adj. que tem a pelagem do. Pl.: zainos-claros.

ZAINO-CLARO-TAPADO, S.m. Animal de pêlo castanho claro, sem qualquer mancha branca; adj. que tem as características do.

Ainda nessa manhã
vi o outro ser pegado.

Um *zaino-claro-tapado*...

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 83

Pl.: zainos-claros-tapados.

ZAINO-COLORADO, S.m. Animal zaino com tonalidades vermelhas; s.m. que tem a cor do. Pl.: zainos-colorados.

ZAINO-ESCURO, S.m. Animal zaino de cor escura; adj. que tem a pelagem do. "O comandante dos pica-paus, moço também valente e guapetão, boleou-se do *zaino-escuro*..." (João Maia, Pampa, p. 84). Pl.: zainos-escuros.

ZAINO-ESTRELA, S.m. Animal zaino com sinal na testa; s.m. que tem a cor do. "Seu Osório emprestara a Ricardo o seu *zaino-estrela*, um cavalo reforçado..." (Cyro, Estrada Nova, p. 40). "O redomão *zaino-estrela* do Epaminondas deu uma negada brusca..." (Laci, O Sol Acende o Pampa, p. 20). Pl.: zainos-estrelas.

ZAINO-MALACARA, S.m. Animal zaino com frente aberta desde a testa até o focinho; adj. que tem a pelagem do. "Vi a luz cerca das Palomas e seis anos depois já eu vinha escanchado no *zaino-malacara*, um pingaço..." (A. Maya, Tapera, p. 24). "Heitor movimenta seu cavalo *zaino-malacara*, menos gordo que o tordilho-negro..." (Vergara, A Lua nos Espera Sempre, p. 113). "O capitão montava o *zaino-malacara*, que se conservava gordo, delgado e arpista..." (Cyro, Sombras na Correnteza, p. 218).

O pingo era macanudo,
Era um *zaino-malacara*...

Ferreira, Tapera da Saudade, p. 27

ZAINO-MOURO, S.m. Animal zaino em cujo pêlo aparece a pigmentação moura característica; adj. que tem a cor do.

Tenho um *zaino-mouro*
Bom de rédea, marchador,
Para dar um galopito
Pros lados do corredor!

Pl.: zainos-mouros.

ZAINO-NEGRO, S.m. Animal zaino de pêlo denegrado, quase preto; adj. que tem a cor do.

"Tio Remígio já estava encilhando o *zaino-negro* do coronel..." (Martins, Fronteira Agreste, p. 39).

Picaço dá carroceiro,
Todo rosilho é chubrega!
Ruano é flaco e o lobuno,
De garrão frouxo é o sebruno
Mas o *zaino-negro* não nega!

Zeca Blau, Trovas da Estância do Abandonado, 2a. ed., p. 60

Poncho e laço na garupa,
Do pingo quebrei o cacho,
Dum *zaino-negro* gordacho...

João da Cunha Vargas, Deixando o Pago, p. 14

Pl.: zainos-negros.

ZAINO-NEGRO-TAPADO, S.m. Zaino-negro sem nenhuma mancha no pelame escuro; adj. que tem as características do.

Já faz tempo — muito tempo,
que um dia — na falta doutro,
castrou seu primeiro potro,
um *zaino-negro-tapado*...

Braun, Bota de Garrão, p. 62

Pl.: zainos-negros-tapados.

ZAINO-OVEIRO, S.m. Animal zaino em cujo pelo se observam qualidades típicas da cor oveira; adj. que tem a pelagem do. Pl.: zainos-oveiros.

ZAINO-PANGARÉ, S.m. Animal zaino que apresenta cor desbotada no sovaco, focinho, virilha e parte superior do ventre; adj. que tem a pelagem do.

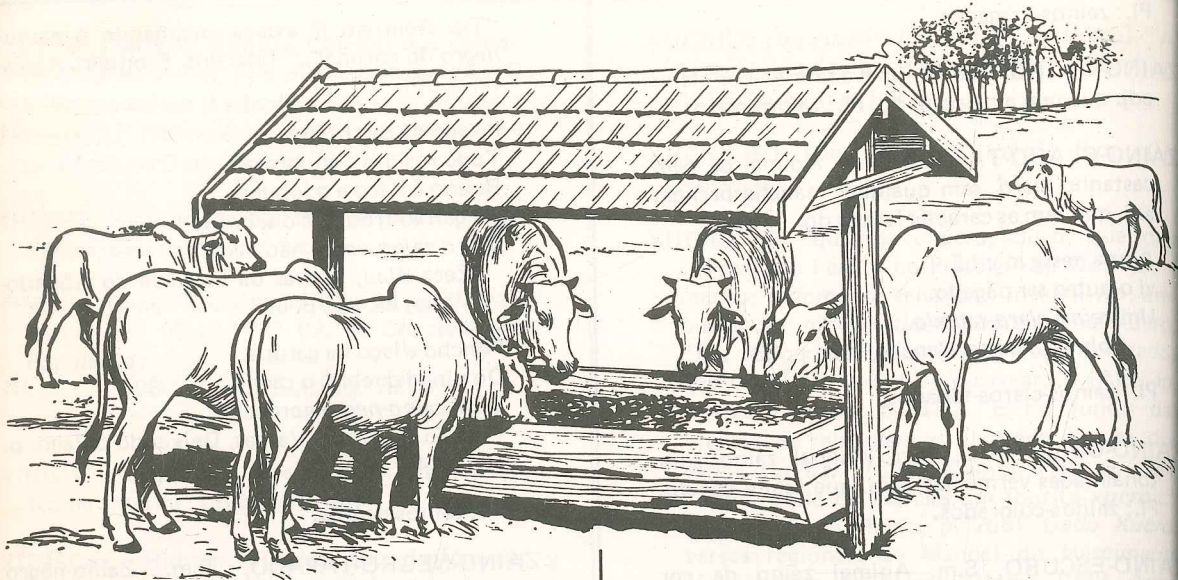
Quanto ao *zaino-pangaré*
Encosta só no arrancar;
Não pega o freio nos dentes
E dispara até cansar!

Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2a. ed., pp. 152-153

Que será feito de tudo
Que deixei no meu rancho?
Do meu rancho de torrão
E palha de santa-fé,
Do meu *zaino-pangaré*
Que inda deixei redomão?

Firmino, Geração pelas Caronas, p. 60

ZAINO-PINHÃO, S.m. Animal zaino com matizes cor de pinhão; adj. que tem a pelagem do. "Jerônimo Santiago possuía um *zaino-pinhão* muito bonito e bom." (Freitas, Gauchadas, p. 115). "Eu ia num ruano marchador, o Nadinho num *zaino-pinhão*..." (Dornelles, Campos Abertos, p. 165). "Pois eu tinha um *zaino-pinhão* por nome Pé de Vento..." (Apparfício, Rapa de Tacho 2, p. 55). Pl.: zainos-pinhão e zainos-pinhões.



ZAINO-QUEIMADO, S.m. Animal zaino mais escuro que o comum; adj. que tem a cor do.

Corria um *zaino-queimado*

Um lobuno-rabicano,

Um picaço e um ruano

Cada qual mais bem composto

Em quatro quadras e meia...

Balbino, A Estância de Dom Sarmento, 2a. ed., p. 77

Pl.: zainos-queimados.

ZAINO-RABICANO, S.m. Animal zaino com a cauda escura entremeada de fios brancos; adj. que tem a pelagem do. "Serafim, lace o *zaino-rabicano!*" (Freire, Alma de Gaúcho, p. 35). "Logrou o tio Felício. Este já de sobrançelha em pé, balanceou o belo *zaino-rabicano...*" (Laci, O Sol Acende o Pampa, p. 11). Pl.: zainos-rabicanos.

ZAINO-REQUEIMADO, S.m. Animal zaino de pêlo acentuadamente escuro; adj. que tem a cor do.

Entre os cavalos que eu tive
houve um *zaino-requeimado!*

Era bom como um pecado

de para e rédea — um relampo!

Auréliano, Romances de Estância e Que-
rência, p. 43

Pl.: zainos-requeimados.

ZAINO-ROSILHO, S.m. Animal zaino com pêlo entremeado de fios brancos; o mesmo que rosilho-zaino; adj. que tem a cor do. Pl.: zainos-rosilhos.

ZAMBO, Adj. Desnorreado; tonto; que diz ou pratica tolices; simplório.

ZAMBRO, Adj. Diz-se do equino que tem os curvilhões muito unidos.

ZANGALÃO, S.m. Animal cavalariço de porte avantajado, mas que tem poucas carnes e se movimenta lentamente, de modo frouxo, indolente, sem vigor.

ZANGÃO, S.m. e adj. (V. Urco).

ZAORI, S.M. Folc. Segundo a crença popular, ligada ao ciclo das lendas missionárias, homem nascido em sexta-feira santa e que por isso descobre tesouros ocultos, através de corpos opacos.

ZARATUSTRA, Biogr. (V. Bernardi, Mansueto).

ZARCO, Adj. Diz-se do cavalariço que tem os olhos brancos ou apenas um deles desse tom.

ZARRO, Adj. Importuno; aborrecedor; incômodo; maçante; que enfada ou entedia. "Seu Marcos é mandão, é autoritário, é *zarro!*" (Jacques, Brigadianos, p. 31). "O frio picava *zarro.*" (Delfino, Conceito, p. 19).

ZEBRADO, Adj. Diz-se do animal cavalariço que tem riscos pretos nas patas.

O bagual era gateado,
cabos-negros, bem *zebrado*,
machinho alto e cabano...

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 38

ZEBU (Do tibetano através do fr. *zébu*), S.m. Espécime bovino de origem indiana — girnelore ou guzerá — criado principalmente na Região Serrana e nas Missões.

ZECA BLAU, Biogr. (V. Figueiredo Pinto, José de).

ZECA CHAPELEIRO, Biogr. (V. Rodrigues, José Manoel).

ZECA NETO, Biogr. (V. Neto, José Antonio). *Zeca Neto*, porém, atingiu seu objetivo transpor aquele caudaloso rio..." (Ferreira Filho, História Geral do Rio Grande do Sul, p. 165). "O *Zeca Neto* tomou Lavras, o Honório

Lemes entrou em Dom Pedrito..." (Érico, o Arquipélago, 2ª Vol., p. 369). "Zeca Neto passa por Arroio dos Ratos amanhã, ao clarear do dia." (Rodrigues, Os Degolados, p. 80).

Por detrás daquele cerro
Passa boi, passa boiada,
Também passa o Zeca Neto
Corrido da chimangada.

ZECA VÍRGULA GUEDES, Biogr. (V. Quintana, Mário de Miranda).

ZEFA, S.f. Forma hipocorística de Josefa.. "A Zefa, depois que perdeu a parada, não é mais a mesma." (Anita, Marta Fritz, p. 23).

ZEFERINA, S.f. Folc. Melodia popular rio-grandense, ouvida por José Hemetério Velloso da Silveira num pouso de tropeiros à direita do arroio Moinho. Cantava-se na viola em duo ou em choro.

ZEFERINO¹, Geogr. Povoado à margem direita do Guaporé (M. de Encantado).

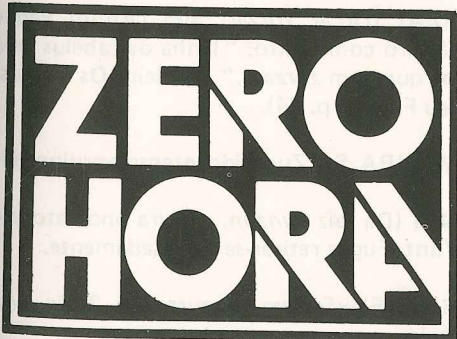
ZEFERINO², Hidrogr. Arroio tributário do Guaporé, pela margem direita. Nasce no município de Anta Gorda e tem apenas 20 km de curso.

ZÉ... FERINO, Biogr. (V. Pithan, André).

ZEFERINO MAURA, Geogr. Localidade à margem esquerda do rio Jaguarão (M. de Herval).

ZÊNITE (Do ár. *samt*, caminho, rumo), S.m. Variedade de arroz de grãos médios, cultivada principalmente nos municípios de Cachoeira do Sul e Restinga Seca.

ZEQUINHA, Adj. 2 gên. Que diz respeito ao Sport Club São José de Porto Alegre, fundado em 24.05.1913; s. 2 gên. pessoa sócia, torcedora ou simpatizante desse clube.



ZERO HORA, Impr. Vespertino porto-alegrense, fundado em 04.05.1964 pela Gaúchá Gráfica e Editora Jornalística S.A., hoje Zero Hora Editora Jornalística S.A.

ZÉ TARRO, Biogr. (V. Porto, Aurélio Afonso).

ZEZIMO PAZ, Hidrogr. Arroio afluente do rio dos Sinos, pela margem esquerda (M. de Taquara).

ZEZINHO, Biogr. (V. Brasil, Zeferino Antonio de Souza).

ZIGANA, Potam. Rio formador do Bernardo José (M. de Lagoa Vermelha).

ZIMBRO, S.m. Bot. Planta da família das pináceas.

Tem a coral e o trovisco,
o sapé, a estancadeira,
o zimbros, a erva-doce...

Evaristo, O Gigante Missioneiro, 2a. ed., p. 26

ZINABRE, S.m. Forma alterada de azinhavre.

ZINGAR, V.int. Fazer avançar e dirigir uma embarcação com o remo à popa.

Z.L.L., Biogr. (V. Lermen, Zulmiro Lino).

ZIROCA, S.f. Forma hipocorística de Alzira.

ZIZI, Biogr. (V. Tacques, Alzira de Freitas).

ZONA BEM-TE-VI, Geogr. Lugar no distrito de Oliva (M. de Caxias do Sul).

ZONA DOS LOPES, Geogr. Lugar na Serra do Sudeste (M. de Dom Feliciano).

ZONA DOS SOARES, Geogr. Lugar nos Campos de Cima da Serra (M. de Lagoa Vermelha). // Escola Municipal de 1ª Grau Inc. João Soares da Silva.

ZONA GASPAS SIMÕES, Geogr. Lugar na Serra do Sudeste (M. de Dom Feliciano). // Piquete de Laçadores Cambará, fundado em 25.09.1987.

ZONA MICHELON, Geogr. Localidade na Encosta Superior do Nordeste (M. de São Marcos). // Escola Estadual de 1ª Grau Inc. João Pollo.

ZONA MIRIM, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Criciumal).

ZONA SANTA RITA, Geogr. Lugar nos Campos de Cima da Serra (M. de Lagoa Vermelha).

ZORRA¹ (ô) (Termo vasconço, derivado do ár. *djarra*, arrastar), S.f. Carrocinha com barril usada nas fazendas especialmente para o transporte de água. "À frente, no terreiro, trabalhava-se; junto de uma zorra, sentado, um chiru velho furava tentos..." (A. Maya, Ruínas

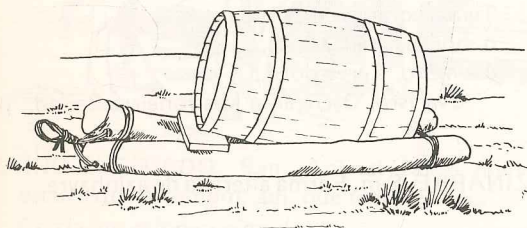
Vivas, p. 137). "A pipa, amarrada na *zorra*, estava cheia..." (Darcy, Coxilhas, p. 158).

E a tropa vai tocada por diante
na mesma marcha de uma lenta *zorra*...

Leiria, Rincões Perdidos, p. 14

Ficou de fio revezado,
como faca de cozinha.
Além dos cobres que tinha
queria deixar jogadas
algumas bolsas de arroz
e duas juntas de bois
mansos de *zorra* e arado.

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 98



ZORRA² (ô), S.f. Carro baixo, espécie de trole,
para o transporte dos animais abatidos (nos
saladeiros). "Arrastavam com esforço a *zor-*
ra..." (Wayne, Charqueada, p. 70).

ZORRILHADA (De *zorrilho* + *ada*), S.f. Grande
quantidade de zorrilhos.

ZORRILHO (Do esp. *sorrillo*), S.m. Zool.
Notívago lanudo da família dos mustelídeos,
muito valente quando acossado. Pêlo funda-
mentalmente preto, denso e longo, com faixas
dorsais brancas. A cauda, felpuda, com termi-
nal branco, em bandeira, pode atingir até 25
cm de comprimento. Permanece em hiberna-
ção durante a estação fria. Alimenta-se de lar-
vas, aranhas, miriápodos e pequenos répteis.
Dispõe de curioso mecanismo defensivo: um
líquido amarelado, fosforescente à noite,
armazenado em duas glândulas odoríferas e
expelido em jatos oleosos, pegajosos, mal-
cheirosos, que em pessoas sensíveis causam até
náuseas e vômitos. O ingrediente ativo desse
líquido é o mercaptano, sulfeto que queima a
pele. (Mephitis suffocans Licht.). "O Batista,
entre brabo como *zorrilho* acuado e assanhado
como raposa em galinheiro, enviezou os
olhos..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 25). "A
cerração tira o faro da gente. Fica-se como
cusco que levou mijada de *zorrilho*." (V. Pires,
Querência, p. 159). "Hai gente ruim, mixe, que
na guerra vira *zorrilho*." (Martins, Caminhos
do Sul, p. 96).

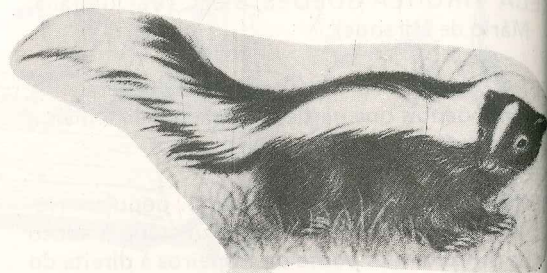
Foi assim que ele foi preso,
Brabito que nem *zorrilho*
Amarrado no lombilho
Ao tranco do seu bragado!

Dino Dezidério, A Volta de Antonio
Chimango, p. 106

Pelo pio conheço a gralha,
A água pela restinga,
Zorrilho pela catinga,
Roceroi pela cangalha.

José Nelson Corrêa, Décima do João Guará,
p. 54

// Flexão fem.: *zorrilha*. "Ele é o *zorrilho* pai e
tu a *zorrilha* filha." (Ramirez, Rio do
Pássaros, p. 213).



ZORRILHO², Hidrogr. Arroio afluente do Ca-
margo, pela margem esquerda (M. de Piratini).

ZORRO (ô) (Do esp. *zorro*), S.m. Zool. (V.
guaraxaim).. "Tinha tento o diabo e manhas de
zorro bom." (Delfino, Conceito, p. 21). "Que
flacos! Andam mesmo que *zorros* pendurados
na cola dos terneiros!" (Callage, Terra Gaúcha,
2a. ed., p. 77). "Tinha mais medo de *zorro*
velho que de tigre novo." (A Maya, Alma
Bárbara, p. 133).

ZORZAL (Do ár. *zorzal*), S.m. Ornitol. Pequeno
pássaro conirrosto. "Tinha os cabelos amare-
los que nem *zorzal*..." (Herlein, Os Causos do
Seu Fausto, p. 84).

ZUMBEIRA, S.f. Zumbido intenso e prolongado.

ZUNIR (Da raiz *zunzun*, palavra onomatopaica),
V.int. Fugir; retirar-se apressadamente.

ZURRA (Flexão fem. de *zurro*), S. 2 gên. Pessoa
sovina, avarenta.

ZURRAPA, Adj. 2 gên. De má qualidade;
inferior; que está abaixo de outro (produto)
em valor, importância etc.; que não tem nada
de notável, saliente ou extraordinário.